

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL**

‘

ROSÂNGELA SOARES CAMPOS

**UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA
NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016)**

**GOIÂNIA
2019**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

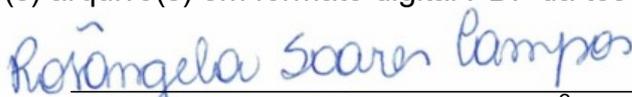
Nome completo do autor: Rosângela Soares Campos

Título do trabalho: UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA
NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 9 /07 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL**

ROSÂNGELA SOARES CAMPOS

**UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA
NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016)**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, do curso de doutorado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Arte e Cultura Visual, linha de pesquisa “Imagem, cultura e produção de sentido”, sob a orientação da professora doutora Rita Morais de Andrade.

**GOIÂNIA
2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

CAMPOS, ROSÂNGELA SOARES
UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA
NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016)
[manuscrito] / ROSÂNGELA SOARES CAMPOS. - 2019.
231 f.

Orientador: Prof. RITA MORAIS DE ANDRADE.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2019.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Imagens. Corpo. Maiôs. Natação feminina. I. DE ANDRADE, RITA MORAIS, orient. II. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
Campus Samambaia – Caixa Postal 131 – CEP: 74.001-970 – Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1440 www.fav.ufg.br/culturavisual

Ata nº 013/2019 da reunião da banca examinadora da defesa de tese de **ROSÂNGELA SOARES CAMPOS** – Aos vinte e sete dias do mês de maio do ano de dois mil e dezenove, às 14h30min reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Professores Doutores: Rita Morais de Andrade (FAV/UFG) – presidente, Suzana Helena Avelar Gomes (USP), Rosane Costa Badan (FAV/UFG), Thiago Fernando Sant'Anna e Silva (FAV/UFG) e Samuel José Gilbert de Jesus (FAV/UFG) para, sob a presidência da primeira, e em sessão pública realizada no Auditório da Faculdade de Artes, Campus Samambaia, procederem à avaliação da defesa de tese intitulada : UM MERGULHO NAS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS NA NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA (1932-2016), em nível de Doutorado, área de concentração em Arte, Cultura e Visualidades, linha de pesquisa Imagem, Cultura e Produção de Sentido, de autoria de ROSÂNGELA SOARES CAMPOS, discente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Rita Morais de Andrade, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e fez constar em ata a participação via Skype do membro externo Suzana Helena Avelar Gomes. A palavra a seguir, foi concedida ao autor da tese que, em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº. 1403/2016 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, a tese foi considerada aprovada por unanimidade, com as seguintes observações por parte da banca:

- realizar uma revisão final do texto e corrigir erros apontados pela banca.
- remover o item 1.1. para a introdução do trabalho.
 - Evitar o uso de termos relativos aos sujeitos de texto: mulher/mulheres, atletas, nadadores/nadadoras.
 - Evitar e minimizar o uso de determinadas imagens recomendadas pela banca.
- A banca recomenda a publicação do trabalho.

Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de tese e para constar eu, Arlete Maria de Castro, secretária do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.



Profa. Dra. Rita Morais de Andrade
Presidente – FAV/UFG



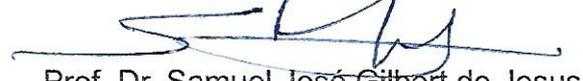
Profa. Dra. Suzana Helena Avelar Gomes
Membro – USP



Profa. Dra. Rosane Costa Badan
Membro – FAV/UFG



Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva
Membro – FAV/UFG



Prof. Dr. Samuel José Gilbert de Jesus
Membro – FAV/UFG

Com muito amor, para minha mãe, Rita Soares de Brito Campos (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Rita Soares (*in memoriam*), que me incentivou a prática esportiva, em especial na natação; agradeço pelos maiôs carinhosamente confeccionados por ela e por todo amor que recebi. Ao meu pai, Pedro Campos (*in memoriam*), agradeço pelo exemplo de coragem e amor.

Agradeço aos meus trigêmeos, de que tanto me orgulho: Ana Rita, Pedro e João Vitor. Vocês trouxeram alegria para minha vida e souberam esperar por minha atenção nos momentos em que eu estava mergulhada nos estudos. Ao meu companheiro, Edu Romanatto, agradeço pelo carinho e apoio durante a minha trajetória na Faculdade de Artes Visuais.

Sou grata às minhas irmãs, Christiane Senhorinha e Rosana Soares, por terem me transmitido tranquilidade e afeto e pelas valiosas contribuições a esta pesquisa, sempre me apoiando com muito amor. Agradeço às minhas sobrinhas Luísa, Júlia e Laura, que trouxeram sorrisos e leveza para minha vida. Agradeço à minha tia Vitorinha, ao tio Nerval, ao primo Rodrigo e à prima Aline, parceiros que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis. Aos amigos Reneilton e Fernanda, agradeço pelo carinho de sempre.

À minha querida orientadora, Rita Morais de Andrade, sempre amável e compreensiva, obrigada pelas orientações preciosas e pela confiança. Ao professor Thiago Fernando que, com muita gentileza, deu valiosas dicas para a realização desta pesquisa, assim como me orientou para novas reflexões sobre o pensamento de Foucault. Ao professor Samuel Gilbert e à professora Suzana Avelar pela disponibilidade e pelas contribuições pertinentes a este estudo. À professora Alice Martins, obrigada pelas aulas inspiradoras e pelas sugestões de leitura. Ao professor Wanderley Marchi Junior (UFPR), por suas aulas encantadoras, que me despertaram o interesse pelos aspectos sociais do esporte.

Aos demais professores, funcionários e amigos do Programa da Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, em especial Bárbara Lyra e Kárita, pelos

cafés, pelas boas conversas, trocas e companheirismo. Ao Paulo Soares, sou grata pela amizade e pelos compartilhamentos.

Ao Instituto Federal de Goiás (IFG), que me concedeu uma licença para a pós-graduação, fundamental para a conclusão desta pesquisa. Aos amigos e colegas de trabalho do IFG. À Fundação de Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pelo financiamento desta pesquisa.

Às nadadoras Isabel Guerra, Flávia Nadalutti, Adriana Salazar e Fabíola Molina que gentilmente me concederam uma entrevista. Ao amigo Dener Rodrigues, o melhor professor de natação que já tive. As minhas amigas de sempre Daphine Domigues Stival e Luciana Rosa. Às minhas vizinhas e amigas Gislane Gonzaga, Vanessa Sateles, Sibeles Romano, Karen Coalhado e Amanda Vieira, Alexandra Batistela e Juliana Custódio por tanta demonstração de afeto.

RESUMO

Este trabalho teve como proposta investigar as imagens do corpo e dos maiôs na natação olímpica feminina brasileira entre 1932 e 2016. Para tanto, foi analisada a construção das imagens sociais do corpo feminino no esporte em geral e, em seguida, especificamente na natação (cenário nacional e internacional), assim como, foi analisada a representação dessas imagens sociais nas imagens visuais, que nessa tese em questão eram as fotografias. As fotografias por sua vez foram analisadas por meio da proposta de Goffman (1979) e Pruitt (2013). Os maiôs foram estudados considerando-se o contexto social no qual foram elaborados, assim como sua descrição técnica. A natação feminina brasileira foi dividida em cinco períodos: *era do glamour* (1932-1952); *era do cientificismo* (1972-1976); *primórdios do profissionalismo* (1988-1996); *era tecnológica* (2000-2009); e *era pós-tecnológica* (2010-até os dias atuais). Foram realizadas entrevistas com as nadadoras Maria Isabel Guerra, Flávia Nadalutti, Adriana Salazar e Fabíola Molina, assim como foram analisadas algumas fotografias do arquivo pessoal dessas nadadoras e de fotografias disponíveis na mídia. Foram analisadas também fotografias das nadadoras Maria Lenk, Piedade Coutinho, Patrícia Amorim, Rebeca Gusmão e Etiene Medeiros. Após foram investigadas as imagens das nadadoras veiculadas na *Revista Veja* entre os anos de 1968 e 2016. Os resultados evidenciaram que no cenário nacional houve maior destaque a questões relacionadas ao doping e ao assédio sexual do que à performance.

Palavras-chave: Imagens. Corpo. Maiôs. Natação Feminina.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the body and swimsuit images in Brazilian female Olympic swimming between 1932 and 2016. To do so, we analyzed the construction of social images of the female body in sport in general and then specifically in swimming (scenario as well as the representation of these social images in the visual images, which in this thesis in question were the photographs. The photographs in turn were analyzed through the proposal of Goffman (1979) and Pruitt (2013). The swimsuits were studied considering the social context in which they were made, as well as their technical description. Brazilian female swimming was divided into five periods: glamor era (1932-1952); era of scientism (1972-1976); the beginnings of professionalism (1988-1996); technological age (2000-2009); and post-technological era (2010- to the present day). Interviews were conducted with swimmers Maria Isabel Guerra, Flávia Nadalutti, Adriana Salazar and Fabíola Molina, as well as some photographs of their personal archive and photographs available in the media. We also analyzed photographs of swimmers Maria Lenk, Piedade Coutinho, Patrícia Amorim, Rebeca Gusmão and Etiene Medeiros. After that, the images of swimmers published in *Veja* magazine between 1968 and 2016 were investigated. The results showed that in the national scenario, doping and sexual harassment issues were more prominent than performance.

Keywords: Images. Body. Swimsuits. Women's Swimming.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo investigar las imágenes del cuerpo y del traje de baño en la natación olímpica femenina brasileña entre 1932 y 2016. Para ello, analizamos la construcción de imágenes sociales del cuerpo femenino en el deporte en general y luego específicamente en natación (escenario así como la representación de estas imágenes sociales en las imágenes visuales, que en esta tesis en cuestión fueron las fotografías. Las fotografías a su vez fueron analizadas a través de la propuesta de Goffman (1979) y Pruitt (2013). Los trajes de baño se estudiaron teniendo en cuenta el contexto social en el que se hicieron, así como su descripción técnica. de baño femenino de Brasil se divide en cinco períodos: la época de glamour (1932-1952); era del cientificismo (1972-1976); los inicios de la profesionalidad (1988-1996); era tecnológica (2000-2009); y era post-tecnológica (2010- hasta nuestros días). Se realizaron entrevistas con los nadadores María Isabel Guerra, Flávia Nadalutti, Adriana Salazar y Fabíola Molina, así como algunas fotografías de su archivo personal y fotografías disponibles en los medios. También analizamos fotografías de los nadadores Maria Lenk, Piedade Coutinho, Patrícia Amorim, Rebeca Gusmão y Etiene Medeiros. Después de eso, se investigaron las imágenes de nadadores publicadas en la revista *Veja* entre 1968 y 2016. Los resultados mostraron que en el escenario nacional, los problemas de dopaje y acoso sexual eran más prominentes que el rendimiento.

Palabras clave: Imágenes. Cuerpo. Trajes de baño. Natación femenina

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:"A ATITUDE POLÍTICA DOS ATLETAS NORTE-AMERICANOS TOMMIE SMITH E JOHN CARLOS GEROU MAL-ESTAR NOS JOGOS DE 1968 FOTO: REPRODUÇÃO / INFOPLEASE.COM"	22
FIGURA 2:NADADORES TREINANDO. FONTE: RAIA 8	45
FIGURA 3:NADADORA JENNY THOMPSON. FONTE: SPORT ILLUSTRATED (1993), n. 6, p. 53.....	51
FIGURA 4:DESFILE DA EQUIPE AMERICANA DE NATAÇÃO COM O MAIÔ LZR.....	58
FIGURA 5:NADADORA AMERICANA KATIE LEDECKY NADA COM OS GOLFINHOS. FONTE: JEFF DEKAL'S ILLUSTRATION.	60
FIGURA 6:EQUIPE INGLESA DE NATAÇÃO: JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES, 2012. FONTE: GETTY IMAGES, 2012.....	60
FIGURA 7:MONTAGEM DA OBRA PIETÁ	61
FIGURA 8:MANCHETE DO JORNAL THE EAGLE SOBRE OS DESEMPENHOS DE PHELPS E LEDECKY. FONTE: MACK (2016).....	63
FIGURA 9 : NADADORA SHANE GOLD, EM 1972. FONTE: DAILYMAIL.....	66
FIGURA 10:NADADORA KATINKA HOSSZÚ. FONTE: SWIMMING WORD MAGAZINE.	66
FIGURA 11:NADADORA AIMEE WILLMOTT. FONTE: JEFFERSON, 2012.	69
FIGURA 12:NADADORA NATALIE COUGHLIN. FONTE: PHAM (2013, n.p.)	72
FIGURA 13:NADADORA KORNELIA ENDER. FONTE: ROBERTS (2011).....	76
FIGURA 14:NADADORA NATALIE COUGHLIN. FONTE: HASTY (2016).....	79
FIGURA 15:NADADORA LEISEL JONES. FONTE: MCMAHON E RUCHTI (2016, p. 138)	83
FIGURA 16:NADADORA LEISEL JONES. FONTE: MCMAHON E RUCHTI (2016, p. 140).	84
FIGURA 17:ALIA ATKINSON NO MUNDIAL DE NATAÇÃO. FONTE: GITTINGS (2014).	88
FIGURA 18:GERENTE DE MOTEL DERRAMANDO ÁGUA SANITÁRIA EM NEGROS EM UMA PISCINA. FONTE: ROSEMBERG (2018, n.p.)	91
FIGURA 19:NADADORAS AUSTRALIANAS NAS OLIMPÍADAS DE ESTOCOLMO, 1912. FONTE: KHOSLA E PIERSON (2016).	96
FIGURA 20:NADADORA EDNA DAVEY NAS OLIMPÍADAS DE 1928. FONTE: GROUNSELL (2016).....	97
FIGURA 21:NADADORA CLARE DENIS E JOHNNY WEISSMULLER. FONTE: KHOSLA E PIERSON (2016).....	98
FIGURA 22:DETALHE NAS COSTAS DO MAIÔ RACERBACK. FONTE: PÁGINA DA SPEEDO.....	98
FIGURA 23:SELEÇÃO BRITÂNICA NOS JOGOS DE LONDRES,.	99
FIGURA 24:BARBARA EVANS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1956. FONTE: GROUNSELL, 2016, n.p.....	100

FIGURA 25:MAIÔ DA SELEÇÃO AUSTRALIANA, DETALHE DA FRENTE. FONTE: MUSEUM OF APPLIED ARTS & SCIENCES, 2014.....	102
FIGURA 26:MAIÔ DA SELEÇÃO AUSTRALIANA, DETALHE DAS COSTAS.....	102
FIGURA 27: MAIÔ DA SELEÇÃO AUSTRALIANA, 1968. JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO. FONTE: MUSEUM OF APPLIED ARTS & SCIENCES (MAAS), 2017.....	103
FIGURA 28: NADADORA SHANE GOLD COM O MAIÔ USADO PELA SELEÇÃO AUSTRALIANA NOS JOGOS 1972. FONTE: GROUNDSELL (2016).....	104
FIGURA 29: ETIQUETA DO MAIÔ USADO PELA SELEÇÃO AUSTRALIANA NOS JOGOS DE 1972. FONTE: MUSEUM OF APPLIED ARTS & SCIENCES (MAAS), 2017.	104
FIGURA 30: NADADORA SHIRLEY BABASHOFF. FONTE: CAMPBELL (1974, p. 46).....	106
FIGURA 31: MAIÔ SKINSUIT ARENA. FONTE: CAMPBELL (1974, p. 48).....	109
FIGURA 32: MAIÔ FYBACK ARENA. FONTE: PÁGINA DA ARENA.....	110
FIGURA 33: INTEGRANTE DA SELEÇÃO AMERICANA, NOS JOGOS DE SEUL, 1988. FONTE: GETTY IMAGES.....	111
FIGURA 34: SELEÇÃO AMERICANA USANDO O MAIÔ S2000 DA SPEEDO. JOGOS DE BARCELONA EM 1992. FONTE: GETTY IMAGES.....	113
FIGURA 35: NADADOR NORTE-AMERICANO DOUG GJERTSEN NADOU A FINAL OLÍMPICA DOS 200 METROS NADO LIVRE COM MAIÔ FEMININO. FONTE: GETTY IMAGES.....	113
FIGURA 36: NADADORA AMY VAN DYKEN USANDO O MAIÔ AQUABLADE. FONTE: HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES, SIMON BRUTY/ALLSPORT/GETTY IMAGES....	115
FIGURA 37: AMY VAN DYKEN E SUA COMPANHEIRA DE EQUIPE USANDO O MAIÔ AQUABLADE (DETALHE DAS COSTAS: RACERBACK). FONTE: STOCK PHOTO.....	115
FIGURA 38:: NADADORA ANNA WILSON COM A LOGOMARCA DA REEBOK TATUADA NA PELE. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 1.454, 24/7/1996, p. 43).....	116
FIGURA 39:SELEÇÃO AMERICANA DE REVEZAMENTO 4X100 NADO LIVRE, JOGOS DE SYDNEY (2000), USANDO O MAIÔ FASTSKIN. FONTE: STOCK PHOTO.	118
FIGURA 40:NADADORA NATALIE COUGHLIN DURANTE A APRESENTAÇÃO DO MAIÔ LZR RACER, EM NEW YORK, 2008. FONTE: GETTY IMAGES:.....	121
FIGURA 41:NADADORA FLÁVIA ZACARRI, NO MUNDIAL DE NATAÇÃO, NO MEDITERRÂNEO, EM 2009. FONTE: REX FEATURES.....	123
FIGURA 42:EXEMPLO DE MULHERES ELEGANTEMENTE VESTIDAS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA. FONTE: REVISTA SPORT IIIUSTRADO, 1938, ed.19. p. 19.....	129
FIGURA 43:NADADORA MARIA LENK NO CAMPEONATO SUL-AMERICANO EM VIÑA DEL MAR, EM 1941. FONTE: LENK (1986, p. 65).	130
FIGURA 44:MARIA LENK E CARLOS NELLY. FONTE: JORNAL A NOITE, 1932, ed. 07357, p. 1.....	131
FIGURA 45::MARIA LENK E OUTRAS NADADORAS. FONTE: REVISTA SPORT ILLUSTRADO (1941, ed. 145, p. 6).	133

FIGURA 46:PIEIDADE COUTINHO. FONTE: REVISTA SPORT ILLUSTRADO (1940, p. 9). ...	134
FIGURA 47:MARIA ISABEL GUERRA AO CENTRO EM UMA COMPETIÇÃO EM 1968. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	138
FIGURA 48:MARIA ISABEL GUERRA, AO CENTRO, EM UMA COMPETIÇÃO EM 1971. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	138
FIGURA 49:MAIÔ QUE ISABEL GUERRA USOU NAS OLIMPÍADAS DE 1972. FONTE: ARQUIVO PESSOAL DA NADADORA.	139
FIGURA 50:DETALHE DA SAIA DA MODÉSTIA DO MAIÔ QUE ISABEL GUERRA USOU NAS OLIMPÍADAS DE 1972. FONTE: ARQUIVO PESSOAL DA NADADORA.	139
FIGURA 51:MARIA ISABEL GUERRA USANDO UM MAIÔ DA DIANA, 1977. FONTE: ARQUIVO	141
FIGURA 52:FLÁVIA NADALUTTI, NO MUNDIAL DE CALI, EM 1975. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.....	144
FIGURA 53:FLÁVIA NADALUTTI, NA COPA LATINA DE NATAÇÃO, EM 1975. FONTE: ARQUIVO PESSOAL	144
FIGURA 54:FLÁVIA NADALUTTI DURANTE O AQUECIMENTO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE MONTREAL, 1976. FONTE: ARQUIVO PESSOAL.	145
FIGURA 55:NADADORA PATRÍCIA AMORIM. FONTE: FILHO (1987).....	151
FIGURA 56:ADRIANA SALAZAR, XXVII TROFÉU BRASIL DE NATAÇÃO/ COPA MESBLA DE NATAÇÃO.....	153
FIGURA 57:MAIÔ DE HELANCA, MODELO USADO PELA NADADORA ADRIANA SALAZAR.	155
FIGURA 58:ADRIANA SALAZAR (POSICIONADA A FRENTE) DURANTE UM TREINO:.....	156
FIGURA 59:MODELO COM ALÇAS CRUZADAS.....	156
FIGURA 60:MAIÔ AQUABLADE. FONTE: ACERVO DIGITAL DO MUSEU OF ARTS AND SCIENCE.	161
FIGURA 61:FABÍOLA MOLINA USANDO UM MAIÔ TECNOLÓGICO DA SPEEDO NO MUNDIAL DE NATAÇÃO EM 2008 (DETALHE DAS COSTAS). FONTE : GAZETA EXPRESS (2008).....	163
FIGURA 62:FABÍOLA MOLINA USANDO UM MAIÔ TECNOLÓGICO DA SPEEDO NO MUNDIAL DE NATAÇÃO EM 2008 (DETALHE DA PARTE DA FRENTE). FONTE: GAZETA EXPRESS (2008).....	163
FIGURA 63:FABÍOLA MOLINA USANDO UM MAIÔ DA BLUESEVENTY NOS JOGOS DE PEQUIM, EM 2008. FONTE: GLOBO ESPORTE (2008)	164
FIGURA 64:FABÍOLA MOLINA NADANDO COM UM MAIÔ DA ARENA NO MUNDIAL DE ROMA EM 2009. FONTE: VÍDEO DISPONÍVEL NO YOUTUBE.....	166
FIGURA 65:REBECA GUSMÃO: ANTES E DEPOIS DO USO DE ANABOLIZANTES. FONTE: GLOBO ESPORTE.	168

FIGURA 66:NADADORA REBECA GUSMÃO: ENSAIO PARA A REVISTA PAPARAZZO. FONTE: EGO GLOBO:	169
FIGURA 67: REBECA GUSMÃO PAN- AMERICANO DE 2007.....	170
FIGURA 68: REBECA GUSMÃO PAN- AMERICANO DE 2007, DETALHE DAS COSTAS DO MAIÔ.....	170
FIGURA 69:FABÍOLA MOLINA NADANDO COM UM MAIÔ DA ARENA, NOS JOGOS DE 2012. FONTE: VÍDEO DISPONÍVEL NO YOUTUBE.....	171
FIGURA 70:FABÍOLA MOLINA NADANDO COM UM MAIÔ DA ARENA, NOS JOGOS DE 2012 (DETALHE DAS COSTAS- MODELO FYBACK). FONTE: VÍDEO DISPONÍVEL NO YOUTUBE	171
FIGURA 71: ETIENE MEDEIROS, OLIMPÍADAS DE 2016. DETALHE DAS COSTAS DO MAIÔ. FONTE: SATIRO SODRÉ/ SSPRESS.	173
FIGURA 72:ETIENE MEDEIROS, OLIMPÍADAS DE 2016. DETALHE DA PARTE DA FRENTE E COMPRIMENTO. FONTE: SATIRO SODRÉ/ SSPRESS	173
FIGURA 73:KATIE LEDECKY. FONTE: REVISTA VEJA (ed 2.489, 3/8/2016, p. 86).	178
FIGURA 74:NADADORA ULRIKE TAUBER, EM VIENA. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 313, 4/9/1974, p. 82).	180
FIGURA 75: NADADORA DEBBIE BALL. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 190, 26/4/1972, p. 65).	184
FIGURA 76:NO PRIMEIRO PLANO, KATIE SOLICITANDO AUTÓGRAFO PARA PHELPS. E NO SEGUNDO, KATIE LEDECKY NADANDO. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 2.491, 17/8/2016, p. 58-64)	187
FIGURA 77:NADADORA FRANZISKA VAN. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 141, 6/12/1994, p. 109).	189
FIGURA 78:NADADORA PETRIA THOMAS. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 1.868, 25/8/2004, p. 88).	191
FIGURA 79:NADADORA POLIANA OKIMOTO. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 2.492, 24/8/2016)	194
FIGURA 80:NADADORA REBECA GUSMÃO. FONTE: REVISTA VEJA (ed. 2.085, p. 86).	198

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: AS NADADORAS INVESTIGADAS.....	6
QUADRO 2: SÍNTESE DA METODOLOGIA UTILIZADA	10

LISTA DE ABREVIATURAS

ANMM – Australian National Maritime Museum

AAU – Amateur Athletic Union

LPGA – The Ladies Professional Golf Association

MAAS – Museum Applied Arts and Sciences

NP – Não paginado (ABNT)

WTA – Women's Tennis Association

WNBA – Women's National Basketball Association

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: NAS ÁGUAS DA BASE TEÓRICA	12
1.1 Das imagens	12
1.1.1. Da fotografia	19
1.1.2. Imagens das mulheres no esporte	25
1.1.3. A mídia e a construção das imagens do corpo da atleta	35
1.2. Do corpo no esporte	40
1.2.1. O corpo na natação sob a perspectiva foucaultiana	44
1.2.2. A objetivação do corpo da atleta	49
1.3. Das vestimentas esportivas	54
1.3.1. O papel dos maiôs na construção da imagem dos nadadores	56
CAPÍTULO II: AS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS OLÍMPICOS NA NATAÇÃO FEMININA INTERNACIONAL	62
2.1 As imagens da nadadora na mídia	62
2.2 A dupla identidade	64
2.3 Imagens do corpo da nadadora	73
2.3.1. O corpo feminino e sexy	74
2.3.2. O corpo magro	81
2.3.3. O corpo branco	87
2.4 Os maiôs das nadadoras olímpicas	95
CAPÍTULO III. O CORPO E OS MAIÔS NA NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA	127
3.1 Era do glamour	127
3.2. Era do cientificismo	136

3.3 Primórdios do profissionalismo.....	149
3.4 Era tecnológica	158
3.5 Era Pós – Tecnológica	170
CAPÍTULO IV. A NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA NA REVISTA VEJA: DO CENÁRIO INTERNACIONAL AO NACIONAL	175
4.1 Cenário internacional.....	175
4.2 O cenário nacional.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
ANEXO I :ROTEIRO DE ENTREVISTA	234

INTRODUÇÃO

O contexto esportivo destaca-se não só pelos aspectos culturais e sociais, mas por possibilitar diferentes experiências visuais e por produzir um rico material visual a ser explorado (TZANOUDAKI, 2014). Segundo Rogoff, “no mundo de hoje os significados circulam visualmente, além de oral e textualmente. As imagens transmitem informações, proporcionam prazer e desprazer, influenciam o estilo, determinam consumo e mediam as relações de poder” (1998, p. 15).

As imagens do contexto esportivo são uma parte importante da cultura visual, entretanto, são poucos os estudos que fazem referência à interseção entre esporte e cultura visual. Essa questão vai ao encontro das reflexões de Fyfe e Law (1987) sobre a ausência do visual nos estudos sociológicos e antropológicos, a qual foi chamada de “invisibilidade do visual”, uma invisibilidade que pode ser notada também nos estudos esportivos. Nesse sentido, é possível perceber que os estudos sobre cultura visual pouco exploram as imagens no contexto esportivo, o que poderíamos chamar de invisibilidades das imagens esportivas.

Na perspectiva dos estudos em cultura visual, as imagens visuais são portadoras de significados e mediadoras de discursos sociais. Para Ribeiro (2005), as imagens visuais podem gerar outras formas de imagens: as sociais, que dizem respeito à representação social e aos estereótipos. Da mesma forma, as imagens sociais podem gerar imagens visuais.

A principal questão a ser investigada nesta tese diz respeito aos aspectos discursivos, históricos e culturais das imagens (visuais e sociais) do corpo e dos maiôs na natação olímpica feminina brasileira. Quanto aos objetivos secundários, este trabalho busca: a) verificar qual concepção de corpo as nadadoras olímpicas brasileiras tinham em cada período investigado e como elas administravam as diferenças entre o corpo esportivo e o imposto pela sociedade em geral; b) investigar as imagens do corpo da nadadora olímpica brasileira veiculadas na mídia (Revista VEJA) e compará-las com as imagens das nadadoras internacionais, evidenciando quais os corpos visíveis e os invisíveis e as representações do feminino na mídia; c) analisar como as imagens, no caso específico as fotografias, são elaboradas para construir e manter os discursos sobre o corpo da nadadora; d) analisar como as

imagens sociais do corpo da nadadora no contexto internacional (ser feminina, branca e magra) se reproduzem nas imagens visuais; e descrever tecnicamente os maiôs e analisá-los em seus contexto histórico e social, assim como explorar de que maneira estes repercutem os discursos de gênero.

Inicialmente pensamos em estudar somente os maiôs da natação feminina brasileira, com ênfase em itens que faziam parte de acervos de museus. Mas, em um levantamento preliminar junto aos principais clubes de natação, como Regatas do Flamengo (RJ), Regatas do Fluminense (RJ), Regatas do Botafogo (RJ), Vasco da Gama (RJ), Clube Português de Recife (PE), Grêmio Náutico União (RG), Clube Curitibanos (PR), Minas Tênis (MG), não foi identificado em seus acervos trajes da natação, exceto no Esporte Clube Pinheiros (SP), onde está localizado o Centro Pró-Memória Hans Nobiling. Esse Centro possui em seu acervo um maiô da nadadora Eleonora Schmitt Buelau (Olimpíadas de 1948). Foi observado também que, no Museu do Esporte de São José dos Campos, há uma peça da nadadora Fabíola Molina (Olimpíadas de 2000).

Diante do número limitado de maiôs desses períodos, optamos por analisar os maiôs entre 1932 (data da primeira participação da natação feminina brasileira em Olimpíadas) e 2016 (data da última participação da natação feminina brasileira em Olimpíadas), por meio de fotografias. Entretanto, sentimos a necessidade de realizar uma pesquisa de campo com nadadoras desses períodos, já que havia detalhes das fotografias dos maiôs que só seriam compreendidos mediante o diálogo com os sujeitos.

Em seguida o corpo foi incluído como objeto de estudo da tese, pois, ao longo da pesquisa, ele tornou-se um elemento de inquietação, afinal os maiôs são produzidos para vestir um corpo que, por sua vez, opera nos modos de vestir. Para Entwistle (2000, p. 10), “os estudos de vestimentas que não consideram o corpo dificultam a compreensão daquelas e da importância que este exerce no nosso cotidiano”. Por fim, foi incluída a análise do corpo das nadadoras na revista *Veja*.

O estudo das imagens do corpo e os maiôs na natação brasileira feminina se deve em especial porque a natação fez parte da minha vida pessoal e profissional. Eu nadei no Clube Sesc, em Goiânia, entre os seis e quatorze anos. Era uma prática apenas de cunho recreativo, para cumprir recomendações médicas e exigência

materna. Na década de 1980, havia o mito de que a natação era um esporte completo, então minha mãe incentivou todas as filhas a aprenderem a nadar. Depois, já formada em Educação Física, trabalhei muitos anos como professora de natação.

Com relação à metodologia, esta tese utiliza o método dedutivo, pois parte da premissa de que as imagens sociais auxiliam na construção das imagens visuais do corpo e dos maiôs na natação olímpica feminina brasileira. A natação olímpica feminina brasileira foi dividida em diferentes fases, organizadas cronologicamente a partir de categorias. Buscando se aproximar da concepção de tipos ideais formulado por Weber (2016), essas categorias destacam um quadro de pensamento que

[...] reúne determinadas relações e acontecimentos da vida histórica para formar um cosmos não contraditório de relações pensadas. Pelo seu conteúdo, essa construção reveste-se do caráter de uma utopia, obtida mediante a acentuação mental de determinados elementos da realidade. (WEBER, 2016, p. 251).

Esse quadro de pensamento, o tipo ideal, é para Weber um conceito racional construído por meio de ideias com a finalidade de comparação com a realidade. O tipo ideal é um meio, uma construção intelectual destinada à medição, à observação, à caracterização do conteúdo das relações. Nesse sentido, conforme Weber (2016):

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente – dados difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. (WEBER, 2016, p. 252).

Importante ressaltar, de acordo com Weber, que é impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, em sua pureza conceitual. Trata-se, na verdade, “da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa imaginação e, conseqüentemente, ‘objetivamente possíveis’, e que parecem adequadas ao nosso saber nomológico”. (2016, p. 253).

A historiografia, método que também será utilizado nesta pesquisa, tem a tarefa de determinar essa proximidade e o afastamento entre a realidade e o quadro ideal. Por isso, conforme Weber, o tipo ideal é uma tentativa de apreender os indivíduos históricos ou os seus diversos elementos e sumariá-los em conceitos. E,

nesse sentido, essa atividade, ao mesmo tempo seletiva e interpretativa, insere-se no campo das ciências da cultura. Nessa perspectiva, o conhecimento dos acontecimentos culturais é concebido “[...] com base na significação que a realidade da vida, sempre configurada de modo individual, possui para nós em determinadas relações singulares.” (WEBER, 2016, p. 255).

O trabalho, pois, nessa direção, orienta-se pela noção de um objeto de estudo social e cientificamente construído, com o objetivo de produzir um conhecimento aproximado (BACHELARD, 2004), através de categorias/tipos ideais organizados cronologicamente.

A cronologia se fez necessária para que se compreenda a relação dos fatos e a identificação de permanências históricas, que indica a presença do passado no presente. A fragmentação em tempos históricos é uma forma de buscar a ordem, mas também de rompê-la, de apresentar as diferenças e os conflitos. Para Delgado (2003), a ordem cronológica e o calendário, embora tenham essência convencional, são necessários, pois são formas de representar simbolicamente os momentos de permanência e ruptura da vida social, assim como servem de referência dentro do sistema temporal.

Apresentamos, a seguir, as diferentes fases da natação feminina brasileira, constituídas por aspectos imagéticos, sociais e históricos que se destacaram em determinado período. O recorte temporal ¹iniciou em 1932, quando o Brasil teve sua primeira participação em olimpíada com Maria Lenk e finalizou em 2016, ano da última edição dos Jogos Olímpicos.

Entre as décadas de 1930 e 1950, a natação inseriu-se na *Era do glamour*, período de grande influência da indústria cinematográfica, quando os maiôs eram símbolo de elegância e charme. Nesta *Era* foi realizada uma pesquisa documental na revista *Sport Illustrado* (publicada entre 1920 e 1956), na qual foram analisados artigos e fotografias das nadadoras Maria Lenk e Piedade Coutinho. Essa revista foi

¹ Ressalta-se que o recorte temporal para a análise dos maiôs iniciou com a primeira participação da natação feminina em uma Olimpíada (2012)

escolhida por ter todo o seu arquivo disponibilizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira².

As edições seguintes dos jogos olímpicos, em 1956 e 1968, caracterizaram-se pela falta de representantes da natação feminina brasileira. Na década de 1970, o Brasil participou de duas edições subsequentes, 1972 e 1976, esse período convencionou-se chamar de *Era do Cientificismo*, caracterizado por uma melhor organização e estruturação do treinamento e, dos campeonatos de natação. Nessa era foram entrevistadas as atletas Maria Isabel Guerra e Flávia Nadalutti, e analisadas fotografias do arquivo pessoal das mesmas.

A década seguinte foi um marco para a natação feminina brasileira, com o surgimento de patrocinadores como a Mesbla e a Kibon e, conseqüentemente, com o início do profissionalismo no esporte. Entre 1988 e 1996, convencionamos chamar de *Primórdios do Profissionalismo*. Nessa era foi realizada uma entrevista com a nadadora Adriana Salazar, e analisadas fotografias da mesma e da nadadora Patrícia Amorim.

Os anos 2000 iniciam uma nova era, a *Era tecnológica*, caracterizada pelo uso dos maiôs tecnológicos. Nessa era foi entrevistada a nadadora Fabíola Molina, e, analisadas fotografias da mesma e da nadadora Rebeca Gusmão. Em 2010 até os dias atuais, iniciou-se a *era Pós-tecnológica*, período em que os maiôs tecnológicos foram banidos. Nessa última era finalizou-se a entrevista com Fabíola Molina³, assim como foi realizada análise de fotografias da nadadora Etiene Medeiros. O recorte histórico foi finalizado nessa era, em 2016.

Em cada fase, buscou-se investigar o corpo considerado ideal no contexto social, assim como os maiôs a partir do modelo, tecido, estamparia e aspectos históricos nos quais as vestimentas foram elaboradas. O quadro 1 apresenta as nadadoras investigadas em cada período.

² Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/sport-illustrado/182664> Acesso em: 18 de out. de 2018.

³ Fabíola Molina nadou na Era Tecnológica e na Pós- Tecnológica.

FASE	NADADORAS
Era do glamour 1932-1952	Maria Emma Hulga Lenk Zigler. (fotografia) Piedade Coutinho Tavares (fotografia)
Era do cientificismo 1972-1976	Maria Isabel Vieira Guerra (entrevista) Flávia Nadalutti (entrevista)
Primórdios do profissionalismo 1988-1996	Adriana Salazar Lopes Pereira (entrevista) Patrícia Amorim (fotografia)
Era tecnológica (2000-2009)	Fabíola Molina (entrevista) Rebeca Gusmão (fotografia)
Era pós-tecnológica (2010 até os dias atuais)	Fabíola Molina (entrevista) Etiene Medeiros (fotografia)

Quadro 1: As nadadoras investigadas.

Ressalta-se que foram contactadas várias nadadoras, entretanto apenas as apresentadas nesta tese mostraram-se disponíveis a participar da pesquisa. Diante do número limitado de participantes, para uma melhor compreensão do objeto de estudo desta tese, selecionamos outras nadadoras (Maria Lenk, Piedade Coutinho, Patrícia Amorim, Rebeca Gusmão e Etiene Medeiros) para análise de fotografias (disponíveis na mídia).

Devido à incipiência dos registros, houve a necessidade de ora confrontar as diferentes fontes e ora articulá-las em uma relação complementar, para, assim, evidenciar os acontecimentos e ampliar a compreensão do objeto de estudo dessa tese. Entendemos, dessa maneira, que as fontes orais, escritas e imagéticas não são excludentes. Segundo Portelli⁴ (1997), as diferentes fontes possuem “características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Dessa forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos” (PORTELLI, 1997, p. 26).

Por meio das fontes orais⁵ foi possível obter informações sobre as imagens dos maiôs e do corpo que não foram fornecidas pelas fontes documentais. Portanto,

⁴ Portelli refere-se especificamente à diferença entre as fontes orais e escritas, mas sua análise pode ser estendida também às fontes imagéticas.

⁵ As fontes orais, por exemplo, permitem compreender as imagens mentais.

o uso de fontes orais permitiu uma interpretação mais rica e completa das experiências, acontecimentos e materiais. Por exemplo, durante as entrevistas com as nadadoras, elas descreveram detalhadamente os maiôs, e os que não tinham fotografias foram desenhados pela autora desta pesquisa (Figura 57). Dessa maneira, as fontes orais foram transformadas em imagéticas, possibilitando o estudo dos maiôs das nadadoras.

Para Cassab (2003, n.p), a particularidade da fonte oral está na possibilidade de revelar com maior clareza os sentimentos e os significados carregados pelas palavras, algo que somente a intensidade, a inflexão e a ressonância da voz impressa pelo narrador conseguem exprimir, o que muitas vezes a fonte escrita não consegue. Cassab (2003, n.p) ainda ressalta que “o movimento contido nas fontes orais permite contar mais sobre os significados, que sobre os eventos, expressando grande diferença em relação à escrita padrão, utilizada em textos normalmente objetivos e estáticos”.

As fontes orais foram obtidas por meio de entrevistas, as quais foram gravadas e realizadas em horários definidos pelas nadadoras. As entrevistas⁶ com as nadadoras Maria Isabel Guerra, Flávia Nadalutti e Adriana Salazar foram feitas usando a câmera do aplicativo *WhatsApp*. Já Fabíola Molina foi entrevistada pessoalmente. O roteiro da entrevista foi brevemente elaborado (ver p.234), mas havia a possibilidade de flexibilizá-lo conforme a necessidade do contexto, ou seja, eram feitas novas perguntas, caso houvesse a necessidade de mais esclarecimentos sobre determinada questão.

Depois de realizadas, as entrevistas⁷ foram transcritas, primeiramente de forma literal e, depois, de forma reorganizada. Essa segunda transcrição é necessária por compreender que a passagem da fonte oral à escrita não é uma mera transcrição literal, isto é, palavra por palavra. Meihy (2010, p. 203), nesse sentido, nos chama a atenção para o fato de as fontes orais e escritas serem códigos distintos, portanto não há necessidade de uma transcrição fidedigna, mas, sim, de

trabalhar com a qualificação da transcrição associada à colaboração. [...] Aqui firmamos um princípio: nem tudo que é oral é escrito, nem tudo que é

⁶ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás.

⁷ Foi utilizada a metodologia de história oral (MEIHY, 2010).

escrito é oral. E na passagem de um estado de linguagem para o outro, temos que decidir: mexe-se ou não na narrativa. (MEIHY, 2010, p. 203).

Como transcrever, por exemplo, o silêncio, o esquecimento e as hesitações? Dessa maneira, a entrevista foi reorganizada tendo como referência a “mensagem central”, mantendo-se o sentido. Depois, ela foi encaminhada novamente ao colaborador para que fossem feitas as correções necessárias.

Para o estudo dos maiôs foram utilizadas fotografias disponíveis em museus digitais, como o Australian National Maritime Museum (ANMM) e o Museum Applied Arts and Sciences (MAAS). Também foram utilizadas imagens presentes em revistas, como a *Sport Illustrated*, imagens de arquivo pessoal das nadadoras e desenhos feitos pela própria pesquisadora, a partir da entrevista com as nadadoras.

Concomitante às entrevistas com as nadadoras, foram analisadas as imagens do corpo da nadadora na *Revista Veja*, que é a revista de maior circulação no Brasil, com média superior a um milhão de exemplares por semana (SOBREIRO, 2018). Por ser uma revista de grande circulação nacional, ela tem grande impacto na opinião pública e, conseqüentemente, pode interferir na construção da imagem do corpo da nadadora. Além disso, investigar a *Revista Veja* não significa apenas analisar as imagens do corpo da nadadora em seu próprio domínio, ou seja, na mídia esportiva, mas, sim, observar como essas imagens são representadas em uma revista com um contexto mais amplo.

Há alguns trabalhos que analisaram as representações da mulher na *Revista Veja* (AMARAL; NETO, 2017), mas nenhum foca especificamente a nadadora, por isso esta pesquisa visa a suprir essa lacuna e ser referência para os próximos estudos relacionados à natação.

Investigamos todos os exemplares publicados entre 11/9/1968 (primeira edição da revista) e 28/12/2016 (ano das últimas olimpíadas), a partir do descritor “nadadora”, a fim de realizar uma análise de conteúdo. Foram eliminadas matérias referentes às homenagens, falecimento, casamento, opinião relacionada a livros ou à política e obras de arte. Em seguida, foram identificados os conteúdos mais recorrentes. Após, foram analisadas as fotografias e os textos, a fim de compreender de que maneira as imagens são reproduzidas.

As fotografias foram analisadas a partir das categorias de análise propostas por Goffman (1979), que têm como objetivo examinar as representações de gênero em fontes imagéticas tendo como referência de seis conteúdos: a) “tamanho relativo”, a relação entre homens e mulheres é representada de acordo com o peso social, ou seja, essas últimas são representadas em um plano inferior aos homens; b) “toque feminino”, as mulheres tocam a si mesmas, objetos ou outra pessoa para transmitir a ideia de delicadeza e suavidade; c) “hierarquia das funções”, o homem normalmente ocupa o papel central nas relações sociais, e isso se transfere para a imagem; d) “família”, como unidade básica de organização social, indicada, por exemplo, pela apresentação do papel da atleta como mãe e esposa; e) “ritualização da subordinação”, ocorre quando o posicionamento dos indivíduos sugere deferência ou dependência ao diminuírem-se fisicamente, como, por exemplo, com uma inclinação do corpo ou encostando-se em algo; e “mulher ausente”, caracterizada pelo olhar distante e rosto coberto, os quais a tornam indiferente ao que está acontecendo ao seu redor, ou seja, ela se abstrai de seu contexto. Goffman (1979), pensando nessa questão, associa a falta de um olhar direto para a câmera com o desengajamento da mulher no seu meio.

Além dessas categorias, foram utilizadas outras duas, propostas por Pruitt (2013), para a análise de imagens de mulheres atletas no contexto esportivo: a) “foco atlético”, ser fotografada em ação, no local onde seu esporte é praticado ou com adereços que são relevantes para a performance; e b) “foco na aparência”, que destaca os atributos físicos, como a maquiagem e o penteado. Ressalta-se que, devido ao número elevado de categorias, isto é, seis propostas por Goffman e duas por Pruitt, optou-se por utilizá-las especialmente nas fotografias da *Revista Veja*.

As fotografias também foram analisadas a partir das reflexões de Menezes (2003; 2005). O autor sugere o estudo da dimensão visual a partir de três focos: “visual”, “visível” e “visão”. O *visual* “engloba a ‘iconosfera’ e os sistemas de comunicação visual, os ambientes visuais, a produção/circulação/consumo/ação dos recursos e produtos visuais, as instituições visuais, etc.” (MENEZES, 2003, p. 30). Em *Rumo a uma “História Visual”* (2005), Menezes esclarece que a iconosfera seria imagens referências, representativas de um determinado grupo social. Esse foi um dos critérios para selecionar as fotografias nesta tese. Os dois outros focos se situam na esfera do poder e do controle social. O *visível* corresponde ao modo de

visibilidade e invisibilidade nas experiências sociais. É a partir desse foco que é possível compreender que determinados corpos na natação são visíveis e outros não. E, por último, o foco *visão*, que destaca o “observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar (o olhar de relance, o olhar patriarcal, o olhar reificador, o olhar masculino [...]).” (MENEZES, 2003, p. 2). A compreensão desse foco foi primordial para a reflexão das imagens como forma de legitimar e reforçar as relações tradicionais de gênero, que são impostas a partir do olhar masculino.

O contexto internacional também foi explorado a partir da análise de imagens sociais estereotipadas e imagens visuais das nadadoras, e do estudo dos maiôs (a partir da primeira participação das nadadoras em olimpíadas, em 1912). O estudo desse contexto se fez necessário para uma melhor compreensão do contexto brasileiro que está inserido nesse contexto maior.

Essa pesquisa, portanto, se apropria de fontes escritas, imagéticas e orais, a fim de refletir a respeito das imagens do corpo e do maiô na natação olímpica feminina competitiva. E é caracterizada como uma pesquisa descritiva e explicativa, com enfoque qualitativo. O “quadro 2” apresenta uma síntese da metodologia utilizada.

Contexto	Período	Tipo de Pesquisa	Fonte
Nacional 1932-2016	<i>Era do glamour</i> (1932-1948)	Documental	Revista <i>Sport Illustrated</i> Tipo de fonte: fotografias e textos
	<i>Era do cientificismo</i> (1972-1976)	Campo/ Documental	Tipo de fonte: entrevista/ fotografia
	<i>Primórdios do profissionalismo</i> (1988-1996)	Campo/ Documental	Tipo de fonte: entrevista/ fotografia
	<i>Era tecnológica</i> (2000-2010)	Campo	Tipo de fonte: entrevista/ fotografia
	<i>Pós-tecnológica</i> (2010 até os dias atuais)	Campo	Tipo de fonte: entrevista/ fotografia
	1968-2016	Documental	Revista <i>Veja</i>

Quadro 2: síntese da metodologia utilizada

As primeiras braçadas desta tese foram em direção à base teórica, a qual constituiu o Capítulo I. Primeiramente, refletimos sobre a cultura visual (JAY, 2002; ROSE, 2007; KANAUSS, 2008) e a fotografia no contexto esportivo como objeto de estudo na cultura visual (HUGGINS, 2015). Em seguida, abordamos as imagens da mulher no esporte, desde o período vitoriano até os dias atuais, destacando as relações de poder patriarcais que restringiram a participação das mulheres no esporte (MIRAGAYA, 2006; CAHN, 1994). Depois, analisamos a forma como a mídia constrói a imagem da atleta (DUCAN, 1990; KANE, 1996; NELSON, 1998; CARTY, 2005). Assim como, refletimos sobre o corpo instrumentalizado no esporte (HARAWAY, 2009; MCCULLOUGH, 2010), o corpo sob a perspectiva foucaultiana e a objetivação do corpo da atleta (CARTY, 2005; DANIELS; WARTENA, 2011; KANE et al., 2013). Por último, abordamos os significados sociais dos maiôs. Assim, este estudo é interdisciplinar e traz reflexões oriundas do esporte, da cultura visual e do design de moda.

No segundo capítulo, intitulado “As imagens do corpo e dos maiôs olímpicos na natação feminina internacional” abordamos, a construção das imagens sociais da nadadora olímpica e sua reprodução nas imagens visuais (HASTINGS et al., 2006; MCMAHON; RUCHTI, 2016; ROSENBERG, 2018). No que diz respeito aos maiôs, os analisamos a partir dos aspectos histórico-sociais e dos modelos.

No terceiro capítulo apresentamos a pesquisa com as nadadoras brasileiras, para compreender melhor o corpo e os maiôs no cenário nacional. Por fim, no quarto e último capítulo, analisamos as imagens da nadadora olímpica do cenário internacional ao nacional, a partir de referências (matérias, notas e frases) da nadadora na *Revista Veja* entre os anos de 1968 e 2016.

CAPÍTULO I: NAS ÁGUAS DA BASE TEÓRICA

1.1 Das imagens

A imagem é considerada uma das formas mais antigas de comunicação entre homens e pode ser apresentada em diferentes suportes e técnicas, tais como “madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais [...], desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, web”. (RAMOS, 2017, n.p.). Mas, ao longo da história ocidental, a comunicação por meio da imagem foi se tornando secundária, dando um caráter protagonista à comunicação oral e escrita.

Embora estejamos em um mundo repleto de visualidades, no qual as imagens da arte, por exemplo, saíram dos museus e foram inseridas no nosso cotidiano, ainda há primazia social da palavra, da literatura e da filosofia, em especial no meio acadêmico. A imagem, em sua maioria, é apenas um acessório, um apêndice do texto escrito, pois esse último, como afirma Knauss (2006, p. 102), “se impôs como fonte histórica”, por ser objetivo e validado pelas verdades científicas estabelecidas pela sociedade.

Enquanto artefato cultural, a imagem, mesmo que não seja o real em si, “apresenta, representa o mundo, tornando presente aquilo ou alguém que está ausente” (WELLER; BASSALO, 2011, p. 286). Vilches (1983) afirma que a imagem é uma forma vazia que, por meio da interpretação, é preenchida pelo observador com conteúdos e significados. Essa interpretação depende do contexto e da temporalidade e está atrelada aos aspectos materiais e imateriais inerentes à imagem. Para Aumont (1993, p. 131),

as imagens são sempre modeladas por estruturas profundas, ligadas a um exercício de linguagem, assim como pertencem a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade); mas as imagens são também meio de comunicação e representação do mundo que tem seu lugar em todas as sociedades humanas.

As imagens ao longo do tempo foram refletidas pelos pressupostos da história da arte, a qual utiliza as obras artísticas como única fonte de reflexão, assim como “desde a antiguidade representa a hegemonia do pensamento ocidental em torno

desse campo de conhecimento” (VILLALOBOS; LOZANO, 2014, n.p.). A obra de arte, nessa perspectiva, deve buscar a beleza, a perfeição e o equilíbrio das formas.

No entanto, as obras de arte na atualidade já não buscam a perfeição, o equilíbrio e a beleza, além disso, os artistas utilizam em uma mesma obra diversas técnicas (vídeos, fotografias, desenhos e outros). O espaço da arte se reconfigurou. Uma exposição de arte, na atualidade, possibilita ao expectador ler muitos livros, assistir a vídeos e ouvir diversos sons. Surgiram novas práticas artísticas a partir da apreensão e mixagem de imagens. (CANCLINE, 2012).

Cancline (2012) refere-se à arte na atualidade como pós-autônoma, compreendida como

O processo das últimas décadas no qual aumentam os deslocamentos das práticas artísticas baseadas em objetos a práticas baseadas em contextos até chegar a inserir as obras nos meios de comunicação, espaços urbanos, redes digitais e formas de participação social onde parece diluir-se a diferença estética. (CANCLINE, 2012, p. 24).

Dessa maneira, os estudos da cultura visual⁸ surgiram diante de novas formas de produção e compreensão da produção artística, que romperam com a unicidade do pensamento europeu. Assim, essas novas formas ressaltaram a multidisciplinaridade e a diversidade das imagens e inseriram a dimensão cultural em suas reflexões. Tais estudos são uma forma de resistência ao termo “arte” e a suas teorias, um termo atemporal e universal, que exclui de seu “conteúdo tudo aquilo que foi produzido nas periferias (o não euro-estadunidense, o não branco, o não masculino, o não negro etc.)”. (VILLALOBOS; LOZANO, 2014, n.p.).

Os estudos da cultura visual permitiram o que Jay (2002) denominou de democratização da cultura visual, ou seja, a possibilidade de investigação acadêmica de tudo aquilo que está disponível no contexto visual. Conforme Monteiro,

O termo cultura visual pode englobar uma variedade de formas de representação, desde as artes visuais e o cinema, até a televisão e a propaganda, atingindo ainda áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual – as ciências, a justiça, a medicina, por exemplo. [...] a arte para a cultura visual e da história para a cultura. Nesse contexto, a arte deixa de ter um estatuto privilegiado em relação a outras práticas de significação e de produção de discursos. (2008, p. 131).

⁸ Estudos da cultura visual ou estudos visuais.

De acordo com Knauss (2006), na década de 1990, Margareth Dikovisskaya cunhou o termo “virada cultural” ao considerar a imagem como artefato cultural. Dessa maneira, a imagem passa a ser compreendida na perspectiva da cultura visual, que a compreende

[...] como representação visual, resultado de processos de produção de sentido em contextos culturais. [...] defendem que os sentidos não estão investidos em objetos. Ao contrário, o conceito de cultura visual sustenta o pressuposto de que os significados estão investidos nas relações humanas. (KNAUSS, 2006, p. 114).

O campo específico da cultura visual foi institucionalizado no final do século passado em universidades norte-americanas, como a Universidade de Rochester e a Universidade de Califórnia de Irvine, e também nos seminários que se desdobraram em livros. No século seguinte (XXI), surgiram importantes jornais que auxiliaram a consolidar esse campo de estudo, como o *Journal of Visual Culture* e o *Visual Studie*, assim como a publicação de diversas obras.

Mas a preocupação com o domínio visual já estava presente, conforme Jay (1988), em obras que não eram especificamente consideradas como estudos visuais,

[...] se pensarmos na metáfora filosófica do “espelho da natureza”, de Richard Rorty, ou enfatizarmos a prevalência da “vigilância” com Michael Foucault ou, ainda, expressarmos nosso desgosto com a “sociedade do espetáculo” de Guy Debord, nós nos confrontaremos, repetidamente, com a ubiquidade da visão como o sentido mestre da era moderna. (JAY, 1988, p. 3).

Para compreendermos a cultura visual em um primeiro momento, é preciso distinguir o que vem a ser visão e visualidade. Segundo Foster (1988), a visão está relacionada a aspectos biológicos, e a visualidade refere-se aos aspectos discursivos, históricos e culturais que são aprendidos. A cultura visual se debruça sobre a visualidade. “Trata-se de abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão” (KNAUSS, 2008, p. 107). Gajek (2018) afirma que, por meio da visualidade do corpo do atleta, é possível obter conhecimento a respeito da sociedade:

A visualidade do corpo do atleta também oferece uma gama de padrões interpretativos e interpretações, que podem fornecer

informações sobre a história contemporânea. Quais ideias sociais de realização podem ser detectadas através das imagens do corpo e quais as lutas sociais podem ser discernidas? Quais foram as regras de visibilidade específicas do tempo? Quais os principais debates sociais as imagens exibidas no esporte foram solicitadas? (GAJEK, 2018, p. 183).

Essas reflexões sobre o corpo do atleta foram colocadas por Gajek (2018) a partir da análise das mudanças das visualidades nos Jogos de Munique, em 1972. Esses jogos tornaram-se referência na forma como a televisão transmite um evento olímpico. Naquele momento, “a arquitetura, o caráter cerimonial e o curso das competições esportivas adaptaram-se intensamente às necessidades do meio visual” (GAJEK, 2018, p.181). Desse modo, o uso de inovações tecnológicas, como zoom, cortes e câmera lenta, permitiram novas experiências visuais do corpo do atleta, algo que mudou a forma de o telespectador perceber o esporte em si.

A televisão passou a captar imagens a que os espectadores presentes no estádio não tinham acesso, como expressões do rosto, as contrações musculares e as emoções do público. De baixo d’água, câmeras mostraram detalhes das viradas. Desse modo, o “herói se tornou visível”, para usar uma frase apresentada na reportagem de capa da revista alemã *Der Spiegel*, de agosto de 1972. A partir dessa olimpíada, a televisão trouxe imagens do corpo do atleta antes imperceptíveis, que fascinaram o telespectador (GAJEK, 2018, p. 182). Essa mudança na forma de representar o corpo do atleta não só revela os padrões de um corpo ideal, mas também as práticas sociais e culturais.

No caso específico do trabalho de Gajek (2018), ele analisou a representação do corpo do atleta na televisão, que é diferente na fotografia ou no cinema, como apontou Stauff (2014). Para esse autor, é necessário levar em consideração qual meio visual é utilizado, pois ele transmite aspectos diferentes do corpo e, assim, suscita diferentes interpretações.

Gillian Rose (2007) nos oferece ferramentas para compreendermos melhor as imagens, as quais podem ser utilizadas para analisarmos as imagens no contexto esportivo. Em seu livro intitulado *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*, Rose afirma que percebemos o mundo pelo olhar e por nossas interpretações, motivados por nossas experiências de vida e é através de nossas subjetividades que interpretamos as imagens.

De acordo com Gillian Rose (2007), é fundamental o olhar crítico e reflexivo, ao analisar as imagens. Para isso, a autora propõe alguns critérios para uma abordagem crítica ao analisar uma imagem; assim, deve-se considerar que: a) as imagens refletem diferenças e categorias sociais, que parecem ser naturais, como classe, raça e sexualidade, mas que são construções sociais; b) é preciso considerar todos os tipos de mídia que circunda as imagens, incluindo outros modos de percepção, além do visual, pois elas operam em conjunto com outros tipos de representação; c) é necessário não se limitar à aparência das imagens e, dessa maneira, dar ênfase ao modo como elas são vistas, ou seja, o posicionamento do espectador com relação às imagens; d) questionar o termo “cultura visual” ao tratar de imagens, uma vez que elas estão imersas em uma cultura muito mais abrangente, para além do visual; e) o modo como se percebe uma imagem depende de contextos específicos, portanto as imagens devem ser contextualizadas, já que o contexto social afeta a maneira como elas são vistas. Essa abordagem interpretativa significa que há uma ênfase na interpretação dos aspectos qualitativos.

Rose (2007) também sugere o uso de ferramentas metodológicas para a interpretação das imagens, de modo a estruturar e sistematizar a análise. As ferramentas são: o *lugar da produção*, o *lugar da imagem* e, por último, o *lugar do espectador*, sendo que, em cada lugar, são consideradas três modalidades: a) tecnológica, ou seja, a identificação do aparato técnico utilizado; b) composicional: textura, organização espacial e outros; c) social: aspectos históricos, econômicos e políticos que estão inseridos nas imagens. Somente o lugar do espectador, ou seja, o receptor da imagem, não será investigado, já que o estudo desse lugar não auxilia na busca de respostas para os questionamentos desta pesquisa.

A análise das ferramentas e de suas respectivas modalidades é conduzida por perguntas, tais como: Por quê? Para quem? Quando? Para quê? Perguntas essas colocadas na tentativa de constatar como cada lugar pode contribuir para a compreensão de uma imagem. Além disso, Rose afirma que uma abordagem interpretativa crítica das imagens perpassa por: a) levar a imagem a sério, em especial por sua historicidade; b) pensar sobre as condições sociais e os efeitos dos objetos visuais; c) considerar a forma como o pesquisador analisa a imagem, pois nenhum olhar é neutro e inocente.

Quanto às imagens sociais utilizamos as reflexões de Ribeiro (2011). Essa autora as compreende como um construto estruturado a partir das representações sociais e dos estereótipos. A teoria das representações sociais, por sua vez, é resultado da interseção entre a sociologia e a psicologia, e foi formulada por Serge Moscovici, a partir do conceito de representação coletiva de Durkheim e da influência das ideias de Piaget e Freud. Moscovici investigou, na década de 1950, como um conhecimento especializado, a psicanálise, era compreendido pela sociedade francesa, ou seja, como o senso comum, decorrente da interação entre indivíduo e sociedade, era representado por um grupo (MOSCOVICI, 2003).

Na teoria das representações sociais é dada ênfase ao indivíduo, na medida em que se considera a subjetividade do homem por meio do *status* simbólico da representação e, ao mesmo tempo, destacam-se os aspectos sociais ao reconhecer que as representações são construções sociais (KODATO; DE PAULA, 2016). A representação social permite aos indivíduos interpretar aspectos da realidade para se posicionarem em relação a estes; ela ocupa o lugar do objeto social ao qual se refere e se torna realidade para o sujeito (MOSCOVICI, 2003).

O conceito de representações sociais é dinâmico e foi reformulado por vários estudiosos. Para Wagner (1998), as representações sociais são decorrentes do conhecimento do senso comum e são construídas e compartilhadas no meio social. Nesse sentido,

a representação social é um conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social. (WAGNER, 1998, p. 3).

Wagner (1998) estabeleceu alguns critérios para definir as representações sociais, como: a) o papel da representação para manter o grupo coeso; b) os objetos de representação serem considerados relevantes para os atores sociais em questão; c) a existência da representação social como decorrente de práticas comunicação; d) o comportamento relacionado à representação deve estar inserido no cotidiano do grupo; e) as representações sociais constituírem-se de elementos associados à pertença de grupo.

Para Santos, as representações sociais são compreendidas como “estruturas de conhecimento, símbolos e afetos distribuídos entre as pessoas e os grupos

sociais; é como um processo social que implica comunicação e discurso, onde os significados e objetos sociais são construídos” (2009, p. 1). Elas são estabelecidas por meio de comportamentos, manifestações emocionais e expressões verbais e devem ser consideradas a partir das relações sociais que são estabelecidas.

Santos (2009) analisou as representações sociais construídas por adolescentes a respeito do feminino e do masculino, assim como da violência contra mulheres. Nessa perspectiva, a autora exalta a importância do estudo das representações sociais de gênero, pois, através desse estudo, pode-se dar visibilidade às crenças e aos valores originados a partir de concepções biológicas e definições dos papéis sociais que posicionam de forma desigual as mulheres na sociedade.

Flament (1989 apud SOUBIALE; ROUSSEAU, 1998) ressalta o papel dos saberes nas representações sociais e sustenta que o conhecimento representado não é necessariamente científico e que ele pode ser parcial e distorcido. A principal função do conhecimento, assim, não é ser exato; mas permitir uma melhor comunicação entre os agentes sociais. Isso significa que as representações sociais podem ter como referência conteúdos objetivados ou estereotipados, sendo que esses últimos levam a uma representação reduzida de um determinado grupo social.

Já o conceito de estereótipo foi desenvolvido primeiramente por Lippmann⁹ (2008), que o compreendia como imagens mentais que nos auxiliam a relacionar com o mundo. Ele presume que nossas ações são decorrentes de imagens construídas individualmente e socialmente, e não do conhecimento direto.

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura. (LIPPMANN, 2008, p. 85)

Estudos mais recentes definem os estereótipos como “generalizações sobre grupos – características que são atribuídas a membros de um determinado grupo, sem levar em conta as variações que devem existir entre os membros desse grupo”,

⁹ Lippmann desenvolveu o conceito de estereótipo na primeira edição do livro *Opinião pública*, mas, nesta tese, usamos a edição mais recente de 2008. LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. (primeira edição: 1922. Coleção Clássicos da Comunicação Social.

e que podem ser apreendidos nas relações sociais com o outro e nas representações da mídia (BABAD et al., 1983 apud SEITER, 1986, p.15). Essas generalizações são uma forma da mente lidar com a complexidade dos objetos sociais e, dessa maneira, estabelecer uma ordem (BODENHAUSEN et al., 2011). Para Seiter (1986), os estereótipos não são neutros e, para compreendê-los, há a necessidade de investigar sua natureza ideológica e a forma como são utilizados para legitimar o poder social.

Soubiale e Rousseau (1998) fizeram um estudo muito interessante sobre as representações sociais e os estereótipos do Islã na França. Embora seja uma pesquisa sobre questões raciais, ela serve de referência para refletirmos também acerca das representações sociais de gênero. A pesquisa foi realizada com estudantes do primeiro ano do curso de Psicologia. Primeiramente, foi realizada uma tarefa de associação com a palavra “Islã”. Depois foram fornecidas informações objetivas sobre o Islã, a fim de mudar os estereótipos dos muçulmanos. A pesquisa constatou que houve redução dos estereótipos para aqueles que tinham conhecimento prévio do Islã, e a percepção era mais descritiva do que avaliativa. Esse resultado confirma que o estereótipo não é o excesso de informação, como muitos estudiosos compreendiam, mas a falta de informação, pois aqueles que tinham informações limitadas sobre o Islã tendiam a ter representações negativas a seu respeito. Isso significa que um maior conhecimento sobre determinado objeto social pode levar a representações mais reais.

Trazer essa reflexão para o contexto da natação implicaria novas formas de perceber a nadadora olímpica, por exemplo, para além de feminina, branca e magra. Esta tese pretende mais do que descrever os estereótipos¹⁰ da nadadora olímpica: ela visa apresentar os aspectos históricos e sociais de sua origem (ou seja, pretende observar como funciona e como são formados os estereótipos) e busca analisar como esses aspectos são representados visualmente.

1.1.1. Da fotografia

Nas últimas décadas houve um aumento significativo do número de trabalhos que utilizam fontes visuais em diferentes áreas do conhecimento, como a

¹⁰ Essa reflexão está presente em toda a tese, entretanto o Capítulo III a aborda de forma mais objetiva.

antropologia, o cinema, a sociologia, a história e a história da arte (HUGGINS, 2015). Esse aumento reverbera a importância das imagens no cotidiano, assim como destaca o aumento de referências bibliográficas que abordam análises de métodos visuais, como o de Rose (2007).

Entretanto, são poucos os estudos esportivos que fazem uma abordagem visual. Na verdade, quando essa abordagem é utilizada, na maioria das vezes, é apenas como ilustração ao texto (GUTTMANN, 2008). Além disso, as representações na cultura visual, do corpo, das questões de gênero e da moda esportiva ainda não foram totalmente evidenciadas (HUGGINS, 2015).

Essa interseção entre cultura visual e esporte é relativamente recente. A nova base teórica que surgiu com os cursos de estudos visuais nas universidades, associada à virada visual, direcionou a atenção para diferentes tipos de imagens, sendo as do âmbito esportivo uma delas. O historiador esportivo Douglas Booth argumenta que:

[...] uma compreensão do esporte, no qual a corporeidade e movimento estão presente de forma complexa e emaranhada, seria quase impossível sem o testemunho de imagens que aparecem em numerosas mídias, como pinturas, litografias, pôsteres, moedas e medalhas, artes cerâmicas, esculturas de pedra e metal, fotografias e filmes. (BOOTH, 2006, p. 98).

Estamos vivendo um momento em que o visual se destaca, sendo que cada vez mais nossas experiências com o esporte são por meio de imagens televisivas, digitais ou fotografias, e cada vez menos por meio da leitura de livros ou de visitas a museu. O esporte, atualmente, é um espetáculo, no qual se destaca a riqueza de imagens, carregadas de valores do campo esportivo, conforme o período e o lugar. E como uma mão dupla, interfere e, ao mesmo tempo, reflete no ambiente social e cultural. Martin Johnes, presidente da Sociedade Britânica de História do Esporte, afirmou que o esporte tornou-se “parte da paisagem e, através de representações na imprensa, nos noticiários e na televisão e no rádio, tornou-se quase inescapável” (HUGGINS, 2008, p. 312).

Os estudiosos que analisaram o esporte dentro da perspectiva da cultura visual destacaram a importância das imagens enquanto documentos primários que podem fornecer informações a respeito das práticas sociais, políticas e culturais (HUGGINS, 2008). A maioria desses estudos investiga o papel das imagens na

construção de sentidos no esporte, como, por exemplo, para reafirmar o sexismo, o racismo e a objetivação da atleta.

A pesquisa de Hughson (2010) é um exemplo do uso da análise visual de artefatos materiais no campo esportivo. Ele explorou o legado cultural dos pôsteres olímpicos produzidos em cem anos de jogos. Esse estudo foi inspirado em uma exposição realizada no Museum of Childhood, em 2008, em Londres. Para o autor, os pôsteres tinham uma conotação estética¹¹, ao apresentar imagens memoráveis, assim como representavam determinadas ideologias e princípios nacionalistas. Outro exemplo é o estudo de Fine (2011) que analisou as fotogravuras dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, e identificou a relação dessas imagens com os ideais de gênero e a construção da identidade de mulheres atletas.

Osmond (2010) analisou a fotografia (Figura 1) do pódio dos 200 metros rasos do atletismo nas Olimpíadas do México (1968), no qual os atletas negros americanos Tommie Smith e John Carlos fazem uma saudação de protesto contra o racismo. Ele destacou como o terceiro atleta, o australiano Peter Norman, que não saúda, foi representado nessa icônica fotografia.

Para o sociólogo Hartmann (2003, p. 8), essa é uma fotografia que não precisa de “comentário crítico ou explicação, como se o seu significado fosse totalmente autossuficiente ou autoevidente”. Essa fotografia foi estampada em camisetas, livros, objetos de arte e outros. E devido a esse amplo uso, a imagem conquistou “proeminência e poder como um objeto de significado e memória coletiva” (HARTMANN, 2003, p. 8).

¹¹ O pôster para os Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912 foi projetado por um membro da Academia Real Sueca, Olle Hjortzberg, que considerava o pôster uma forma de expressão artística. O pôster de Hjortzberg foi considerado indecente por mostrar o corpo nu masculino (um ideal clássico, símbolo da perfeição atlética). Ressalta-se que na primeira versão o corpo masculino estava totalmente exposto e, na segunda, as genitálias foram cobertas com uma flâmula.



Figura 1: "A atitude política dos atletas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos gerou mal-estar nos Jogos de 1968| Foto: Reprodução / Infoplease.com"¹²

Osmond (2010, p. 122) investigou como essas diversas aparições da fotografia do pódio de 1968 contribuem para a construção de significados, com ênfase em Norman, como o “homem que está desaparecendo, aquele que é tão importante para ser excluído da cena quanto é para ser incluído”, ou seja, há momentos de visibilidade e de exclusão, como na recente estátua em San José State University California, que recria a cena, mas exclui Norman.

A pesquisa de Oliveira et al. (2012) analisou as representações do corpo olímpico nas Olimpíadas de Pequim, 2008, veiculadas pelo site Terra. Foram analisadas 391 fotografias, e os pesquisadores evidenciaram uma maior representação dos vencedores quando comparados aos vencidos, assim como a prevalência do arquétipo do atleta olímpico, como fenômeno, mito, campeão, forte, saudável, belo e bem-sucedido.

As pesquisas de Hughson (2010), Fine (2011), Osmond (2010) e Oliveira et al. (2012) são exemplos do uso de imagens em estudos esportivos. Entretanto, a

¹² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/2008/jogos-olimpicos-cidade-do-mexico-1968-b3vawskiqpzzxrn5phvj3cjl/Disponivel>: 7 de junh.2018.

fotografia ainda é pouco utilizada em pesquisas científicas devido a quatro aspectos: 1) a primazia das fontes escritas; 2) desconfianças quanto à confiabilidade e à precisão; 3) falta de habilitação dos profissionais para o seu uso; e problemas relacionados à qualidade, aos custos e aos direitos autorais (OSMOND, 2010). Contudo, embora a fotografia tenha determinados limites, é inquestionável o seu lugar na história do esporte. Ela, de fato, pode fornecer informações importantes sobre o contexto esportivo, as roupas e os aspectos relacionados à classe social (BALE, 1998).

Osmond (2010) sugere alguns elementos a serem considerados ao investigar a construção dos diferentes significados da fotografia, como: 1) o *contexto fotográfico*: o autor analisou a fotografia da cerimônia de premiação nas Olimpíadas de 1968 e identificou que a representação do atleta australiano Peter Norman foi diferente em diversos jornais americanos, assim como se distinguiu dos jornais australianos, evidenciando que o campo social influencia na leitura de uma fotografia. Nesse sentido, Batchen (1997) argumenta que a fotografia tem uma identidade dinâmica, não sendo fixa a um elemento intrínseco da fotografia. Assim como seu significado depende do contexto cultural, uma fotografia, por exemplo, pode ter interpretações diferentes conforme o ambiente social; 2) *não neutralidade do seu conteúdo*, ou seja, a fotografia é um processo social que carrega significados ideológicos; e *legendas*: as legendas, conforme Bale, fazem parte do “roteiro interpretativo, servem para orientar o leitor ou sugerir um dos vários significados possíveis” (BALE, 2006, p. 106). Além das legendas, o posicionamento e o texto auxiliam no processo de construção dos significados. Osmond (2010) sugere também inserir investigações sobre a afetividade evocada pela fotografia, destacando quais emoções e comportamentos ela suscitou.

É necessário pontuar que o significado da fotografia não é inerente a ela; o que lhe atribui significado são os contextos nos quais ela está inserida (TAGG, 1998) e os agentes sociais envolvidos em sua produção. A fotografia do esporte, por exemplo, “é resultado de um compromisso entre as necessidades editoriais, considerações estéticas, arcabouço que envolve as organizações esportivas e os interesses de patrocinadores” (LIEN, 2002, p. 202).

Isso significa que a fotografia não é neutra; ela retrata, ressignifica e recontextualiza a ação social do olhar, mas esses mecanismos ficam difíceis de ser percebidos pelo espectador, pois, desde os seus primórdios, a fotografia é utilizada como uma “espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, atestando indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 1994, p. 25). Por essa razão, a fotografia passou a ter autoridade de documento: “como um gênero de fotografia, a fotografia esportiva compartilha dessa verossimilhança.” (DUNCAN, 1990, p. 23).

Quando um leitor visualiza uma fotografia no meio jornalístico, dentre elas as referentes ao esporte, supõe-se que ele já possui um conhecimento necessário para interpretá-la, relacionando-a a outras fotografias (ZANCHETTA, 2004). Entretanto, a atribuição de significados a imagens é limitada àqueles indivíduos que alcançam a memória discursiva. E esse processo é dificultado, pois os sentidos do texto são os legitimados pela classe dominante e, quando se trata do discurso não verbal, como o da fotografia, isso se intensifica, pois a “ilusão de prova irrefutável da realidade dificulta os gestos interpretativos do leitor” (ROMÃ; SILVA, 2008). Por isso, é difícil para o leitor perceber que determinadas fotografias de atletas podem estar reafirmando os estereótipos de gênero e de raça e podem ser um veículo divulgador de ideologias de como deve ser o corpo do atleta.

A fotografia no meio esportivo também pode ser usada como ferramenta pedagógica, para uma melhor compreensão dos movimentos dos atletas por parte dos treinadores e atletas ou pode ser usada como uma forma de julgar a performance de atletas, como o *photo finish*, uma tecnologia usada para identificar a colocação final dos atletas em uma corrida. É importante destacar que, independentemente da natureza da fotografia, seja comercial, jurídica ou pedagógica, elas fazem parte da cultura visual e estão relacionadas a perspectivas de classe, raça, nação e gênero e estão emaranhadas no contexto social e econômico (FIN, 2014).

Portanto, o estudo de uma imagem esportiva, por exemplo, pode destacar características relacionadas à idade, ao sexo, à raça e à aparência dos indivíduos, elementos que nos permitem compreender o significado cultural e as configurações sociais do contexto da imagem (HUGGINS, 2015). Dessa maneira, a aproximação

entre cultura visual e esporte é uma forma de analisar a historiografia do esporte e suas relações sociais e culturais.

1.1.2. Imagens das mulheres no esporte

O objetivo desta seção é apresentar as imagens sociais¹³ das mulheres no contexto esportivo, entre os séculos XIX e XX, e os resquícios dessas imagens na sociedade atual, para compreendermos as imagens das nadadoras olímpicas, no século XXI.

No final do século XIX, o esporte foi colocado na sociedade como um reduto “natural dos homens”. A revista *Lippincott's Magazine*, em 1868, afirmou que as grandes escolas e as universidades da Inglaterra desenvolviam “[...] um treinamento para a verdadeira masculinidade, um tom de honra e liberalidade [...] e um físico excelente produzia um tipo de virilidade.” (PARK, 2007, p. 9). Dessa maneira, o esporte herdou as identidades tradicionais e os privilégios masculinos, sendo uma importante forma de legitimação da masculinidade (MESSNER, 1987).

Thomas Hughes, autor do romance *Schooldays*, foi um dos maiores defensores dos ideais vitorianos¹⁴. Hughes, que era da elite inglesa e um esportista, “considerava os esportes ativos um meio incomparável de promover a masculinidade e acreditava que o críquete e o futebol eram indispensáveis no desenvolvimento de um caráter moral correto” (MALLEA, 1975, p.186). Outro grande divulgador dos ideais vitorianos foi o reverendo e romancista Charles Kingsley, considerado o precursor do movimento “cristianismo muscular”. Em seus romances, ele propunha um ideal de masculinidade no qual os exercícios físicos eram concebidos como próprios da natureza do homem.

Os ideais de masculinidade também foram definidos em grande parte pelos americanos, no final do século XIX e início do século XX. Lloyd Bryce, em um artigo publicado em 1879, defende as atividades físicas para os homens, tanto para aqueles formados para liderar a sociedade, quanto para a classe trabalhadora. Aos primeiros, era uma forma de desenvolver liderança, determinação, coragem e

¹³ Compreendidas como as representações sociais e os estereótipos (RIBEIRO, 2005).

¹⁴ Os esportes passaram a representar uma versão vitoriana da masculinidade, baseada na superioridade física, competitividade, coragem e senso de *fair play*. Por outro lado, a mulher era relacionada à passividade, dependência e fragilidade. (MALLEA, 1975).

virilidade; e aos segundos, seria uma maneira de obter o autocontrole, característica necessária para se trabalhar na indústria (PARK, 2007).

Já as mulheres eram destinadas à vida privada e deveriam ser discretas, sutis e estarem modestamente vestidas. Estes ideais vitorianos restringiam as atividades físicas¹⁵ femininas aos exercícios calistênicos¹⁶ e recreativos (PARK, 2007). Antes de 1870, as atividades físicas para as mulheres não eram de natureza esportiva, pois o esporte era compreendido como uma ameaça à fertilidade das mulheres (GERBER et al., 1974). E quando este foi permitido limitou-se a apenas algumas modalidades como tênis, *croquet*, arco e flecha, e banhos em praias e lagos, (MORRIS, 2016), por serem praticados com trajes considerados femininos e por prevalecerem os ideais de beleza, a aversão à agressividade e à competitividade (CAHN, 1994).

Essa restrição ao esforço físico das mulheres, no entanto, não era para todas; era limitada à elite. Mulheres trabalhadoras tinham que suportar jornadas extensas e exaustivas de trabalho nas fábricas. A resistência física era um aspecto necessário para as trabalhadoras e se distinguia do tipo de resistência exigido no esporte. Portanto, a identidade da trabalhadora se diferenciava da identidade esportiva, o que tornavam improcedentes os ideais que afirmavam que as mulheres naturalmente (isto é, de modo inato) não podiam suportar dor e ferimentos. Além disso, o esforço físico era exigido nas tarefas diárias, de limpar a casa, cuidar das crianças e dos animais, cortar madeira e pegar água, sendo que, contraditoriamente, esses trabalhos “atléticos” não refutavam a feminilidade. E, segundo, não eram negados à mulher os esforços para dar à luz: “foi a performance atlética pública de mulheres e meninas que foi condenada como indecente, egoísta e busca de atenção, trindade de comportamentos de menina malvada.” (MORRIS, 2016, n.p.).

Entretanto, no final do século XIX e início do século XX, ocorreram mudanças sociais¹⁷ que possibilitaram o surgimento de novas formas de relação de gênero no

¹⁵ A maior parte da literatura de aconselhamento foi semelhante à oferecida por Margaret Coxe em *Young Lady's Companion* (1842): as mulheres precisavam praticar exercícios, pois era seu dever cristão elevar-se física e moralmente. (PARK, 2007, p. 10).

¹⁶ Exercícios em que usamos como principal recurso o próprio corpo.

¹⁷ Essas mudanças sociais começaram, na verdade, no século XVIII, com o processo de industrialização, urbanização, avanços científicos e outros, que, no entanto, interferiram pouco no papel social que a mulher desempenhava, o qual limitava-se no geral à esfera privada, ou seja, ao lar. (BONAFÉ, 2001). No final do século XIX e início do século XX surgiu o movimento feminista, na

esporte. Nos Estados Unidos¹⁸, por exemplo, na década de 90 do século XIX, os intelectuais questionaram os ideais vitorianos sobre a mulher. E uma das consequências desse processo foi a inserção das mulheres no esporte, mesmo que de forma limitada. As mulheres podiam participar de algumas modalidades, desde que não fossem tão competitivas e agressivas como a versão masculina, a exemplo do hóquei. Entretanto elas não podiam usar toda a extensão do campo, somente a metade (PARK, 2007).

Na Grã-Bretanha também surgiram os ideais de uma “nova mulher”, como uma forma de contraposição à mulher vitoriana. “A antítese da ‘dama perfeita’, a Nova Mulher mudou-se para o centro do debate público nos anos finais do século XIX” (PARRATT, 1989, p. 142) e desafiou convenções e instituições, ao construir novas possibilidades para o público feminino, além de casar e ter filhos. Isso permitiu o surgimento de novas formas de conceituar a feminilidade, sendo o corpo um dos elementos centrais desse novo conceito (PARRATT, 1989, p. 142). No entanto, no esporte feminino em geral, para que houvesse aceitação social, ainda evitava-se a exibição corporal e grandes esforços físicos, e prevalecia, passividade e também a subordinação (HARGREAVES, 1981apud PARRATT, 1989).

Esse cenário de desafios às premissas vitorianas sobre feminilidade permitiu a “primeira onda de feminismo atlético” (TWIN, 1979 apud MESSNER, 1988). Associada às mudanças no mundo do trabalho, à urbanização e à expansão da atuação da mulher em espaços antes masculinos, essa onda teve como consequência o receio por parte dos homens de uma feminilização social, instaurando, dessa maneira, a “primeira crise da masculinidade” (início do século XX até 1920). Nesse contexto, o esporte insere-se como uma “experiência primária de validação de masculinidade” (DUBBERT, 1979, p. 164).

tentativa de romper com os ideais das mulheres vitorianas e de ampliar as conquistas sociais das mulheres, que levou à construção de “uma nova mulher independente com educação superior e economicamente autônoma que recusou o culto à verdadeira feminilidade” (MINTEGUI, 1996, p. 96). Nos Estados Unidos, por exemplo, várias leis foram criadas garantindo direitos às mulheres, como a Emenda à Lei de Causas Matrimoniais, que garantiu a separação das mulheres com base na crueldade e reivindicou a custódia de seus filhos (ANDERSON; ZINSSER, 2000). Esse foi um período de reivindicações pelo direito ao estudo, ao voto, ao trabalho e à prática esportiva. (BONAFÉ, 2001)

¹⁸ As mudanças no vestiário feminino, a possibilidade de exercer profissões *a priori* masculinas, como direito e medicina, e o desejo de realizar novas práticas corporais foram questões importantes para as mulheres no período pré-guerra civil. (PARK, 2007).

Na década de 1920, os ideais vitorianos encontravam-se exíguos, o que levou a um efeito ambíguo sobre o uso do corpo das mulheres por meio de sua comercialização. Por um lado, a comercialização do corpo feminino era um indicativo de submissão social, mas, por outro, levou à promoção da prática esportiva feminina, na medida em que a indústria induzia as mulheres a essa prática para expandir o consumo de acessórios esportivos (TWIM, 1979, apud MESSNER, 1988).

Naquele período, as mulheres tiveram que lutar contra concepções contraditórias, como a defendida pelo doutor Martyn Westcott que, embora tenha elogiado a bravura e a força de Madame Walburgburg quando ela atravessou o Canal da Mancha, afirmou que “há melhores usos na vida para a resistência de uma mulher do que tentar quebrar o recorde de natação no Canal da Mancha”. (PARRATT, 1989, p. 150). Cabe destacar que a comunidade médica indicava a prática esportiva por razões exclusivamente eugenistas, ou seja, visando à saúde das futuras mães, para gerarem filhos saudáveis (BONAFÉ, 2001).

A natação foi um dos esportes que mais se destacaram nesse processo de resistência, em especial porque havia uma grande preocupação com a exposição corporal, o que levou a uma segregação sexista até 1920. Mas muitas nadadoras insistiam em mostrar suas habilidades em águas abertas e, embora não tivesse consenso, os trajes aos poucos foram considerados apropriados, ou seja, destituídos de conotação erótica ou provocativa (PARRATT, 1989).

Ainda que no final do século XIX já houvesse avanços com relação à participação das mulheres nos esportes, em 1896, em Atenas, quando teve a primeira edição dos jogos olímpicos da era moderna, não houve participação feminina. O Barão Pierre de Coubertin, fundador dos jogos, se opôs à presença das mulheres, pois pretendia reproduzir os ideais dos jogos realizados na Grécia Antiga, em que as mulheres eram proibidas de participar (SHEWCHUK, 2015). Para Coubertin,

a glória de uma mulher era percebida através do número e da qualidade das crianças que ela produziu e que, no que diz respeito aos esportes, sua maior realização era encorajar seus filhos a se superarem em vez de procurar registros para si mesma. (COHEN, 1993, p. 183).

Coubertin também se opôs à participação das mulheres como espectadoras e afirmava que, ao competirem, elas estariam destruindo o “charme feminino” (WOODWARD, 2012, p. 29). Provavelmente essa resistência de Coubertin às mulheres atletas se deva, em parte, ao movimento incipiente de emancipação das mulheres na França, quando comparado ao resto da Europa (SHEWCHUK, 2015) e, por outro lado, à forte influência dos ideais vitorianos no país (HARTNOLL, 1998).

A grega Stamata Revithi até tentou se inscrever na maratona dos jogos de Atenas em 1896, mas foi impedida e, por isso, correu informalmente do lado de fora do estádio, completando a prova em 5 horas e 30 minutos. Ressalta-se que, na competição oficial, havia dezoito homens inscritos, mas somente nove terminaram a prova (MARTIN; GYNN, 2000). Nos jogos de Paris, em 1900, as mulheres participaram apenas de duas modalidades, o golfe e o tênis, consideradas adequadas por não terem contado físico. Mas elas foram premiadas apenas com diplomas; já os homens, com medalhas (RUBIO; SIMÕES, 1999). Nas Olimpíadas de 1912, em Estocolmo, diante da possibilidade da realização de uma olimpíada feminina, o barão de Coubertin afirmou que uma

Olimpíada feminina seria inconveniente, desinteressante, não estética e não correta. O verdadeiro herói olímpico é, na minha opinião, o adulto masculino. Jogos Olímpicos têm que ser restritos aos homens, o papel das mulheres deve ser o de coroar os vencedores. (FEREZ, 2012, p. 273).

No final do século XIX e início do século XX surgiram instituições esportistas femininas informais que buscavam o reconhecimento e a ampliação da participação das mulheres no esporte, e muitos clubes masculinos permitiram a presença feminina em várias atividades, embora fosse separada dos homens e sem o status devido (GERBER et al., 1974). Portanto, além de se tornarem atletas, as mulheres organizaram suas próprias instituições esportivas. Conforme Miragaya, “foi através da criação de suas próprias associações e clubes que as mulheres puderam demonstrar suas habilidades e conquistas sem ser apenas uma atração de segunda linha em reuniões principalmente para homens.” (MIRAGAYA, 2002, p. 113).

Parecia que era necessário esse movimento sexista para as mulheres conquistarem seu próprio espaço e ampliar a participação nos esportes em geral e, em especial, nos jogos olímpicos, pois até aproximadamente 1940 havia resistência

por parte dos homens quanto à participação feminina no contexto esportivo, por sentirem seu “poder físico ameaçado” (MIRAGAYA, 2002, p. 113).

Na década de 1940, apesar do aumento das mulheres no âmbito esportivo, ainda era necessário justificar para a sociedade que o esporte não interferia nos papéis sociais de mãe e esposa. Por isso, a maioria das atletas abandonava o esporte, ao casarem ou ao terem o primeiro filho (BONAFÉ, 2001). É a partir desse período até os dias de hoje que se instaurou a “segunda crise de masculinidade” (1940 até os dias de hoje). Após a I Guerra Mundial, houve crescente diminuição da força física no mundo do trabalho, aumento do desemprego estrutural e inserção cada vez maior das mulheres na esfera pública (EHRENREICH, 1983, apud Messner, 1988). Nesse cenário, o corpo masculino, enquanto símbolo de força e poder, tornou-se elemento de destaque na sociedade (MISHKIND et al., 1986); um exemplo disso é a representação simbólica do futebol americano, como espaço de manifestação de força e agressividade masculina, e o papel de líderes de torcidas às mulheres. Nessa perspectiva, Oriard argumenta que “o futebol não cria um mito para todos os americanos; isso exclui as mulheres de muitas maneiras altamente significativas” (1981, p. 34).

Foi nesse período, entre os anos de 1940, que se intensificou o discurso que associava a prática esportiva às mulheres masculinizadas e pouco sedutoras. O ponto culminante desse discurso foi na década de 1950, quando esses receios iniciais se transformaram em apreensão à existência de lesbianismo (CAHN, 1994).

A revista *Sports Illustrated* (1954) indagou a várias personalidades qual a opinião sobre a relação entre esporte competitivo e feminilidade. A atriz italiana Gina Lollobrigida declarou que algum nível de atividade física é necessário para a saúde, mas o excesso de músculos não ficava bem em um vestido e, Louis Pieri, técnico de basquete e hóquei no gelo, assegurou, por sua vez, que a “feminilidade floresce com a proteção masculina” (MATELSKI, 2011, p. 115).

A fim de minimizar essa percepção negativa, de que o esporte estava associado à masculinização das mulheres, a mídia passou a destacar as atletas não por suas habilidades esportivas, mas por sua beleza. Quando a revista *Sports Illustrated* (década de 1950) se referia às mulheres atletas, era sempre mencionando adjetivos como “bonita” e “atrevida”, diminuindo, dessa maneira, suas habilidades.

Poucas mulheres foram destacadas especificamente por seu êxito no âmbito esportivo, sem deixar de ter referenciadas determinadas qualidades que reforçassem a beleza e a feminilidade. Outro exemplo disso foi a matéria na revista *Life* com a nadadora Jeanne Wilson, definida como a mais rápida e bonita dos Estados Unidos (MATELSKI, 2011).

Na década de 1970, ocorreu a “segunda onda do feminismo atlético”, a qual se estende até os dias atuais. Ela iniciou exatamente em um período em que o corpo atlético masculino passava a ter uma importância acentuada (TWIN, 1979, MESSNER, 1988). Nessa década, com o movimento feminista, as mulheres obtiveram muitas conquistas sociais e passaram a ocupar espaços tradicionalmente masculinos – e o esporte foi um deles. E embora a igualdade não tenha sido alcançada, houve ganhos significativos (MESSNER, 1988). Nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres tiveram conquistas legais como o “Título IX” (1972), uma lei federal que proibia a discriminação sexual em programas de educação financiados pelo governo federal (BRAKE, 2010). É preciso destacar que “as mulheres atletas não estavam alinhadas com o movimento feminista, e a igualdade nos esportes não era um imperativo programático desse movimento” (ELKINS, 1978, p. 24), embora o Título IX seja considerado resultado do impacto do movimento feminista.

Nessa segunda onda¹⁹ do feminismo atlético, as mulheres buscavam o controle de seus próprios corpos e a igualdade de oportunidades para as mulheres no esporte, diferente da primeira onda em que buscavam a inserção feminina no contexto esportivo. Conforme Brake, “a exclusão total das mulheres do esporte deu lugar a uma estrutura que dá às mulheres uma parcela substancial das oportunidades esportivas, mas em menor escala e em termos diferentes dos homens” (2007, p. 534).

Embora a participação das mulheres no esporte não tenha conquistado o mesmo status social e econômico quando comparado aos esportes masculinos, ela permitiu uma mudança na compreensão das relações de gênero. Mesmo que as mulheres não pensassem nessa condição, o fato de praticarem esportes perturba as formas hegemônicas de masculinidade e de feminilidade, pois, fortes, elas rompem

¹⁹ A terceira e última onda do feminismo não influenciou uma terceira onda do feminismo atlético especificamente, mas, como afirmam Scraton e Flintoff (2013), mudou a forma de pesquisar o esporte feminino, que até então era focado na mulher e passou a centralizar o gênero.

com o paradigma de que os corpos femininos são “naturalmente” fracos. Com isso, “as atletas participam de uma agenda feminista, mesmo que não adotem o rótulo”. (BRAKE, 2010, p. 8).

Por outro lado, o esporte, mesmo sendo considerado um espaço de transformação nas relações de gênero, ainda é um local onde perdura a lacuna entre homens e mulheres. Willis (1982, apud Messner, 1988) destaca que o mais importante não é como essa lacuna é criada, ampliada ou limitada, mas é “a maneira em que essa lacuna é compreendida e levada para a consciência popular de nossa sociedade” (WILLIS, 1982, apud MESSNER, 1988, p.198), ou seja, quais estratégias são usadas para manter a hegemonia masculina no esporte.

Há quatro questões que se destacam para refletir a respeito dessa lacuna. A primeira questão é a justificativa a respeito das diferenças entre homens e mulheres no esporte pela casualidade biológica. Essa tese postula que os homens são determinados biologicamente a certos comportamentos, como agressividade e competitividade. Por outro lado, as mulheres seriam determinadas a serem mais cooperativas e dependentes. Essa visão, no entanto, não considera o fato de que o sexo biológico é responsável por apenas 5% das diferenças entre meninos e meninas que querem competir; isso significa que 95% das diferenças são definidas por outros aspectos, como os sociais, culturais e históricos (ROSS, 2008).

Portanto, as diferenças entre homens e mulheres, no esporte, quando baseadas no sexo, reforçam os estereótipos sociais de gênero. Além disso, consideram que não há diferenças entre homens, nem entre as mulheres, o que significa que todos os homens são iguais e todas as mulheres são iguais (ROSS, 2008).

A segunda questão é compreender que o esporte é um espaço de reprodução e preservação das relações de gênero, que normalmente privilegia os homens (BIRRELL; THEBERGE, 1989). O esporte é um campo privilegiado para demonstrar o físico masculino, algo que na sociedade ocidental representa poder, enquanto que o físico feminino representa fragilidade e subserviência (KANE; GREENDORFER, 1994). Essa supremacia masculina presente no esporte não se limita a questões biológicas: em muitos casos, a supremacia física se manifesta também como supremacia social (KANE; SNYDER, 1989). Nesse sentido,

O esporte reproduz a ideologia da supremacia masculina porque age como uma lembrança constante e glorificada de que os seres homens são biologicamente e, portanto, inerentemente superiores às fêmeas. Por fim, essa supremacia física, biológica, natural dos homens no esporte se traduz na supremacia “natural” dos homens na ordem social maior. (KANE; SNYDER, 1989, p. 77).

A terceira questão está diretamente relacionada à segunda, pois é uma forma de legitimar o poder masculino. Essa questão refere-se à ambivalência²⁰ da imagem da atleta que, ao mesmo tempo, deve ser forte, agressiva e feminina. Essa imagem da mulher feminina vai além de um significado estético; ela legitima relações de poder díspares entre homens e mulheres (BROWNMILLER, 1984 apud MESSNER, 1988). Quando as mulheres se esforçam para serem femininas e percebidas como diferentes dos homens, elas reproduzem imagens tradicionais que reforçam o poder masculino; e, por outro lado, elas naturalizam a fraqueza e a submissão feminina. Certamente, uma mulher musculosa está em desacordo com os ideais tradicionais de passividade e fraqueza relacionadas à mulher (MESSNER, 1988).

E, por último, a quarta questão está associada à supremacia masculina, ancorada na forma como o atletismo é construído. Há uma valorização das características masculinas, como força e velocidade, e uma subvalorização dos esportes que exigem graça e beleza. Isso significa que, se a forma atlética superior fosse graça e beleza, as mulheres seriam consideradas igualmente superiores. “Mas o fato é que os principais esportes (especialmente os esportes que envolvem muito ‘dinheiro’) são definidos em grande medida de acordo com as possibilidades mais extremas do corpo masculino.” (MESSNER, 1988, p. 206).

Todas essas questões levaram ao binarismo entre esportes femininos e masculinos. De acordo com Koivula (1995), os esportes rotulados como femininos eram caracterizados como belos e graciosos; e os masculinos, como aqueles que enfatizavam perigo, risco e violência, força, resistência e masculinidade. Dessa maneira, haveria esportes apropriados de acordo com o gênero. Kane (1988, p. 23) identificou que estudantes do ensino médio atribuíram maior status social a mulheres que praticam esportes “apropriados”, quando comparado às que não praticam. Para a autora, “as avaliações sociais feitas sobre a participação de

²⁰ No subcapítulo “a dupla identidade” essa ambivalência será analisada no contexto específico da natação.

mulheres no esporte dentro dos sistemas de ensino médio permanecem influenciadas pelas crenças tradicionais sobre o comportamento feminino.” (KANE, 1988, p. 23).

Consistentes com essas pesquisas, Holland e Andre (1994) verificaram que as mulheres que praticam esportes apropriados ao gênero são consideradas mais atraentes pelos homens, quando comparadas àquelas que praticam esportes ditos “impróprios”. Para Krane et al. (2004), o esporte está estruturado em conceitos dualistas de gênero, que limitam a participação das mulheres.

Kane e Snyder (1989) argumentam, nesse sentido, que a contenção das mulheres na participação do esporte pode ser compreendida por meio dessa classificação dos esportes, a qual orienta e encoraja as mulheres à prática de modalidades consideradas femininas. Assim, ao tentarem praticar esportes considerados masculinos, elas são, então, estigmatizadas. Os autores usaram a tipologia do esporte sistematizada por Metheny (1965 apud Chalabaev et al., 2013), na qual classifica os esportes como masculino e feminino, a partir de determinadas características, como a exigência da força, a agressividade, a beleza e a flexibilidade. Kane e Snyder (1989) pesquisaram 145 universitários, a fim de verificar se tal tipagem ainda pode ser aplicada nos dias atuais. Os resultados revelaram que a tipagem ainda é muito utilizada. O problema é que essa categorização permite que as mulheres experimentem seus corpos somente de maneira graciosa, mas não permite experiências relacionadas à força, ao poder e à agressão, aspectos presentes em esportes considerados “inapropriados”.

Podemos observar que as imagens de masculinidade e feminilidade se transformam e se desenvolvem historicamente dentro das sociedades. A primeira onda do feminismo atlético desafia as limitações vitorianas quanto à prática esportiva feminina. Na segunda onda, que se estende até os dias atuais, as mulheres lutam para controlar seus próprios corpos dentro da sociedade do consumo e em um contexto no qual os homens buscam preservar seu poder (MESSNER, 1988).

As lacunas entre os esportes feminino e masculino evidenciam que, no século XXI, as mulheres ainda ocupam uma posição subordinada no contexto esportivo, mantendo a premissa de que determinados esportes são mais apropriados aos

homens. Ainda hoje temos vestígios das imagens vitorianas do feminino no esporte e das preocupações quanto à feminilidade da mulher esportista na década de 1940-50, assim como as mulheres ainda desafiam ideais sexistas e restritivos relacionados à aparência física, embora tenha crescido o número de mulheres esportivas e tenham sido ampliadas as modalidades que elas praticam (WILDE, 2007).

1.1.3. A mídia e a construção das imagens do corpo da atleta

Em 1936, o jornalista esportivo Paul Gallico afirmou que o esporte feminino “é um negócio para senhora se parecer bonita e quase não há esportes em que ela parece capaz de fazê-lo.” (OTTAWAY, 2016, p. n). Em 2006, o comentarista esportivo da HBO, Bill Simmons, declarou que “a grande maioria das jogadoras da WNBA²¹ não tem atrativo sexual [...]. Os uniformes largos não ajudam” (OTTAWAY, 2016, p. n).

Da mesma maneira que Simmons, Andy Benoit, comentarista da revista *Sport Illustrated*, fez comentários sexistas a respeito do esporte feminino. Para ele, “os esportes femininos, em geral, não valem a pena assistir.” Conforme Cheryl Cooky, professora associada de estudos americanos da Universidade de Purdue, embora esse tipo de comentário tenha diminuído ao longo do tempo, o sexismo ainda se manifesta de forma sutil, em comentários sobre a aparência da atleta, comportamentos e seu papel enquanto mãe e esposa (OTTAWAY, 2016, p.n.).

Kane e Maxwell (2011) ressaltam que a mídia influencia consideravelmente na construção de representações de como a sociedade percebe o esporte feminino. A mídia, ao cobrir o esporte feminino, destaca mais as características pessoais e físicas das atletas do que a performance atlética (DADDARIO, 1994), o que reforça os estereótipos de gênero, os quais sugerem que a mulher está associada à cooperatividade, à graça e à ternura; e os homens, à força, à competitividade e à agressão (HARGREAVES, 1986).

Nessa mesma direção, Kim et al. (2006) afirmam que as narrativas da mídia comercializam e reforçam “estereótipos tradicionais de gênero”, assim como

²¹ *Women's National Basketball Association*.

preservam a masculinidade hegemônica no esporte e o poder dos homens nesse setor da sociedade. De acordo com Nelson (1996), ainda que tenha aumentado a cobertura das mulheres esportistas pela mídia, a mulher ainda é representada como boba e sexy. Nelson (1998) escreveu sobre a condição da mulher atleta em um artigo na revista *Self*, intitulado "I won. I'm sorry", no qual apresenta as contradições na forma desigual como homens e mulheres são tratados no esporte de alto nível. Ela explica que, diante de uma vitória, cabe ao homem ser dominador e agressivo em relação a seu oponente; e da mulher, nessa mesma situação, espera-se que seja educada, graciosa e feminina. Ela ainda ressalta que uma atleta de sucesso deve ser inteligente, treinar muito, ser gentil e bonita. O problema em retratar a mulher como feminina segundo a autora, é que a

a feminilidade, por definição, não é grande, não é imponente, não é competitiva. As mulheres femininas não são implacáveis, nem agressivas, nem vitoriosas. Não é feminino ter um instinto assassino, querer ganhar com todo seu coração e alma. A feminilidade é sobre parecer bonita e vulnerável e pequena. Trata-se de ganhar a aprovação masculina. (NELSON, 1998, p. 145).

Essa forma de perceber o esporte feminino leva ao tratamento diferenciado das atletas que se adéquam aos ideais de gênero. Por exemplo, as atletas que são menos glamorosas se destacam menos na mídia do que as que são glamorosas, assim como as mulheres que praticam modalidades consideradas adequadas ao gênero tiveram uma maior cobertura da mídia (DUCAN, 1990). Isso ocorre porque as mulheres que praticam esportes tradicionalmente masculinos desafiam os papéis de gênero e, por isso, são excluídas da cobertura, já que não há conformidade com os padrões de ideal feminino (JONES et al., 1999).

A mídia recompensa, portanto, as atletas cuja aparência se enquadra no ideal de feminilidade, heterossexualidade e cor, ao destacar mais essas atletas, do que as que têm uma aparência andrógena (CREEDON, 1994). Isso demonstra que a mulher deve ao mesmo tempo ter uma performance atlética adequada e ser feminina, para que seja aceita pela sociedade (KRANE, 2001) e, em especial, pela mídia. Dessa maneira, a mídia regula o esporte feminino na medida em que controla quais as imagens dos corpos das atletas são veiculadas (BIRRELL; THEBERGE, 1994).

Essas representações das mulheres atletas na mídia reafirmam as diferenças de gênero, ao dar ênfase à feminilidade, e podem minimizar os desafios sociais relacionados às questões de gênero (CARTY, 2005). Para Messner (1988), o esporte é um lugar onde ainda se manifesta a desigualdade de gênero, e essa desigualdade está em conformidade com as regras sociais.

Vários estudos (BERNSTEIN, 2002; EASTMAN; BILLINGS, 2000) mostram que a cobertura na mídia dos esportes femininos destaca a aparência física das atletas. A mídia retrata as mulheres atletas diferente dos homens: se, por um lado, busca enfatizar as características femininas e sensuais das mulheres, nos homens, destaca suas habilidades atléticas.

Conforme Carty (2005), no caso dos homens, a beleza não é um elemento essencial para chamar a atenção das empresas e, assim, obter vultosos ganhos. Entretanto, Dworkin (2001) sugere que atualmente a beleza também é um elemento importante para os homens. Atletas como Tom Brady, Derek Jeter e David Beckham são reverenciados não só por suas realizações atléticas, mas por sua aparência física que está em conformidade com a masculinidade hegemônica.

A masculinidade hegemônica²² é representada pelo homem branco, heterossexual, considerado valente e com prestígio social e econômico. Embora seja uma construção social, é colocada em nossa sociedade como algo natural, sendo o esporte de alto nível um local de reprodução e manutenção dessa masculinidade (CONNELL, 1995).

Ducan (1990) sustenta que os construtos dualistas de masculinidade e feminilidade estão de acordo com os estereótipos tradicionais de homens e mulheres, que, para Castelnuovo e Guhrle (1998), são definições que limitam o gênero, pois os homens têm um maior reconhecimento e são considerados como atletas naturais por serem mais fortes e, portanto, superiores às mulheres.

²² Connell (1993) apresenta como foi construída nos últimos duzentos anos a masculinidade hegemônica euro-americana, que tinha como referência inicial as construções e reconstruções da masculinidade da nobreza. A Revolução Industrial e política exigiu uma masculinidade com características mais racionais e calculistas. O autor ressalta que não há um único modelo de masculinidade; ela se difere, por exemplo, quanto às categorias: classe econômica e contexto cultural. O autor argumenta que o machismo latino-americano é resultado da relação de diferentes culturas sob a influência de condições colonialistas.

Além dessas questões, a quantidade de cobertura dos esportes femininos é significativamente menor que a dos esportes masculinos, o que confirma uma sub-representação das mulheres atletas na mídia. Por exemplo, há menos artigos dedicados a esportes femininos (KIAN et al., 2008), assim como esses são mais curtos, quando comparado aos esportes masculinos (LUMPKIN, 2009). Entretanto, Bernstein (2002) ressalta que ampliar a cobertura dos esportes femininos só seria benéfico para as atletas na medida em que melhorasse a qualidade do conteúdo dos artigos.

A mídia, ao promover essa “aniquilação simbólica da atleta feminina, afirma que as esportistas têm pouco ou nenhum valor nessa sociedade, particularmente em relação aos atletas do sexo masculino.” (KANE; GREENDORFER, 1994, p. 34). A sub-representação das mulheres na mídia nos leva a crer que as mulheres não estão presentes no contexto esportivo, o que é um equívoco, pois isso desconsidera o aumento crescente das mulheres em diferentes modalidades (KANE, 1996).

Messner e Cooky (2010) investigaram como as mulheres foram retratadas na mídia esportiva entre os anos de 1989 e 2009. Eles identificaram que os comentaristas faziam declarações claramente sexistas sobre as mulheres atletas e riam com insinuações sexuais ao apresentar uma atleta convencionalmente bonita. Entre 1999 e 2009 diminuiu esse tipo de comentário, entretanto a cobertura continua a destacar normas heterofemininas, como o papel das atletas de mãe, de esposa, sendo que, ao referirem aos homens, pouco se mencionou sobre essas questões.

No estudo desenvolvido pela Cambridge University Press (2016)²³ foram analisadas as representações de gênero no esporte, por meio da linguagem utilizada para se referir a homens e a mulheres, durante os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. Os resultados mostraram que a cobertura dos esportes masculinos e femininos se aproximam no que se referem ao tempo²⁴ e havia uma maior prevalência do uso de termos neutros, como desportivas, ao invés de mulheres e homens, ou seja, houve uma menor marcação por gênero. Mas essa marcação ainda persiste; o esporte feminino ainda é considerado como o “outro” menor, pois o esporte masculino é o considerado padrão. Por exemplo, quando nos referimos ao

²³ Similar ao realizado por Messner e Coody (2010).

²⁴ Ressalta-se que esse dado refere-se somente aos Jogos de 2016, mas não é possível afirmar que, na mídia em geral, presente no nosso cotidiano, as mulheres deixaram de ser sub-representadas.

futebol para mulheres, o especificamos como futebol feminino; já o futebol para homens é apenas futebol. Para Duncan (1990) e Messner et al. (1993), quando há a definição dos eventos esportivos como femininos e masculinos com especificação de gênero, há também uma forma de minimizar a participação das mulheres no esporte. Os femininos seriam derivados dos masculinos; portanto, inferiores.

O estudo da Cambridge University Press (2016) também identificou que ainda há ênfase na aparência das atletas ao invés das habilidades atléticas, assim como há infantilização e trivialização da mulher, na medida em que são ressaltados os aspectos da vida pessoal das atletas. Quando se referiam às mulheres, essas eram associadas a palavras como “idade”, “gravidez” e “casada” ou “não casada”, sendo mais propensas a serem chamadas de “meninas” do que os homens de “meninos”. Para Kane (1996), a mídia destaca a vida pessoal e familiar das mulheres, apresentando maridos, namorados e filhos, a fim de não as associarem ao lesbianismo. Esses arranjos familiares, portanto, reafirmariam sua heterossexualidade. Já os homens eram referidos como “mais rápidos”, “fortes”, “grandes”, “reais” e “ótimos”.

Além disso, a mídia banaliza as realizações atléticas das mulheres por meio da hierarquia de nomeação: primeiramente, ao se referir às atletas como meninas, garotas e mulheres e ao especificar que são de esportes femininos, uma vez que os atletas são simplesmente homens. Segundo, pela falta de formalidade ao se referir às mulheres, ou seja, apenas pelo primeiro nome, já que os homens são referidos pelo sobrenome. (Richardson, 1993, apud HALBERT; LATIMER, 1994).

A forma como a mídia representa as mulheres afeta a construção social e o significado que o espectador atribui a elas, e a linguagem usada pelos comentaristas reforça e mantém o sexismo no esporte (MESSNER et al., 1993). Halbert e Latimer (1994, p. 300) argumentam que “a linguagem dos comentaristas esportivos é importante devido ao poder que os comentaristas esportivos têm em moldar e mediar a imagem de um evento para os telespectadores”.

Outra questão a se considerar é a cobertura diferenciada entre atletas brancas e negras. As brancas tendem a receber mais cobertura dos esportes considerados femininos, como ginástica e natação; e as negras são apresentadas em esportes que predominantemente exigem força, como o boxe (HARDIN et al.,

2004). Nessa perspectiva, conforme Carty, “as atletas negras são vistas como mais atléticas do que as brancas, por isso sua feminilidade é considerada como irrelevante” e “seus músculos superam sua beleza e sex appeal” (2005, p. 140 e 147). Além disso, o tipo de pose é diferenciado conforme a raça da atleta. No *New York Times*, por exemplo, as atletas brancas tinham uma maior tendência a serem apresentadas em poses passivas, e as negras em poses nas quais praticavam seus esportes (WADE, 2008).

Esses dados e as reflexões apresentadas nessa seção revelam que a mídia prescreve e legitima o corpo e o comportamento apropriado para as atletas. E, embora as mulheres tenham conquistado espaço na arena esportiva, ainda há diferenças de oportunidades que privilegiam os homens, com tendência a ignorar ou marginalizar as mulheres nesse setor.

Uma cobertura adequada da mídia implica em : a) aumentar o número de artigos e reportagens a respeito do esporte feminino; b) retratar as mulheres, de todas as raças, como talentosas, e não como objetos de contemplação; c) considerar todos os tipos de esportes, e não apenas aqueles definidos como apropriadamente femininos. Além disso, implica em não utilizar uma linguagem sexista e marcada por gênero. Com isso, a mídia, que é um dos principais meios de influência na percepção do esporte pela sociedade, contribuiria para proporcionar às mulheres atletas as mesmas oportunidades dadas aos homens.

1.2. Do corpo no esporte

No modelo atual de esporte de alto nível, em que são privilegiados os aspectos econômicos, o corpo do esportista é instrumentalizado. Essa instrumentalização é visualizada por meio de cinco aspectos: otimização do corpo; exigência do corpo perfeito; o corpo como objeto modificado; o controle do corpo; e a divisão sujeito-corpo (MELIN, 2013). Aspectos esses que iremos analisar a seguir.

O esporte de alto rendimento é focado na *otimização do corpo*, pois tem como referência a estética da funcionalidade, compreendida como a busca da perfeição em um determinado esporte. Essa estética tem como base o próprio objetivo do

esporte, que é a busca da melhor performance, e ela está inserida em um contexto altamente competitivo, em que os atletas são impulsionados a serem os melhores e a alcançarem a vitória (SOREM, 2004 apud MELIN, 2011).

Dessa maneira, o corpo é o instrumento para que se alcancem metas e, assim, obtenha-se a alta performance, por isso o corpo precisa sempre ser otimizado. Essa otimização pode ser interna, ou seja, melhorando a habilidade natural do atleta, como aumentando a massa muscular, ou externa, quando se alteram as condições do corpo ao praticar o esporte, a exemplo do uso dos maiôs tecnológicos da natação (MELIN, 2013).

O maiô tecnológico LZR *Racer* é um exemplo de como as tecnologias naturalizam o corpo e se dissolvem nesse mesmo corpo, como uma parte aceitável da forma humana, produzindo ciborgues de atletas sob o discurso do progresso do esporte, centralizado no autocontrole e domínio corporal (MCCULLOUGH, 2010). Diante desse cenário, Tadeu (2009, p. 10) questiona: “onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou ainda, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa? Onde termina a máquina e onde começa o humano?”.

O termo “ciborgue”, conforme Kunzru (2009, p. 121), foi utilizado pela primeira vez na década de 1960 por um engenheiro e um psiquiatra para se referir ao “homem ampliado, um homem melhor adaptado aos rigores da viagem espacial”. Para Tadeu (2009), o ciborgue surge da combinação do humano mecanizado e eletrificado, com a máquina humanizada. Haraway (2009, p. 36) define o ciborgue como “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”.

A realidade de ciborgues é construída sob a narrativa do corpo natural, a qual permite que o ciborgue desapareça discursivamente e não se perceba a fragmentação do corpo (mente e corpo). Na natação de alto nível, por exemplo, há a ilusão de que os atletas ciborgues estariam competindo em condições igualitárias e com suas habilidades naturais; há a ilusão de que, ao saírem dos blocos de partida, seriam equitativos; de que a competição testaria suas habilidades naturais; e, por fim, existe a ilusão de que, de fato, o melhor atleta ganharia a prova. Essa ilusão faz com que os corpos de atletas, supostamente em condições iguais, simbolizem a possibilidade de que todo e qualquer indivíduo possa superar e ultrapassar o outro.

Além disso, essa retórica sugere que, com o trabalho árduo, equilíbrio e uso da tecnologia, qualquer um pode ser um superatleta (MCCULLOUGH, 2010).

O mito do corpo do atleta enquanto natural é necessário para manter e reforçar os ideais olímpicos²⁵. O problema é que a ideia de natural perpassa pela ideia de algo que não se pode mudar mais: é a natureza e ponto final. Essa questão foi levantada por Donna Haraway, no *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, publicado originalmente em 1985 e, em 2009, como parte de uma coletânea de textos intitulada *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Ela centraliza suas reflexões sobre os discursos de naturalização do feminino definido como um ser fraco, submisso e destinado à maternidade. Para Haraway, essa construção da realidade das mulheres é colocada como natural, assim como a do ciborgue.

Outra forma de instrumentalização do corpo é através da *exigência do corpo perfeito*. Embora o ideal de corpo perfeito divulgado pela mídia (magro e musculoso) influencie o corpo no esporte, o ideal do corpo esportivo está relacionado à sua funcionalidade. Portanto, há uma diferença entre o culto do corpo perfeito e a perfeição corporal no esporte, que está atrelada à otimização do corpo (MELIN, 2013).

Na busca do corpo perfeito, os atletas fazem restrições alimentares severas, indução de vômitos e uso de laxantes para se adequarem aos padrões do esporte (MELIN, 2013). Conforme Ekern (2011), os atletas estão mais propensos a distúrbios alimentares do que os não atletas, em especial as mulheres. Além disso, as atletas podem ser acometidas pela “tríade das atletas femininas”, que consiste em distúrbios alimentares, acompanhadas de amenorreia e osteoporose (MCARDLE et al., 1999). Em muitos casos, o corpo perfeito no esporte também é construído mediante o uso de doping (MELIN, 2013); é o caso da nadadora brasileira Rebeca Gusmão, banida do esporte em 2007, por excesso de testosterona no corpo.

A terceira forma de instrumentalização do corpo é a ideia do *corpo enquanto um objeto modificável*, que não deixa de estar atrelada à ideia de corpo perfeito (MELIN, 2013). O corpo é modificado pela combinação entre nutrição, que impõe

25 Os ideais olímpicos, como o amadorismo e o jogo justo, estão extintos há muito tempo dos jogos.

restrições alimentares, uso de suplementos e pelo treinamento, caminho árduo com rotinas de treino extensas, que envolvem diversas técnicas.

A demanda exaustiva de treino e as restrições alimentares envolvem o *controle do corpo*, uma quarta forma de instrumentalização. Nesse sentido, o corpo é um problema para ao atleta, ao mesmo tempo em que é um elemento necessário para o esporte. O controle da dor, por exemplo, é uma condição frequente na vida dos atletas e, conforme Vaz (1999, p. 103), ocorre um processo de naturalização da dor “que passa a ser vista não mais como uma aliada em defesa da vida, uma expressão viva da corporeidade, mas como um obstáculo a ser superado, dominado, ignorado, tornando-se, talvez, até mesmo fonte de prazer”. Vaz, nesse sentido, afirma que

a grande questão da tolerância à dor e ao sofrimento relaciona-se com a possibilidade de crueldade – e com ela a violência e a obediência – ser mediada, controlada e prescrita de forma racional, científica. A afinidade com a tortura, uma das práticas mais hediondas já produzidas pela humanidade, e ainda bastante presente nos dias atuais, parece não ser apenas eletiva (VAZ, 1999, p. 103).

O corpo esportista precisa ser sacrificado, controlado e dominado, e isso até certo ponto é um problema, pois as limitações biológicas impõem grande esforço para superá-las. Essa ideia do corpo enquanto problema também perpassa a divisão cartesiana entre sujeito e corpo. O sujeito no esporte é o eu, a consciência, as intenções; e o corpo é o instrumento mecânico que está disponível para o sujeito atingir os objetivos. Dessa maneira, o corpo é separado do sujeito racional (MILEN, 2015), e esta separação constitui-se a quinta forma de instrumentalização do corpo.

Esses cinco aspectos que levam à instrumentalização do corpo – otimização do corpo, exigência do corpo perfeito, o corpo como objeto modificado, o controle do corpo e a divisão sujeito-corpo – permitem ao atleta atingir uma melhor performance, entretanto estão relacionados a comportamentos de natureza destrutiva, por meio de treinos árdusos, dolorosos e restrições alimentares extremas. Assim, é como se o lado humano do ciborgue nadador fosse superado, para que restasse somente a máquina.

1.2.1. O corpo na natação sob a perspectiva foucaultiana

A forma de poder moderna, manifestada nas práticas cotidianas, se dá em especial por meio da disciplina corporal, em que o corpo é fabricado, vigiado e punido, para que os indivíduos se tornem úteis e dóceis. Foucault (2014, p. 135) argumenta que a “disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”.

Foucault (2014) utiliza categorias para analisar como os indivíduos são regulados e controlados pelo poder disciplinar, para ampliar a eficiência e a produtividade, nas escolas, fábricas e quartéis. São elas: a) a arte das distribuições; b) o controle da atividade; c) a organização da gênese; d) a composição de forças. Embora Foucault tenha formulado essas categorias refletindo sobre a condição disciplinar nas escolas, fábricas e quartéis, essa condição também está presente no esporte e de forma mais acentuada quando se trata de alto nível e de modalidades, no qual o cronômetro define o vitorioso, como acontece na natação.

Na natação competitiva, os movimentos também são fragmentados e analisados nos mínimos detalhes, pois é o detalhe que faz a diferença entre primeiro e segundo lugar. A própria seção de treino é fragmentada temporalmente em aquecimento, treinamento específico e relaxamento, de modo que a estrutura de treino seja estável e os próprios atletas já saibam a rotina. O tempo também é otimizado por meio de exercícios intensos com intervalos de recuperação mínimos.

Tudo é cronometrado, até mesmo os pensamentos; como no treinamento mental, em que o atleta imagina participar de uma prova desde a largada no bloco até a chegada, para que seu tempo de imaginação seja cronometrado. Em atletas de alto nível, o tempo de prova em uma competição normalmente coincide com o tempo de imaginação.

A distribuição dos espaços na natação de alto nível permite um controle minucioso do corpo dos nadadores, a exemplo do posicionamento dos atletas na piscina. Em uma mesma raia nadam vários atletas, normalmente com nível técnico semelhante. O fluxo dos atletas (Figura 2) é coordenado, de modo que eles iniciam o nado pelo lado direito da raia e, após atingirem a outra borda, se deslocam pelo esquerdo. Os nadadores nadam, portanto, em círculo, sendo que a virada e a chegada são feitas no centro da raia.



Figura 2:Nadadores treinando. Fonte: Raia 8²⁶

Para Foucault (2014, p. 162), “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e sua combinação num procedimento que é específico, o exame”.

O “olhar hierárquico” faz parte dos protocolos do regime disciplinar. Esse olhar na natação é o olhar do técnico, do auxiliar técnico e dos demais que vigiam o atleta, a fim de assegurar que o treinamento seja cumprido e que o atleta tenha comportamentos adequados. O olhar hierárquico também se manifesta pelo controle silencioso do corpo. Para ilustrar isso, Foucault (2014, p. 201) cita a prisão projetada por Bentham (panóptico penitenciário). O projeto da prisão tinha uma arquitetura circular com uma torre central com feixes de iluminação, de onde um supervisor podia visualizar os prisioneiros em suas celas, mas os mesmos não podiam visualizá-lo, nem mesmo ter certeza de que eram observados. Dessa maneira, o supervisor observava, mas não podia ser observado. Foucault reconheceu que os observados internalizavam e controlavam seus comportamentos conforme o modelo ideal e aceito.

A invisibilidade, por consequência, gerava a autovigilância “para induzir no preso um estado de visibilidade consciente e permanente que assegurava o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 201), tornando-o dócil e útil. Na natação, o olhar hierárquico se internaliza por meio da autovigilância dos nadadores, manifestada em especial pelo autocontrole do peso e pela execução

²⁶ Disponível em: < <http://www.raiaoito.com.br>>. Acesso em: mai. de 2017.

críteriosa do treinamento, a fim de cumprir a programação no que se refere ao volume e à intensidade dos treinos. A natação é uma modalidade que exige um treinamento muito árduo; portanto, é preciso disciplina para cumprir o rigoroso sistema de treinamento. Para ter um exemplo, a Associação de Natação Amadora (ASA, 2003) sugere que nadadores, até oito anos, treinem entre cinco e nove horas por semana; e entre onze anos para meninas e doze para meninos, o tempo de treinamento aumenta para catorze a vinte sete horas semanais.

Além de treinamentos exaustivos, muitos treinadores usam métodos controversos, como Bill Sweetenham, ex-técnico da seleção australiana e técnico da equipe britânica. Ele exigiu que os nadadores dormissem no chão e impôs um regime de treinamento muito elevado; os que não aceitaram foram eliminados da equipe (CASSIDY, 2008), uma forma de *sanção* aos que não aceitassem as formas de treinamento. Quanto aos “exames”, na natação, refere-se à competição em si, que verifica a capacidade dos indivíduos e os classifica.

Lang (2008) utilizou a teoria do poder disciplinar de Foucault para compreender como a tecnologia da vigilância é exercida para “fabricar” nadadores eficientes e obedientes. Lang investigou dezessete equipes competitivas em três clubes britânicos filiados à Associação Amadora de Natação (ASA) e a seus respectivos treinadores. O treinamento nos três clubes teve conformidade quanto aos protocolos utilizados (organização do treinamento em aeróbico e anaeróbico), considerado por Lang como parte de um regime disciplinar que busca inserir a obediência através da vigilância, resultando em corpos dóceis. Os discursos dos treinadores afirmavam que era necessário ao atleta se esforçar ao máximo nos treinos, dominar a técnica e evitar o álcool. Nessa perspectiva, conforme Lang (2008, p. 11), “o corpo na natação é disciplinado por discursos e práticas que sugerem como um nadador deve treinar”.

Para Lang (2008), os treinos específicos, a proibição de determinados comportamentos e o uso dos nadadores de elite como exemplo são formas manifestação do poder regulatório. A piscina operava como uma espécie de panóptico; os nadadores, assim como na prisão de Bentham, eram constantemente monitorados por técnicos, auxiliares dos técnicos, salva-vidas e pais. Alguns técnicos, por exemplo, monitoravam de uma plataforma superior, outros se

posicionam ao longo da borda da piscina, deslocando-se para acompanhar as braçadas dos atletas. E os nadadores com um “nível inferior” se posicionavam nas primeiras raias, próximos à borda da piscina, para que os técnicos os visualisassem melhor e os corrigissem (LANG, 2008).

Outra ferramenta para monitorar os nadadores foi o livro de registro, utilizado para reafirmar o comportamento normatizado. Havia um livro de registro dos clubes, no qual eram anotados os dados relativos ao desempenho dos nadadores; e um livro dos próprios nadadores, para que eles relatassem a respeito da seção de treino. O livro, posteriormente, era submetido ao treinador para inspeção. Nadadores que não cumprissem o regime de treinamento eram punidos. Durante a pesquisa de campo, um nadador foi eliminado da equipe principal, por não aderir ao regime árduo de treinamento (LANG, 2008).

Outra forma de monitorar foi através de câmeras, em especial das subaquáticas, de modo que os nadadores eram filmados para posterior análise com os técnicos. Os atletas eram encorajados a vigiar seus próprios corpos e dos demais atletas, estabelecendo uma relação na qual todos vigiam todos e a si mesmos, no modelo do panóptico de Foucault, em que a vigilância é permanente e silenciosa. “A possibilidade de vigilância garante que os atletas internalizem o olhar panóptico e continuem a se esforçar para alcançar uma técnica de natação ‘perfeita’ mesmo na ausência do treinador” (LANG, 2008, p. 13). Deve-se ressaltar que, em média em uma piscina, treinam sessenta nadadores; assim, a autovigilância é uma forma de garantir a adesão ao treino. Tais práticas regulatórias permitem uma “coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado” (FOUCAULT, 2014, p. 136).

Além dessas formas de controle sobre o corpo, as pesagens mensais, para monitorar o peso dos nadadores, também foram uma prática recorrente, assim como o controle da ida dos nadadores no banheiro. Eles eram estimulados a não irem ao banheiro nos intervalos de séries, em especial os nadadores de elite, que nunca pediam permissão para sair da piscina, pois eram considerados modelos de comportamento para os demais.

Mas nem sempre os nadadores aceitavam pacificamente as condições de treinamento. Alguns usavam as raias para se apoiar, empurravam o fundo da piscina

em vez da parede, paravam de nadar antes de alcançar a borda da piscina e paravam para consertar óculos por longos períodos, utilizando esse tempo para descansar (LANG, 2008). De acordo com Foucault (1988), nas relações de poder, há espaço para as estratégias antagônicas, para as subversões. As operações de poder não possuem apenas elementos repressivos, mas possuem também elementos de resistência.

Isso mostra que os atletas de alguma maneira resistem aos protocolos de treinamento de natação normalizados. O comportamento dos atletas reafirma a tese de Foucault (1988), de que as relações de poder são instáveis e sujeitas a modificações, o que possibilita ações de resistência. Essas subversões são compreendidas como uma forma de transformação dos corpos dóceis em corpos que agem. Segundo o autor (1980, p. 56), quando há resistência, o poder não é superado; ele apenas se manifesta de outra forma: “retiro o poder aqui, reorganizo suas forças, invisto em outro lugar e, assim, a batalha continua”.

Da mesma maneira que os atletas são vigiados e se autovigiam, os treinadores também o fazem. Eles se comportam como se estivessem sob o olhar panóptico normatizante e atuam conforme o “regime de verdade”²⁷. Nos clubes investigados, existem hierarquias; assim, o treinador principal controla os demais treinadores auxiliares, que vigiam a si mesmo e os demais. Essa vigilância se deve a dois fatores: primeiro para que sejam aplicados os protocolos de treinamento e, segundo, para evitar qualquer suspeita de abuso sexual. Dessa maneira, os treinadores procuram nunca ficar sozinhos com os atletas. Da mesma forma, eles procuram dar visibilidade a si próprios (e se posicionam na área da piscina, de modo que outras pessoas possam vê-los). Assim, conseguem controlar o próprio comportamento, para garantir que qualquer toque seja visto como algo profissional, evitando qualquer tipo de contato corporal²⁸ (LANG, 2008).

Essa análise do corpo da natação na perspectiva foucaultiana é importante, pois a teoria do poder disciplinar, em especial a tecnologia de vigilância, auxilia-nos a compreender, de modo geral, as formas de controle do corpo na natação. Mas é preciso destacar que Foucault, ao analisar as formas de controle corporal, não

²⁷ Segundo Foucault (2014), cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, os discursos autorizados que definem a forma correta de agir.

²⁸ Tocam os atletas com palmares ou prancha e evitam abraços.

considera as diferenças entre as experiências do corpo feminino e masculino, ou seja, sua teoria é neutra quanto ao gênero. Por isso, Bartky (1997, p. 27) nos chama a atenção para as formas operacionais do poder disciplinar sobre as mulheres nas sociedades capitalistas ocidentais.

Onde está a descrição das práticas disciplinares que engendram os “corpos dóceis” das mulheres, corpos mais dóceis que os corpos dos homens? As mulheres, como os homens, estão sujeitas a muitas das mesmas práticas disciplinares que Foucault descreve. Mas ele é cego para as disciplinas que produzem uma modalidade de incorporação que é peculiarmente feminina. Ignorar as formas de sujeição que engendram o corpo feminino é perpetuar o silêncio e a impotência daqueles sobre os quais essas disciplinas foram impostas. (BARTKY, 1997, p. 27).

Diante disso, esta tese procurou analisar os modos de controle do corpo feminino no esporte e, especificamente, na natação, observando também seus efeitos na produção de imagens, tanto sociais como visuais, das mulheres nesse contexto. Bartky (1997) considera três práticas disciplinares que controlam o corpo feminino: aquelas que especificam os gestos; que delimitam o tamanho corporal; e aquelas que são voltadas para exibir o corpo feminino como uma superfície ornamentada. Daremos ênfase às duas últimas práticas (ver, em especial, o Capítulo II).

1.2.2. A objetivação do corpo da atleta

No estudo de Daniels e Wartena (2011) foram apresentadas a adolescentes do sexo masculino imagens de atletas femininas que retratavam duas situações: a) o contexto esportivo, com destaque para o desempenho das atletas; e imagens nas quais elas estavam sensualizadas. Os resultados, no geral, sugeriram que os adolescentes, ao virem imagens sensualizadas de atletas, concentram-se em sua aparência física, e não em seu desempenho, o que sugere avaliações objetivadas das mulheres. Por outro lado, quando expostos a imagens de desempenho, focam nas habilidades atléticas, o que leva a avaliações instrumentais.

A pesquisa de Daniels e Wartena (2011) teve como pressuposto a teoria da objetivação postulada por Fredrickson e Roberts (1997). Conforme essa teoria, a objetivação sexual ocorre quando o indivíduo é tratado em função do seu corpo em si ou partes dele, assim como é valorizado, em especial, pelo seu uso ou aparência.

Para Bartky (1990), a objetivação ocorre quando o corpo ou partes do corpo representam o indivíduo, e o corpo feminino é visto como objeto de desejo sexual masculino.

Um exemplo disso, conforme a *American Psychological Association* (2007), é a forma como as mulheres são retratadas na mídia, a qual enfatiza partes de seus corpos, ou quando são alvos de comentários sexistas. De acordo com Cowan (1995), as mulheres negras, além de serem vistas como objeto, são retratadas como animais. Root (1995) afirma que as asiáticas são retratadas como tendo uma sexualidade exótica e, ao mesmo tempo, passiva.

Fredrickson e Roberts (1997) ressaltam que as mulheres podem responder à objetivação sexual de forma diferente, de acordo com a etnia, classe, sexualidade, idade e atributo físico, ou seja, a objetivação não afeta de forma igual. Contudo, embora esses fatores possam levar a experiências diferentes, há um fato em comum a todas as mulheres: a vulnerabilidade à objetivação sexual. Esses autores apresentam várias hipóteses que podem levar à objetivação, como o fato de a cultura dominante ser patriarcal, diferenças de papéis sociais conforme o gênero e o ambiente no qual as mulheres revelam e expõem seus corpos. Esses são ambientes que objetivam de forma evidente, assim como roupas que revelam o corpo podem favorecer a auto-objetivação, uma vez que as mulheres se observam constantemente e se ajustam por meio de espelhos ao redor.

Por outro lado, o estudo de Kane et al. (2013) revelou que as mulheres podem contribuir para enfatizar os processos de objetivação. Os autores investigaram como 36 atletas de modalidades individuais gostariam de ser representadas na mídia. Os resultados mostraram que para aumentar o interesse do público, em especial do masculino, com relação aos esportes femininos, 47% das atletas escolheram exposição suave do corpo.

Muitas atletas compreendem que a sexualização do corpo é uma forma eficaz de marketing e de aumentar o patrocínio (KANE; MAXWELL, 2011), e as ligas esportivas aderiram a essa ideia de vender a pele. Atletas como a nadadora americana Amanda Beard, medalhista olímpica por sete vezes, seguiu essa ideia efetivamente; ela posou para a revista *Playboy*, em 2007. Para Beard, seu corpo é

“comercializável e memorável”: “algumas pessoas vão se lembrar de mim como nadadora; e outras vão se lembrar de mim na *Playboy*”. (ROENIGK, 2009, n.p.).

Unger (1996) argumenta que a beleza física é uma forma de poder das mulheres, na medida em que funciona como uma moeda que pode lhe permitir sucesso social e econômico. O valor dessa moeda, no entanto, depende se a beleza da mulher está de acordo com os padrões da cultura dominante.

Jenny Thompson foi outra nadadora que expôs o corpo, ao posar de topless para a *Sports Illustrated*, em 2000. Ela cobriu os seios com os punhos cerrados e afirmou que a foto não tinha conotação sexual, e que era uma forma de mostrar seus músculos, força e aptidão (Figura 3).



Figura 3: Nadadora Jenny Thompson. Fonte: Sport Illustrated (1993), n. 6, p. 53.²⁹

Diante disso, seu corpo não deveria ser observado como objeto de desejo, mas como um corpo resultado de suas realizações atléticas (CARTY, 2005). Nas palavras de Jenny, “eu não fiz isso para obter mais atenção ou para ser um símbolo sexual ou algo assim. Eu queria que as jovens garotas tivessem uma imagem positiva das mulheres fortes e musculosas, não modelos frágeis”. (JEANSONNE, 2000, n.p.). Dois meses depois, ela foi escolhida a atleta do ano pela *Women Sport Foundation*. Além disso, a Mattel, fabricante da boneca Barbie, a escolheu para ser

²⁹ Disponível em: <https://www.si.com/vault/issue/704255/65>. Acesso em: out. de 2018.

uma nadadora referência na fabricação de bonecas da equipe “Campeã de Natação da Barbie” (O’ KEEFE, 2000). A Mattel (2000) afirmou que a nadadora foi escolhida para integrar o “time dos sonhos da Barbie”, em especial por ser uma inspiração para jovens nadadoras em todo o mundo, ou seja, Thompson seria um modelo de esportista para ser seguido pelas jovens: campeã, forte e sexy.

Carty (2005) pondera alguns aspectos que devemos levar em consideração ao analisarmos a narrativa da atleta. Retratar as mulheres, ao mesmo tempo, como fortes e bonitas não é um problema em si, mas, quando isso ocorre dentro do contexto de uma revista como a *Sports Illustrated*, direcionada para o público masculino e branco, a aparência física tende a destacar-se mais que os feitos atléticos.

Além disso, Thompson é uma mulher branca, cuja aparência está adequada ao ideal tradicional de beleza, que é racializado, ou seja, a “sexualidade de mulheres negras é marginalizada” (CARTY, 2005, p. 140) e essas são raramente retratadas como belas e sensuais, mas simplesmente como fortes. Dessa maneira, o que é considerado feminino para mulheres brancas é diferente para não brancas. Por isso, embora a exposição corporal, de um lado, seja uma forma de demonstração de poder individual da nadadora, ela, por outro lado, está de acordo com o que a perspectiva masculina define como feminino.

Ressalta-se que Thompson vestia um short que fazia alusão à mulher maravilha, e isso provocou reações diversas. A *Women’s Sports Foundation* reagiu negativamente; já as jogadoras da seleção feminina da Austrália, de 1999, apoiaram a atitude da nadadora, uma vez que Thompson poderia exibir e lucrar com um corpo resultado de seu esforço pessoal. Rick Reilly, repórter da *Sports Illustrated*, defendeu a nadadora, pois ela exibia um corpo real, possível de ser alcançado, diferente de modelos anoréxicas. Para Reilly, Thompson transmite a ideia que “fit é sexy. Músculos são sensuais. O esporte é sexy” (MORGAN, 2012, n.p.). Entretanto, é uma ilusão achar que seu corpo musculoso é possível de ser conquistado por todas as mulheres. Além disso, enfatizar o corpo como sexy implica, aqui, considerar as habilidades atléticas como secundárias. Algumas atletas são contra a sexualização e, por isso, são reprovadas. Por outro lado, as nadadoras olímpicas

Jenny Thompson e Ashley Tappin criticaram outras nadadoras por não exibirem seus corpos. (MORGAN, 2012).

A sexualização das atletas na mídia é uma forma de enfatizar sua feminilidade. Essas atletas, muitas vezes, aceitam tal condição para não serem classificadas como masculinas e lésbicas (CAHN, 1994) e também para obterem recompensa financeira e serem expostas, pois são poucas as que ganham altos salários para praticarem esportes (LIANG, 2011).

A disponibilidade de um atleta feminino em exibir sua beleza é o desejo de muitas empresas. Afinal, na indústria esportiva, mesmo os esportes femininos são direcionados aos homens. “A grande maioria da plateia de esportes é masculina”, diz Neal Pilson, ex-presidente da CBS Sports, que agora trabalha como consultor de televisão da LPGA³⁰, cujo público é estimado em 57% do sexo masculino, da WTA (60%) e da WNBA (66%)” (ROENIGK, 2009, p. n).

Heywood e Dworkin (2003) afirmam que o apelo sexual das atletas é uma forma de apresentar um corpo fora dos padrões convencionais. As atletas seriam ícones culturais, uma nova imagem do ideal feminino. As autoras enfatizam que o debate sobre essa questão deve ser compreendido considerando o contexto da cultura midiática, do consumo e do capitalismo tardio e suas implicações na construção de imagens de mulheres esportistas nos Estados Unidos. Entretanto, essas imagens de um novo ideal feminino, que trazem uma noção celebrativa e libertadora da feminilidade e do corpo musculoso, contribuem de fato para a inclusão das mulheres no esporte?

Heywood e Dworkin (2003) refutam a tese de objetivação feminina como forma de análise do corpo das atletas. A análise pós-feminista considera que a exibição do corpo demonstra o controle que a mulher tem sobre seu próprio corpo: “ao invés de ver o sistema como conflitante, eles reconhecem e capitalizam as oportunidades” (CARTY, 2005, p. 134). Entretanto, a nudez feminina, mesmo que justificada como um comportamento libertador e motivado por escolhas individuais, está atrelada à imagem da mulher como objeto sexual, ao se adequar a interesses estratégicos (CARTY, 2005).

³⁰ The Ladies Professional Golf Association (LPGA); Women's Tennis Association (WTA); Women's National Basketball Association (WNBA).

Do ponto de vista do feminismo radical³¹, se, por um lado, as mulheres se aproveitam do seu *sex appeal* para conquistar vantagens materiais, por outro lado, isso ocorre dentro de um sistema no qual o homem é quem define o que é sexy. Pois, quando as mulheres reforçam a ideia do corpo sexy e objetivado, por meio do uso de sua aparência, a fim de obter prestígio social e ganho financeiro, elas prejudicam as conquistas sociais que grupos minoritários obtiveram e reforçam a dominação masculina e a exploração do corpo. Há de se considerar que elas fazem isso dentro de uma estrutura patriarcal, com arranjos sociais que preservam o sexismo. Portanto, o desmantelamento da dominação masculina não se daria por meio da comercialização do corpo feminino. A nudez feminina, nesse contexto, só beneficiaria a atleta individualmente, e não interferiria para mudar as condições sociais da mulher (CARTY, 2005). Além disso, Kane et al. (2013) afirmam que pesquisas recentes mostraram que as imagens sexualizadas das atletas não aumentam o interesse e o respeito em relação aos esportes femininos.

Na mesma direção de Carty (2005), Linda Brum (apud Roenigk, 2009), professora de sociologia da Universidade Northweast, afirma que vivemos um período marcado pela contradição, pois, se por um lado a possibilidade de comercializar o corpo pode representar o controle da mulher sobre si mesma, ao mesmo tempo pode reforçar estereótipos da mulher enquanto objeto sexual.

A objetivação das mulheres no esporte é permeada por imagens que destacam a beleza, e não as realizações atléticas, e isso alimenta a narrativa de que no esporte feminino não basta ser uma exímia atleta: tem que ser bela e sexy.

1.3. Das vestimentas esportivas

Os estudos específicos sobre vestimentas esportivas ainda são escassos. No banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes)³², por exemplo, foram encontrados apenas dois trabalhos: a dissertação desenvolvida por Matta (1998), na qual analisa o isolamento térmico e

³¹ Para Shibles, “o feminismo radical é definido primeiro em termos do conceito de patriarcado. As feministas agora caracterizam o feminismo radical como envolvendo o sexismo, visões da superioridade das mulheres sobre os homens e o objetivo de estabelecer um mundo separado sem os homens, uma ginocracia.” (1989, p. 35).

³² Foi realizada uma busca a partir da palavra “vestimenta”, totalizando 1.999 resultados (1997-2017).

os efeitos fisiológicos das vestimentas durante a prática de exercícios; e outra defendida por Cunha (2011), em que investiga a moda esportiva em Belo Horizonte entre 1929 e 1950. Ressalta-se que ambas as dissertações foram desenvolvidas pelas faculdades de educação física, respectivamente das Universidades Federal de Minas Gerais e Estadual de Campinas.

Já no Portal de Periódicos da Capes,³³ foi encontrado apenas um trabalho que investiga a vestimenta esportiva, especificamente o traje de natação, intitulado *O efeito do uso do traje de neoprene sobre variáveis técnicas, fisiológicas e perspectivas de nadadores*, desenvolvido por Santos et al. (2011). E nos colóquios da moda, foram apresentados dois trabalhos que também estudam particularmente o traje de natação: o de Ribeiro et al. (2010), que faz uma investigação histórica das matérias-primas e tecnologias utilizadas nos maiôs de alta performance; e o trabalho de Pereira (2008), o qual estuda as fibras dos tecidos utilizados para confeccionar maiôs de natação.

No que se refere à publicação de livro com essa temática, no Brasil, há somente o livro da professora Carmen Lúcia Soares (2011), intitulado *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920 e 1940)*. Esse livro traz reflexões a respeito do esporte e das práticas de banho vistos como elementos definidores do estilo de vida moderno, inserido no espaço urbano brasileiro no início do século passado, assim como as mudanças nas vestimentas esportivas e o cuidado com o corpo que acompanharam tal estilo de vida.

Destaca-se que, ao mesmo tempo em que as vestimentas esportivas possuem pouca relevância no mundo acadêmico, elas assumem um papel de destaque na mídia e no mundo da moda. Um exemplo são os uniformes das Olimpíadas de Londres, criados por alguns dos maiores nomes da moda mundial, como Stella McCartney (Inglaterra), Ralph Lauren (EUA) e Giorgio Armani (Itália), para seus respectivos países de origem. Isso reforça a tendência de aproximação entre moda e esporte e mostra que a competição vai além das piscinas e da tecnologia empregada na fabricação dos maiôs. Ela está presente no modelo dessas peças.,

³³ Foi realizada uma busca a partir das palavras “vestimenta e esporte”, totalizando 29 resultados.

1.3.1. O papel dos maiôs na construção da imagem dos nadadores

Os maiôs da natação competitiva, como qualquer outra vestimenta, carregam em si de forma simultânea as funções de proteção, enfeite e de pudor, com destaque para uma ou outra, conforme os momentos históricos. Ademais, os maiôs da natação são espaços de memória e revelam a história do corpo, dos costumes e das tradições de uma determinada época, assim como são elementos de distinção social e gênero e de identificação de uma sociedade. Os cortes, as cores, os tecidos acompanham e traduzem a moda, a economia, o comportamento social no contexto histórico. Trazem evidências de um determinado período e lugar e, também, da história de um nadador, carregando consigo seu suor, memória de vitórias e de fracassos.

Desse modo, pesquisar os maiôs da natação olímpica é perceber e registrar novos elementos, às vezes imperceptíveis em outros materiais e documentos que compõem uma memória e uma história.

Os maiôs constituem um produto da “cultura material”, termo que, segundo Miller (1987), teve origem no estudo dos artefatos de povos considerados primitivos pelos europeus. Atualmente, os estudos dos produtos dessa cultura envolvem a relação direta do homem com a materialidade dos objetos, sua produção, consumo, assim como seu valor simbólico e ideológico. Nesse sentido, não se limita ao objeto em si, mas às suas apropriações, à importância econômica e às técnicas utilizadas em sua fabricação. Conforme Rede (2003, p. 282), “uma parte considerável da cultura material é formada por objetos manipuláveis e sua função social se estabelece em uma relação direta com o corpo [...]. O corpo se impõe como um balizador maior da experiência material do homem”. O corpo é que veste, que opera diversos níveis de experiência (biológico, psíquico e social), que vai intermediar a relação do indivíduo com o outro e com o maiô em si.

Stallybrass (2004), no livro *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*, faz uma análise de um casaco puído, deixado por um amigo morto, considerando a peça ao mesmo tempo um bem simbólico que representa afetividade, memória e também um bem de valor, sendo, dessa maneira, uma mercadoria dentro do funcionamento do sistema capitalista. Nesse sentido, esta análise tem como pressuposto a teoria da

circulação defendida por Karl Marx, segundo a qual os objetos assumem um caráter místico e transcendente, pois as relações sociais inerentes ao trabalho tornam-se mercadorias.

Na mesma perspectiva de Stallybrass, os maiôs da natação podem ser compreendidos como uma mercadoria, tendo o consumo como ditame de sua vida social, ao mesmo tempo em que eles possuem valores, conceitos e subjetividades, possuindo sensibilidade, memória, particularidades e significados. Desse modo, os maiôs possuem significados que são construídos individual e coletivamente, como atesta Nacif em sua análise sobre a vestimenta: “a origem da vestimenta está na manifestação de um significado tanto individual quanto sociocultural” (NACIF, 2001, p. 74). E o significado sociocultural é construído por meio da comunicação.

Nesse sentido, Fidalgo (1999, p. 97) evidencia que “fora da linguagem, oral ou escrita, há todo um vastíssimo campo de comunicações não verbais que estruturam a organização social e conferem coerência aos grupos de indivíduos”. Essa comunicação pode ser dividida em três elementos: a) facial e corporal; b) comunicação por meio da distribuição espacial, posição dos corpos, da relação que estabelecem entre si e com o espaço; e comunicação por meio dos vestígios materiais utilizados pelos indivíduos, como as roupas. Um exemplo desse último elemento de comunicação é o maiô tecnológico LZR *Racer*, um “supermaiô que resultou da pesquisa de três anos da NASA com a Speedo” (OLIVEIRA, et al., 2012 p. 6). O maiô LZR *Racer* da Speedo foi apresentado em uma coletiva de imprensa de abrangência internacional a atletas olímpicos. E o destaque da campanha publicitária foi o nadador americano Michael Phelps, campeão das oito provas de natação que disputou nas Olimpíadas de Pequim, em 2008. A Figura 4 remete a imagem de Phelps ao homem vitruviano de Leonardo da Vinci, um modelo ideal de ser humano com as proporções perfeitas, segundo o padrão clássico de beleza.



Figura 4: Desfile da equipe americana de natação com o maiô LZR.³⁴

Nessa figura e em grande parte das fotografias utilizadas na campanha de publicidade do LZR Racer (ver site da Speedo), o homem ocupa o lugar central, e as mulheres, embora estejam presentes, são secundárias, colocadas ao lado ou atrás dos homens. Isso significa que o corpo normativo que o maiô LZR Racer teve como referência foi o masculino. Além de focar determinado gênero, a campanha publicitária do LZR privilegiou corpos brancos e de determinados países: Estados Unidos, Inglaterra e Austrália (MCCULLOUGH, 2010). Portanto, o maiô LZR Racer carrega o discurso de um corpo atlético idealizado como sendo branco, masculino e que representa determinadas nações ricas. Essas questões sociais relacionadas ao LZR Racer evidenciam as ideias de Drummond e Sáber (2009, p. 2), que entendem “o vestuário, na pós-modernidade, como um sistema de regulação e representação social”, o que implica afirmar que os maiôs geram juízo estético e social, criam estereótipos e categorizam os indivíduos.

Além disso, os maiôs tecnológicos transformaram a imagem do corpo na natação, que, segundo Craik (2011), era de homem-peixe. Com os maiôs tecnológicos, o corpo foi transfigurado para um corpo-androide em um cenário de ficção científica. Para Harrari, “o novo corpo foi reconhecidamente menos humano – mais parecido com um peixe ou talvez um androide – uma cápsula brilhante, deslizando pela água como o sr. Condom ou Darth Vader” (2000 apud Craik, 2011, p. 73). A aparência de traje espacial e o corpo coberto, revelando os contornos, tornaram-se normativa e parte da autorrepresentação do nadador.

³⁴ Disponível em: www.sportsnetworker.com, 2010. Acesso em: out. de 2015.

Nessa atmosfera futurista, o valor simbólico dos maiôs (representavam força, velocidade e invencibilidade) foi transferido para os corpos dos atletas que também foram investidos de poder simbólico, como pode ser percebido na fala dos nadadores. O nadador americano Clayton Goodgame afirmou nesse sentido: “coloque um desses novos maiôs e você terá uma sensação de força – uma capa de super-homem.” (GOODGAME, 2008, n.p.). Outro nadador americano, Ryan Lochte (apud STACK, 2011, n.p.), fez uma afirmação semelhante: “eu me sinto como um super-herói, vestindo isso”.

O maiô, portanto, auxilia a criar personagens; um exemplo é a imagem da nadadora³⁵ vencedora como uma heroína, o que pode ser observado na parceria da Marvel com a ESPN (Figura 5). Nessa parceria, várias atletas foram transformadas em heroínas pelos ilustradores da Marvel, dentre elas a nadadora americana Katie Ledecky, primeira mulher a ganhar quatro ouros em um campeonato mundial de natação. Katie foi retratada em um maiô preto, ao lado de golfinhos, em perfeita sintonia com eles e com o ambiente aquático. Outro exemplo, no qual os maiôs auxiliaram na representação das nadadoras como heroínas, é a fotomontagem da equipe de natação do Reino Unido nas Olimpíadas de Londres de 2012. Foram acrescentadas aos maiôs capas, como as do super-homem, e poderes que permitiam as nadadoras voarem (Figura 6).

³⁵ Na verdade, isso ocorre com as atletas bem-sucedidas em diferentes modalidades.

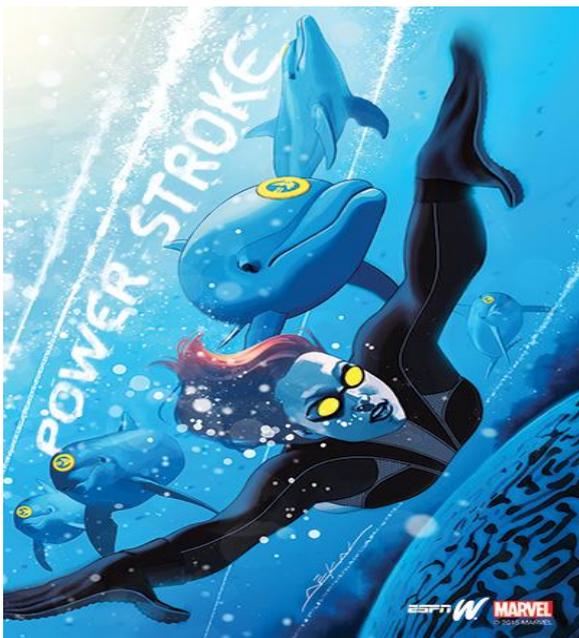


Figura 5: Nadadora Americana Katie Ledecky nada com os golfinhos. Fonte: Jeff Dekal's illustration.



Figura 6: Equipe inglesa de natação: Jogos Olímpicos de Londres, 2012. Fonte: Getty Images, 2012.

A exposição *Superheroes: Fashion and Fantasy*, realizada em 2008 (ano da divulgação do maiô *LZR Racer*), no *Metropolitan Museum of Art*, em Nova York, também associou os atletas a super-heróis. Nessa exposição, os figurinos dos super-heróis de Hollywood foram expostos ao lado dos trajes da Speedo, inclusive de um *LZR Racer*. Andrew Bolton, curador dessa exposição, afirmou na ocasião que o corpo *fashion* e o do super-herói é o lugar onde podemos projetar nossas fantasias (MCCULLOUGH, 2010, p. 17).

Mas quais fantasias projetamos no corpo dos superatletas em relação aos supermaiôs? A fantasia de que, ao consumirmos o supermaiô, teremos a mesma performance que os superatletas. Conforme McCullough (2010), a Speedo não teve muito lucro com a venda do maiô em si, entretanto o *LZR Racer* foi uma grande ferramenta de marketing. Ele evoca no consumidor o desejo de agregar tecnologias ao corpo, e os consumidores podem realizar essa fantasia comprando os produtos da Speedo. Isso mostra que, além do fetiche dos atletas, os consumidores também fantasiavam a respeito do maiô.

Os maiôs, em especial os tecnológicos, além de permitirem fantasiar o corpo na natação, como um corpo heróico e símbolo da perfeição (o nadador é o homem vitruviano das piscinas), também permitiram o nadador atingir o *status* de divindade. Quando os maiôs tecnológicos foram banidos em 2010, circulou nas redes sociais americanas uma montagem feita com imagem da obra *Pietà*, de Michelangelo (Figura 7). Nela, Jesus está morto usando um maiô tecnológico, representando o fim da era desses maiôs (ECHEVERRIA, 2010) e também o fim da condição dos nadadores enquanto seres divinos.



Figura 7: Montagem da obra *Pietà*³⁶

É preciso destacar que essas imagens dos nadadores, enquanto indivíduos com corpos perfeitos, e, enquanto heróis e seres divinos, foram intensificadas a partir do surgimento dos maiôs tecnológicos, na medida em que esses maiôs assumiram a mesma relevância dos nadadores. O título da matéria de Siqueira (2015), “O marketing no maiô que nadava sozinho...” resume esta fase da natação, em que os maiôs conquistaram o título de estrelas da natação e de legitimação dos nadadores de elite.

³⁶ Disponível em: <http://mundodanatacao.blogspot.com/2010/01/> Acesso em: 15 de jan. de 2019.

CAPÍTULO II: AS IMAGENS DO CORPO E DOS MAIÔS OLÍMPICOS NA NATAÇÃO FEMININA INTERNACIONAL

Neste capítulo, analisamos as imagens do corpo da nadadora em um contexto marcado pelo sexismo e pela categorização social. As categorias de análise foram identificadas em relação às imagens sociais dominantes na natação feminina, como ser feminina, sexy, magra e branca. Investigamos, também, a forma como a mídia reproduz tais imagens por meio de comentários e das imagens visuais, que, no caso específico desta tese, são as fotografias.

2.1 As imagens da nadadora na mídia

Uma matéria divulgada no site esportivo *FanSided* afirmou que a nadadora americana “Katie Ledecky provou que ela é a versão feminina de Michael Phelps quando ela quebrou seu próprio recorde mundial nos 400m estilo livre”, nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016 (ROUBEN, 2016, n.p.). Isso significa dizer que ela é tão boa quanto um homem. Ledecky é uma das maiores nadadoras da atualidade e é referida como uma simples contraparte de Phelps, sem ter considerada sua individualidade e sua trajetória esportiva.

Se compararmos o desempenho de Phelps com 19 anos (idade de Ledecky nas Olimpíadas do Rio, em 2016) com o dela, observaremos que ela bateu mais recordes e ganhou mais medalhas, portanto obteve um desempenho superior (LAJOLO; CONDE, 2016). As realizações de Ledecky são, por essa razão, mais notáveis que as de Phelps, entretanto seu reconhecimento é menor.

Moore (2016, n.p.) afirmou que “ela não tem a versatilidade de Michael Phelps, mas seu domínio a coloca no nível de Phelps”, ou seja, os padrões masculinos são referência para a performance feminina. Wenner (1998) analisa essa maneira como a mídia e os esportes no geral reproduzem o domínio simbólico masculino, na medida em que o padrão é definido pelos homens, e as mulheres são simplesmente o outro, dispondo os homens como superiores, e as mulheres como subordinadas.

Figueiredo (2016, n.p.) nos apresenta outro exemplo significativo de sexismo na natação. Quando a nadadora húngara Katinka Hosszu venceu os 400 metros *medley* nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, a “rede de TV NBC mostrou o marido e treinador dela na tela, e um comentarista disse que ele foi o cara responsável pela vitória”. Ou seja, o comentarista deu o crédito da vitória de Hosszú a seu marido, e não ao empenho da atleta.

Outro exemplo de sexismo na natação nessa mesma Olimpíada foi a forma como o jornal americano *The Eagle* noticiou a medalha de prata de Phelps e o recorde de Ledesky. Note, na Figura 8, que a manchete destaca em negrito e em letras maiores a conquista da medalha de prata do nadador; por sua vez, em um texto subscrito e com letras menores, é mencionada a conquista do recorde mundial da nadadora. Nancy Leong, professora de Direito da Universidade de Denver, afirma que:

isso é exemplo particularmente claro de uma situação em que você tem duas conquistas, uma de um homem e outra de uma mulher, que receberam o tratamento errado [...]. Não só isso, mas a conquista da mulher é objetivamente mais impressionante, mas foi colocada em fonte menor abaixo da manchete do homem. [...] Esta manchete é uma metáfora para basicamente o mundo inteiro. (MACK, 2016, n.p.).



Figura 8: Manchete do jornal *The Eagle* sobre os desempenhos de Phelps e Ledesky. Fonte: Mack (2016).

Goffman (1978, p. 28) afirma que, ao considerar uma imagem, as “diferenças de tamanho se correlacionarão com diferenças no peso social”. Na pesquisa de

Goffman, isso era exemplificado quando homens e mulheres eram fotografados juntos, e o homem era apresentado como mais alto que a mulher e/ou ocupava mais espaço na imagem. No caso da manchete do jornal *The Eagle*, as letras em tamanho maior e destacadas representam simbolicamente maior *status* social atribuído ao nadador; e as letras abaixo e menores, a condição de inferioridade das mulheres no esporte.

Esse tipo de representação das mulheres na mídia naturaliza o sexismo, o que pode levar a comentários como o do nadador americano Ryan Lochte, sobre o recorde de Katie Ledecky. Em uma entrevista à revista *Sports Illustrated*, ele afirmou: “ela nada como um cara. Ela está me batendo agora e eu estou tipo, o que está acontecendo? O que está acontecendo?” (CREWS, 2016, n.p.). O nadador Matthew Hirschberger confessou ao jornal *The York Times* que “é irritante perder para uma menina, mesmo que ela seja uma detentora de três recordes mundiais. Não estamos acostumados com isso”. E Conor Dwyer, campeão olímpico do revezamento 4x200m em Londres, fez a seguinte declaração: “eu vi Katie destruir um monte de caras nos treinos. Ela é capaz de derrubar a moral de homens em uma piscina” (DUARTE, 2016). Todos os nadadores reagiram a partir da hipótese de que uma mulher não é capaz de superar o desempenho de um homem e, portanto, ficaram incomodados com a performance de Katie. Além disso, a derrota para uma mulher em um contexto esportivo expressa um modelo de performance não esperado e aceito para homens, por essa razão é considerada uma ofensa à moral masculina. Afinal, o corpo do homem forte, viril e musculoso é símbolo de sua masculinidade, e perder para uma mulher abala o arquétipo do homem da sociedade atual, que ainda é pautado em sua condição corporal.

Para Messner (1988), esse tipo de tratamento que a mídia dá às mulheres atletas pode ameaçar suas conquistas no contexto esportivo e diminuir o potencial das ações contra-hegemônicas nesse campo.

2.2 A dupla identidade

Metheny (1965, 1965 apud Chalabaev et al., 2013) foi um dos primeiros a identificar os estereótipos de gênero definidos como aceitáveis para os esportes. Os esportes aceitáveis para mulheres incluíam os com padrões de movimentos

estéticos, uso de implementos leves e o não compartilhamento do mesmo espaço físico. Para os homens, seria aceitável o uso da força, de objetos pesados e o contato corporal. O autor definiu os esportes femininos baseados na beleza, e os masculinos na força.

Após mais de duas décadas do estudo de Metheny, a pesquisa de Colley et al. (1987) evidenciou que os esportes individuais eram mais apropriados para as mulheres (incluindo nessa classificação a natação) do que os esportes coletivos. Em outro estudo, a natação foi considerada um esporte neutro, aceitável para as mulheres e homens, mas não essencialmente feminino (MATTEO, 1986)³⁷.

Essas noções de adequação ao esporte ainda permanecem nos dias atuais e estão ligadas ao ideal de corpo feminino. Entretanto, a natação de alto rendimento contemporânea é uma modalidade que desafia o modelo hegemônico de corpo. O físico típico da nadadora é caracterizado por braços tonificados, ombros e costas largas, atributos desejáveis para o alto desempenho, mas não relacionados à feminilidade hegemônica. Ricards (1983) revelou, por exemplo, que as nadadoras têm uma relação maior entre tronco e membro, assim como entre quadris e ombro em comparação com mulheres não atletas, ou seja, o formato do corpo é de um triângulo invertido. O estudo de Kjendlie e Stallman (2011) confirma essa premissa: os nadadores de elite tendem a ter quadris mais estreitos, ombros largos e serem mais altos do que nadadores da subelite. Esses autores apresentam vários estudos que evidenciam a relação entre tamanho e forma corporal e os seus impactos na eficiência do nado. Portanto, há um perfil ideal corporal considerado adequado para a natação.

Sarah Lloyd (2016, n.p.), uma nadadora americana, afirma que o corpo da nadadora não se enquadra em normas sociais e que já ouviu muitos comentários a respeito do seu corpo, como, por exemplo, “você tem ombros masculinos [...], os meninos se sentem intimidados por você”. Nas palavras da esportista, certa vez, ao comprar roupas, “olhei para minha estrutura robusta e musculosa e comparei-a com os corpos finos e esguios dos meus colegas e senti-me estranha” (LLOYD, 2016, n.p.).

³⁷ Matteo (1986) identificou 30 esportes considerados masculinos, 26 neutros e 12 femininos, isso significa que os homens teriam mais experiências esportivas do que as mulheres.

Mas é preciso considerar que a nadadora nem sempre teve esse perfil corporal. As exigências morfológicas da natação de alto nível apresentaram variações ao longo do tempo. Por exemplo, a pesquisa de Mazza et al. (1994) mostrou que houve mudanças na estatura da nadadora entre os Jogos de Tóquio em 1964 e uma competição da Divisão Feminina de Natação dos Estados Unidos (US-NCAA), em 1995. A média de altura das nadadoras saltou de 1.66 m, em Tóquio, para 1.72 m, na competição da Divisão Feminina (US-NCAA). Pode-se perceber também uma musculatura mais pronunciada nas nadadoras olímpicas da atualidade, como a nadadora húngara Katinka Hosszú (Figura 10), que foi ouro nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, quando comparada a nadadoras da década de 1970, como a australiana Shane Gold (Figura 9), medalhista nas Olimpíadas de 1972. Ressalta-se que o corpo da nadadora olímpica contemporânea, mais alto e musculoso, surge em decorrência de uma maior competitividade e de tecnologias de treinamento.



Figura 9 : Nadadora Shane Gold, em 1972. Fonte: Dailymail.³⁸

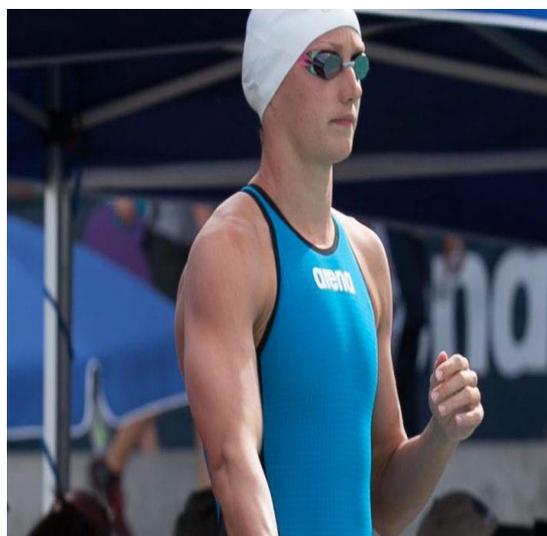


Figura 10: Nadadora Katinka Hosszú. Fonte: Swimming Word Magazine.³⁹

³⁸ Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/femail/article-3739437/How-competitive-swimwear-changed-past-century.html> Acesso em: 15 de jun. de 2017.

³⁹ Disponível em: <https://www.swimmingworldmagazine.com/news/barrett-and-swimming-world-win-katinka-hosszu-lawsuit-appeal/> 10 de dez de 2018.

Katinka Hosszú foi a primeira nadadora a ganhar um milhão de dólares com a natação e, recentemente, declarou: “eu me apresento e nado por cada dólar que ganho” (DAGA; RESENDE, 2016, n.p.). Em 2012, Katinka competiu em 14 eventos e lucrou 400 mil dólares. Ela é conhecida como a “dama de ferro”, por competir em muitas provas e competições por ano (DAGA; RESENDE, 2016). Nadadoras como Hosszú encontram-se em um terreno onde precisam administrar o conflito entre o modelo de corpo ideal no contexto esportivo, funcional e musculoso, e o imposto pela sociedade, magro e tonificado dentro de certos limites.

Mulheres atletas são constantemente julgadas pela sociedade por terem músculos volumosos, um aspecto considerado inadequado para a produção da feminilidade (FALLON; JOME, 2007). Ocorre, portanto, uma preocupação com o tamanho do corpo das mulheres, o que, segundo Bartky (1997), é uma forma de disciplina e controle dos corpos femininos.

Esse conflito entre o corpo esportivo e o corpo social é denominado de dupla identidade, pois, ao mesmo tempo em que as nadadoras descrevem sentimentos de orgulho pelo fato de terem um corpo musculoso decorrente da prática esportiva, elas se sentem incomodadas ao imaginarem como seus corpos seriam percebidos em um contexto diferente ao esportivo (RUSSELL, 2004).

Nadadoras que percebem seus corpos na perspectiva funcional podem adotar as duplas identidades como “atleta”, no ambiente esportivo, e “mulher”, no ambiente social. O esporte pode levar as mulheres a terem uma imagem corporal⁴⁰ mais funcional, ou seja, mais focada no que o corpo pode fazer do que na forma corporal (ABBOT; BARBER, 2011). Entretanto, a funcionalidade corporal é um atributo masculino. Por isso, embora as atletas possam apresentar uma imagem corporal funcional, isso não significa que elas não se incomodem com um corpo excessivamente musculoso (FRISEN; HOLMQVIST, 2010). Conforme Crissey e Honea (2006), quando a musculatura corporal se assemelha à masculina, pode haver um fator de insatisfação corporal.

⁴⁰ Imagem corporal é a figuração do próprio corpo formada e estruturada na mente do mesmo indivíduo, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. (MATARUMA, 2004, p.1)

Essa dualidade leva a uma negociação permanente entre as atletas serem fisicamente poderosas e, ao mesmo tempo, femininas fora do contexto esportivo (KRANE et al., 2010). Isso ocorre porque as mulheres esportivas vivem a cultura “maior”, que dita as normas que definem o ideal feminino; por outro lado, a cultura esportiva estabelece normativas do corpo para a alta performance que o distinguem da cultura maior (TROLAN, 2013).

As atletas, para obterem êxito, precisam violar as imposições da cultura “maior”, pois o contexto esportivo reforça comportamentos *a priori* categorizados como masculinos, tais como a agressividade, a competitividade e a confiança, necessários ao sucesso esportivo. Isso significa que o esporte não reflete necessariamente o contexto social geral, pois recompensa e valoriza comportamentos que, na cultura “maior”, seriam inaceitáveis. Ocorre, portanto, uma ambiguidade em um contexto mais amplo: as atletas são punidas ao violarem as normas culturais e, no esporte, elas são encorajadas a violarem (UNGER; CRAWFORD, 1996).

Uma nadadora pode se sentir confortável com seus ombros largos estando em uma piscina, mas pode se sentir inadequada por não conseguir encontrar camisetas que caibam no seu corpo. A nadadora americana Misty Hyman afirma que o problema é que “você acaba com ombros maiores que a média das mulheres, às vezes maiores que seus amigos” (AUERBACH, 2016, n.p.). Hyman relatou que agora que é adulta percebe seu corpo como forte e ao mesmo tempo bonito. Entretanto, quando era adolescente, “era muito difícil separar essas ideias do que é feminilidade, o que é beleza e qual era a minha identidade em relação a isso como atleta.” (AUERBACH, 2016, n.p.).

Essas percepções de Hyman quanto ao corpo também foram identificadas no estudo desenvolvido por Howells e Grogan (2012), realizado com nadadoras escocesas adolescentes e adultas. Nele, foram analisados: 1) o impacto da natação no corpo: muscularidade, mas com moderação; e a confiança do corpo como transitória: a idade importa. Quanto ao primeiro tema, a pesquisa identificou que as nadadoras adultas consideravam os músculos como sinônimo de vitalidade, saúde e juventude. Já as adolescentes se incomodavam com o aumento da musculatura, considerando-se menos atraentes, mais masculinas e não estando de acordo com o

ideal de corpo fino atingido pelas amigas não nadadoras. Elas se referiam aos seus músculos como “espantosos” ou “repugnantes”. As nadadoras relataram ter dificuldades em comprar roupas, mas nenhuma indicou que iria parar de nadar devido ao impacto da natação no corpo. Quanto ao segundo tema, foi verificada a permanência de duplas identidades em nadadoras adolescentes e a ausência desse comportamento em adultas. As adolescentes tinham confiança em usar os trajes entre outros nadadores, valorizavam e desejavam seus músculos desde que fossem no ambiente da natação. Portanto, o contexto esportivo não era considerado ameaçador. Entretanto, essa confiança se limitava ao contexto da natação; para além das piscinas, essa confiança era substituída pela aflição de não se enquadrar nos padrões estéticos.

A fim de gerenciar o conflito entre o corpo esportivo e o corpo social, algumas nadadoras se inspiram em fotos de nadadoras fortes, e não em fotos de mulheres magras (SWIMBETTER, 2017). Outras atendem às expectativas de gênero, ou seja, elas reforçam as características femininas (FALLON; JOME, 2007). Na natação, o comportamento mais frequente é destacar as unhas, como fez a nadadora olímpica Aimee Willmott, da Grã-Bretanha. Na Figura 11, as unhas de Willmott reforçam e dão visibilidade à sua feminilidade.



Figura 11: Nadadora Aimee Willmott. Fonte: Jefferson, 2012.⁴¹

⁴¹ Disponível em: https://www.buzzfeed.com/whitneyjefferson/the-nails-of-womens-olympic-swimming?utm_term=.vq8DD8QEkq#.pf9EE2zBKj Acesso em: 23 de set. de 2017.

A nadadora Katie Seaton (SEATON, 2015) nos convida a prestar atenção no que foi chamado de “galeria de arte das unhas”, em uma competição de natação, ou seja, a exibição de unhas pintadas com os mais variados desenhos e cores. A nadadora relata que:

sob uma touca de natação, é difícil exibir qualquer um dos nossos traços femininos. A única coisa que nos separa de nossos companheiros de equipe masculinos são os maiôs que oferecem um pouco mais de cobertura, e nosso polimento pré-corrida. As unhas pintadas de uma nadadora são uma última tentativa de permanecer feminina. [...] o brilho adicionado às nossas unhas é a única forma de expressão feminina que temos. Esta tinta para unhas pode ser usada para gritar o espírito de equipe ou adicionar um acabamento perfeito ao final de uma prova. (SEATON, 2015, n.p.).

As atletas utilizam várias estratégias comportamentais apologéticas para resolver o conflito da dupla identidade: esforçam-se para parecer femininas, desculpam-se por atos agressivos, evitam contatos físicos com outras mulheres publicamente e interagem com namorados. Elas são conscientes da possibilidade de serem enquadradas em estereótipos negativos, tais como: atletas do sexo feminino são masculinas; atletas do sexo feminino são lésbicas; e atletas do sexo feminino são inferiores aos atletas do sexo masculino. Por isso, reforçam os estereótipos tradicionais de feminilidade, como uma forma de justificar a manifestação de comportamentos conflitantes e, assim, reafirmarem sua feminilidade e heterossexualidade (DELANO et al., 2009) e descartar aproximações com imagens masculinas ou lésbicas (CARTY, 2005).

Esses comportamentos apologéticos também foram encontrados nos estudos de Krane et al. (2004). Por meio de entrevistas, os autores investigaram os conceitos de imagem corporal, masculinidade e feminilidade. Os resultados evidenciaram que atletas se sentem diferentes das não atletas, assim como sentem que há uma discrepância entre o ideal de “mulher” e o de “atleta”. E para resolver esse conflito, elas procuram atender às demandas do contexto social no qual estão inseridas em determinado momento.

Outra forma de resolver o conflito da dupla identidade é por meio da seletividade de comportamento denominada por Ross e Shiner (2008, p. 54) de “seletividade da feminilidade”. Esses estudiosos identificaram que as atletas avaliam se determinada situação solicita uma aparência feminina e, a partir daí, escolhem

ênfatizar ou não sua feminilidade. Elas agem ocasionalmente de acordo com a feminilidade tradicional, em especial no âmbito social, mas se sentem livres para não reforçar em outros contextos. Isso mostra que as atletas compreendem os papéis tradicionais de gênero, entretanto “construíram suas próprias definições aceitáveis de gêneros” (ROSS; SHINEW, 2008, p. 54).

Uma das atletas do estudo de Ross e Shiner (2008, p. 54) afirmou: “eu sou uma pessoa muito feminina, quando preciso ser. E, ao mesmo tempo, posso ser muito atlética e ficar de calça de moletom”. A respeito da frase “quando preciso ser”, a atleta explicou que ela “poderia fazer isso [ser feminina] quando [ela] queria, mas nem sempre precisava”. Nesse sentido, deliberadamente, as atletas particularizam o comportamento conforme o ambiente.

Ross e Shiner (2008) fazem uma analogia da feminilidade a partir das heroínas do cinema com as mulheres atletas. Para as autoras, as mulheres atletas, ao se esforçarem para se adequarem aos ideais de feminilidade tradicionais, mesmo que ocasionalmente, estariam utilizando a mesma feminilidade apresentada pelas mulheres poderosas do cinema que, ao mesmo tempo, devem ser duronas e belas. Brown (2004, p. 72) afirma que essa nova feminilidade para as mulheres heroínas não significa o rompimento com os papéis tradicionais de feminilidade. “Talvez o potencial de ruptura de estereótipos em personagens de ação é que eles podem assumir posições de poder enquanto também são símbolos sexuais” (2004, p. 72). Isso significa que as heroínas do cinema podem até serem duronas, mas não podem deixar de ser femininas, assim como ocorre no esporte.

Nesse sentido, as mulheres atletas podem ser poderosas e musculosas, o que evidencia uma mudança nos papéis de gênero. Entretanto, o fato de ser poderosa não exclui a necessidade de ser sexy (ROSS; SHINEW, 2008). Um exemplo disso foi a forma como o site *Terra* comentou sobre a nadadora australiana Stephanie Rice, recordista nas Olimpíadas de Pequim, em 2008. Conforme o site, a nadadora é sensual *apesar* do porte atlético (OLIVEIRA et al., 2012).

Da mesma maneira, a nadadora americana Natalie Coughlin (Figura 12) é definida como tendo ombros fortes e sexys em matéria publicada no site *Self* (PHAM, 2013). A matéria fala dos segredos de Coughlin para ter ombros sensuais e é acompanhada de uma foto que enquadra os ombros e o rosto da nadadora,

sugerindo uma oposição: embora a nadadora tenha ombros largos, seu rosto é feminino e sexy. A pose é estática e sem relação alguma com a natação; o olhar é desviado da câmera, mas ao mesmo tempo é sedutor. Além disso, a nadadora, apesar de ter porte atlético, esse não é exagerado, está dentro do “teto de vidro” definido por Dworkin (2001)⁴², ou seja, apesar de musculoso, ainda é considerado um corpo feminino. Para Connell (1987), isso significa que os corpos que buscam força muscular são moldados e limitados por práticas sociais e ideologias de feminilidade enfatizadas e não mais pela biologia.

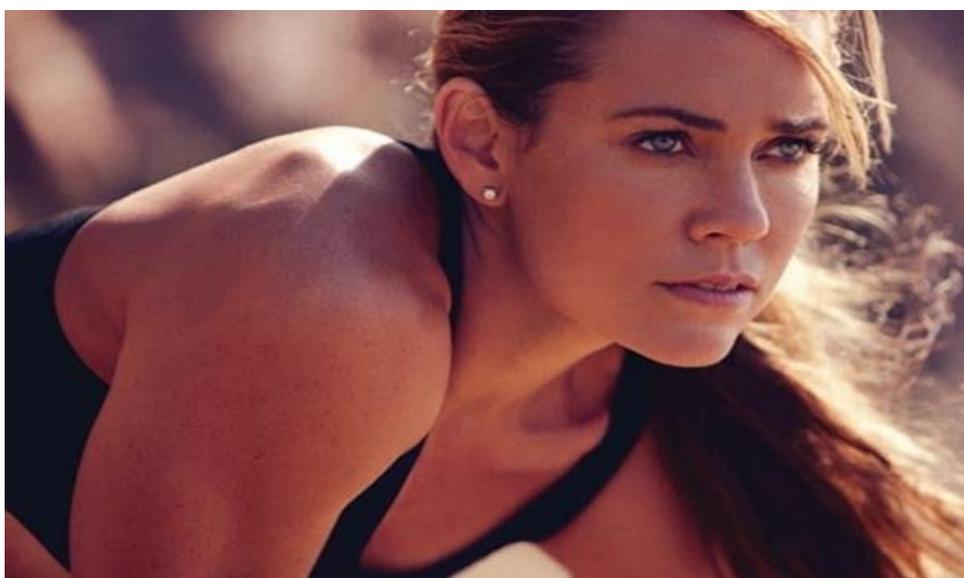


Figura 12:Nadadora Natalie Coughlin. Fonte: Pham (2013, n.p.)

Nos dias atuais, o “corpo definido” é considerado um arquétipo de corpo feminino, pois esse corpo modificou a concepção do corpo ideal, como sendo magro e minúsculo, para um corpo com um maior volume (BORDO, 1993). No entanto, até que ponto esse tipo de corpo transgride os estereótipos de gênero? Bartky (1997) questiona se esse ideal de corpo feminino mais musculoso não seria uma forma nova de autovigilância do corpo (FOUCAULT, 2014), utilizada pelo capitalismo para induzir a necessidade de corpos mais ágeis.

⁴² A autora descobriu que as mulheres ajustavam a intensidade do treino para garantir que seus corpos não ficassem muito musculosos.

Portanto, resumidamente há três métodos que as atletas utilizam para resolver o conflito entre ser atleta e feminina. No primeiro método, as atletas abraçam a feminilidade hegemônica usando, por exemplo, a maquiagem. No segundo, elas escolhem quando serão femininas. E, por último, elas transformam a feminilidade hegemônica (PRUITT, 2013).

Diante desse contexto, haveria a possibilidade das mulheres desenvolverem sua aptidão atlética sem serem necessariamente femininas (WHITSON, 1994), ou haveria formas de uma feminilidade própria do esporte? Ou ainda haveria modo de a musculosidade ser algo também feminino e superar concepções do senso comum que atribuem apenas ao homem características de um corpo musculoso?

2.3 Imagens do corpo da nadadora

Esta seção apresenta as imagens sociais do corpo da nadadora construídas a partir dos estereótipos, como ser feminino, sexy, branco e magro, e discute a respeito de como as imagens visuais, especificamente as fotografias⁴³, corroboram para ampliar e reforçar tais imagens.

Butler (1998) afirma que o corpo da atleta é um corpo imaginado, limitado pelas normas culturais e, portanto, impossível de ser representado em sua totalidade nas fotografias, pois essas imagens concebem o corpo como algo imóvel, acabado e raramente o pensam em movimento. Contudo, o corpo do atleta não é estático; ele está sempre em processo de construção, pois o atleta sempre busca aperfeiçoá-lo.

Todavia, embora exista essa limitação, a fotografia ainda assim é uma forma interessante de estudar o corpo da atleta, pois ela torna visível os padrões normativos, a performance do sexismo no esporte, os potenciais subversivos do corpo feminino e mostra quais as imagens dos corpos da nadadora são selecionadas.

⁴³ As fotografias foram selecionadas a partir das reflexões de Menezes (2005, p. 1) sobre o conceito de visual, ou seja, “trata-se de identificar as imagens de referência, recorrentes, catalisadoras, identitárias – ou aquelas que, em linguagem não técnica, são conhecidas como emblemáticas ou ícones”.

2.3.1. O corpo feminino e sexy

Na década de 1970, a natação feminina da Alemanha Oriental surpreendeu o mundo com suas superatletas. Os países do leste europeu⁴⁴, dentre eles a Alemanha Oriental, deram grande atenção ao esporte feminino. Otto Schmidt, dirigente esportivo da Alemanha Oriental, afirmou que “enquanto outras nações podem produzir equipes masculinas boas, se não melhor do que a nossa, as vencemos globalmente porque não aproveitam todo o potencial de suas mulheres” (RIORDAN; CANTELON, 2003, p. 95). Para Schweinbenz e Cronk (2010), o corpo das atletas do leste europeu estava a serviço do país, e as atletas promoviam e divulgavam a ideologia comunista por meio do desempenho esportivo.

É necessário ressaltar que, de fato, houve o uso de doping⁴⁵ pelo bloco do leste europeu, o que levou o Comitê Olímpico da Alemanha, em 2007, indenizar 167 (cento e sessenta e sete) ex-atletas da Alemanha Oriental pelo doping sistemático (inconscientemente e sem permissão dos pais) entre 1973 e 1989 (SWIMMING WORLD, 2016). O doping aumentou o desempenho dos atletas e levou à consequente promoção da política por meio do esporte, mas, por outro lado, alterou o corpo das atletas (aumentava em especial a massa muscular), que subvertia os padrões tradicionais ocidentais do corpo feminino apropriado.

A mídia ocidental ridicularizava as atletas do leste europeu, referindo-se a elas como amazonas e afirmando que elas haviam escolhido ser “primeiro atletas, e em segundo; meninas”. Por outro lado, essa mídia enaltecia as atletas ocidentais (CAHN, 1994, p. 207). Portanto, ao invés das atletas do leste europeu serem aplaudidas pelas conquistas atléticas, “muitas pessoas no oeste da Guerra Fria responderam com desconfiança, desprezo e escárnio”. (PIEPER, 2014, p.1.557).

Nas Olimpíadas de 1976, as atletas norte-americanas fizeram vários comentários na mídia a respeito das atletas da Alemanha Oriental, como a nadadora Shirley Babashoff: “para ser franca, eu não acho que devemos nos parecer com

⁴⁴ Leste Europeu era formado pela Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Romênia.

⁴⁵ Doping é o uso de “substâncias ou métodos proibidos capazes de promover alterações físicas e/ou psíquicas que melhoram artificialmente o desempenho esportivo do atleta” (ABCD, 2019, p.n). Em português doping é chamado de dopagem. Decidimos pelo uso do termo em inglês por ser mais recorrente no contexto do esporte e na mídia

homens. [...] Eu não gostaria de caminhar pelo bairro parecendo um cara. [...] Essa não é a forma como Deus nos criou” (SWIMMING WORLD, 2016, n.p.). Os americanos criticaram até as vozes baixas das atletas da Alemanha Oriental, e um dirigente esportivo da Alemanha contra-argumentou que estava ali para nadar, e não para cantar (SWIMMING WORLD, 2016).

Shirley Babashoff também afirmou que, “antes mesmo de Montreal, não se sentia confortável no vestiário com, uh, gente tão grande, cabeluda, aquele barítono” (PEOPLE, 1976, n.p.). Entretanto, nenhum dos testes antidoping realizados nos alemães deu positivo e, por isso, a nadadora foi definida pela imprensa e por treinadores americanos como “grossa”, devido a seus comentários sobre as atletas alemãs. Ela havia comentado a um repórter que as alemãs pareciam homens (PEOPLE, 1976).

Ressalta-se que a década de 1970 foi marcada pela Guerra Fria, caracterizada por confrontos econômicos, ideológicos e políticos entre Estados Unidos e União Soviética e países aliados, como os países do leste europeu. Os Jogos Olímpicos, nesse contexto, foram uma ferramenta de divulgação dos países, e a televisão foi um veículo importante, pois passou a politizar os jogos para os espectadores, ampliando as consequências do conflito para o âmbito esportivo (RIGGS; EASTMAN; GOLOBIC, 1993). A mídia foi utilizada para selecionar e direcionar o que o público deveria ver, determinando, dessa maneira, quadros de referência, os quais os espectadores utilizavam para analisar os eventos esportivos (SCHEUFELE, 1999). No geral, os comentários na mídia enfatizavam o conflito entre as nações (SALWEN; GARRISON, 1987), e era usual a mídia ocidental minimizar a atuação dos atletas da União Soviética e países aliados.

Uma das atletas alemãs que mais chamoram a atenção nas Olimpíadas de Montreal, em 1976, foi a nadadora Kornélia Enders (Figura 13), rival de Babashoff, que obteve cinco recordes mundiais em cinco dias. A revista americana *People* (1976, n.p.) a descreveu como tendo “ombros de boi, que estava orgulhosamente no posto de vencedor”, dando a entender que se tratava de um corpo masculinizado. Para Hargreaves (1994), as atletas consideradas musculosas não apresentam em

seus corpos os padrões hegemônicos⁴⁶ e, por isso, enfrentam insinuações a respeito de sua feminilidade.

Essas insinuações podem ser observadas na Figura 13 que destaca os braços e os ombros da nadadora, em uma posição que não revela as curvas do corpo e os seios, sugerindo, dessa maneira, ao espectador a dúvida sobre se tratar de um corpo masculino ou feminino. Essa fotografia denota o policiamento sobre o corpo da mulher para atender às normas heterossexuais.

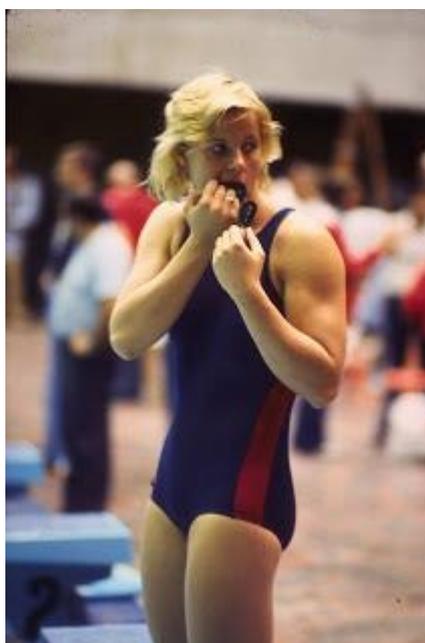


Figura 13: Nadadora Kornelia Ender. Fonte: Roberts (2011).

O corpo de Kornelia, nessa fotografia, é a negação da feminilidade hegemônica. Embora a representação dessa feminilidade não esteja presente na fotografia, ela faz parte do contexto da imagem, mesmo que de forma invisível, na medida em que serve de referência para afirmar que Kornelia não se enquadra no modelo ideal de feminilidade. Nessa fotografia, há a relação entre a imagem social, que estabelece as normativas do ser feminino, com a imagem visual. Isso significa que em uma imagem operam-se os valores, as normas e os estereótipos que nos

⁴⁶ Harris e Clayton (2002) afirmam que a feminilidade hegemônica implica a definição de um tipo ideal de físico e de um comportamento para a mulher. Nesse sentido, sua construção atende não às mulheres, mas à hegemonia masculina, ou seja, serve aos interesses do domínio masculino.

auxiliam a julgá-la, ratificando a afirmação de Ribeiro (2011, p. 657) de que as “imagens geram imagens”, e de que as imagens sociais são reproduzidas nas imagens visuais.

Por outro lado, as atletas ocidentais eram descritas como “graciosas e belas”, enquanto que as do leste europeu eram vistas como “feias e desviantes”. Entretanto, quando as atletas ocidentais tinham características masculinas e exibiam uma alta performance, a mídia ocidental procurava evidenciar de algum modo alguma característica feminina (SCHWEINBENZ; CRONK, 2010, p. 5). O fato é que essa geração de nadadoras alemãs contribuiu significativamente para a ideia de que a natação deixava os ombros largos e o corpo masculino, uma ideia que está mergulhada no imaginário social até os dias de hoje.

Especulava-se que as atletas do leste europeu não seriam, de fato, mulheres, e o domínio dessas no cenário esportivo levou médicos e dirigentes esportivos a estipularem novos critérios de definição da feminilidade (MAYGLOTHING, 1987 apud SCHWEINBENZ; CRONK, 2010). A presença de atletas poderosas perturbava a hegemonia masculina no ocidente (Cahn, 1994), o que levou ao uso de protocolos de teste de sexo para mostrar a todos que as atletas eram verdadeiramente mulheres e para justificar a performance das atletas do leste europeu.

Conforme Heggie (2010), embora popularmente se afirme que os testes foram introduzidos na década de 1960, desde a década de 1930 médicos julgavam as atletas, decidindo se essas podiam competir em eventos esportivos para mulheres. O Comitê Olímpico Internacional só eliminou os testes de sexo das Olimpíadas nos Jogos de Sydney, em 2000. O autor ainda destaca alguns aspectos a serem considerados no contexto de inserção dos testes de sexo. O primeiro aspecto é a vantagem esportiva dos homens, em relação às mulheres, já que as modalidades esportivas, no geral, privilegiam a fisiologia masculina, como o mais alto, mais forte, com coração maior. O segundo é que as mulheres esportistas, frequentemente, possuem um corpo mais “masculinizado” que aquelas que não são esportistas. O teste de sexo, na verdade, é um aspecto limitador do desempenho feminino, pois, quando a mulher é considerada “muito masculina”, é desqualificada. Por outro lado, não há um limite para os homens: “nenhum tipo de vantagem genética, ou hormonal, ou fisiológica é testada, mesmo [...] que estes tenham uma vantagem distinta sobre

o masculino normal, eles são considerados apenas muito atléticos” (HEGGIE, 2010, p. 158). O terceiro se refere à superperformance das atletas da União Soviética em meados do século passado e o fato de essas atletas não se enquadrarem nos padrões ocidentais tradicionais de feminilidade.

A imposição para um “corpo feminino” na natação remonta ao início do século passado. Desde Annette Kellerman⁴⁷, uma nadadora australiana pioneira na defesa da natação profissional feminina, prevalece a imagem da nadadora sexy. Embora Kellerman tenha rompido com alguns padrões comportamentais femininos de sua época, ela se projetou como uma “sereia”, “seu *sex appeal* ajudou a inaugurar uma nova era de natação” (ROSENBERG, 2018, n.p.).

Kellerman escreveu livros orientando mulheres à prática de atividade física e foi a primeira mulher a expor o corpo nu em filmes, além de coreografar os balés aquáticos e atuar. Kellerman também fazia apresentações em que realizava acrobacias e nadava com crocodilos (ROSENBERG, 2018). A esportista foi a primeira mulher a defender uso de trajes inteiros, algo considerado escandaloso na época, pois delineava o contorno do corpo feminino (SCHMIDT, 2008). Ela foi presa, em 1908, acusada de imoralidade por usar em uma praia meias costuradas com uma roupa de banho masculina (PATTEE, 2010). Publicamente, Kellerman defendia a participação das mulheres no esporte, mas em seus filmes era constantemente retratada como uma “ninfa marinha ou uma sereia e [...] sua beleza estava simbolicamente ligada a discursos de duplicidade feminina, encantamento perigoso e loucura.” (PATTEE, 2010, p. 20).

Outra nadadora que foi parar nas telas de Hollywood foi Eleanor Holm, atleta da equipe norte-americana nos Jogos Olímpicos de 1932. Ela foi expulsa dos Jogos de 1936 por beber no navio da Alemanha. Depois disso, ela estrelou vários filmes de Hollywood,⁴⁸ incluindo *Tarzan's Revenge*, mas nunca voltou a nadar de forma competitiva. Na verdade, o público a percebia muito mais como uma mulher que

⁴⁷ Embora Anette Kellerman não seja uma nadadora olímpica, ela foi mencionada por ser uma pioneira na natação profissional e no uso de vestimentas com uma peça única.

⁴⁸ Pattee (2010) ressalta que na década de 1930 os filmes hollywoodianos atribuíram à água uma conotação sexual: há muitas cenas que relacionam sexo e água. “Nós costumávamos nadar depois de uma festa”, afirma Cary Grant, no filme *The Philadelphia Story*. A presença das piscinas nos filmes era devido ao aumento da popularidade delas.

representava os ideais femininos do que uma mulher com grandes conquistas atléticas (ROSENBERG, 2018, p. n).

Da mesma maneira que Holm, Ester Williams foi uma grande nadadora que se tornou uma estrela de cinema. No filme *Technicolor Million Dollar Mermaid*, o apelo sexual é evidente na fala de um dos personagens que diz a Williams: “molhada, você é fantástica; seca, você é apenas uma garota legal que deveria se estabelecer e se casar.” (ROSENBERG, 2018, n.p.). Os filmes de Williams, como os de Kellerman e Holm, eram sensualizados, mas trouxeram um novo ideal de feminilidade em que glamouriza a nadadora e a vida doméstica. “As cenas na piscina de Williams articularam os valores tradicionais conservadores da família sob um véu de sexualidade.” (PATTEE, 2010, p. 66).

Essa imagem da nadadora como alguém sexy e feminina permanece nos dias atuais. Um exemplo é a representação da nadadora americana Natalie Coughlin, na matéria de Hasty (2016)⁴⁹. Ele ressalta seus feitos olímpicos, entretanto a fotografia (Figura 14) que acompanha o texto é da nadadora nua em uma pose sexy dentro da água, ou seja, a imagem não tem relação alguma com o texto. Na verdade, ela desloca o olhar do leitor para o corpo sexy, e não para a performance da nadadora. O título da matéria, “Natalie Coughlin: as fotos mais quentes da nadadora olímpica dos EUA”, ratifica a ideia do corpo sexy da nadadora.



Figura 14:Nadadora Natalie Coughlin. Fonte: Hasty (2016).⁵⁰

⁴⁹ Matéria publicada no site COED, intitulada “Natalie Coughlin: Hottest Photos Of The U.S. Olympic Swimmer”.

⁵⁰ Disponível em: <https://coed.com/2016/06/29/natalie-coughlin-photos-hot-pictures-best-sexy-instagram-us-olympic-swimmer> Acesso em: 8 de jun. de 2018.

Nessa fotografia, o corpo nu de Coughlin ocupa a posição central, em uma pose que sugere movimento, mas sem relação alguma com os movimentos da natação. Essas observações a respeito da fotografia de Coughlin estão de acordo com os estudos de Buysse e Herbert (2004), os quais evidenciaram que as mulheres são mais propensas a serem retratadas em poses passivas e irrelevantes para o esporte. Assim como, ratificam as reflexões de Kane (1996, p. 102). Esse autor afirma que “atletas do sexo feminino normalmente são retratados fora da quadra, fora do uniforme e em poses altamente passivas e sexualizadas”.

O rosto da atleta é ocultado, um dado coerente com os achados de Goffman (1979), que diz haver uma tendência de as mulheres estarem dispersas na cena fotográfica, na medida em que seus rostos não são visíveis ou que o olhar não está direcionado para a câmera. Por outro lado, uma pesquisa mais recente de Pruitt (2013) concluiu que em mais da metade das fotografias analisadas os rostos das atletas estavam visíveis.

Além disso, na fotografia a marca do maiô é destacada; tem-se, na verdade, uma forma de apelo sexual que, além de indicar que a atleta pratica uma modalidade aquática, sugere que a água é um elemento que a deixa sexy e atraente. Como mencionado anteriormente, essa concepção da água enquanto símbolo de sensualidade estava presente nos filmes de Ester Willians, na década de 1940. O fato é que, nesse tipo de fotografia, Coughlin não foi representada como atleta, mas como modelo. Para Kim e Sagas (2014, p. 13), “quando os atletas são retratados como modelos de maiôs, eles obviamente ganham notoriedade de modelos de moda, não como atletas”.

A forma como a atleta é enquadrada na fotografia, destacando suas pernas e nádegas (partes do corpo consideradas sensuais), contribui para a percepção do público sobre o ideal de corpo da nadadora olímpica. O estudo de Knight e Giuliano (2001) evidenciou que, em artigos nos quais o foco são as habilidades atléticas, as mulheres são percebidas como menos atraentes, do que quando o foco é sua beleza e sensualidade. Isso sugere que esse tipo de fotografia orienta nossas representações de como deve ser o corpo das atletas, reforçando a ideia de um corpo feminino e sexy.

Essa fotografia foi originalmente publicada na *Revista ESPN*, uma das principais mídias esportivas, na seção “*Body Issue*”. Essa seção foi criada em 2009, sob a premissa de ser uma forma de celebração e exploração da forma atlética⁵¹. Cada edição especial apresenta fotografias de aproximadamente 25 atletas masculinos e femininos, nus ou seminus.

Rose (2007, p. 11) afirma que um olhar cuidadoso sobre a imagem implica considerar a forma como essa imagem apresenta “especificidades de categorias sociais como classe, gênero, raça, sexualidade”. Tanto a Figura 13 (ver p. 76) quanto a Figura 14 (ver p.79) revelam as normas hegemônicas de gênero. A primeira apresenta o corpo que as transgride; e a segunda, o corpo que se adéqua. Desse modo, essas imagens visuais apresentam, por meio da aparência do corpo, ideais de feminilidade, assim como sua violação.

As imagens visuais, na verdade, evidenciam que a “feminilidade normativa está cada vez mais centralizada no corpo [...] e em sua sexualidade, mais precisamente, em sua suposta heterossexualidade e sua aparência”, do que, como no passado, associado a tarefas domésticas e a maternidade (BARKTY, 1997, p. 42). Não que as mulheres de outras épocas não se preocupassem com seus corpos, entretanto “o que é novo é o crescente poder da imagem em uma sociedade cada vez mais voltada para a mídia visual” (BARKTY, 1997, p. 42). As mulheres são constantemente bombardeadas com imagens visuais de feminilidade hegemônica focadas no corpo, que não só as afetam individualmente, mas também na forma como a “sociedade, em geral, aprende a pensar o que é isso de ser mulher” (RIBEIRO, 2011).

2.3.2. O corpo magro

Imagine estar em um maiô de natação, o qual adere ao corpo e revela que você está acima do peso, isso na frente das câmeras de todo o mundo em uma Olimpíada. A nadadora australiana Leisel Jones participou de quatro Olimpíadas,

⁵¹ Isso, de acordo com o ESPN Planning Guide (2014).

ganhou nove medalhas, sendo três de ouro, e ficou na mira da mídia, que criticou sua forma corporal quando ela participou dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Mesmo sendo uma das melhores nadadoras australianas de todos os tempos, seus críticos destacaram sua aparência, a exemplo do jornal *Melbourne Herald* que afirmou que Jones estaria fora de forma durante as eliminatórias para os jogos (GERSTNER, 2012).

O jornal australiano *Herald Sun* publicou uma matéria sobre Jones comparando o corpo da nadadora nos Jogos Olímpicos de Pequim, de 2008, quando ela apresentava um corpo esguio, com o corpo “acima do peso ideal” nos Jogos de Londres, o que levou o jornal a questionar se a atleta estava apta a participar das Olimpíadas (SMITH, 2012) e se ela conseguiria vestir seu maiô de competição como o fez nas Olimpíadas de Pequim. “Foi uma das coisas mais difíceis com que já tive que lidar. [...] Eu fui chamada de gorda na primeira página de um jornal [...]. Eu queria engatinhar debaixo de uma pedra e morrer”, relembra Jones a respeito de quando estampou a primeira página de um jornal que criticava seu corpo antes dos Jogos de Londres, em 2012 (TRAN, 2018, n.p).

O jornal ainda fez uma enquete com o público perguntando se os espectadores achavam que Jones tinha condição de competir. Os comentários no fórum on-line também se referiram à forma e ao peso de Jones, considerados inaceitáveis para uma nadadora olímpica, pois comprometeriam o desempenho da nadadora. Um dos espectadores alterou a imagem da nadadora para que sua mochila se parecesse com um saco de comida do McDonald's.

McMahon e Ruchti (2016) pesquisaram como a mídia australiana representou Leisel Jones durante os Jogos Olímpicos de 2008 e 2012. Para as autoras, a mídia veicula a ideia de que há uma relação necessária entre corpo magro e alto e desempenho esportivo, ou seja, o atleta precisa ser magro para ser vencedor. Foram selecionadas duas fotografias de Leisel Jones, publicadas no *Sydney Morning Herald* e no *Herald Sun*. Assim como foi feita uma pesquisa on-line usando como palavras-chave as expressões “nadador gordo”, “excesso de peso” e “corpo nadador” e foram analisados comentários em fóruns on-line.

Primeiramente, as fotografias foram analisadas em seus aspectos técnicos; depois foi abordada a relação entre as fotografias, as legendas e os títulos das

reportagens. Na primeira fotografia analisada, (Figura 15), as coxas e a barriga da nadadora são destacadas; sua cabeça está baixa e os ombros estão curvados. O texto que acompanha a fotografia usa as palavras “forma” e “peso” para direcionar a atenção do espectador à forma corporal de Jones, assim como postula que a atleta tem problemas para controlar o peso e que está “gorda”.



Figura 15:Nadadora Leisel Jones. Fonte: McMahon e Ruchti (2016, p. 138)

Na segunda fotografia (Figura 16) analisada por McMahon e Ruchti (2016), todas as pessoas foram excluídas, restando apenas a nadadora, que ocupa uma posição central e praticamente todo o espaço da imagem. A fotografia foi publicada com foco alterado, tendo sido ampliada e recortada para iluminar pontos diferentes. Assim como a fotografia anterior, essa também foi tirada de cima para baixo, ressaltando o corpo em posição curvada de Leisel Jones. Abaixo da fotografia foram utilizados descritores como “arredondada”. O autor do texto declarou que não estava afirmando que Jones estava gorda, mas apenas questionando se a mesma estava em condições para competir por medalhas. Nota-se que, em ambas as fotografias,

houve enquadramentos, posicionamento e produção de texto que afirmavam a ideologia do “magro para vencer”. Ressalta-se que “quando Tiffany Cohen ganhou suas medalhas olímpicas, sua gordura corporal era de 22%. Essa porcentagem está consideravelmente acima dos 15% que muitos treinadores rotineiramente defendem como um limite superior para nadadoras de elite” (THOMPSON; SHERMAN, 1993, p. 120).



Figura 16:Nadadora Leisel Jones. Fonte: McMahon e Ruchti (2016, p. 140).

McMahon e Ruchti (2016) questionam por que os jornais que publicaram as fotografias com suas respectivas reportagens não publicaram fotos de Leisel Jones nadando ou com roupas menos reveladoras. Além disso, as mesmas fotos foram publicadas em outros meios de comunicação, tendo indicativos de processos de recortes e zoom.

McMahon e Ruchti (2016) se apropriam das teorias de Huggins (2008) para compreender os comentários on-line e sugerem que eles podem ser decorrentes do armazenamento visual interno de padrões e regras que auxiliam a criar um olhar esportivo, conceito definido por Huggins (2008). Esse olhar, por sua vez, “ordena e regula o relacionamento com eventos e imagens esportivos, demarcando o ‘outro’, a

oposição esportiva e identificando o 'fora do comum' em termos de realização esportiva, elogiando-o, ou mesmo respondendo negativamente a ele" (HUGGINS, 2008, p. 320). Esse olhar esportivo direcionou os espectadores a enquadrar o corpo de Leisel Jones como insatisfatório para uma nadadora olímpica.

A pressão para emagrecer não foi algo que aconteceu exclusivamente com Leisel Jones. A nadadora americana Amanda Beard relatou em seu livro de memórias como lutou contra a bulimia e como a cultura masculina dominante na natação prejudica nadadoras jovens. Em 1997, quando leu comentários em jornais sobre seu corpo, parou de nadar e escreveu: "os jornalistas esportivos me chamaram de gorda e arruinada e que eu nunca faria nada de bom em nadar de novo" (ROSENBERG, 2012, n.p.).

Benson e Taub (1993, p. 360) identificaram que os nadadores sentem pressão para perder peso; eles "podem ser especialmente vulneráveis para comerem desordenados devido à exibição de seus corpos em um uniforme de equipe apertado e revelador". De acordo com a pesquisa de Rell e Gill (2001), 51% dos nadadores entrevistados afirmaram que houve pressão para perder peso, sendo que os aspectos mais significativos que influenciavam nessa pressão eram: ter um maiô revelador; a percepção de que ao estar mais magro o rendimento era maior; e o olhar fiscalizador dos colegas e do público a respeito do corpo.

Com relação ao corpo magro e sua relação com uma maior vantagem na performance, Jennifer Carter, diretora de psicologia do esporte da Ohio University Sports Medicine, concorda que existem fatores de risco específicos para transtornos alimentares em atletas do sexo feminino, "como a crença de que a magreza está relacionada ao desempenho" (AUERBACH, 2016, n.p.).

Além disso, a natação possui um dos uniformes que mais revelam o corpo, ficando o atleta exposto e vulnerável a olhares externos e, por isso, é mais fácil observar o ganho de peso de um nadador. Afinal, os trajes não conseguem escondê-los ou disfarçá-los. Para Fredricson et al. (1998), as mulheres sentiam mais vergonha ao usar um traje natação do que uma camiseta, pois, com os trajes, elas se sentiam reduzidas ao próprio corpo. Nesse sentido, Howells e Grogan (2012) afirmam que, embora não existam juízes avaliando elementos de beleza e graça,

como nos esportes estéticos, na natação os nadadores estão expostos ao espetáculo, que é a competição em si.

Podemos inferir que essa preocupação com o peso se deve à forma como a natação é categorizada, ou seja, como um esporte de construção fina que exige baixos índices de massa corporal (BYRNE; MCLEAN, 2002). Entretanto, uma porcentagem de gordura mais elevada pode influenciar positivamente na flutuabilidade e, conseqüentemente, interferir positivamente no desempenho do atleta (STAGER, et al., 1984), mas desde que essa porcentagem não seja excessiva, pois porcentagens elevadas aumentam a força de arrasto e, com isso, diminuem a performance (LOWENSTEYN et al., 1994).

Embora não haja estudos científicos conclusivos que relacionem um corpo magro a melhores desempenhos na natação, a mídia continua a disseminar imagens estereotipadas do corpo da nadadora (MCMAHON; RUCHTI, 2016). Na verdade, tais imagens também fazem parte das práticas culturais da natação. Nesse sentido, “a forma corporal ideal é uma ideologia socialmente construída pela cultura da natação e reforçada por treinadores, onde um corpo de nadador magro é um corpo rápido”. (MCMAHON; THOMPSON, 2011, p. 41).

O problema é que, como alerta Kang, “as imagens visuais fornecidas pela mídia podem ter um forte impacto nas atitudes, crenças e comportamentos, uma vez que pode contribuir para significados e associações totalmente à parte e de maior significância” (1997 p. 980). Além disso, as atletas podem desenvolver a auto-objetivação, definida por Fredrickson e Roberts (1997) como uma tendência a introjetar a visão externa sob a perspectiva de um observador, percebendo-se como um objeto a ser monitorado e avaliado em relação aos atributos físicos, algo que se manifesta pela vigilância cotidiana da aparência do corpo.

Fredrickson e Roberts (1997), dessa forma, postulavam que a socialização de gênero e as experiências ambientais levam os indivíduos a internalizarem normas culturais que determinam os valores e os significados que atribuímos ao corpo. Do mesmo modo, Foucault (2014, p. 187) argumenta que “é o fato de ser constantemente visto, de ser sempre suscetível de ser visto, que mantêm o indivíduo disciplinado na sua sujeição”. Transpondo essa análise para o contexto da natação

feminina, isso significa que as nadadoras, por terem consciência que são observadas, incorporam as normativas sociais, como a busca de um corpo magro.

Essa vigilância pode ter como consequência a vergonha do corpo decorrente da não adequação aos padrões ideais de corpo, assim como a ansiedade gerada pelo medo da avaliação da aparência física por outros. Esses aspectos podem interferir negativamente na saúde mental das mulheres, levando à ocorrência de distúrbios alimentares, depressão e outros (MORADI; HUANG, 2008), a exemplo de Leisel Jones, que teve pensamentos suicidas por avaliar seu corpo como inadequado quando comparado ao padrão internalizado. Aqui, a imagem do panóptico é evocada. Sabendo que pode ser observada da “torre”, a nadadora se polícia. As nadadoras, portanto, têm experiências particulares de controle do corpo, seja por uma maior definição muscular, como apresentamos na seção anterior, seja pelo excesso de peso.

O fato é que essas críticas feitas ao corpo de Leisel Jones foram pautadas em sua aparência, e não em suas habilidades atléticas. Elas corroboravam com a narrativa de que um corpo acima do peso não é compatível com o corpo de uma nadadora vencedora, pois o corpo magro é compreendido enquanto funcional. Essa narrativa traz consigo explicações e interpretações que foram construídas a partir do ideal de corpo da sociedade (que é magro), o qual influencia todas as outras esferas sociais, sendo o esporte uma delas. Nesse contexto, a mídia se constitui como um importante veículo para divulgar os ideais de um corpo magro para vencer. Para tanto, usa estratégias de enquadramento das fotografias, a fim de reforçar tal ideologia e, assim, construir significados a respeito do corpo da atleta, influenciando, dessa maneira, a capacidade de olhar do espectador.

2.3.3. O corpo branco

Quando a primeira mulher negra, a nadadora jamaicana Alia Atkinson, ganhou uma medalha de ouro no campeonato mundial de natação, a CNN⁵², a

⁵² Cable News Network (CNN) é um canal a cabo de notícias norte-americano.

ESPN⁵³ e o *The Guardian*⁵⁴ escolheram uma fotografia (Figura 17) na qual ela se mostrava surpreendida com o resultado, de olhos arregalados, “fazendo-a parecer mais uma ganhadora de loteria do que uma nadadora de elite” (ROSENBERG, 2018, p. n). E abaixo da fotografia publicada no site da CNN, ainda tinha um pequeno texto explicativo: “um olhar de descrença é gravado no rosto de Alia Atkinson, depois que ela conquista o ouro nos 100 metros nado peito feminino, nos campeonatos mundiais de natação de curta duração no Qatar.” (GITTINGS, 2014, n.p.).



Figura 17: Alia Atkinson no Mundial de natação. Fonte: Gittings (2014).⁵⁵

Dessa maneira, o discurso da legenda se cruza com o da fotografia, a fim de estabilizar as interpretações. Na verdade, a descrença seria por parte da imprensa pelo fato de Alia Atkinson ser negra e a natação ter excluído os negros das piscinas por gerações. Afinal, a mídia está acostumada a celebrar as conquistas de mulheres brancas. Para Rose (2007), as imagens revelam concepções relativas às categorias sociais, sendo raça uma delas, e nessa situação em questão é o estereótipo de que o negro não nada. Então, como representar alguém que nunca foi representado no mundo da natação? Representando-o como um estranho no espaço da natação. Dessa maneira, o corpo da nadadora é local da diferença social.

⁵³ ESPN, sigla para Entertainment and Sports Programming Network, é uma rede de TV por assinatura dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos.

⁵⁴ *The Guardian* é um jornal diário nacional britânico.

⁵⁵ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/12/07/sport/swimming-atkinson-world-first/index.html>. Acesso em: fev. de 2018.

Cahn⁵⁶ (1994, p. 127) afirma que o silêncio em torno das atletas negras reflete o poder desses estereótipos para restringir as mulheres afro-americanas às margens da vida cultural, ocupando um status de “outros” distantes. A questão é que essa imagem de Atkinson produz conhecimento sobre a forma de pensar o negro na natação. Por que não escolheram uma fotografia de Alia Atkinson nadando ou recebendo a medalha?

Pussieldi (2004, n.p), ex-técnico de natação, afirma que a natação “talvez seja o esporte mais branco da América ou quem sabe do mundo”. O fato é que as mulheres negras estão invadindo um espaço antes ocupado por brancos, a exemplo de Alia Atkinson e de Simone Manuel, primeira nadadora negra a ganhar ouro em uma Olimpíada. No entanto, esses feitos são subnoticiados pela mídia, pois a natação torna-se notícia somente quando Michael Phelps ou Ryan Lochte quebram recordes (ROSENBERG, 2018) ou quando atletas brancas se destacam, como Katie Ledecky.

A cobertura da mídia ainda é sexista e racista, e isso tem sido um fator limitante para a participação das mulheres, em especial para as negras. Historicamente, os homens brancos dominaram as piscinas e as mulheres que ousaram nadar romperam com a cultura esportiva prioritariamente masculina (ROSENBERG, 2018).

Por que a mídia ao se referir às atletas brancas como Katie Ledecky não menciona sua cor e, quando se refere a negros, a cor é enfatizada? A nadadora Simone Manuel (2017) afirma que é constantemente reportada como “a nadadora negra” e, na verdade, gostaria de ser referida como a nadadora “campeã olímpica”, embora saiba da importância em ser uma atleta negra na natação.

Da mesma forma, a nadadora Blair Cross relata que, na universidade em que estuda, frequentemente é referida como “a nadadora negra”, sendo que normalmente as pessoas se surpreendem quando ficam sabendo que ela é nadadora e comentam: “eu pensei que você iria afundar na água” (LAPCHICK, 2008,

⁵⁶ Cahn analisou os estereótipos raciais e sexuais criados sobre o corpo da mulher negra que influenciaram as escolhas esportivas delas nos Estados Unidos. Ela exemplifica as atletas do atletismo que foram ridicularizadas por Norman Cox que fez a seguinte proposição “o Comitê Olímpico Internacional deveria criar uma categoria de competição para eles: os ‘hermafroditas’ injustamente favorecidos que derrotaram regularmente as ‘mulheres normais’, aquelas menos habilidosas. ‘Seios largos, quadris largos [e] joelhos batidos’”. (CAHN, 1994, p. 111).

n.p.). O fato é que os atletas negros são identificados racialmente, algo que não ocorre com os brancos (KING; SPRINGWOOD, 2001 apud DOUGLAS, 2005)

A natação é historicamente marcada por estereótipos racistas e pela consequente exclusão dos negros. O documentário *The black line* mergulha nesse contexto ao trazer reflexões importantes que buscam romper com o estereótipo de que os negros não sabem nadar. “Há um estereótipo desconcertante, de que os negros não sabem nadar”, disse o diretor Stan Jakubowicz ao *The Post* (GOLLAYAN, 2016, n.p.). *The black line* foi indicado ao Emmy e traz o relato de várias nadadoras, como Alia Atkinson e Simone Manuel

Este estereótipo pode ser observado na quantidade de nadadores negros. A USA Swimming Foundation tem 280.000 membros, e menos de 1% é afro-americano e latino (LAPCHICK, 2008). Contraditoriamente, Houzer (1974) descobriu que a natação é uma das modalidades preferidas das mulheres afro-americanas, mas elas, conforme Corbett e Johnson (2000), são orientadas por estereótipos sociais que as direcionam para outras modalidades, como o basquete e o atletismo. Estes autores afirmam que (2000, p. 212), “isso se dá não porque elas são sejam talentosas nessas modalidades, mas porque são levadas por treinadores e outros a acreditarem que estas são suas opções”. O curioso é que, de acordo com Leath e Lumpkin (1992), o basquete *a priori* é definido como um esporte masculino, entretanto é apropriado para mulheres, desde que sejam negras.

De acordo com Fryar (2016), narrativas como a de que o negro tem muita densidade muscular óssea, o que dificultaria sua flutuação, foram criadas para afastá-los das piscinas. Um exemplo dessas teorias está no estudo de Allen e Nickel (1969) intitulado *O negro não aprende a nadar*. A pesquisa concluiu que os negros flutuavam menos que os caucasianos e que seus músculos se movimentavam com dificuldade em águas frias. E um mais recente estudo, de Bejan et al. (2010) afirma que há diferenças no centro de gravidade entre brancos e negros, o que explicaria uma melhor performance dos brancos. Essas justificativas, portanto, dão ênfase ao determinismo biológico, sendo que a sub-representação dos negros nas piscinas é, na verdade, resultado de aspectos socioculturais que carregam o discurso das teorias eugênicas, a partir das quais os brancos seriam superiores aos negros. A

vitória de Simone Manuel foi uma rejeição enfática dessas narrativas de que negros não conseguem nadar.

A fotografia de James Brock (Figura 18), gerente do Hotel Monson Motor Lodge em Saint Augustine, jogando ácido muriático na piscina, exclusiva para brancos, após a entrada de manifestantes negros, é um exemplo de racismo presente nas piscinas (ROSENBERG, 2018, n.p). As piscinas eram como Wiltse (2007, p. 4) sugere: lugares onde os brancos “literalmente espancavam os negros para fora da água”.



Figura 18: Gerente de motel derramando água sanitária em negros em uma piscina. Fonte: Rosenberg (2018, n.p.).

Como consequência da segregação racial, que implicou a falta de acesso às piscinas, tem-se hoje uma disparidade entre negros e brancos na natação competitiva. Ser negro diminui as possibilidades de nadar em cerca de 60%, mesmo ajustando outros fatores como idade sexo e classe social (HASTINGS et al., 2006).

Como resultado do acesso limitado, a natação não se tornou parte integrante da cultura recreativa e esportiva das comunidades afro-americanas. Sucessivas gerações de pais brancos levaram seus filhos para piscinas e os ensinaram a nadar, porque era isso que eles faziam quando crianças [...]. No entanto, essa cultura de natação ampla e autoperpetuadora não se desenvolveu entre os negros americanos. Desta forma, a disparidade de natação criada pela discriminação do passado persiste no presente. (WILTSE, 2014, p. 368).

A natação, portanto, é um espaço de dominação branca. No estudo desenvolvido por Irwin et.al. (2008, p.14), a respeito dos fatores que podem restringir a participação de minorias na natação, foi evidenciado que os brancos se sentem mais seguros que os negros e hispânicos /latinos no contexto da natação:

os brancos entrevistados revelaram uma tendência em concordar as afirmações de que a “a natação é para mim”, “a maioria de sua família pode nadar “e” eu tenho um pai/responsável que me encoraja a nadar “do que quando comparado hispânico/latino e afro-americano”. O estudo também revelou que os “brancos têm mais amigos que gostam de nadar do que os afro-americanos e hispânicos/latinos”. No que diz respeito à declaração “eu não sei nadar porque não tenho o equipamento certo/roupa de banho”, as respostas afro-americana e hispânica/latina foram significativamente maiores (mais concordância) do que as respostas brancas. Com respeito à declaração “Meu filho não sabe nadar porque ele não é um nadador muito bom”, afro-americanos e hispânicos/latinos entrevistados tinham significativamente mais medo de se afogar ou de ser feridos enquanto nadavam do que entrevistados brancos à medida que a renda aumenta. O mesmo aconteceu com a capacidade/conforto de natação do respondente no que diz respeito à concordância com “nadar é para mim”, “eu tenho um pai/responsável que me encoraja a nadar”. A maioria dos membros da minha família pode nadar, enquanto o medo de se afogar é diminuído. (IRWIN et al., 2008, p.14).

Outra questão que afastou os negros das piscinas foi o cabelo molhado. A pesquisa de Waller e Norwoord (2009, p. 349) cita respostas de mulheres negras publicadas na *Essence Magazine*, no artigo intitulado “A verdade do naufrágio: Por que as crianças negras não podem nadar”. Nas palavras de uma das entrevistadas, “minha irmã e eu nunca aprendemos a nadar porque tínhamos muitos cabelos crespos, e minha mãe não queria ser incomodada com lavar e secar os nossos cabelos.” (WALLER; NORWOORD, 2009, p. 349). Outra entrevistada afirmou:

Eu fiz algumas aulas de natação, mas ainda não sei nadar. [...] Eu acho que a associação de morte e água tem um grande papel na maneira como penso em nadar. Além disso, como uma mulher afro-americana, é mais complicado meu cabelo nadar. Eu não vejo a natação como uma atividade. (WALLER; NORWOORD, 2009, p. 349).

Portanto, o cabelo como um problema relacionado à prática da natação por mulheres negras não seria um mero mito, como sugere Irwin et al. (2008). Compreender o contexto cultural é fundamental para a análise dos dados. Lester

(2000, p. 207), nesse sentido, sugere a “compreensão do cabelo dos negros⁵⁷ como uma questão complexa e simultaneamente pessoal e política”.

A desigualdade racial na natação perpassa também por questões relacionadas à classe social do indivíduo. Nas últimas décadas, foram abertas poucas piscinas públicas e foram fechadas muitas das que já existiam. Paralelamente a isso, aumentou o número de piscinas privadas, em clubes e quintais. Como consequência, os americanos pobres passaram a ter menos acesso às piscinas (IRWIN et al., 2008).

A natação é um esporte elitizado, que exige uma disponibilidade considerável de tempo e de recursos financeiros. A nadadora americana Molly Lloyd afirma, nessa perspectiva, que

a maioria das equipes de natação que não são da escola custa muito dinheiro para participar. Você tem que pagar pela associação, bem como pelos ternos e bonés e óculos para você durante a temporada. O transporte também pode se tornar um problema, pois requer uma quantidade razoável de tempo e dinheiro. Embora a questão do dinheiro afete todas as pessoas de classe baixa, parece afetar desproporcionalmente os americanos negros de classe baixa. (LLOYD, 2016, n.p.).

Os reflexos dessa condição podem ser observados na pesquisa realizada pela Universidade de Memphis, encomendada pela USA Swimming Foundation, realizada entre nos anos de 2008, 2010 e 2017, sobre os fatores que limitam as minorias a nadarem. Essa pesquisa identificou que a renda e a educação dos pais são determinantes para a capacidade de nadar. Segundo Irwin et al. (2017), “quanto mais renda familiar for relatada, maior será a capacidade de natação da criança. E o oposto também é verdade. Quanto menor a renda familiar da criança, menor a capacidade de natação da criança” (IRWIN et al., 2017, p. 9).

Quanto à influência dos pais, a pesquisa evidenciou que crianças negras americanas eram menos propensas a ter um pai que soubesse nadar. E embora a capacidade de nadar tenha melhorado para todos, se compararmos a pesquisa feita em 2017 com as realizadas anteriormente, ainda há diferenças de raças. “Os

⁵⁷ O conto “Por que o negro tem cabelo crespo”, de Richard M. Dorson (1956, p. 176), afirma que, quando ocorreu a distribuição dos cabelos durante a criação do mundo, os negros estavam comendo melancia e por isso se atrasaram. “O único cabelo que foi deixado era o que as outras pessoas não queriam - pisaram nele. [Gesto de torcer o pé no chão.] Então as pessoas de cor tinham que colocar o cabelo sujo... enquanto as outras pessoas, chineses e japoneses e brancos, colocavam o cabelo liso.” (LESTER, 2000, p. 205).

entrevistados brancos autorrelataram uma capacidade de natação significativamente maior do que os entrevistados negros/afro-americanos e hispânico-latinos.” (IRWIN et al., 2017, p. 7).

Um exemplo evidente de que os negros têm oportunidades limitadas à prática da natação foi a participação da nadadora Paula Bolopa, da Guiné Equatorial, nas Olimpíadas de Sydney, em 2000. Ela se classificou juntamente com seu compatriota Eric Moussambani, a partir de um programa do Comitê Olímpico Internacional (COI) que visava uma maior participação de países sem tradição na natação competitiva. Os atletas que participavam desse programa não precisam obter índices para serem classificados. Nesse período, a federação de natação da capital do país era recém-criada. Além disso, não havia projetos nacionais para o desenvolvimento da natação. “Bolopa, uma funcionária de caixa de supermercado, aprendeu a nadar num rio da região” (MACNEILL, 2006, p. 20). A única piscina do país tem apenas 20 metros e está localizada em um hotel da capital. “É uma piscina muito básica. Às vezes, eu não posso usá-la porque os hóspedes do hotel estão nela” afirmou Bolopa. (FOSTER, 2000, n.p.). Ela nunca tinha nadado em uma piscina de 50 metros e nunca tinha visto um bloco de partida antes de competir na prova dos 50 metros nado livre (BBC, 2000). Além da falta de estrutura para treino, a equipe da Guiné Equatorial não teve uniforme, assim como não teve acesso aos maiôs tecnológicos que os nadadores das nações mais ricas tiveram (CHAUDHARDY, 2000).

Foster (2000, n.p.) afirmou que “os membros da equipe costumam praticar nas águas infestadas de crocodilos e tubarões ao redor da costa oeste africana”. Entretanto, Paula Bolopa não confirmou essa retórica: “eu não nado com crocodilos. Essa história é uma invenção”, disse a nadadora (MACNEILL, 2006, p. 29). Além de narrativas estereotipadas a respeito dos nadadores da Guiné Equatorial, a mídia se referiu aos atletas de forma preconceituosa e irônica.

Isso mostra que a mídia não comentou a participação de Paula Bolopa e de seu compatriota somente partir do que viam da performance dos atletas. Na verdade, ela narrou o desempenho desses nadadores também partir de referenciais racistas. Nesse sentido, como afirma Butler (1993, p. 16), “ver não é simplesmente

um ato de percepção direta, mas a produção racial do visível, o funcionamento de restrições raciais sobre o que significa ver.” Butler (1993) ainda destaca a importância do campo visual para manter a ordem racial, considerando-o como um local não neutro, mas repleto de narrativas raciais.

Nadadores de nações mais ricas também tiveram manifestações racistas, a exemplo dos canadenses. O Canadá teve uma performance abaixo das expectativas e, por isso, alguns nadadores canadenses acharam que a performance dos atletas da Guiné “era um deboche da dedicação e tempo de treinamento da equipe canadense e de sua aptidão técnica como nadadores” (MACNEILL, 2006, p. 25). Nesse contexto, os estereótipos sobre o negro na natação se misturaram aos estereótipos de nacionalidade (MACNEILL, 2006). Por outro lado, o público presente durante a prova aplaudiu os nadadores da Guiné Equatorial pelo esforço para a concluírem.

Portanto, as restrições à prática da natação estão imersas em um contexto social, cultural, ideológico e de poder, marcado por imagens sociais raciais e pela falta de incentivo e oportunidades para que os negros tenham o mesmo sucesso que os brancos nas piscinas. Essas imagens sociais raciais contribuem para a identificação dos corpos brancos como corpos ideais para representar a natação, tornando-os normativos.

2.4 Os maiôs das nadadoras olímpicas

Os trajés⁵⁸ competitivos da natação, conforme Bruce Wigo, chefe executivo do *hall* da fama da natação internacional, “são um reflexo dos valores sociais de cada período” (WEINER, 2008, n.p.). Wigo, nesse sentido, afirma ainda que o traje revela muito sobre o desenvolvimento do esporte e dos direitos das mulheres dentro e fora da piscina. Assim, o estudo dos maiôs das nadadoras olímpicas ao longo da história não busca apenas apresentar os diferentes modelos e tecidos utilizados, mas também a produção de sentidos e o contexto social no qual foram inseridos.

⁵⁸ Traje é o termo usado para as vestimentas usadas na natação, tanto masculina quanto feminina.

Aqui, analisaremos os maiôs a partir da primeira participação da natação feminina em Olimpíada.

A primeira participação das mulheres nas provas de natação só ocorreu nos Jogos de Estocolmo, em 1912, ou seja, dezesseis anos após a primeira edição dos jogos, realizada em Atenas, em 1886 (SWIMCHANNEL, 2016). O idealizador dos jogos, o Barão de Coubertin, era avesso à participação feminina e seguia fielmente a tradição dos jogos olímpicos da Antiguidade, em que somente homens competiam (MIRAGAYA, 2002).

Nos primeiros jogos olímpicos, os maiôs eram confeccionados com seda, e o modelo cobria dos quadris aos ombros, como podemos observar na Figura 19 (KHOSLA; PIERSON, 2016). A seda, por conferir maior resistência, elasticidade e leveza, era utilizada na fabricação dos maiôs para competição; e o algodão era usado para os maiôs de treino (RIBEIRO et al., 2010). Entretanto, o maiô de seda, ao ser molhado, tornava-se transparente, o que levou muitas atletas a usarem roupas íntimas por baixo dos maiôs. (KHOSLA; PIERSON, 2016). Devido a essa transparência, os homens foram proibidos de assistir às competições femininas.



Figura 19: Nadadoras australianas nas Olimpíadas de Estocolmo, 1912. Fonte: Khosla e Pierson (2016).

Os maiôs eram símbolo da moral e do pudor da época e, ao mesmo tempo, revelavam o início da luta pela inserção da mulher no esporte e pela sua emancipação, em um espaço predominantemente masculino. Para Cruz (2012), os maiôs refletem as transformações comportamentais do início do século, como, por exemplo, a libertação feminina dos espartilhos.

Os maiôs usados nas Olimpíadas de 1920, na Bélgica, tiveram alterações marcantes em relação aos usados em edições anteriores, como uma maior exposição dos ombros e decotes, e a exigência do uso da saia da modéstia (SOKOLOWSKI, 2016). Conforme Grounsell (2016), nessa década, o modelo dos maiôs era focado na moda e na moralidade, e não na funcionalidade. O maiô da nadadora Edna Davey, por exemplo, tinha cinto e saia da modéstia (Figura 20).



Figura 20: Nadadora Edna Davey nas Olimpíadas de 1928. Fonte: Grounsell (2016).

Se, no início da década de 1920, os maiôs visavam essencialmente a atender as condutas morais e a elegância, no final dessa mesma década o modelo *Racerback* da Speedo, de 1927, mostrou que o modelo dos maiôs podia interferir na funcionalidade da peça. O *Racerback* (Figura 22) causou polêmicas por deixar os ombros e as escápulas expostos. Esse modelo, também chamado de *Fortitude*, permitia uma maior mobilidade dos braços e foi projetado inicialmente como traje de banho para mulheres, mas foi adotado por nadadores profissionais, pois, devido à abertura nas costas e ombros de fora, permitia uma performance melhor na água. A

nadadora australiana Clare Dennis, de 16 anos, foi medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de 1932 usando um *Racerback* (ASA, 2016). Entretanto, ela foi temporariamente desqualificada dessa edição, pois houve uma preocupação inicial se o maiô cobria adequadamente suas escápulas (FOUCHÉ, 2017).

As características inovadoras do *Racerback*, tanto no que se refere ao desenvolvimento tecnológico do modelo, quanto à fibra utilizada na fabricação do traje, possibilitou ao nadador menor resistência na água, maior conforto e liberdade de movimento, “eliminando tecidos desnecessários” (BARSOTTI, 2012, p. 6). Na Figura 21, Clare Dennis usa um modelo de cor branca, com “saia da modéstia”; e na Figura 22, é observado o modelo das costas. Destaca-se que, se por um lado os maiôs buscavam a funcionalidade, por outro eles estavam de acordo com a moda da época. Para Picone (2015, p. 8), “Hollywood e *Vogue* popularizaram a ideia dos maiôs serem sexys e glamorosos, uma tendência que persistiria nas próximas décadas”.



Figura 21: Nadadora Clare Denis e Johnny Weissmuller. Fonte: Khosla e Pierson (2016).



Figura 22: Detalhe nas costas do maiô Racerback. Fonte: Página da Speedo⁵⁹.

⁵⁹Disponível em: <https://www.speedo.com/uk/en/explore/blog/wellbeing-and-relaxation/67abc6f1-78af-421b-8713-421ab28aaf69.html>. Acesso em 11 de nov. 2018.

Já a década de 1940 foi marcada pela Segunda Guerra Mundial, o que levou à suspensão de duas edições dos jogos (Tóquio, 1940, e Londres, 1944). Os jogos retornaram em 1948, com os Jogos de Londres. Nesse período, os maiôs diminuíram de tamanho e foram influenciados pelo modelo do biquíni, lançado em 1946: uma vestimenta de banho constituída de duas peças, com menos tecidos que os antecessores. Barsotti ressalta que “o lançamento do biquíni foi considerado fator marcante [...] nas roupas para natação de competidores”. (BARSOTTI, 2012, p. 7). Ressalta-se que os maiôs ainda eram confeccionados em seda e lã, e um modelo que se destacava era o macacão, como o usado pela seleção britânica de natação (Figura 23).



Figura 23: Seleção britânica nos Jogos de Londres.⁶⁰

Na década de 1950 foi introduzido um novo material, o nylon, um tecido mais resistente, elástico, com secagem rápida e facilidade de tingimento, o que permitiu o aparecimento de cores (SHISHOO, 2005). Com a introdução do nylon, as cores, além do marinho, começaram a aparecer nas piscinas de competição, sendo o vermelho e o royal as preferidas (BARSOTTI, 2012, p. 7).

⁶⁰ Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: outubro de 2016.

A Speedo foi a primeira empresa a usar o nylon em seus maiôs. Para a elaboração do modelo e dos experimentos com o novo tecido, consultou as nadadoras Daw Fraser e Lorraine Crap (SHISHOO, 2005). Nas Olimpíadas de 1956 em Melbourne, a Speedo projeta-se para o mundo ao vestir a seleção australiana de natação detentora de oito medalhas de ouro (MUNDO DAS MARCAS, 2014). A nadadora australiana Barbara Evans usou um maiô monocromático com uma saia para competir nestas Olimpíadas (Figura 24).



Figura 24: Barbara Evans nos Jogos Olímpicos de 1956. Fonte: GROUNDSELL, 2016, n.p.⁶¹

Nesse período, além de inovar no tecido, “a Speedo continuou a empurrar os limites culturais, sociais e tecnocientíficos [...]”, na medida em que se tornou um eufemismo para um maiô pequeno e revelador” (FOUCHÉ, 2017, p. 35). É preciso ressaltar que esse processo de revelação do corpo feminino por meio das roupas esportivas já estava presente desde a década de 1920. Lipovetsky (1989, p. 76) afirma que o estilo de vida esportivo surgido a partir de 1920 não só permitiu o desenvolvimento de roupas esportivas específicas, mas influenciou a moda feminina

⁶¹ Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-3739437/How-competitive-swimwear-changed-past-century.html> Acesso em: 2 mai. De 2017.

em geral e contribuiu para uma maior exposição do corpo feminino. Exibir determinadas partes do corpo, como braços, pernas e barriga, antes impensáveis, foi aos poucos se tornando natural, “libertando o corpo das armaduras e trucagens excessivas do vestuário” (LIPOVETSKY, 1989, p. 76). O autor afirma ainda que “os estilos versáteis, funcionais, sexy não são separáveis da voga crescente dos esportes” (LIPOVETSKY, 1989, p. 76), isso significa que as roupas esportivas, além de confortáveis e permitirem uma melhor performance atlética, enfatizavam o corpo sensual. Ademais, a exposição do corpo feminino foi incentivada pelos concursos de misses divulgados pela mídia. Como afirma Barsotti,

Ter 90-60-90 cm de busto, cintura e quadris e 21 cm de tornozelo era a inspiração estética das mulheres do mundo todo, que invejavam e copiavam os cabelos cheios de laquê e os maiôs com sainhas usados pelas modelos nas passarelas. O uso desses apetrechos tinha por objetivo mostrar o corpo feito um violão, as pernas grossas, e lançar novidades como a helanca, malha grossa que desbanca o trabalhoso látex e enterra de uma vez a lã. (BARSOTTI, 2012, p. 8).

No que diz respeito aos avanços tecnológicos aplicados ao maiô, em sua maioria não causavam polêmicas, pois as conquistas atléticas ainda eram mérito do desempenho atlético individual (FOUCHÉ, 2017, p. 35) e não das vestimentas, diferentemente dos maiôs tecnológicos do século XXI que, se tornaram tão importantes quanto os atletas, pois tinham grande impacto no desempenho desses.

Na década de 1960, o nylon continuou sendo o principal tecido dos maiôs de natação (RIBEIRO et al., 2010). Como salienta Barsotti (2012, p.08) “reconhecendo as boas propriedades de tingimento e estampagem do nylon, introduziram-se modelos em forma de listras, em roupas para competição”, como o usado pela seleção australiana nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964.

Esse maiô faz parte do acervo do museu australiano, Museum Applied Arts and Sciences (MAAS) (Figuras 25 e 26) e foi criado pela designer Glória Smythe⁶². Ela estudou a hidrodinâmica da natação, ou seja, o movimento do nadador na água, projetando designers revolucionários, combinando funcionalidade e moda (MASS, 2017). O modelo desse maiô virou referência, e foram lançadas em cada estação padronagens e cores diferentes.

⁶² Glória Smythe projetou os uniformes de vários países, entretanto destacamos somente os australianos, por serem os mais conservados e disponíveis em museus (ver: *PowerHouse Museum e Australian National Maritime Museum*).

Os maiôs desenvolvidos por Glória Smythe para as Olimpíadas de Tóquio para as equipes americana e australiana tinham o mesmo modelo; o que os diferenciavam eram as cores e a estampa: a primeira equipe com estrelas, e a segunda com listras. O logotipo preto e vermelho da Speedo foi costurado no quadril direito, e o emblema bordado de verde e amarelo foi centralizado próximo ao decote. Esse maiô foi confeccionado em nylon e ainda possuía a “saia da modéstia”. As costas possuíam um design inovador e ousado em formato de V, em nada parecido com o modelo *Racerback* de 1927. Segue abaixo o modelo da equipe australiana.



Figura 25: Maiô da seleção australiana, detalhe da frente. Fonte: Museum of Applied Arts & Sciences, 2014⁶³



Figura 26: Maiô da seleção australiana, detalhe das costas.

Conforme Smythe, em entrevista concedida a Hanna (2007, n.p.), até as Olimpíadas de Tóquio, em 1964, os maiôs eram monocromáticos, mas, a partir dessa edição dos jogos, houve inovação com a inserção de listras verticais e com a inclusão dos tons verdes e ouro nos maiôs da equipe australiana, além do vermelho, branco e azul nos maiôs da equipe americana.

⁶³ Disponível em: <https://maas.museum/powerhouse-museum>. Acesso em: abril de 2017.

Em meados da década de 1960, houve a extinção da regra da natação que restringia o uso de cores nos maiôs, um movimento conduzido, em especial, pela televisão que impulsionou o uso de vestimentas “visualmente mais atraentes”, tanto para os atletas quanto para os espectadores. Além disso, houve a introdução de novos corantes, que permitiram a variação de cores, como o vermelho e o azul, para além do marinho. (SHISHOO, 2005, p. 51).

Nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, vinte e dois, dos vinte e três nadadores que bateram o recorde mundial usavam trajes da Speedo (CRUZ, 2012). Nessas Olimpíadas, Smythe estampou os maiôs (Figura 27) da seleção feminina australiana com a *wattle* dourada, uma planta nativa que é o símbolo floral da Austrália. No emblema, colocado na altura do peito, foram colocados os cangurus, outro símbolo do país, além dos anéis olímpicos e do nome do país. Esse maiô foi confeccionado em nylon e, assim como o modelo usado nas olimpíadas de Tóquio (1964), tinha uma saia da modéstia e um decote V atrás (MAAS, 2017).



Figura 27: Maiô da seleção australiana, 1968. Jogos Olímpicos do México. Fonte: Museum of Applied Arts & Sciences (MAAS), 2017

Nas Olimpíadas de Munique, em 1972, a Speedo introduziu a Lycra⁶⁴ nos maiôs de competição. Esse material já era usado em outros setores desde o início da década de 1960 e modernizou a moda praia por ser leve e aderir ao corpo

⁶⁴ “O cientista da DuPont, Joseph C. Shivers, inventou a fibra de spandex da DuPont em 1959, após uma década de pesquisa. Originalmente designada Fiber K, a DuPont escolheu posteriormente o nome comercial mais suave da Lycra”. (CHEMICAL; ENGINEERING NEWS, 1999, n.p.).

(SHISHOO, 2005). Poli (1995, p. 102) ressalta que “as características do novo material não foram apreciadas imediatamente por todos: foram consideradas por muitos como ousadas demais, já que não ocultava em nada o corpo feminino”. Entretanto, a *lycra* possuía características superiores ao nylon, como uma maior durabilidade e extensibilidade (BARSOTTI, 2012).

Smythe novamente foi responsável por projetar o maiô da seleção australiana e de vários outros países. O maiô da equipe australiana foi confeccionado em 100% nylon *tricot*⁶⁵ (Figuras 28 e 29) e era estampado com nuvens e estrelas, nas cores verde e amarelo, com um emblema semelhante ao impresso na Olimpíada anterior. O logotipo da Speedo, vermelho e preto, foi aplicado no quadril direito. O maiô apresentava uma saia de um quarto e um decote V atrás similar ao modelo usado nos Jogos de Tóquio, em 1964 (Figura 26, p.102) (MAAS, 2017).



Figura 28: Nadadora Shane Gold com o maiô usado pela seleção australiana nos Jogos 1972. Fonte: Grounsell (2016).



Figura 29: Etiqueta do maiô usado pela seleção australiana nos Jogos de 1972. Fonte: Museum of Applied Arts & Sciences (MAAS), 2017.

⁶⁵ Na descrição do maiô usado nas Olimpíadas de 1972, que está no acervo digital do MAAS (2017), o tecido utilizado é *Nylon Tricot*. Essa informação, entretanto, não está alinhada com SHISHOO (2005), o qual afirma que nessas Olimpíadas a Speedo já havia introduzido a Lycra.

Embora nas Olimpíadas de 1972 já fosse possível utilizar os maiôs sem a saia da modéstia, Smythe optou por retirá-la somente na Olimpíada seguinte, em 1976. Conforme o MAAS (2017, n.p.), “ela foi a primeira a tirar as ‘saias da modéstia’ dos maiôs, a deixá-los mais cavados e leves”. A exclusão da saia não foi inicialmente aceita por todas as instituições. No manual da União Atlética Amadora (AAU), organização oficial dos esportes amadores dos Estados Unidos, havia um artigo sobre o uso obrigatório de saias de modéstia. A AAU só sancionou o uso da saia mediante os fatos ocorridos com o maiô *belgrad* (CAMPBELL, 1974), “o primeiro traje sem saia a ser aprovado pela União Atlética Amadora para competição” (CROUSE, 2008, n.p).

Os primeiros maiôs *belgrads* foram usados pelas nadadoras da Alemanha Ocidental. O maiô reduzia o arrasto⁶⁶ por meio da modelagem; o decote alto, por exemplo, impedia a passagem da água e, conseqüentemente, diminuía o atrito. Por outro lado, o maior inconveniente do maiô era o fato de ele ser feito de algodão fino, o que o tornava transparente ao molhá-lo. A versão de 1973/1974, um pouco menos reveladora que a anterior, foi feita de lycra, colada ao corpo como uma segunda pele e sem forro (CAMPBELL, 1974).

Dianne Rothhammer, mãe de uma atleta norte-americana, ao assistir uma competição na Iugoslávia, em que as alemãs venceram 10 das 14 provas e usavam o *belgrad*, concluiu que “os alemães do leste não poderiam estar tão bem treinados do que nós. Os maiôs tiveram que ter algo a ver com isso” (CAMPBELL, 1974, p. 46). Ela, então, resolveu importar os maiôs para os Estados Unidos, embora alguns atletas e pais afirmassem que os maiôs eram muito provocativos. “Os próprios nadadores não se olham”, afirmou uma nadadora (CAMPBELL, 1974, p. 46).

Os norte-americanos logo passaram a usar o *belgrad*, pois estavam convencidos de que a atuação dos alemães orientais se devia em parte ao uso do maiô. A primeira americana a usá-lo foi Shirley Babashoff (Figura 30), em uma competição em Dallas, quando ela bateu o recorde americano de nado livre. “Eu sinto que os maiôs não são indecentes, contanto que todos os usem,” disse Babashoff (CAMPBELL, 1974, p. 46). O gerente norte-americano da Speedo, Bill Lee, afirmou que “os trajes são grosseiros” (CAMPBELL, 1974, p. 46). A Speedo

⁶⁶ Refere-se à resistência que o corpo do nadador tem ao se deslocar na água. (MANSOLDO, 2014)

logo fez uma nova versão do *belgrad*, só que com forro, sendo 78% de nylon e 22% de *lycra* (CAMPBELL, 1974, p. 46).



Figura 30: Nadadora Shirley Babashoff. Fonte: Campbell (1974, p. 46).

Nas Olimpíadas de 1972, em Munique, o *belgrad* não fez tanto sucesso. As alemãs orientais usaram uma versão com gola alta do *belgrad*, a mesma usada no mundial em 1969, mas as performances das nadadoras alemãs não foram surpreendentes como no mundial (CAMPBELL, 1974). Entretanto, “o design apertado de *belgrad* abriu os olhos dos fabricantes de trajes para reconhecer a importância de reduzir o arrasto através de trajes justos”. (MEYER, 2013, n.p.).

Nas Olimpíadas de 1976, em Montreal, a Speedo criou os maiôs das seleções americana e australiana, e estampou os mapas dos respectivos países nas peças (MAAS, 2017). Essa busca da identificação dos países por meio da impressão de mapas e bandeiras nos maiôs se deve, provavelmente, ao contexto político e econômico em que o mundo vivia, a Guerra Fria, uma disputa ideológica e militar por áreas de atuação ao redor do mundo, entre Estados Unidos da América (capitalista) e União Soviética (socialista), em meio à qual o esporte foi utilizado como

propaganda política. Portanto, o uso da bandeira por Smythe não foi apenas uma manifestação de patriotismo, mas resultado do contexto histórico de uma guerra virtual.

O mapa não é somente uma forma de representação do espaço. Historicamente, esse elemento está associado à extensão da soberania e da autoridade de quem tem poder. Para Harley (2009), os mapas dialogam com o mundo e são uma forma de linguagem de poder e controle do espaço pelos dominantes, favorecendo-os e excluindo as expressões populares. Em um nível simbólico, eles reforçam quem está no poder, carregam seus discursos, tanto no conteúdo, quanto na forma de representação, selecionam mensagens e silenciam e reconstróem informações.

Harley salienta ainda que é fundamental analisarmos o contexto no qual o mapa foi elaborado: quem o produz e o consome, a fim de identificar os efeitos e a carga de informação desses. O uso dos mapas nos maiôs, embora pareça *a priori* decorativo, também contribui para evidenciar o discurso e legitimar o poder de determinados grupos sociais.

A bandeira, a exemplo do mapa, também é um símbolo de identificação, de pertencimento de grupos sociais e “sinal distintivo de poder ou de comando, ideologia e expressão” (SEYSSEL, 2006, p. 13). Portanto, os maiôs e seus aspectos constitutivos, como cor, impressão de mapas e bandeiras, sinalizam algo. Ao estampar a bandeira nos maiôs, Smythe não só permite a identificação dos atletas, mas ela também remonta à ideia de força e poder dos Estados Unidos e da Austrália.

Dessa maneira, a bandeira não é só um elemento visual, mas doutrinário, comunicativo e expressivo. Ressalta-se que o trabalho de Smythe na Speedo foi desenvolvido durante a Guerra Fria, período de conflito ideológico entre as principais potências da época: Estados Unidos e União Soviética, e o esporte foi um dos principais veículos ideológicos dessas potências. Nesse contexto, a guerra foi transferida para as piscinas, quadras e pistas; e, quanto maior o número de medalhas, mais poderosa seria a potência. Até hoje ainda podemos verificar resquícios das rivalidades dos países nas piscinas. Oliveira e outros pesquisadores (2012, p. 178), ao analisarem o corpo nas Olimpíadas de Pequim, afirmam que “o

desporto individual, mesmo tendo provas de revezamento, a natação se caracterizou nitidamente enquanto um confronto entre indivíduos e nações”.

Nesse cenário, em que o esporte foi utilizado como instrumento político, os maiôs dos atletas sinalizam suas opções ideológicas, por meio dos mapas e bandeiras do país defendido. Eco ratifica o caráter ideológico das roupas, ao afirmar que:

A linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir. (ECO, 1989, p. 40).

Isso significa que os maiôs podem carregar as tensões de seu momento histórico. A utilização dos mapas e bandeiras por Smythe não é apenas uma questão estética, mas uma forma de transmitir uma mensagem política por meio da vestimenta. Os maiôs, dessa maneira, se transformam em uma forma de identificação do sistema ao qual pertencem, um meio de reforçar o discurso e o conflito e, assim, deixar em evidência a disputa pelo poder. Os maiôs, com seus discursos, sentidos e representações, auxiliaram os Estados Unidos, por exemplo, a construir no imaginário social a imagem de invencibilidade.

Além dessas questões de nível simbólico, é preciso ressaltar que a composição gráfica dos maiôs também deveria atender a uma demanda mercadológica. Afinal, a cada edição dos jogos olímpicos aumentava a audiência, a importância do marketing, do aparato tecnológico e, conseqüentemente, do lucro. Diante disso, os maiôs precisavam ter elementos atraentes; com isso, ficaram mais coloridos e cavados.

As Olimpíadas tornavam-se a cada edição mais lucrativas e espetaculares. E as empresas que fabricavam maiôs, como a Speedo, acompanharam essa mentalidade mercantil, ao projetar maiôs visando à alta performance e em conformidade com a moda. Dessa maneira, os maiôs passam a compor o cenário do grande espetáculo que são as provas de natação olímpica.

O modelo, com mapas e bandeiras, veio acompanhado do uso de um novo tecido: o elastano, que passou a ser utilizado em função de suas propriedades, extensibilidade e leveza. Além disso, veio a ideia de que, quanto menor a superfície

de contato do maiô com a água, menor atrito e resistência e, conseqüentemente, melhor resultado (RIBEIRO et al., 2010).

A Arena⁶⁷ foi a empresa que inovou com o uso do elastano. Ela produziu o *skinsuit Arena*. Muitos treinadores desse período afirmaram que vestindo Arena era “como ir da hélice para o jato” (CAMPBELL, 1974, p.49). Os especialistas afirmaram que esse maiô minimizava o arrasto. Ele era colado ao corpo; nas costas, apresentavam variações do modelo *Racerback*, e ele podia ser nas cores do clube ou da bandeira de determinado país, como pode ser visto na Figura 31 (CAMPBELL, 1974).



Figura 31: Maiô skinsuit Arena. Fonte: Campbell (1974, p. 48).

Diante do sucesso estrondoso do americano Mark Spitz e da australiana Shane Gould nas Olimpíadas de 1972, a Arena os convidou para uma parceria, e em 1973 lançou, para a Spitz, um traje ultraleve: o *skinfit*, com apenas 18 gramas, projetado de maneira a aderir totalmente ao corpo. No ano seguinte, a empresa lançou uma coleção de maiôs com o nome de Gould (ARENA, 2016). A Arena tornou-se uma das principais rivais da Speedo na fabricação dos maiôs de nataçã

⁶⁷ A Arena foi criada a partir de 1973. O seu fundador Hoster Dassler, filho do dono da Adidas, após assistir a Mark Spitz nadar nas Olimpíadas de 1972, decidiu criar uma marca específica de esportes aquáticos (ARENA, 2016).

competitivo. Esse é o início de uma competição para além das piscinas, em que a luta pelo mercado permitiu o desenvolvimento de novos produtos. Cada vez mais, os maiôs se tornavam mais leves e menores, aumentando a exposição corporal, pois o tamanho do traje em si era visto como um obstáculo na busca da alta performance.

Na década de 1980, portanto, os maiôs femininos não tinham saias e exibiam os contornos do corpo da atleta. A Arena projetou o modelo *fyback*, o primeiro “com tiras finas para criar aberturas de ombro maiores e uma parte traseira exposta”, de modo a permitir uma maior liberdade de movimento para a nadadora (ARENA, 2016, n.p.). A Figura 32 mostra o detalhe das costas do maiô *fyback*.

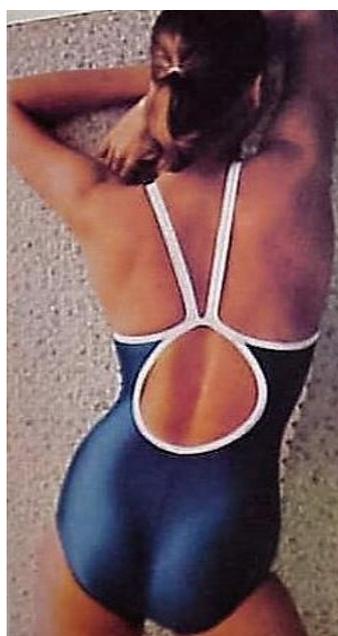


Figura 32: Maiô *Fyback* Arena. Fonte: Página da Arena.⁶⁸

Nessa década os corpos eram moldados nas academias e apresentados nos minúsculos biquínis nas praias. “As mulheres chegavam ao fim da década no auge da nudez, quando o biquíni asa delta era reduzido ao fio dental” (BARSOTTI, 2012, p. 9), e isso impactou os maiôs de natação, em especial as cavas.

Ressalta-se que, na década de 1980, conforme Ozlu (2014), a designer Norma Kamali introduziu na moda praia uma cava profunda em V, que atingia até a altura da cintura, algo que podia ser tanto atrás como na frente. Podemos inferir que

⁶⁸Disponível em: <https://www.google.com.br/search?biw=1280&bih=631&tbm=isch&sa=1&ei=aKdxXli-DJvC5OUPkdixqAw&q=Fyback+arena+women+swimmer+olympic&oq=Fyback+arena+women+swimmer+olympic&gs>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

houve uma influência da moda praia nos maiôs de natação competitivos, na medida em que eles também aumentaram suas cavas. Uma cava maior expõe mais o corpo, e o torna mais sexy, confirmando a afirmação de Hargreaves (1994, p. 159), de que “os trajés esportivos da atualidade são projetados para criar uma imagem sexy”, e que há uma “comercialização do corpo feminino e a comercialização da sexualidade”.

Pode-se observar, na Figura 33, as cavas altas do maiô da nadadora americana usado nas Olimpíadas de Seul, em 1988. O maiô monocromático dava visibilidade à bandeira, ao nome do país e ao logotipo da Speedo, reafirmando a tradição americana de maiôs patrióticos.



Figura 33: Integrante da seleção americana, nos Jogos de Seul, 1988. Fonte: Getty Images.⁶⁹

Entre as Olimpíadas de 1976 e 1988, a Speedo usou uma combinação entre o nylon e a lycra (MAAS, 2017) e, nesse período, observa-se a cada Olimpíada uma maior profundidade da cava⁷⁰ na perna, algo que irá se acentuar na década de 1990. A Speedo continuou confeccionando os maiôs da seleção australiana com temas nacionais, sendo todos com variações de tons verdes. Em 1980, o maiô foi estampado com raios amarelos e brancos. Em 1984, com um painel amarelo em diagonal, no qual foi impresso o mapa da Austrália. E em 1988, estampado com

⁶⁹ Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/summer-olympics-usa-dara-torres-after-heat-8-of-fotografia-de-not%C3%ADcias/530616134>.

⁷⁰ Essa maior profundidade na cava da perna foi observada a partir da análise visual no MAAS.

motivos de ornitorrinco e com o nome do país impresso em branco, por todo o maiô (MAAS, 2017).

As Olimpíadas de Seul, em 1988, foram as últimas do período da Guerra Fria. A partir dessa Olimpíada, o fator econômico falou mais alto, e os atletas foram patrocinados pela iniciativa privada ou por governos. O Comitê Olímpico Internacional (COI), então, passou a comercializar o patrocínio dos jogos para grandes multinacionais e a obter vultosos lucros com a concessão de direitos de transmissão às emissoras de televisão (NICOLINI, 2015).

A busca pelo profissionalismo e por tornar os jogos olímpicos rentáveis foi uma marca da gestão do espanhol Juan Samaranh, no Comitê Olímpico Internacional (COI). Até as Olimpíadas de 1984, em Los Angeles, o COI foi muito rigoroso quanto à defesa do espírito amador nos jogos, ou seja, os atletas deviam competir por prazer e paixão, sem patrocinadores. Embora a Olimpíada em si tenha sido patrocinada por empresas como a Coca-Cola, a segunda maior anunciante dos jogos (GUARAGNA, 2012). Harazim (2016, n.p) relata que, em Los Angeles, “pela primeira vez o revezamento da tocha foi transformado em evento comercial e teve patrocinador à parte”. Na década de 1990, houve uma transição entre a natação amadora e a profissional (WINKLER; BARSOTTI, 2013), mas somente nas Olimpíadas de 2000 que todos os resquícios do amadorismo foram eliminados (HODLER, 2016).

Nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992, a Speedo criou o maiô S2000 feito de elastano/poliéster (MAAS, 2017). Esse maiô diminuía o arrasto em 15%, quando comparado a modelos usados em Olimpíadas anteriores (FOUCHÉ, 2017). A seleção americana usou dois modelos: um com gola alta e zíper nas costas, que proporcionava uma maior cobertura corporal, e outro com alças e recorte redondo nas costas, ambos com cava alta na perna (Figura 34).

Devido às características hidrodinâmicas do S2000, o nadador americano Doug Gjertsen nadou a final dos 200 metros livre com um maiô feminino (Figura 35). Gjertsen “foi o primeiro homem a cobrir a parte superior do corpo desde a década de 30, quando se utilizava o pesado traje de algodão” (WINKLER; BARSOTTI, 2013, p. 6).



Figura 34: Seleção americana usando o maiô S2000 da Speedo. Jogos de Barcelona em 1992. Fonte: Getty Images.⁷¹



Figura 35: Nadador norte-americano Doug Gjertsen nadou a final olímpica dos 200 metros nado livre com maiô feminino. Fonte: Getty Images.⁷²

⁷¹ Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/summer-olympics-germany-franziska-van-alsmick-fotografia-de-not%C3%ADcias/530616184>. Acesso em 5 de junho de 2017.

⁷² Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/american-swimmer-doug-gjertsen-prepares-to-race-fotografia-de-not%C3%ADcias/1246022>. Acesso em 2 de fev. 2019.

A Arena também lançou, no início da década de 1990, sua inovação tecnológica, o *AquaRacer*, um maiô que permitia ampla liberdade de movimento e um maior deslize sobre a água devido aos acabamentos (ARENA, 2016). Nas Olimpíadas de Atlanta⁷³, em 1996, foi lançado o *Aquablade* da Speedo, um maiô com suaves listras verticais que diminuía o efeito turbilhão⁷⁴ e aumentava o deslocamento na água. Esse maiô foi considerado “a primeira grande tecnologia moderna incorporada em trajes”, decorrente de estudos e experimentações anteriores com diferentes materiais e designs (MEYER, 2011, n.p.).

Nessas Olimpíadas, 76% dos medalhistas usavam Speedo e, em sua maioria, utilizavam essa tecnologia. Nas Figuras 36 e 37, a nadadora americana Amy Dyken está usando um *Aquablade* da Speedo,⁷⁵ com decote alto, cava alta na perna e modelo *racerback* nas costas (SWIM SHOP, 2017), feito de poliéster e elastano.

Esse modelo usado pela seleção americana, sem gola e *racerback* difere-se do usado pela seleção australiana, que está exposto no acervo digital do MAAS, em especial pelo australiano ter decote alto, gola curta, costas cobertas e um zíper invisível à direita.

⁷⁴ São bolhas que surgem ao redor de um objeto quando este se desloca na água. (Mansoldo, 2014)

⁷⁵ A nadadora brasileira Fabíola Molina usou um *Aquablade* nas Olimpíadas de 2000.



Figura 36: Nadadora Amy Van Dyken usando o maiô Aquablade. Fonte: Hulton Archive/Getty Images, Simon Bruty/Allsport/Getty Images.⁷⁶



Figura 37: Amy Van Dyken e sua companheira de equipe usando o maiô Aquablade (detalhe das costas: Racerback). Fonte: Stock Photo.⁷⁷

Ressalta-se que tanto o maiô S2000 (Olimpíadas de 1992) quanto o aquablade (Olimpíadas de 1996) destacavam as curvas femininas e as cavas altas nas pernas, aspectos que contribuíram para deixar o maiô sexy. Para Hargreaves (1994), o corpo, em especial nos esportes considerados apropriados para mulheres, é apresentado de modo a tornar mais “visível a forma e a sexualidade” deste. E a vestimenta esportiva comunica sobre tais aspectos, o que implica em afirmar que o maiô é um constructo de feminilização.

Esta preocupação em apresentar as atletas como sexy é uma tentativa de enquadrar o corpo feminino dentro dos padrões heteronormativos e assim afastar qualquer possibilidade da nadadora ser classificada como lésbica, sendo o uso de um maiô sexy uma das formas de provar a feminilidade. De acordo com Festle (1996) apud Adelman (2003), como culturalmente associa-se a prática esportiva à masculinização do corpo, muitas atletas sentem a necessidade de mostrar que de

⁷⁶ Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/amy-van-dyken-of-the-usa-poses-for-a-studio-fotografia-de-not%C3%ADcias/72497301>. Acesso em 2 de jun. de 2017.

⁷⁷ Disponível em: www.alamy.com. Acesso 5 de jun. de 2017

fato são femininas.

Destaca-se que as Olimpíadas de Atlanta (1996) foram marcadas por polêmica, pois era a edição número 100 dos jogos, e esperava-se que eles fossem realizados em Atenas, na Grécia, o berço das Olimpíadas. No entanto, o Comitê Olímpico Internacional optou por Atlanta, sede da Coca-Cola e da rede de televisão CNN (LANCE, 2016). Nessa edição, a Coca-Cola investiu 75 milhões de dólares e se tornou o principal patrocinador dos jogos, o maior evento que a empresa promove (GUARAGNA, 2012).

Essas foram as Olimpíadas dos patrocinadores e do marketing. A matéria “O fim de uma era”, da *Revista Veja* (1996, p. 43), analisa como os jogos se organizaram financeiramente e passaram a ter lucros, destacando a importância da iniciativa privada nesse processo, e cita várias empresas como a Kodak, Panasonic, Coca-Cola e o símbolo dos cinco anéis olímpicos. Embora os Jogos de Atlanta tenham sido pautados nas relações comerciais, os atletas não podiam usar logomarcas no uniforme. Para driblar esse regulamento, “a nadadora Anna Wilson e toda equipe da Nova Zelândia, patrocinada pela Reebok, circularam em Atlanta e na piscina onde competem com a logomarca tatuada na pele” (Figura 38). (REVISTA VEJA, 1996, p. 46).

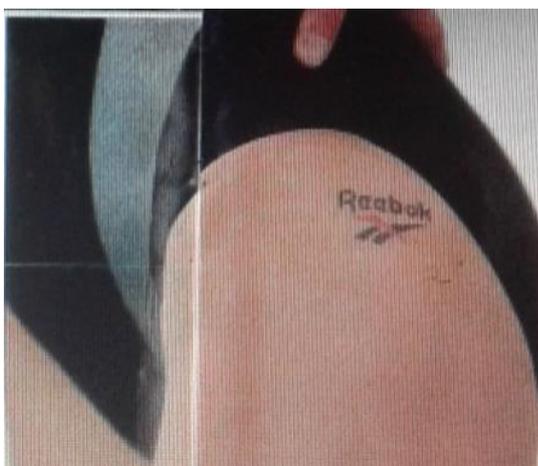


Figura 38:: Nadadora Anna Wilson com a logomarca da Reebok tatuada na pele. Fonte: Revista Veja (Ed. 1.454, 24/7/1996, p. 43).

Em 1997, a Adidas fez o primeiro maiô que cobriu o corpo inteiro, tendo como garotos propaganda o campeão europeu e medalhista olímpico de prata, Paul

Palmer, e a campeã europeia, Sue Ralph (CATÁLOGOS ADIDAS, 2017). Nesse mesmo ano, a Arena lançou o X-Flat, com “um tecido ainda mais fino, mais liso e mais leve que o *AquaRacer*. Com um peso 25% menor do que qualquer outro tecido usado para produtos de nível competitivo.” (ARENA, 2016, n.p.).

Nos anos seguintes, estes modelos com cava alta nas pernas; e uma maior exposição corporal são gradativamente excluído das piscinas, pois novos estudos evidenciaram que quanto maior a cobertura corporal, maior o rendimento. A partir das Olimpíadas de 2000, em Sydney, os maiôs de corpo inteiro, os chamados maiôs tecnológicos, tornaram-se destaque na mídia e nas piscinas e, a disputa antes restrita às águas, estendeu-se às marcas como Adidas, Arena, TYR e Speedo. Com isso, os “maiôs tecnológicos modernos tornaram-se muito mais importantes do que os atletas” (FOUCHÉ, 2017, p. 33). Isso evidencia a presença de outros discursos culturais inseridos no maiô, como a obsessão pela vitória no mundo ocidental, a necessidade de constantes técnicas para ampliar a eficiência do maiô e o jogo de poder entre as empresas (CRAIK, 2011).

Esses maiôs passaram a personificar o corpo do nadador, na medida em que o corpo normativo era o corpo coberto. E se por um lado, fossem igualmente provocativos como os maiôs anteriores, pois eram extremamente justos e marcavam todo o corpo, por outro lado, o corpo coberto e espremido, tinha uma aparência andrógena (CRAIK, 2011). Isso rompe com os limites entre os trajes masculinos e femininos na natação. O próprio termo maiô, que era utilizado para especificar o traje feminino na natação, expande-se para também referir-se ao traje masculino.

Nas Olimpíadas de Sydney o mundo foi apresentado ao *Fastskin*,⁷⁸ um maiô composto por 75% de poliéster e 25% de elastano, projetado de maneira a assemelhar-se à pele de um tubarão (LAJOLO, 2009). A Figura 39 apresenta a equipe do revezamento 4x100 dos Estados Unidos usando um *Fastskin*. Podemos observar duas versões deste maiô: uma que cobre até os joelhos, e outra até o tornozelo, sendo ambas com decote alto e redondo.

⁷⁸ Essa Olimpíada foi marcada pelo uso dos maiôs tecnológicos.



Figura 39: Seleção americana de revezamento 4x100 nado livre, Jogos de Sydney (2000), usando o maiô Fastskin. Fonte: Stock Photo.⁷⁹

Nessa edição dos jogos, 83% das medalhas olímpicas foram conquistadas por nadadores que usavam Speedo, e em sua maioria usando o *Fastskin* (SWIM SHOP, 2017). Esse maiô foi premiado como o “principal produto esportivo tecnológico do mundo, entre todas as modalidades esportivas, sem mencionar que também conseguiu mais de um bilhão de dólares em mídia espontânea” (WINKLER; BARSOTTI, 2013, p. 8).

Esse revolucionário maiô foi inspirado na pele de tubarão e foi desenvolvido em parceria com cientistas do Museu de História Natural em Londres (CONNOR, 2000). A pele do tubarão contém dentículos em forma de V, arranjados de forma sobreposta, formando canais que permitem a passagem eficaz da água pelo corpo do animal (SCHLECK; 2004). Segundo a Speedo, o novo traje beneficiaria consideravelmente os atletas que o usassem; em uma prova de 200 metros, por exemplo, daria uma vantagem de seis metros. A respeito dessa inspiração, Oliver

⁷⁹ Disponível em: www.alamy.com. Acesso em: junho de 2017

Crimmen, curador de peixes no Museu de História Natural, afirmou: “é pegar as boas ideias da natureza. As respostas são frequentemente encontradas na natureza em primeiro lugar”. (CONNOR, 2000, n.p.). A Speedo, ao buscar reproduzir as propriedades hidrodinâmicas do tubarão no tecido, trouxe uma aura natural ao traje. Como afirma (MCCULLOUGH, 2010, p. 10)

Esse mimetismo biotecnológico serviu como uma “segunda pele”, enquanto ainda revelava claramente a forma humana natural abaixo, permitindo assim aos espectadores conciliar esta inovação pós-evolutiva com a forma humana natural.

O *Fastskin*, portanto, é uma ambiguidade entre o natural e o artificial, mas, ao ser naturalizado, foi aceito. O Comitê Olímpico Internacional permitiu seu uso, embora ele estivesse disponível, em seu primeiro ano, somente aos atletas patrocinados pela Speedo, o que dava uma vantagem inicial a esses nadadores (MCCULLOUGH, 2010). Surgiu com isso “os nadadores estrelas versus pelotão”. (CRAYK, 2011, p.74).

Esse maiô foi um marco no processo de naturalização da tecnologia na natação. Outras empresas também lançaram seus maiôs tecnológicos. A Arena lançou o *Powerskin*, que da mesma forma que o *Fastskin* tinha uma versão que cobria o corpo inteiro dos atletas e outra que chegava até a altura dos joelhos.

Em 2003, a Adidas apresentou o *Jetconcept*, uma tecnologia que teve como referência as aeronaves comerciais, incorporando painéis nervurados que “se estendem da axila até a parte inferior das costas e cobrem o glúteo máximo, ajudando a canalizar a água fluidamente sobre as costas – reduzindo arrasto ativo e turbulências” (EUREKALERT, 2003, n.p.).

A preparação para as Olimpíadas de Atenas (2004) foi uma verdadeira guerra entre as empresas esportivas Speedo, Nike, Adidas e Arena e as de esporte amador. “A natação já não tinha mais nada; em vez disso, tinha superestrelas utilizando supertrajes” (WINKLER; BARSOTTI, 2013, p. 8). A Speedo lançou o *Fastskin FSII* divulgado por uma campanha publicitária que contou com a participação dos melhores nadadores do mundo, “retratados como peixes humanos com brânquias de tubarão simuladas em seus pescoços.” Grande parte dos nadadores nos Jogos de Atenas usou esse maiô (CRAIK, 2011, p. 75).

O *Fastskin FSII* também foi inspirado na pele de tubarão, mas com algumas alterações. Os cientistas haviam descoberto diferenças nos dentículos do tubarão, conforme a área do corpo do animal; no nariz, era mais áspero, e na parte de trás do corpo, mais liso. Isso mostrou que havia diferenças de posicionamento e na forma dos dentículos (VIZARD, 2004). Para estudar essas diferenças de fluxo de água, a Speedo fez adaptações em um *software* usado para carros de Fórmula1. Com isso, a empresa criou um canal virtual onde foram colocados manequins virtuais CyberFX. Esse *software* também foi usado na produção de filmes como *Spiderman* e *Matrix*. Os pesquisadores também realizaram testes usando manequins e atletas reais em um canal real. (VIZARD, 2004, n.p.).

Já a Arena lançou o *Powerskin II* e a TYR, o *Aquashift*. A Nike, uma das maiores empresas esportivas, foi considerada como marca inferior e, diante disso, decidiu não mais investir nos trajes da natação (WINKLER; BARSOTTI, 2013). O *Fastskin FSII* não foi tão eficiente quanto se esperava. Por isso o *LZR Racer*, lançado pela Speedo em 2008, tinha que interferir mais significativamente na performance que seu antecessor, um aspecto crucial para torná-lo comerciável (PARNELL, 2008).

A sensação das Olimpíadas de Pequim (2008) foi o modelo *LZR Racer*, da Speedo em parceria com a NASA, feito de 50% poliuretano e 50% neoperene (LAJOLO, 2009). Stuart Isaac, na época vice-presidente sênior de vendas de equipes e marketing esportivo da Speedo, afirmou que muitos olharam a parceria da Speedo/NASA com certo ceticismo: “as pessoas olhavam para nós e diziam ‘isto não é ciência de foguetes’, e começamos a pensar: ‘bem, na verdade, talvez seja’.” (NASA, 2012, n.p.). A Figura 40 mostra a nadadora norte-americana Natalie Coughlin utilizando um *LZR Racer*, durante o desfile da campanha de divulgação do maiô.



Figura 40: Nadadora Natalie Coughlin durante a apresentação do maiô LZR Racer, em New York, 2008. Fonte: Getty Images:.

Essa parceria visava projetar um maiô que diminuísse o arrasto na água. Diante disso, a Speedo levou para Stephen Wilkinson, um pesquisador em aerodinâmica do Centro de Pesquisa de Langley, 60 tipos de tecidos para que ele pudesse testar. A partir dessa pesquisa, foi projetado o LZR *Racer*, o primeiro maiô com costuras soldadas por ultrassom. A fusão das costuras substituiu o processo de sobreposição, o que reduziu o arrasto em 6%. Além disso, a NASA identificou que um zíper fixado ultrassonicamente e invisível gerava 8% menos arrasto, quando comparados aos zíperes anteriores (NASA, 2012). O LZR *Racer* “cobre o dorso, as pernas até o tornozelo e possui um estabilizador na base da cintura, que age como um espartilho, sendo exageradamente justo ao corpo” (MAKING NO WAVES, 2008, p. 100). Tradicionalmente, a roupa esportiva era projetada para dar maior liberdade de movimento ao atleta, entretanto o *LZR Racer* retomou o uso de espartilhos e comprimiu o corpo do nadador para que ele ficasse aerodinâmico.

Essa nova tecnologia exigia que os atletas trabalhassem o corpo para se adequarem ao maiô, por meio do uso de práticas disciplinares, já que o maiô foi feito a partir de estudos biométricos com nadadores do Reino Unido, Austrália e Estados

Unidos, o que levou a uma padronização do corpo somente com referências corporais de nações ricas (MCCULLOUGH, 2010).

O *LZR Racer* tornou inesquecível e histórica uma geração de atletas. Quem não se lembra de Michel Phelps nas Olimpíadas de Pequim, em 2008, usando um *LZR Racer*, o que muitos chamaram de “obra-prima da engenharia aquática” (SIQUEIRA, 2015, p. 15). A comercialização do *LZR Racer* da Speedo não resultou em lucros significativos, mas ele foi usado como uma ferramenta de marketing para divulgar a empresa. Mesmo que atletas amadores não consumissem essa tecnologia, as altas performances associadas ao maiô e ao seu modelo futurista “cultivaram o desejo do consumidor de integrar tecnologias portáteis no corpo” (MCCULLOUGH, 2010, p. 9). Houve, portanto, uma fetichização dos maiôs tecnológicos, e isso despertou o desejo de consumir os produtos da Speedo (MCCULLOUGH, 2010).

Em 2008, ano de lançamento do *LZR Racer*, outras empresas lançaram seus maiôs. Arena lançou também o *X Glide*, um traje sem costuras e com uma selagem ultrassônica que liga os diversos recortes, o que o torna exageradamente justo ao corpo. Além disso, o traje possuía uma camada de ar que auxiliava na flutuação do atleta (FELITTI, 2009). A Mizuno tentou uma fatia do mercado dos maiôs tecnológicos por meio de investidas para patrocinar a equipe japonesa. Entretanto, quando o melhor nadador da equipe informou que ia usar o *LZR Racer*, o patrocínio não se consolidou. Outras marcas como a americana Blueseventy e a italiana Jaked também se projetaram no mundo dos maiôs tecnológicos (WINKLER; BARSOTTI, 2013).

A marca italiana Jaked lançou o supermaiô que superou o *LZR Racer* e o *X Glide*. O maiô da Jaked também é feito de poliuretano e é muito colado ao corpo. Conforme notícia veiculada pela *Folha de São Paulo* (2009), intitulada “Maiô rasga, expõe atleta e dilema nas piscinas”, embora o maiô da Jaked interfira positivamente na performance do atleta, ele é muito difícil de ser vestido devido à extrema aderência ao corpo. Associado a isso, o material que serve de base para a confecção é frágil, uma vez que qualquer arranhão pode danificar a peça. Um exemplo disso ocorreu com a nadadora italiana Flávia Zacarri, que usava um Jaked, nos Jogos do Mediterrâneo, em Pescara, na Itália em 2009. A nadadora já estava

em cima do bloco de partida quando percebeu que o maiô havia rasgado. Conforme as regras, ela não poderia trocar o maiô e tinha duas opções: continuar na prova com o maiô rasgado ou desistir. A atleta escolheu a segunda opção (Figura 41).



Figura 41: Nadadora Flávia Zacarri, no mundial de natação, no Mediterrâneo, em 2009. Fonte: Rex Features

Em 2008, os maiôs tecnológicos tiveram grande destaque na mídia e contribuíram para que a natação fosse o esporte mais “badalado do mundo”. Além disso, nesse mesmo ano, nas Olimpíadas de Pequim, o nadador americano Michael Phelps tornou-se o maior medalhista de todos os tempos. No Google, por exemplo, ele foi o segundo nome mais citado, ficando atrás somente de Barack Obama (WINKLER; BARSOTTI, 2013).

Em 2010 os maiôs tecnológicos foram banidos da natação. Eles eram fabricados com um percentual expressivo de poliuretano, o que interferia na fluabilidade do atleta. Por isso, os maiôs de poliuretano foram marcados por muitas polêmicas, a exemplo do protesto da seleção alemã, que era patrocinada pela Adidas. “Durante o Campeonato Europeu de 2009, alguns nadadores, cansados de toda a polêmica dos trajes, competiram usando uma simples sunga de lycra” (WINKLER; BARSOTTI, 2013, p. 10).

Além destas questões, o maiô de poliuretano não era acessível a todos os atletas em função do seu custo elevado. E nem mesmo aqueles que podiam pagar

tinham acesso aos maiôs, devido aos contratos de patrocínio e à produção limitada. Atualmente, os maiôs são têxteis, e não devem ultrapassar os joelhos e a cintura, para homens; e os ombros e joelhos, para mulheres. Volta-se aos velhos tempos em que se nadava de sunga (LAJOLO, 2009).

Foster et al. (2012, p. 713) apontam que as controvérsias quanto ao uso de tecnologias na fabricação dos trajes de natação remontam à década de 1930, quando os maiôs de seda substituíram os de algodão. Em 1999, Rushell (1999) já questionava se a natação deveria ser movida pela habilidade dos atletas ou por interesses econômicos. Para ele, os maiôs não eram apenas trajes, mas equipamentos e, de acordo com o regulamento da Federação Internacional de Natação (FINA), é proibido o uso de equipamentos como luvas e nadadeiras que melhorem o desempenho do atleta. A FINA, no entanto, violou sua própria regra e permitiu o uso desses maiôs. Diante disso, Rushell (1999) sugeriu aos nadadores que não tinham essa vantagem que processassem a Federação.

A FINA alegava que os maiôs eram resultados dos avanços tecnológicos, entretanto é necessário ressaltar que tais avanços se limitam àqueles que tinham condição financeira de adquirir as vestimentas. Portanto, não é um avanço tecnológico que favorecia a todos, como o aplicado na construção das piscinas para retirar a turbulência. Quando o avanço tecnológico é universal, a competição é justa e nivelada por performance, por isso, se somente alguns têm o privilégio de usar a tecnologia, a competição é injusta. Além disso, os maiôs foram fabricados em quantidades limitadas: apenas oito maiôs da marca Speedo haviam sido fabricados antes das Olimpíadas de Sydney. Para Rushell (1999), se um nadador usasse o maiô especial e ganhasse a prova por uma diferença mínima sobre um nadador sem o maiô, ele não seria o melhor nadador (RUSHELL, 1999).

Claramente, os fabricantes desses equipamentos violaram uma ética implícita sobre o esporte. Eles se intrometeram no honroso e tradicional conceito de natação competitiva como sendo habilidade humana contra a habilidade humana. Por sua própria ganância e lucro, isso foi alterado pelo desenvolvimento de equipamentos que supostamente aprimoram o desempenho. [...] A questão básica permanece: as corridas de natação devem ser disputas entre pessoas ou as pessoas mais bem equipadas? (RUSHELL, 1999, n.p.).

Alguns atletas afirmavam, por exemplo, que o LZR *Racer* permitia nadar como um foguete, o que fez muitos nadadores quebrarem seus contratos com

empresas rivais para adquiri-lo. Da mesma forma, levou essas empresas a entrarem com ações, a fim de regular o uso dos maiôs. As opiniões sobre esse maiô foram diversas. “Tudo o que a FINA vê é o glamour e os recordes mundiais [...]. Eles se veem como empreendedores, não como guardiões do esporte”, disse Forbes Carlile, técnico australiano de natação (PARNELL, 2008, n.p.). O nadador holandês Pieter Van Den Hoogenband afirmou que o maiô “permite que nadadores menos talentosos nadem rápido” (PARNELL, 2008, n.p.). O técnico italiano Alberto Castagenetti, cujos nadadores são patrocinados pelo fabricante rival, a Arena, afirmou que o LZR *Racer* era “doping tecnológico”. Já o técnico dos EUA, Mark Schubert, que tinha a maioria de seus atletas patrocinados pela Speedo, via o maiô com entusiasmo e acreditava que muitos recordes seriam batidos com ele (PARNELL, 2008, n.p.).

Essas controvérsias relacionadas ao maiô provocaram novamente questionamentos semelhantes aos de Rushell (1999), feitos há quase dez anos, e só seriam definitivamente resolvidos em 2010, com a proibição dos maiôs tecnológicos. Isso evidenciou que, de fato, esses maiôs eram equipamentos que interferiam na performance dos atletas. “Na natação, nada-se um atleta de elite contra atleta? É atleta contra a água? Ou é atleta, dinheiro e tecnologia contra todos os concorrentes?”, questionou Parnell (2008, n.p.).

Períodos nos quais a tecnologia é usada para definir o corpo orgânico, “limpo” e divergente não são neutros; eles estão de acordo com o interesse de grupos poderosos, nações e corporações, os quais investem em valores e sistema de crenças para legitimar tal uso, como, por exemplo, a naturalização do uso dos maiôs tecnológicos a partir dos discursos científicos, usados como balizadores da verdade. Assim como, o uso de tecnologias permite a falta de equidade entre os atletas e permite manter a ilusão de corpos naturais no esporte (MCCULLOUGH, 2010, p. 3).

Com a proibição dos maiôs tecnológicos, as empresas esportivas tiveram que se adequar às novas diretrizes. A Speedo, por exemplo, lançou o “*Fastskin3*, composto por um boné, óculos e o traje, projetados para trabalhar em uníssono” (ACTIVE, 2013, n.p.).

Esta apresentação dos maios olímpicos ao longo do tempo evidenciou não só a linguagem técnica dos maiôs, como a forma, tamanho e tecido utilizado, mas os aspectos sociais que nos permitem compreender os discursos sobre o corpo, como

os maiôs atuam nas relações de poder e como tornaram-se marcadores sociais. Isso mostra a importância dos maiôs para a história e para a cultura material no esporte.

CAPÍTULO III. O CORPO E OS MAIÔS NA NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA BRASILEIRA

Neste capítulo, vamos analisar as imagens do corpo e dos maiôs, tendo como referência as nadadoras Maria Lenk (1932, 1936), Piedade Coutinho (1936,1948), Maria Isabel Guerra (1972), Flávia Nadalutti (1976), Adriana Salazar (1988), Patrícia Amorim (1988), Fabíola Molina (2000, 2008 e 2012)⁸⁰, Rebeca Gusmão (2004) e Etiene Medeiros (2016).

Para fins didáticos a natação brasileira foi dividida em cinco eras, as quais convencionamos chamar de: *era do glamour*; *era do cientificismo*; *primórdios do profissionalismo*; *era tecnológica*; e, por último, *era pós-tecnológica*. Entre as Olimpíadas de Los Angeles (1932) e as Olimpíadas de Helsinque (1952) designamos de *era do glamour*, período de grande influência da indústria cinematográfica, quando os maiôs eram divulgados como símbolo de elegância e charme. Entre as Olimpíadas de 1956 e 1968 não houve representantes na natação feminina brasileira, que retornou nos Jogos de Munique (1972) e Montreal (1976); -- esse período entre essas duas Olimpíadas chamamos de *era do cientificismo*. Ela foi caracterizada por uma melhor organização e estruturação do treinamento, e dos campeonatos de natação. A década seguinte foi um marco para a natação feminina brasileira, com o surgimento de patrocinadores como a Mesbla e a Kibon, e com o conseqüente início do profissionalismo no esporte. Entre as Olimpíadas de Seul (1988) e as Olimpíadas de Atlanta (1996) intitulamos de *primórdios do profissionalismo*. A partir das Olimpíadas de Sydney (2000) inaugurou-se uma nova era: a *era tecnológica*, caracterizada pelo uso dos maiôs tecnológicos, que se estendeu até 2010. Após essa data até os dias atuais, iniciou-se a *era pós-tecnológica*; período em que os maiôs tecnológicos foram banidos.

3.1 Era do glamour

O início da natação competitiva feminina no Brasil se dá na década de 1930. Antes dessa data, houve algumas participações tímidas, como a “Travessia da Guanabara (RJ)”, realizada por Anésia Coelho e Alice Possalo, em 1925. Foram as

⁸⁰ Essas datas referem-se aos anos dos Jogos Olímpicos quando as nadadoras competiram.

nadadoras da colônia alemã, em São Paulo, que desafiaram o contexto da natação, predominantemente masculino e preconceituoso, ao nadarem em público, mesmo “envoltas em prodigiosos costumes de banho, abundantes em dobras e babados” (LENK, 1986, p. 17).

Dois aspectos foram essenciais para que essas atletas nadassem. O primeiro deles foi o apoio familiar, já que vinham de uma cultura que estimulava a prática esportiva; e o segundo foi o fato de a natação ser considerada uma modalidade na qual não havia exigência de força, portanto não “prejudicava as virtudes femininas de graciosa fragilidade impostas pelo machismo dominador” (LENK, 1986, p.17). Essa compreensão da natação como um esporte apropriado para mulheres foi concebida no início do século XX. Havia a premissa de que a natação “era um esporte cuja técnica não incluía o desenvolvimento muscular” assim como, “não masculiniza as mulheres” (ROSEMBERG, 1995, p. 282). E essa concepção foi regulamentada pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941, o qual previa no artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. (BRASIL, 1941).

Na década de 1940⁸¹, o esporte no Brasil consolida-se como prática da vida urbana, símbolo da influência europeia e de um novo estilo de vida, o estilo de vida esportivo (SOARES, 2011). Neste cenário, as mulheres foram incentivadas à prática esportiva, mas como dito anteriormente, somente para as modalidades consideradas femininas, sendo que as roupas esportivas femininas primavam mais pela elegância do que pelo conforto e desempenho atlético.

A *Revista Sport Illustrado* (1938, ed.19, p. 19) fez uma matéria intitulada “Trajes Esportivos: a moda no esporte ou o esporte na moda?”. A elegância do traje esportivo é mencionada como uma preocupação das atletas e dos técnicos, e essa elegância é exaltada por meio da fotografia de três mulheres “elegantemente” e “apropriadamente” vestidas (Figura 42), para as leitoras se inspirarem. A revista afirma que, ao publicar esses modelos, a intenção é mostrar exemplos de roupas esportivas usados no cenário internacional, destacando que tais roupas “procuram aliar a liberdade de movimento dos trajes esportivos aos jamais esquecidos

⁸¹ A sociedade era movida pela ideia do progresso, pelos pressupostos da eugenia e do higienismo, aspectos massivamente divulgados na Era Vargas-período no qual Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930-1945, e foi marcado pelo autoritarismo, centralização do poder e práticas sanitárias.

caprichos da Moda, o que prova que mesmo esportista, não esquece a mulher, o encanto do seu sexo.” (SPORT ILLUSTRADO, 1938, ed. 19, p. 19).



Figura 42: Exemplo de mulheres elegantemente vestidas para a prática esportiva. Fonte: Revista Sport Ilustrado, 1938, ed.19. p. 19.

Diante disso, o maiô feminino de natação também deveria ser belo e elegante. Isso pode ser observado, na Figura 43, no maiô de Maria Lenk, usado no Campeonato Sul Americano, em Viña del Mar, em 1941. Ela foi a primeira nadadora brasileira a participar de uma Olimpíada, e a única que quebrou dois recordes mundiais em 1939. Um ano após ganhar a prova interestadual realizada na enseada de Botafogo, em 1931, Lenk viajou por um mês a bordo em um navio a caminho das Olimpíadas de Berlim (1932) com a delegação brasileira, composta por 66 homens e só ela de mulher (LENK, 1986).



Figura 43: Nadadora Maria Lenk no campeonato sul-americano em Viña del Mar, em 1941. Fonte: Lenk (1986, p. 65).

O maiô de Lenk ressaltava o contorno e as formas femininas, e os detalhes das fitas e laços davam glamour à peça. O decote era redondo com cava americana⁸², tanto na frente quanto atrás. No decote, o acabamento é um passante, no qual as alças passam por dentro, na parte posterior e anterior, finalizando com um laço na altura do pescoço. Ao observarmos o maiô de Lenk, podemos inferir que a parte posterior também tem um decote levemente redondo e com cava americana. Esse tipo de cava, no entanto, cobre as escápulas, o que provavelmente dificultava a liberdade de movimento da nadadora. O maiô de Lenk, em função dos adornos e do modelo, primava mais pela elegância do que pela performance.

É necessário destacar que este modelo de maiô usado por Lenk pode ter sido influenciado pelos filmes hollywoodianos, em que as atrizes “dos filmes de natação e nado sincronizado deram glamour aos maiôs para que banhistas

⁸² Conforme Goulart (2013, n.p), esse tipo de cava é definida como uma “cava profunda, feita na diagonal que começa na região do pescoço e termina abaixo da axila”.

consumissem os maiôs da moda, maiôs esses que revelavam cada vez mais os contornos do corpo”. (THOMAS, 2015, n.p.).

Conforme Goellner (2003), o cinema, em especial a indústria Hollywoodiana, exerceu grande influência na determinação dos padrões de beleza femininos, divulgando um estilo de vida glamoroso e novos valores culturais. Para Stephen Gundle (1999), o glamour é um fenômeno da sociedade moderna e está relacionado com a mudança de poder da aristocracia para a burguesia no final do século XIX; relaciona-se com um novo sistema urbano, permeado pelo consumismo, assim como pela crescente relevância da moda.

Até mesmo os espectadores de uma competição esportiva se vestiam de forma elegante, e suas roupas em nada se distinguiam das roupas utilizadas em teatros, como o terno e a gravata. Esse glamour também pode ser observado na fotografia (Figura 44) de Lenk na matéria do jornal *A Noite* (1932, p. 1.), intitulada “O Brasil e as Olympíadas: Maria Lenk, a grande nadadora paulista, precisa ir a Los Angeles – o que contou à *Noite* a valorosa Campeã de S. Paulo”. Nela, a atleta usa vestido e chapéu e se posiciona elegantemente ao lado do jornalista Carlos Nelly, que usa terno e gravata. Associada a essa imagem, o jornal se refere à nadadora por meio de termos que exaltam sua feminilidade, como: [...] “Maria Lenk, com aquela simplicidade encantadora”, além de atributos comportamentais como “valente nadadora patricia”. Ao mesmo tempo, a matéria destaca a performance da atleta, seus tempos de provas e classificações em competições.



Figura 44: Maria Lenk e Carlos Nelly. Fonte: Jornal *A Noite*, 1932, ed. 07357, p. 1.

A elegância dos maiôs desse período estava associada a imagens de um corpo feminino conforme os padrões tradicionais de gênero. Para Sherrow (1996), a feminilidade está associada à aparência e ao comportamento, ou seja, a ser atraente e carinhosa. Em uma reportagem da revista *Sport Illustrated*, Maria Lenk foi definida como uma “moça educada, gentil, com personalidade bem definida” (REVISTA SPORT ILLUSTRADO, 1943, ed. 254, p.13). Em outra edição, é abordado o quanto a atleta é feminina.

[...] O nadador não é máquina; é de carne e osso, é profundamente humano. E a nadadora, quando dá para ser feminina [...]. Feminina, com um “que” de dona de casa [...]. (REVISTA SPORT ILLUSTRADO, 1945, n. 370, p. 17).

Esses recortes mostram, portanto, que o princípio da feminilidade é aplicado tanto às mulheres atletas quanto as não atletas, e isso significa que as expectativas sociais do corpo são semelhantes. A pesquisa de Goellner (1999) identificou as imagens da mulher na revista *Educação Física* (1932 a 1945) como sendo bela, maternal e feminina, imagens que se estendem às mulheres atletas também.

Na edição 254 de 1943, a revista *Sport Illustrated* fez o seguinte comentário sobre Maria Lenk: “muitos confrades a consideram um tipo diferente”, pois Maria Lenk não era casada aos 27 anos, o que não era usual para época. Isso evidencia que Maria Lenk, além de ser pioneira na natação olímpica, desafiou e confrontou estereótipos de gênero, ao escolher primeiro se dedicar à vida de atleta e só depois se dedicar ao casamento. Segundo a revista,

Ou se dedica ao esporte ou aos afazeres do lar. Uma situação incompatibiliza a outra. Ninguém pode resolver tão grandes assuntos ao mesmo tempo. Ou a piscina ou o “sweet home”. É que para ambos é preciso muita dedicação. (REVISTA SPORT ILLUSTRADO, 1943, ed. 254, p.13).

Dois anos depois, a revista *Sport Illustrated* (1945) fez uma matéria com Maria Lenk após ela deixar as piscinas. “Maria Lenk faz planos para o herdeiro” era o título da matéria, que era acompanhada de várias fotos da nadadora com o filho. A matéria não fazia nenhuma referência à trajetória esportiva de Lenk, mas abordava sua infância, namoro, casamento e planos para o futuro do filho. A revista procurou

mostrar que Maria Lenk, embora fosse uma atleta, era igual a todas as outras mulheres e se dedicava também à família. Segundo o periódico,

Querida e simpática a toda a gente, [...] Maria Lenk experimentou as sensações mais forte da sua vida. Ser mãe. [...] É de um encanto sem parar a mãe que sonha e pensa maravilhas curvada sobre o berço. (REVISTA SPORT ILLUSTRADO, 1945, n. 370, p. 18).

Nessa revista, há 190 referências a Maria Lenk, entre os anos de 1920 e 1956. Na maior parte delas, os resultados das provas eram apresentados acompanhados de fotografias da nadadora. Dessas fotografias, apenas cinco eram da atleta nadando; as demais enfatizavam o corpo da atleta em poses que não tinham relação com a natação e, por vezes, fora do contexto do esporte, como, por exemplo, a Figura 45, em que Maria Lenk está de maiô e sapatilhas.



Figura 45::Maria Lenk e outras nadadoras.
Fonte: Revista Sport Illustrado (1941, ed. 145,
p. 6).

Piedade Coutinho foi outra nadadora deste período que se destacou nas piscinas. Ela foi a primeira finalista olímpica da natação brasileira. Competiu nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), Londres (1948) e Helsinque (1952). Em sua primeira participação (1936), ficou em quinto lugar, esta colocação foi conquistada

novamente, por Joana Maranhão, após 68 anos nas Olimpíadas de Atenas, em 2004.

Piedade Coutinho não foi apenas uma exímia nadadora, mas uma mulher que rompeu com valores e ideais da sociedade de época, ao voltar a participar de competições após o casamento e o nascimento do filho. Conforme Rosemberg (1995), nesse período, a natação era uma modalidade apropriada apenas para mulheres solteiras, uma concepção que surgiu no início do século XX. Em 1941, Coutinho deixou a natação para se casar e ter um filho. Retornou em 1943 e, em 1948, foi escolhida a melhor atleta brasileira. Tudo isso em uma época em que o papel da mulher era essencialmente casar e ter filhos.

Na revista *Sport Illustrado* há 211 referências de Piedade Coutinho, relatando sua performance; dessas, 28 são da nadadora usando maiô, sendo apenas duas em uma posição relacionada à natação (saída do bloco). Na Figura 46, por exemplo, Coutinho está apoiada na escada de uma piscina, ou seja, ela está inserida no contexto da natação, por outro lado, seus cabelos cuidadosamente penteados e sua pose não a remetem a este contexto. A nadadora usa um maiô com um modelo simples, de cor preta, com modelagem ajustada ao corpo e decote redondo.



Figura 46: Piedade Coutinho. Fonte: Revista Sport Illustrado (1940, p. 9).

Maria Lenk e Piedade Coutinho romperam, portanto, com barreiras sociais ao conquistarem as piscinas, um espaço essencialmente masculino no início do século

passado. Elas perturbaram o discurso normativo que definia as práticas ideais para as mulheres e deram visibilidade à natação feminina. Por outro lado, foram símbolo de beleza e elegância, assim como seus corpos se adequaram aos ideais do corpo feminino da época.

Entre as décadas de 1930 e 1950, os ideais do corpo feminino são variações do corpo, em um padrão ampulheta, que destacava cintura e quadris. Atrizes como Audrey Hepburn e Grace Kelly tinham a silhueta mais esbelta; já Marilyn Monroe era mais curvilínea (MATELKI, 2011). As atrizes dos musicais aquáticos, como Ester Williams, e as nadadoras brasileiras também exibiam esse perfil corporal, como podemos observar nas fotografias apresentadas anteriormente.

A partir da década de 1930, o corpo feminino foi erotizado pela indústria de cosméticos, assim como por meio da prática esportiva e das restrições alimentares. Nas propagandas do creme Nívea, por exemplo, sugeria-se o banho de sol e o uso do creme, para que se obtivesse uma pele com “cor de saúde e um aspecto esportivo”, atributos da mulher moderna desse período (SCHOSSLER; CORREA, 2009, p. 12).

O corpo feminino também foi destaque nos manuais de beleza e revistas como *Seleções do Reader Digest* que divulgaram o “american way of life”, por meio de prescrições do corpo ideal. Além de incluir dicas de exercícios e regime, incluíam conselhos de como ser “boa esposa e mãe primorosa”. Os cuidados com o corpo, no geral, eram destinados para a mulher conquistar um marido e ter um casamento feliz. Entre 1945 e 1955, aumentou consideravelmente o número de artigos sobre relacionamento amoroso nas revistas femininas. “Segundo a imprensa, a mulher deveria ampliar o interesse masculino por seu corpo, nele incluindo o zelo e a fidelidade   sua alma” (SANT’ANNA, 2014, p. 101). O corpo feminino deveria ter curvas sedutoras e cintura fina, sendo a vedete Virginia Lane um ícone da beleza brasileira nesse período (SANT’ANNA, 2014).

As coxas carnudas das vedetes podiam ser chamadas de mocotó, e isso era um elogio. [...] A opulência vistosa de seus corpos contrastava com as imagens da miséria e ainda insinuava a mistura entre sensualidade e graça. Os vestidos sem alça, conhecidos pelo nome de “tomara que caia”, integravam uma moda internacional afeita aos seios grandes em contraposição à cintura fina.

As mulheres podiam até estar um pouco acima do peso, mas deveriam ter a cintura fina, chamada popularmente de cintura de pilão. “Cintura fina, pés delicados, sorriso meigo e quadris largos faziam parte dos atributos da bela mulher” (SANT’ANNA, 2014, p. 101). Além das vedetes, as misses faziam muito sucesso, como a baiana Marta Rocha.

Nesse período, o designer mineiro Alceu Penna dominou o cenário da moda brasileiro, com a coluna “As garotas do Alceu”, publicada semanalmente na revista carioca *Cruzeiro*, entre 1938 e 1968. Penna teve como referência as *pin-ups* americanas, um gênero ilustrativo no qual as mulheres são representadas de forma sexy e ao mesmo tempo inocente, com quadris largos e cintura fina. As garotas de Alceu não só ditavam as roupas da moda e os padrões corporais ideais da mulher moderna e urbana da época, mas indicavam os papéis sociais, como ser mãe, esposa e do lar (CAMPOS, 2017). A cintura fina também foi um elemento de destaque no *new look*, do estilista francês Christian Dior, que projetou a silhueta feminina marcada pela cintura fina, considerada um símbolo de elegância e feminilidade (SANT’ANNA, 2014).

O corpo elegante e feminino também era considerado o corpo ideal na natação. Nesse sentido o corpo da nadadora se adequa aos ideais hegemônicos de feminilidade, por outro lado, ele desafia as barreiras sociais que restringem a participação das mulheres no esporte.

3.2. Era do cientificismo

Após Piedade Coutinho ter participado das Olimpíadas de 1952, o Brasil ficou sem representantes da natação feminina entre os Jogos de Melbourne (1956) e os Jogos de Munique (1968), um período que se contrapôs ao momento de crescimento da natação masculina, com Manoel dos Santos, medalhista nas Olimpíadas de Roma, em 1960, e José Silvio Fiolo, quarto lugar nas Olimpíadas do México, em 1968.

Ressalta-se que, nesse período, além do Brasil não ter representantes na natação feminina, o número de mulheres na delegação brasileira era limitado. Nos

Jogos de Melbourne (1956), Roma (1960) e Tóquio (1964), o Brasil teve somente uma representante feminina. Em 1968, no México, três mulheres participaram dos Jogos Olímpicos: Aída dos Santos e Maria de Conceição Cipriano, no atletismo, e Lúcia Weinschek Faria, no hipismo (ESPORTE ESSENCIAL, 2017).

Esse contexto foi marcado por leis que restringiam a participação feminina no esporte, como o Decreto-Lei 3.199 de 1941 e a Deliberação n.º. 7 de 1965, do Conselho Nacional de Desporto, que vigoraram até 1975. A Deliberação n.º. 7 afirmava que às mulheres: “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e baseball” (BRASIL, 1965). Isso significa que o Estado fazia o controle social do corpo feminino no esporte, embora a natação ainda fosse considerada um esporte feminino.

Os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, marcaram o retorno da natação feminina brasileira. Foram três representantes da natação feminina: Lucy Maurity Burle, Maria Isabel Guerra e Cristina Bassani Teixeira; e na edição seguinte, em Montreal (1976), o Brasil teve quatro representantes: Flávia Nadalutti, Christina Bassani Teixeira, Maria Elisa Guimarães e Rosimary Ribeiro. Entre 1972 e 1976, convencionou-se chamar de *era do cientificismo*.

A nadadora Maria Isabel Guerra me concedeu gentilmente uma entrevista⁸³ a respeito dos maiôs e do corpo nesse período. Ela relata que começou a nadar bem pequena, devido à influência de sua família, que era esportista. Todos os seus irmãos praticaram vários esportes, e sua mãe era professora de Educação Física. Além da influência da família, ela relata que o fato de frequentar o clube da cidade, Associação Esportiva Mocoquense, também foi um fator motivador para a prática da natação.

Sua primeira competição foi em 1964, com oito anos de idade. O maiô que usou era de helanca⁸⁴, com cavas grandes nas coxas, costas nadador, na cor preta e não havia logotipo do clube.

⁸³ Entrevista concedida por câmera de WhatsApp, no dia 7 de fevereiro de 2019.

⁸⁴ “Marca registrada da Heberlein Corporation e tecido elástico produzido com fio de poliamida texturizado por falsa torção geralmente colocado na trama, que dá elasticidade na lateral do tecido”. (CRUZ, 2013, p. 43).

Maria Isabel Guerra representou o Brasil em vários campeonatos sul-americanos, dentre eles na Colômbia, em 1969, e em Arika, no Chile, em 1972, quando quebrou o recorde sul-americano e abriu o caminho para as Olimpíadas. A nadadora foi recordista sul-americana nos 200 metros *medley*, entre 1971 e 1976. No Pan-Americano de Cali, na Colômbia, em 1971, ficou em quarto lugar. As fotografias a seguir (Figuras 47 e 48) mostram Isabel Guerra em duas competições, respectivamente em 1969 e em 1971. Em ambas, a nadadora (ao centro) está usando um maiô de nylon com saia da modéstia.



Figura 47: Maria Isabel Guerra ao centro em uma competição em 1968. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 48: Maria Isabel Guerra, ao centro, em uma competição em 1971. Fonte: arquivo pessoal.

Ela afirmou que normalmente, nas competições, usava os maiôs da Speedo. Esses maiôs eram trazidos dos Estados Unidos ou comprados no Brasil, em barracas que vendiam acessórios de natação, durante as competições. A nadadora relata que os maiôs da Speedo que ela usava para competir eram confortáveis e bonitos. Segundo Maria Isabel, “a gente queria usar maiôs diferentes e da vez, ou era da seleção americana ou com estampa florida.” Entretanto, os

maiôs de treino confeccionados em helanca não eram confortáveis, e a incomodava nos ombros, pois ela treinava normalmente de 10 a 14 km por dia, e a repetição sistemática dos movimentos gerava atrito entre a pele o maiô, e frequentemente a machucava.

Nas Olimpíadas de Munique, em 1972, Maria Isabel Guerra usou o uniforme da seleção brasileira, que foi encomendado para a Speedo. Esse foi o único maiô providenciado pela Confederação Brasileira de Desporto à nadadora. “O maiô foi encomendado a Speedo com as cores da seleção brasileira. O nosso não tinha logotipo, mas tinha as cores do Brasil, verde e amarelo. O material era nylon e era acinturado. “Eu usei ele até quando pude”, relatou a nadadora. O decote é arredondado, com dois recortes frontais com costura dupla em zigue-zague. Nas costas, há uma costura central (também dupla em zigue-zague) que divide o maiô em duas partes, e o forro é branco (Figuras 49 e 50). Esse maiô tem uma saia da modéstia, como é possível ver na Figura 50. A saia consistia em costurar a calcinha do maiô, por debaixo dos recortes frontais, de modo a cobrir a genitália feminina. Maria Isabel Guerra afirmou que tem uma relação afetiva com suas vestimentas olímpicas e tem guardado o maiô e o uniforme da cerimônia de abertura que usou nas Olimpíadas de Munique.



Figura 49: Maiô que Isabel Guerra usou nas Olimpíadas de 1972. Fonte: Arquivo pessoal da nadadora.



Figura 50: Detalhe da saia da modéstia do maiô que Isabel Guerra usou nas Olimpíadas de

1972. Fonte: Arquivo pessoal da nadadora.

Conforme a nadadora, várias seleções encomendaram seus uniformes a Speedo, como a japonesa e a americana. O modelo era o mesmo; o que os distinguia era a estampa e as cores. Maria Isabel Guerra relata que o maiô da seleção americana somente era comercializado quando lançava um novo uniforme

Eu tinha o maiô da seleção americana e o da seleção japonesa. O maiô da seleção japonesa era lindo: azul com flores de cerejeira. Eu troquei um maiô meu com a nadadora japonesa. Era comum nas Olimpíadas os atletas trocarem os uniformes. (Entrevista com Maria Isabel, 2019).

A nadadora descreve que foi um “sonho” participar das Olimpíadas de Munique, em 1972, mas, ao mesmo tempo, foi assustador, pois foi uma edição marcada pelo atentado terrorista⁸⁵, que vitimou onze atletas israelenses.

Nós fomos tomar café e tinha um guarda com a metralhadora e um helicóptero sobrevoando a vila onde estávamos. Nós éramos as únicas mulheres da delegação brasileira e estávamos sozinhas. A gente não falava alemão, e os alemães não falavam inglês. Até que alguém da delegação masculina nos contou o ocorrido. (Entrevista com Maria Isabel, 2019).

Quando retornou para o Brasil, duas questões a impactaram emocionalmente, algo que mais adiante a levou a desistir da natação: a carga de treino elevada associada à falta de outras nadadoras para treinar junto em sua equipe, em Mococa. Então, em 1974, ela mudou-se para os Estados Unidos e nadou na University of Missouri Rolla. O treino americano era desgastante, como o brasileiro. Segundo a nadadora, “ainda não havia muitas pesquisas de fisiologia do esporte”, e havia uma carga de treino muito grande. “Eu, como fundista, treinava muito, e isso me impactou muito emocionalmente. Quando me mudei para os Estados Unidos, até tentei nadar, mas os treinos eram exaustivos”, comentou a atleta. Além disso, ela relata que a Universidade pela qual nadava não tinha tradição na natação e, portanto, não havia uma equipe de ponta no local. Esses fatores a levaram a desistir de nadar nesse mesmo ano.

⁸⁵ Em 1972, fazia 27 anos que muitos judeus não pisavam em solo alemão, e as Olimpíadas era uma forma de reconciliação. Mas, em 5 de setembro, o grupo terrorista palestino Setembro Negro invadiu a Vila Olímpica e sequestrou 11 integrantes da seleção israelense, matando-os no dia seguinte. (LIMA, 2016).

Em 1977, Maria Isabel Guerra já havia parado de nadar competitivamente, mas nadava de forma recreativa. Na Figura 51, ela usa um maiô da Diana, conhecido como maiô de papel, um maiô super aderente ao corpo que destacava as curvas da atleta.



Figura 51: Maria Isabel Guerra usando um maiô da Diana, 1977. Fonte: Arquivo

Com relação ao corpo, o fato de ter ombros largos e musculosos não a incomodava. “Eu nem ligava. Eu queria participar das competições e encontrar as pessoas. Mas tive amigas que pararam de nadar porque a mãe achou que estava ficando musculosa e com ombros largos”, relatou a nadadora.

Sua família também não se importava com essa condição corporal. Sua mãe era professora de educação física, formada em 1939, em uma das primeiras turmas da Universidade de São Paulo (USP), e seu pai, que era médico, preocupava-se apenas com o volume de treinamento.

A segunda nadadora que gentilmente me concedeu uma entrevista⁸⁶ foi Flávia Nadalutti. Ela relata que morava em frente à piscina do Fluminense Football Club (RJ) e, quando criança, frequentava o parque aquático com a mãe e com os irmãos. “Eu sempre frequentei o clube Fluminense- foi consequência pela proximidade. Era só atravessar a rua e ir treinar no clube onde o parquinho e as piscinas infantis tinham sido o meu parque infantil quando bem pequena”, disse a nadadora.

Aos sete anos, Flávia começou a fazer aulas de natação e, logo em seguida, passou a competir. Até aproximadamente os nove anos de idade, os seus maiôs de competição e treino eram do Fluminense e eram confeccionados nas cores do clube: verde com listra vermelha e branca na lateral. A touca de natação era de tecido vermelho e o nome da atleta era costurado ou estampado na peça.

Com apenas 11 anos, Flávia participou da primeira competição internacional, o Campeonato Sul-Americano de Natação, realizado na piscina do Fluminense no Rio de Janeiro em 1972, ficando em primeiro lugar. Em 1973, na Copa Latina de Natação, em Marseille na França, nadou com um maiô de nylon da Speedo, na cor roxa, com saia da modéstia, sendo o modelo igual ao maiô usado pela nadadora Maria Isabel Guerra, nas Olimpíadas de 1972. Flávia Nadalutti relata que nadou com Isabel Guerra e se lembra de competir com ela usando esse maiô da Speedo. “Eu me lembro da Guerrinha usando esse maiô. Eu competi com ela, e ela estava usando esse maiô. Eu tive um maiô desse na cor roxa”, relatou a nadadora. Ela acredita que o desenho desse maiô seja influência do movimento *hippie*, devido à estampa “psicodélica” feita com a técnica do tipo *tie dye*⁸⁷.

Os anos de 1972 e 1973 foram anos em que a nadadora começou a ter resultados cada vez melhores. O ano de 1974 foi brilhante: “Foi inesquecível, aqui na piscina do Fluminense na qual bati meu primeiro recorde sul-americano na prova de 200m borboleta e pensei: ‘treinei para caramba!’. Porque não tem mistério: é talento, temperamento e mais de oitenta por cento de esforço”, comentou a nadadora.

⁸⁶ Entrevista concedida por meio da câmera do WhatsApp no dia 17 de fevereiro de 2019.

⁸⁷ É uma forma tradicional de tingimento (data de milhares de anos) encontrada no Japão, África, América Latina e Índia, e que se popularizou na década de 1960 com os hippies norte-americanos. (TIE DYE)

Flávia Nadalutti relatou que, a partir de 1974, surgiu o maiô *skinfit* da Arena. Segundo a nadadora, esse maiô “era como uma pele extra, era uma segunda pele que aderiu à nossa pele. Devia ter menos de milímetro de espessura, parecia um papel”. O *skinfit* foi um dos maiôs preferidos da nadadora, e ela o usou até parar de nadar no Campeonato Mundial de Berlim, em 1978.

Ainda em 1974, Flávia participou do Campeonato Nacional no Canadá, ficando em 1º. lugar nos 200 metros borboleta, fazendo o quarto melhor tempo do mundo. “Naquele dia, anunciaram que tinha sido o quarto melhor tempo do mundo na temporada de 1974. Projetei-me internacionalmente”, afirmou a nadadora. Por todas as conquistas e superações no ano de 1974, ela ganhou a medalha “Caballeros de la Natacion”, dada somente ao melhor atleta sul-americano de cada temporada que se excedesse continuamente. Flávia Nadalutti bateu seus próprios recordes sul-americanos por mais de doze vezes naquele ano. Ainda no ano de 1974, recebeu o Certificado de Reconhecimento de Performance da *American Swimming Coaches Association* (ASCA).

A nadadora afirma que no Brasil os campeonatos brasileiros tinham três a quatro séries de eliminatórias; já o campeonato canadense tinha de nove a dez – e o campeonato americano tinha quinze séries eliminatórias, ou seja, a competitividade no âmbito internacional era muito maior, por isso participar desses campeonatos foi uma experiência importante para sua carreira de esportista. Entretanto, ela ressalta que foram experiências pontuais, pois não havia um intercâmbio. Ela também ressalta que, diante de sua elevada performance no Campeonato Canadense, lhe foi oferecida uma bolsa de estudos na Carleton University, mas ela recusou, pois era apenas uma menina (ela tinha apenas 13 anos) e não queria ficar distante da família.

Em 1975, no Mundial de Cali na Colômbia, ela usou um *skinfit* da Arena, com estampas geométricas, nas cores verde e laranja em diferentes tonalidades e sem forro (Figura 52). Ela define o maiô como “bárbaro, extremamente confortável. Eu amava esse maiô. Eu o achava moderno e leve”.



Figura 52: Flávia Nadalutti, no Mundial de Cali, em 1975. Fonte: Arquivo pessoal.

Na Copa Latina de Natação em 1975, na Itália, ela usou um maiô da marca Arena, estampado com bandeiras do Brasil (Figura 53) feito especialmente para a delegação brasileira, encomendado pela Confederação Brasileira de Natação.



Figura 53: Flávia Nadalutti, na Copa Latina de Natação, em 1975. Fonte: arquivo pessoal

Esse mesmo maiô usado na Copa Latina na Itália foi usado nas Olimpíadas de 1976, em Montreal. O maiô de treino era da Speedo, de nylon, nas cores verde e amarelo (Figura 54). Flávia ressalta que, quando passou a competir, só treinava com os maiôs da Speedo, pois, na medida em que “os maiôs ficavam velhinhos esses passavam a ser maiôs de treino. Os mais novinhos e com as estampas mais bonitinhas e modernas eram usados nas competições. Porque você tem que se sentir bem e bonita”.



Figura 54: Flávia Nadalutti durante o aquecimento nos Jogos Olímpicos de Montreal, 1976. Fonte: Arquivo pessoal.

Flávia Nadalutti parou de nadar no mundial de natação em Berlim, em 1978, e ficou em 11.º lugar nos 400 metros *medley* individual, batendo o próprio recorde sul-americano que permaneceu por mais de 21 anos. Nessa competição, ela usou um maiô *skinfit* da Arena. “Na nossa época, era normal parar de nadar para fazer faculdade, pois, no Brasil, não tinha universidades com equipes de alto rendimento. Fui para os Jogos Olímpicos, com 15 anos, e parei de nadar, com 17 anos”, relatou a nadadora.

Quanto ao corpo, ela afirma que “o corpo feminino musculoso não fazia parte da sociedade da década de 1970, não tinha ainda o culto ao corpo”. Por outro lado, essa década foi um momento importante na sistematização e no planejamento dos treinamentos, devido à inserção cada vez maior de princípios científicos, o que tornava o treino mais eficiente e, conseqüentemente, permitia um desenvolvimento maior dos músculos. Além disso, o treino era intenso e volumoso: ela nadava 14 mil

metros por dia, sete mil de manhã e sete mil à noite, dava dez a doze voltas no campo⁸⁸ e fazia um treino com extensores. Ela ressalta que não fazia treinamento de resistência (musculação) como as nadadoras da atualidade.

A atleta afirmou que teve que refletir e decidir o que queria: “eu queria continuar nadando ou parar de nadar por causa do corpo mais musculoso. Era uma questão interna, feminina. Mas feminilidade não tem nada a ver com musculatura”, afirmou a nadadora. Em suas palavras, “eu tomei uma decisão interna, eu sou forte sim, e vou assumir isso”.

Flávia Nadalutti teve a experiência de competir com as nadadoras da Alemanha Oriental em um período em que se suspeitava do uso de doping por parte daquelas nadadoras, devido à musculatura excessiva que elas possuíam. Flávia relata que, quando foi competir no Mundial de Cali, na Colômbia, em 1975, ela encontrou com as alemãs.

Puxa, eu era forte! Mas a Kornélia Ender era muito forte. Ela era espetacular! Todo mundo parava para vê-la: ela era bonita, alta e forte. Ela saía da água, e o namorado dela já estava lhe dando beijos e abraços, e ela forte daquele jeito. Para eles, era o padrão. [...]. (Entrevista com Flávia Nadalutti, 2019).

Flávia Nadalutti ainda relatou que se sentia muito forte, mas as alemãs eram mais fortes ainda. “Puxa, eu sou forte, sou musculosa, mas competir com aquela (se referindo as alemãs) vai ser difícil!”. Isso evidenciou que, na década de 1970, o tamanho da musculatura corporal era algo que deixava o nadador imponente. Já na *era tecnológica*, que iremos analisar mais adiante, o corpo musculoso naturaliza-se e é dada maior evidência aos maiôs do que ao próprio corpo dos nadadores.

A nadadora Flávia conta que as nadadoras americanas não eram muito musculosas e que ela mesma era mais musculosa que as norte-americanas. “Eu era mais forte que a Shirley Babashoff, não mais alta, mas tinha a musculatura mais desenhada que ela”.

Flávia Nadalutti afirma que tinha clareza que ser forte era uma condição provisória, pois, quando parasse de nadar, seus músculos diminuiriam. Outro fator importante era o apoio da família, que considerava normal o corpo feminino musculoso para uma atleta de alto rendimento. A nadadora relata que conversou

⁸⁸ Campo de Futebol do Fluminense.

com a mãe e com o técnico sobre essa questão corporal, e que ambos deram todo apoio para ela continuar nadando.

Além disso, na escola ela nunca sofreu preconceito devido à sua musculatura, e seu namorado, que era nadador, lidava com essa questão com naturalidade: “então, estava tudo encaixado”. Mas ela afirma que pode ter tido alguém que tenha desistido de nadar devido a essa questão corporal, por uma pressão da família ou interna.

Durante a entrevista, Flávia Nadalutti mostrou uma fotografia sua do Campeonato Mundial de Cali, em 1975. Ao visualizar a fotografia, fiz o seguinte comentário: “Flávia, você não me pareceu muito musculosa nessa fotografia”. E ela me respondeu: “é porque hoje, com seus olhos, isso aqui é ‘fraquinha’ perto das mulheres malhadas de hoje. Eu era naturalmente forte e treinava muito”. Isso mostra que os padrões corporais na natação foram mudando ao longo das eras estudadas nesta presente tese, e Flávia Nadalutti, na medida em que aceitou seu corpo musculoso e desafiou o corpo normativo da época, foi uma mulher à frente de seu tempo.

Ressalta-se que a década de 1970 foi marcada pela narrativa de que a natação deixava o corpo das mulheres masculinizado. Isso se deve a dois aspectos: a) ao elevado nível da natação feminina, decorrente dos treinamentos intensos que passou a selecionar determinados tipos corporais relacionados a uma melhor performance (como ombros largos e fortes); e ao surgimento das atletas musculosas da Alemanha Oriental, que ratificavam tal narrativa.

Diante dessa questão, muitas mulheres deixaram de praticar natação, o que evidencia os processos de vigilância, regulação e disciplina do corpo investigados por Foucault (2014). E as que praticavam desafiavam a perspectiva feminina de corpo, assim como a dominação masculina no contexto esportivo. Yarnal, Hutchison e Chow (2006) verificaram que as mulheres usam seus corpos como “fontes de poder e liberdade dos discursos dominantes” (2006, p. 135). Messner, nesse sentido (1994, p. 66), sugeriu que o corpo da atleta é um “terreno ideológico contestado”, pois implica “interesse genuíno das mulheres pela igualdade, controle de seus corpos e autodefinição”. Nessa perspectiva, o corpo da nadadora passou a ser um local de contestação da imagem do corpo gracioso, belo e feminino da *era do*

glamour e do início da afirmação de um novo corpo, mais tonificado. Nesse cenário marcado pela controvérsia de ter músculos tonificados e ainda ser feminina, Maria Isabel Guerra superou esse conflito e desafiou normas sociais relacionadas ao corpo feminino. Deve-se ressaltar que, nesse período, a natação passou a exigir um corpo mais forte e musculoso, e a sociedade, em especial a moda, inseriu um padrão corporal exageradamente magro. Portanto, havia um conflito entre o corpo na natação e o corpo na sociedade em geral.

Matelki (2011) explora como o corpo idealizado nas décadas anteriores, cheio de curvas e voluptuoso, a exemplo da atriz Marilyn Monroe, é substituído ao longo dos anos 1960 e 1970, por um corpo fino e infantil, sintetizado pela modelo britânica Twiggy (graveto). “Twiggy representava não apenas a magreza extrema, mas o corpo livre e moderno, rejeitando os ideais do mundo imediato do pós-guerra” (MATELKI, 2011, p. 47). Ela é uma espécie de contraposição ao corpo de Monroe.

Sant’Anna (2014) afirma que o padrão de feminilidade desse período impôs, além de um corpo magro, o corpo jovem, bronzeado e descontraído. Assim, “abrir as pernas, saltar e fazer careta tornaram-se qualidades, prova de inteligência e beleza” (SANT’ANNA, 2014, p. 129). Os esportes praianos, como o surf e a asa delta, valorizavam o corpo leve, livre em contato com a natureza e despojado.

Portanto, nesse cenário em que a sociedade impõe um corpo jovem, descontraído e leve, a natação de alto rendimento valorizava um corpo mais tonificado, transgredindo os padrões corporais de feminilidade impostos. Com isso, a participação das mulheres no esporte, segundo Brake (2010), é um movimento feminista, mesmo que as atletas não se intitulem feministas. Ressalta-se, conforme Sarti (2004), que nos anos 1970 surge o movimento feminista no Brasil, como uma forma de resistência à Ditadura Militar e às relações de poder patriarcal, sendo a participação das mulheres na luta armada considerada uma forma de contravenção ao papel ideal da mulher na sociedade. Isso significa que esse foi um período em que a mulher rompeu com barreiras sociais com relação à sua participação tanto no esporte quanto na sociedade em geral.

O corpo com curvas de décadas anteriores já não correspondia ao corpo exigido na natação desse período, mais forte e tonificado, o que levou a sociedade a questionar se a natação era um esporte apropriado para mulheres. Por isso, a

década de 1970 foi muito importante para a natação feminina, pois nadadoras, como Flávia Nadalutti e Maria Isabel Guerra, tiveram que superar padrões ideais de corpo, o que abriu o caminho para o desenvolvimento da natação feminina nas décadas seguintes, assim como para uma maior aceitação do corpo da nadadora.

Além disso, foi nesse período que a natação brasileira se estruturou a partir de fatores como a realização dos campeonatos brasileiros com a presença de clubes de todo o país, com destaque para os clubes cariocas e para a criação da Associação Brasileira de Técnicos de Natação, que transformou a organização da natação brasileira, ao inserir princípios científicos e combater o treinamento empírico. Somada a essas questões, a televisão passou a destacar os feitos da natação brasileira. Júlio Delamare, criador do departamento de esportes da Rede Globo de Televisão, foi um dos grandes incentivadores da natação brasileira nesse período (NOLASCO et al., 2006).

3.3 Primórdios do profissionalismo

A natação feminina brasileira ficou de fora dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e de Los Angeles (1984). E após duas edições dos jogos sem nenhuma representante em uma Olimpíada, retornou em 1988, nas Olimpíadas de Seul, com Patrícia Amorim nos 200 metros e 400 metros livre; e Adriana Salazar, nos 50 metros livre. As duas nadadoras também fizeram parte do revezamento 4x100 metros juntamente com Isabelle Vieira e Mônica Rezende. Em 1996, em Atlanta, o Brasil teve apenas uma única representante, Gabrielle Rose.

Esse período entre os Jogos de Seul (1988) e os Jogos de Atlanta (1996) denominamos de *primórdios do profissionalismo*, pois, além do processo de cientifização dos treinos, intensificou o movimento de profissionalização⁸⁹ na natação brasileira, a partir da inserção de patrocínios (NOLASCO, et al., 2006).

É preciso ressaltar que, até as Olimpíadas de 1984, em Los Angeles, o esporte era amador, ou seja, a prática esportiva não podia envolver benefícios

⁸⁹ Nas décadas anteriores, a natação era amadora, pois não era permitido o profissionalismo, ou seja, auferir lucro por meio das conquistas esportivas. O esporte para o profissional é seu meio de sustento.

financeiros, portanto era movida somente pelo prazer de competir. A partir dos Jogos de Los Angeles, as regras foram redefinidas, a fim de restringir padrões de amadorismo no esporte e, com isso, os nadadores puderam ter patrocinadores e usar sua imagem para vender produtos (USA SWIMMING RULEBOOK, 1984 apud HODLER, 2016). Em 1996, os nadadores já podiam receber premiações quando ganhavam medalha de ouro (USA SWIMMING HISTORY, 2015 apud HODLER, 2016) e, em 2000, todos os resquícios do amadorismo foram eliminados.

Esse movimento de profissionalização dos esportes atingiu a natação brasileira, que passou a ser patrocinada por empresas como a Mesbla, a Kibon e a Adidas. Patrícia Amorim, em entrevista a Filho (1987, p. 3), ressaltou a importância dos patrocinadores para o desenvolvimento da natação feminina brasileira. Segundo a nadadora,

A natação feminina deu um grande salto. Os recordes estão caindo, os resultados estão aparecendo, e esse desenvolvimento é consequência direta da nossa participação no campeonato mundial na Espanha. Antes disso, só o masculino tinha essa oportunidade e nós ficávamos restritas às provas sul-americanas. (FILHO, 1987, p. 3).

Daltely Guimarães, eleito o técnico do ano em 1987, também destacou a relevância dos patrocinadores: “a entrada dos patrocinadores e a possibilidade deles custearem as viagens de seus atletas a competições internacionais foi fundamental” (FILHO, 1987, p. 3). Em 1983, a Kibon patrocinou o Troféu Brasil de Natação e, no ano seguinte, implantou o Projeto Kibon, que apoiou os campeonatos regionais e formou uma equipe competitiva. Patrícia Filler Amorim foi a primeira nadadora brasileira a ser patrocinada pela Kibon, ainda em 1984. Ela foi campeã brasileira por 28 vezes nos 200 metros, 400 metros, 800 metros e 1.500 metros livres e participou das Olimpíadas de Seul, em 1988 (EPICHURUS, 2012).



Figura 55:Nadadora Patrícia Amorim. Fonte: Filho (1987).

Na Figura 55, Patrícia Amorim usa um maiô com a logomarca da Kibon e o desenho de um nadador. O modelo geométrico, com decote redondo e cava relativamente alta nas pernas, revela o contorno do corpo da nadadora. O maiô não identifica o país de origem da nadadora, mas o patrocinador da atleta.

O maiô de Amorim sinaliza o processo de profissionalização da era Juan Samaranch no Comitê Olímpico Internacional (COI), entre os anos de 1980 e 2001. Samaranch assumiu o Comitê ainda diante do contexto da Guerra Fria, superou dois boicotes políticos nas Olimpíadas de Moscou (1980) e de Los Angeles (1984) e transformou as Olimpíadas em um megaevento esportivo, comercialmente lucrativo, e espetacular. O maiô de Amorim, com o logotipo da Kibon, se insere em um contexto no qual patrocinadores, marketing e mídia tornaram as Olimpíadas um grande negócio. Conforme a agência de notícias francesa *France Press* (2008, n.p.),

Quatro anos depois de assumir a presidência do COI, Samaranch criou o sistema TOP (The Olympic Partner). Sob essa sigla, estão reunidos os principais patrocinadores, entre eles Coca-Cola, Visa, Panasonic, Kodak, McDonald's e Samsung, mas também empresas chinesas, como Lenovo

(filial da IBM). Todas elas pagam um alto preço para poder utilizar durante quatro anos os cinco anéis olímpicos.

Isso mostra o quanto a inserção de patrocinadores foi importante no processo de comercialização das Olimpíadas. Conforme o portal Uol Sports (2010, n.p.), “hoje, o COI é dono de uma das maiores cartas de patrocínio do mundo corporativo, é parceiro de gigantes multinacionais, e os jogos olímpicos dividem com a copa do mundo o posto de principal evento esportivo do planeta”.

Outra grande nadadora desse período foi a pernambucana Adriana Salazar, a nadadora brasileira melhor colocada nas Olimpíadas de Seul, em 1988. Adriana Salazar, gentilmente, concedeu uma entrevista via Whatsapp. Seu pai era diretor de natação do Clube Internacional, em Recife, e a colocou para nadar com apenas quatro anos de idade. Logo depois, o colégio Santa Maria, onde ela estudava, construiu uma piscina e todos os alunos eram obrigados a fazer natação. Em seguida, a escola se filiou à Federação Aquática Pernambucana, com o nome de Associação Atlética Santa Maria. Em 1976, durante um campeonato pernambucano de natação Adriana ganhou os 100m borboleta. Diante desses resultados, Adriana Salazar integrou a seleção pernambucana que iria disputar o Torneio Norte-Nordeste infanto-juvenil de natação em Belém. Nessa época, o técnico Nikita, do Clube Náutico de Capibaribe, a convidou para treinar com ele, e ela acabou transferindo-se para o Náutico. Em Belém, ela juntamente com as nadadoras Fátima Vieira, Eliane Maciel e Érica Souto ganharam o revezamento 4x100 metros livre. Depois, Adriana teve resultados significativos em campeonatos do Nordeste e nos brasileiros e integrou a seleção brasileira de natação em 1978.

Em fevereiro de 1982, durante um Troféu Brasil no Rio Janeiro, Adriana Salazar que ainda nadava pelo Náutico foi informada de que deveria participar de uma competição internacional. Ela decidiu não participar e ir para São Paulo descansar. Logo depois, retornou para Pernambuco e deixou de nadar para se preparar para o vestibular e deixar de lado a rotina intensa de treinos.

Após alguns meses que havia parado de nadar, em julho de 1983, foi convidada para integrar o revezamento 4x100 livre do Esporte Clube Pinheiros (SP), que iria disputar os Jogos Brasileiros Universitários. Posteriormente, passou a nadar

pelo Esporte Clube Pinheiros, clube em que nadou entre junho de 1982 e novembro de 1983.

Após o Pan-Americano na Venezuela, a atleta resolveu voltar para Recife e passou a nadar novamente pelo Clube Náutico de Capibaribe. Nessa época, o técnico Nikita havia conseguido um patrocínio com a empresa de engenharia civil Geoteste. Em seguida, Adriana integrou a equipe do projeto Mesbla de Natação (1983-1989) (Figura 56). Ela ganhava nesse projeto um salário mínimo, além de passagens, hospedagem, material técnico e exames médicos. Segundo a nadadora, o projeto fornecia o maiô de treino e de competição e era da marca carioca Ranc.



Figura 56:Adriana Salazar, XXVII Troféu Brasil de natação/ Copa Mesbla de Natação.⁹⁰

⁹⁰ Disponível em: <https://epichurus.com>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Em 1980 e 1984, tentou ir, respectivamente, para as Olimpíadas de Moscou e Los Angeles, mas não obteve índice individual. Entretanto, poderia ter nadado o revezamento 4x100 livre, pois havia conseguido formar uma equipe junto com outras três atletas. “Só que o Brasil não quis ou não pôde levar a equipe feminina, já que ninguém havia conseguido o índice individual. Portanto, eu estaria no revezamento de 1980 e 1984”, afirmou a nadadora.

Entre julho de 1982 e setembro de 1983, Adriana Salazar nadou pelo Clube Pinheiros (SP). O clube financiava sua escola, pagamento de passagens e hospedagem para as competições. Ela deixou o Clube, pois, durante um Troféu Brasil, no Rio de Janeiro, queria voltar para São Paulo e descansar por quinze dias, conforme o combinado anteriormente com o Clube Pinheiros. Entretanto, durante essa competição, ela foi informada que teria de participar de outra competição, na qual vinham nadadores de outros países. Ela decidiu não ficar e ir para São Paulo. Logo depois, retornou para sua cidade, alegando que queria se preparar para o vestibular, mas na verdade estava cansada das cobranças e parou de nadar. Passados aproximadamente seis meses que havia parado de nadar, foi convidada para competir no revezamento 4x100 livre, nos Jogos Brasileiros Universitários, em Recife, pela equipe do Pinheiros. Adriana Salazar decidiu competir, o que a motivou a voltar para São Paulo, onde ficou treinando até o conquistar o recorde no Troféu Brasil.

Em 1988, Adriana conseguiu índice individual para os 50 metros livre para as Olimpíadas de Seul. Patrícia Amorim havia conseguido nos 200 metros e 400 metros livre e, juntas, com Isabelle Vieira e Mônica Rezende, fizeram o revezamento 4x100 livre. O Brasil ficou em décimo primeiro lugar e conquistou o recorde sul-americano.

Quanto aos maiôs, Adriana Salazar relata que no início de sua carreira esportiva nadava com um maiô preto de helanca, costas nadador e cava funda nas pernas (Figura 57)



Figura 57: Maiô de helanca, modelo usado pela nadadora Adriana Salazar.⁹¹

Mas, quando passou a nadar no Clube Náutico de Capibaribe, “todas as meninas tinham um maiô alemão *Belgrad*. Era um maiô com costas de nadador, fechava com duas tarraxas no ombro, era transparente, fino e apertado”, afirmou a atleta. E o fato de ser transparente não a deixava com receio de usar, como as americanas ficaram no início da década de 1970. Ela nadou com esse maiô entre 1976 e 1980. “Eu comprava outros, mas sempre vermelho. Como era delicado, a gente só usava para competir. Mamãe lavava com sabão de coco, secava e guardava. Era um maiô para competir”. Adriana Salazar relata, ainda, que não sabe como o maiô chegava ao Brasil, mas havia uma pessoa que o vendia para as nadadoras do clube.

Adriana Salazar conta que depois passou a usar os maiôs da marca carioca Ranc⁹². Na Figura 58 a seguir, a nadadora está usando um maiô da Ranc, o modelo possui recortes na frente e atrás é *fyback*.

⁹¹ Desenho feito pela pesquisadora responsável por esta tese.

⁹² Chamados de maiôs de papel por serem finos.



Figura 58:Adriana Salazar (posicionada a frente) durante um treino:⁹³.

Quando ia para os Estados Unidos competir comprava os maiôs da *Speedo* e da *Arena*. Ela dava preferência para os maiôs com alças cruzadas nas costas (Figura 59), pois achava que dava maior liberdade de movimento. “O que eu usava para competir era sempre mais apertado, o decote era alto para que não entrasse água e as cavas da perna eram fundas”, relatou a atleta. Ela ainda afirma que não se lembra do maiô que usou nas Olimpíadas de Seul.



Figura 59:Modelo com alças cruzadas

⁹³Disponível em: http://blogs.diariodepernambuco.com.br/reliquiasolimpicas/project/a-sorte-de-voltar-atras/?doing_wp_cron=1553480305.3541049957275390625000. Acesso em: 20 de jan. de 2018.

Quanto a sua relação com o corpo, Adriana Salazar afirma que sua prova de natação exigia muita força e, por isso, sempre teve um corpo forte.

Eu sempre tive um corpo de nadadora. Se eu disser que não me incomodava, eu estaria mentindo. Hoje eu tenho outra mentalidade com relação a isso, mas há quarenta anos ser uma mulher com o corpo forte era complicado. Quando adolescente passava na praia e sempre ouvia – olha que menina forte, parece um homem.

Essa situação a incomodava, mas não a ponto de fazê-la desistir de nadar, pois, para Adriana Salazar, foi exatamente esse corpo que lhe permitiu competir, viajar e vencer. Ela conta que na família Salazar muitas mulheres têm o ombro mais largo que o quadril, e que ela também tinha este biótipo, comum entre as nadadoras. “Tinha mães de amigas que não queriam que as filhas fossem para a equipe, para não ficarem com o ombro largo, um corpo parecido com de um homem”, declarou a atleta. Mas ela recebeu muito incentivo do pai⁹⁴, que era esportista (atleta de basquete e atletismo) e da mãe, por isso conseguia lidar bem com essas questões relativas ao corpo. Adriana Salazar revela que tinha a nadadora Flávia Nadalutti como ídolo, admirava seu corpo forte e o fato de ser uma exímia nadadora de borboleta, uma prova em que também competia.

É necessário destacar que na década de 1980, conforme Sant’Anna (2014), a imagem corporal feminina assume outras características: a de um corpo saudável e forte, evidenciado por uma maior participação nos esportes. Isso pode ter auxiliado a diminuir o preconceito com relação ao corpo forte das nadadoras. Stern (2008, p. 10) afirma que a “prática de exercícios e de um corpo tonificado passou a ser associada a imagens de saúde, beleza e sucesso profissional”.

A priori, os músculos eram discretos, personificados pela atriz americana Jennifer Beals, do musical *Flashdance*: “um corpo feminino tonificado, sensual, rijo e ao mesmo tempo flexível” (SANT’ANNA, 2014, p. 159). Essa onda *fitness* influenciou na massificação do estilo esportivo e no culto ao corpo no Brasil.

Muitas mulheres passaram a treinar em casa com os vídeos de exercícios físicos da atriz Jane Fonda. Nesse sentido, é preciso destacar que o corpo tonificado de Fonda era considerado desejável e saudável, entretanto o corpo das

⁹⁴ O pai de Adriana Salazar a acompanhou nas primeiras competições pela seleção brasileira e morreu em 1979.

fisiculturistas era considerado grotesco, pois se distanciava muito dos padrões hegemônicos de feminilidade (ANDREASSON; JOHANSSON, 2013). Isso significa que as mulheres podiam ter corpos fortes, mas dentro de um limite aceitável. Para Boyle (2005), essa condição evidencia que o corpo feminino, às vezes, transgride normas de gênero e é empoderador, contudo, por outro lado, pode reforçar a hegemonia de gênero.

Nesse contexto, Adriana Salazar foi muito importante para a natação feminina brasileira, pois, além dos resultados expressivos que a marcaram como uma das maiores velocistas do país, seu corpo era muito forte para os padrões da época e, portanto, ela rompe com o ideal de corpo feminino construído discursivamente. Adriana mostrou que um corpo forte também é feminino e que é um mito dizer que a natação masculiniza o corpo da mulher, sendo essa uma das narrativas criadas para afastar as mulheres do esporte. Portanto, a presença de Adriana Salazar é um marcador simbólico das conquistas da natação feminina.

3.4 Era tecnológica

A partir das Olimpíadas de Sydney, em 2000, a natação brasileira inseriu-se na *era tecnológica*. Não que em outros momentos a tecnologia não tivesse sido empregada, mas a partir de então ela havia virado uma obsessão das empresas que fabricavam os maiôs de natação competitiva. Além disso, a partir desse período, os maiôs passaram a ser chamados de tecnológicos e, depois de 2008, passaram a ser denominados de supermaiôs. Na *era tecnológica*, uma das maiores nadadoras brasileiras foi Fabíola Molina, especialista no nado costas. A atleta participou das Olimpíadas de Sydney (2000), Pequim (2008) e Londres (2012).

Nas Olimpíadas de Sydney, ela foi a única representante da natação feminina brasileira. Essa participação foi um marco para a natação brasileira, primeiro porque havia duas edições que o Brasil não tinha representantes na natação feminina. Segundo, porque a partir dessa Olimpíada a natação feminina iniciou um momento de crescimento tanto com relação ao quantitativo de atletas, quanto à performance destas.

Nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, Fabíola não conseguiu o índice olímpico, mas o Brasil foi representado por Flávia Delaroli, Joana Maranhão, Mariana Brochado, Monique Ferreira, Paula Baracho e Rebeca Gusmão. Em 2008, nos Jogos de Pequim, Fabíola Molina retornou às piscinas olímpicas juntamente com as nadadoras Tatiana Lemos, Flávia Delaroli, Monique Ferreira, Michelle Lenhardt, Julyana Kury, Monique Ferreira, Tatiane Sakemi, Daynara de Paula, Gabriella Silva, Joanna Maranhão, Ana Marcela Cunha e Poliana Okimoto. Em Londres ela representou o Brasil com mais quatro nadadoras: Graciele Hermann, Daynara de Paula, Joana Maranhão e Poliana Okimoto

Fabíola Molina me recebeu gentilmente em sua fábrica de maiôs, em São José dos Campos, São Paulo, para falar um pouco do corpo e dos maiôs que usou durante o período em que competiu. Em 1985, com 10 anos, a nadadora ingressou na natação competitiva e foi federada. Ela nadava pela Associação Esportiva São José e competia com o maiô da associação, que era vermelho (cor do clube) com listras brancas nas laterais. Segundo a atleta, o maiô era de nylon, com forro atrás e na frente. O decote era redondo na frente, tinha alça larga e costas de nadador. Ela afirma que este maiô:

era muito desconfortável pois o tecido era grosseiro, não tinha compressão no corpo e era um pouco solto. O maiô fazia arranhões no corpo que ficava em carne viva. Eu sempre ficava com dois machucados embaixo dos braços. Para amenizar esta situação, eu usava vaselina.

Nesse período, ela treinava e competia com o mesmo maiô, que não tinha marca e era vendido no clube. Já em 1987, no primeiro campeonato brasileiro em que ela competiu, a atleta usou um maiô de *lycra* da marca carioca *Ranc*. Essa marca dominava o mercado na época. Os maiôs, segundo Fabíola Molina, tinham recortes coloridos, por exemplo, um quadrado verde ou azul. “Eles usavam tecidos recortados e costurados entre si, com costura aparente. Era um sucesso”.

Em 1991, a atleta integrou a seleção brasileira. Conforme Fabíola, na década de 1990, os maiôs da *Ranc* ficaram mais cavados e, nas costas, foram incluídos outros modelos, além da tradicional “costas de nadador”, como as alças cruzadas. Fabíola Molina revela que a falta de apoio à natação feminina levou a um protesto em 1996, durante o Troféu Brasil de Natação. Nesse protesto, as nadadoras usaram uma camiseta preta escrita “esperamos mudanças” e pintaram as unhas de preto.

Uma das principais pautas do protesto foram os altos índices exigidos para a natação feminina, que deixaram de fora das Olimpíadas de Atlanta muitas nadadoras, inclusive a própria Fabíola Molina.

Nos Jogos de Sydney, em 2000, quando Fabíola Molina foi, pela primeira vez, à Olimpíada, ela tinha cinco chances para fazer o índice e ser classificada para os jogos: uma competição no início de 1999 (da qual ela não se recorda); os Jogos Pan-Americanos (Winnipeg); o Brasileiro de Natação; o Sul-Americano (Mar del Plata); e o Troféu Brasil.

Entre janeiro de 1999 até o final de julho, quando iniciou o Pan-Americano de Winnipeg – competição em que usou um maiô tradicional⁹⁵, Fabíola saiu do Tennessee (EUA) onde morava e foi para Nova York (EUA) treinar com outro técnico. Nesse Pan- Americano, ela ficou doente e não conseguiu o índice. Diante disso, resolveu sair de Nova York e ir treinar na Flórida, com Michael Lohberg, um dos maiores técnicos da época. No final de 1999, teve outra oportunidade de fazer o índice, no Sul-Americano, mas também não conseguiu. Nessa prova, ela também usou um maiô tradicional. Na penúltima tentativa, Fabíola usou um maiô tecnológico, entretanto, por não ter treinado antes com ele, seu desempenho diminuiu.

Eu usei o maiô na prova, só que foi a primeira vez que usei. Eu não treinava com o maiô. Você coloca um negócio que você não conhece e vai para a prova. Para mim foi uma coisa muito pesada. Eu só tinha uma chance para fazer o índice. Eu coloquei o maiô e piorei o tempo, porque eu não conhecia o maiô. Eu não fiz o índice. A sorte é que eu tinha outra chance no revezamento, pois o costas é o primeiro estilo, então você pode pedir tentativa de índice.

Nessa última tentativa, ela nadou com um maiô da marca Speedo, modelo *aquablade*, “um maiô não tecnológico”, que segundo a atleta era confortável. Foi com esse maiô que ela conseguiu o índice para as Olimpíadas de Sydney. “Apesar de existir tecnologia, eu preferi nadar com o *aquablade*, pois achava que não pesava”, afirmou Fabíola Molina. Esse maiô tinha canaletas nas verticais para a passagem da água, decote alto com gola curta, pernas com cava alta e tinha atrás um zíper invisível. Era um maiô sem forro, mas com costura. E de acordo com o MASS (2017), era uma peça feita de elastano e poliéster.

⁹⁵ Os maiôs “tradicionais” tinham a tecnologia de sua época, mas convencionaram-se chamar de maiôs tecnológicos os usados a partir de 1999, que foram ratificados nas Olimpíadas de Sydney. Conforme Craik (2011), os maiôs tecnológicos mudaram a forma de nadar e a imagem do nadador.

A Figura 60 a seguir mostra um modelo do *aquablade*, entretanto ele se difere do usado pela Fabíola Molina, pois o zíper desse era na lateral à direita, e o da nadadora brasileira era atrás.



Figura 60: Maiô Aquablade. Fonte: Acervo digital do Museu of Arts and Science.⁹⁶

Nos Jogos de Sydney, em 2000, Fabíola Molina voltou a usar o *aquablade*. Em 2004, ela não obteve índice e, portanto, não participou dos Jogos de Atenas, mas continuou nadando. Nesse mesmo ano, ela abriu sua própria marca⁹⁷ denominada *Fabíola Molina*, voltada para os maiôs de treinamento. “Diante de minhas necessidades, pois só encontrava maiôs pretos e desconfortáveis, eu criei minha própria marca”. Ela conta que, quando conheceu a Vânia, uma costureira que atualmente trabalha em sua empresa, pediu para ela fazer algumas modificações nos maiôs, e isso a impulsionou a criar sua própria marca:

⁹⁶ Disponível em: [/collection.maas.museum/object/166678](https://collection.maas.museum/object/166678). Acesso em: outubro de 2018.

⁹⁷ Fabíola Molina relata que depois que criou sua marca não teve patrocínio de nenhuma empresa, pois “outras marcas não iriam patrocinar seus concorrentes, não em maiôs de competição, mas de treino”. Antes de criar a própria marca, havia sido patrocinada pela Olympikus. Como a empresa não fabricava maiôs de competição, ela podia competir com o maiô que escolhesse.

Vânia, eu quero uma alça mais fininha... e a Vânia fazia [...] Foi a gente que lançou no Brasil a alça fininha. Nos espelhamos no modelo do voleibol e fizemos uma modelagem própria para a natação. Então, lançamos o “sunquíni”, uma peça para treino, colorida e com alça fina. . Fez o maior sucesso. Nas Olimpíadas de Atenas, era todo mundo usando o sunquíni Fabíola Molina.

Fabíola Molina relata que começou usando as *lycras* da moda praia para o sunquíni. “Eu ia ao Bom Retiro⁹⁸, via as lycras que eram bonitas para fazer biquíni e as usava para confeccionar os sunquínis. Então, nós começamos a inovar nas cores”. A nadadora conta que chegava às competições com trajes supercoloridos como se fossem um biquíni, mas, na verdade, eram sunquínis. Com o tempo, a empresa fez parceria com a fábrica de malhas, Santaconstância, responsável pelo desenvolvimento do tecido chamado Acquos, que não tem elastano em sua composição, uma fibra responsável pelo desgaste do tecido. O Acquos é composto por 19% de elastol e 81% de poliamida. A marca Fabíola Molina tem exclusividade de uso desse fio e produz três coleções por ano. As estampas são escolhidas pela própria nadadora dentro das disponíveis pela Santaconstância, e há a possibilidade de fazer alterações. “Posso acrescentar uma flor, tirar um detalhe de que não gostei. Eu escolho as cores e pinto no computador. A base do desenho é deles, mas posso alterar”.

No início, a empresa só vendia nos campeonatos mundiais, mas, a partir de 2006, criou o *e-commerce*⁹⁹, enviando os produtos para todo o mundo. A empresa já exportou para mais de cinquenta países, fez uniforme de universidades, como Harvard, da seleção brasileira de natação, nos Jogos de Atenas e Pequim, e foi a marca licenciada nas Olimpíadas de 2016.

Mesmo após criar sua própria empresa¹⁰⁰, Fabíola Molina continuou a competir e, no mundial de piscina curta, em 2008 usou um maiô da Speedo, colado ao corpo, que estendia até o tornozelo. As alças finas nas costas finalizavam em um modelo *fyback* com uma abertura que delineava a região lombar (Figura 61 e 62)

⁹⁸ Região central da cidade de São Paulo, conhecida pelo comércio.

⁹⁹ Comércio eletrônico.

¹⁰⁰ Fabíola Molina conta que recebeu muito apoio de sua mãe na administração da empresa.

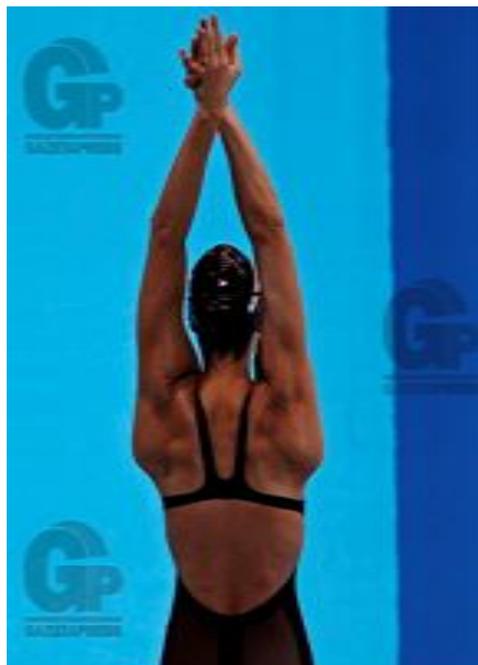


Figura 61: Fabíola Molina usando um maiô tecnológico da Speedo no mundial de natação em 2008 (detalhe das costas). Fonte : Gazeta Express (2008).¹⁰¹

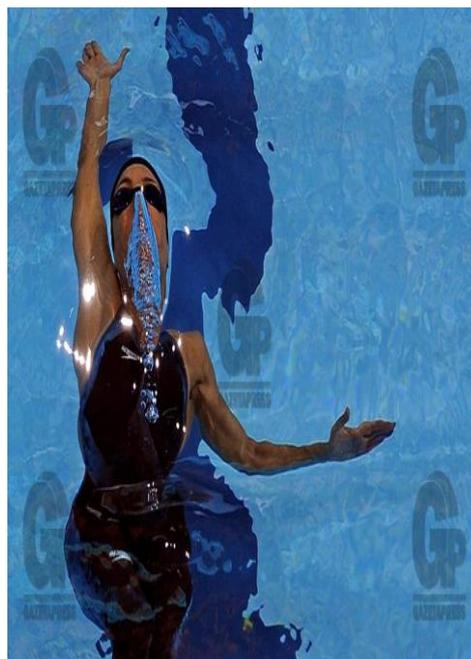


Figura 62: Fabíola Molina usando um maiô tecnológico da Speedo no mundial de natação em 2008 (detalhe da parte da frente). Fonte: Gazeta Express (2008).

No ano de 2008, os maiôs tecnológicos eram o centro das atenções. Nesse mesmo ano, quando fez o índice para as Olimpíadas de Pequim, Fabíola nadou com um maiô tecnológico da marca italiana Diana e, conforme a nadadora, era transparente e fino. “O maiô tecnológico da Speedo era grosso; e eu não me adaptei bem. Quando essas outras marcas lançaram esse de perna comprida e tecido mais fino, eu gostei”. Ela compara o maiô da Diana com o maiô da marca carioca Ranc, chamado de “maiô de papel”.

O maiô da Ranc não tinha tanta tecnologia, mas era fino como o da Diana. Ele secava rápido, tinha uma textura seca e não amassava. A Diana e a Arena foram para esse caminho que lembrava o maiô de papel da Ranc. Depois a Speedo lançou modelos mais leves. (Entrevista de Fabíola Molina, 2018).

¹⁰¹ Disponível em <https://www.gazetapress.com>. Acesso em: maio de 2017.

Já nas Olimpíadas de Pequim (2008), Fabíola Molina nadou com um maiô da marca norte-americana Blueseventy (Figura 63). “O maiô era preto, não cobria a mão e era emborrachado, parecia maiô de mergulhador”, afirmou a nadadora.



Figura 63: Fabíola Molina usando um maiô da Blueseventy nos Jogos de Pequim, em 2008. Fonte: Globo Esporte (2008).¹⁰²

Fabíola Molina relatou como foi difícil conseguir esse maiô da Blueseventy para os Jogos de Pequim, em 2008, e disse que nunca recebeu apoio da Confederação Brasileira de Desportos aquáticos para a aquisição dos maiôs.

Nós ficamos sabendo que o representante da Blueseventy ia chegar a Pequim um dia antes, e ia vender o maiô para quem quisesse.. Como ele (o representante) não tinha credencial para entrar antes na piscina onde seriam realizadas as competições, ele marcou com os brasileiros no hotel em frente ao parque aquático. Era meio-dia, um calor insuportável. Éramos mais ou menos oito atletas, todos do lado de fora, esperando o cara aparecer. Nós provamos os maiôs no estacionamento, para ver qual maiô servia, para competirmos no dia seguinte. Não tinha nenhum chefe de delegação! Eles nunca conseguiram um maiô para gente.

A nadadora ressalta que embora tenha usado um maiô Blueseventy, uma das grandes sensações dos Jogos de Pequim foram os maiôs da Jaked, mas estes a princípio não eram acessíveis a todos os nadadores. Com o tempo os maiôs da Jaked tornaram-se acessíveis e Fabíola Molina adquiriu o seu. Ela relata que conseguia vesti-lo em quinze minutos, mas a média dos atletas era de vinte e cinco

¹⁰² Disponível em <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Pequim2008/Noticias/0,,MUL718490-16072,00.html>. Acesso em: outubro de 2018.

minutos. A estratégia, segundo a nadadora, era comprar um maiô com número maior, para não ficar muito apertado. Mas ela conta que não podia fazer o mesmo com o maiô da Arena, pois um número acima do seu era inviável de usar. Portanto, devido à praticidade, ela preferia os maiôs da Jaked. Essa dificuldade dos atletas para colocar os maiôs é mencionada por Foster et al. (2012, p. 717). Esses autores afirmam “que os maiôs de poliuretano de corpo inteiro são relativamente rígidos e difícil de colocar”.

Nas Olimpíadas de Pequim em 2008, além dos maiôs da Jaked, os maiôs da Speedo também se destacaram. A atleta relata que o maiô da Speedo projetado para as Olimpíadas de 2000 era pesado. A empresa percebeu que o maiô era desconfortável e lançou maiôs diferentes, até que veio a grande revolução em 2008, o maiô LZR *Racer*, chamado “supermaiô”. Nesse período, outras empresas, como a Diana (Itália), Arena (Alemanha), TRY (Estados Unidos), Jaked (Itália) e Blueseventy (Estados Unidos) entraram no mercado de maiôs competitivos e começaram a fazer maiôs tão bons quanto os da Speedo. Foster et al. (2012) explicam que no LZR havia painéis de poliuretano colocados em partes estratégicas do corpo, que reduziam o arrasto. Já os maiôs das rivais, Arena e Jaked, não se limitavam a painéis, eles foram totalmente fabricados em poliuretano, para diminuir ainda mais o arrasto.

Em 2009, no mundial de Roma, Fabíola Molina nadou com um maiô da Arena (Figura 64). Esse maiô deixava os ombros expostos e se estendia até o tornozelo. O modelo das costas era racerback, com um zíper. Ela conta que ficou mais ou menos cinco horas esperando na fila para conseguir o maiô. Além disso, era um maiô que rasgava facilmente e, se estivesse com uma unha um pouco comprida, podia fazer um grande estrago, pois, embora fosse emborrachado, era fino. Ela demorava aproximadamente 45 minutos para vestir o maiô.

Antes você fazia o aquecimento e, em dez minutos, ia ao banheiro, colocava o maiô e ia para prova. Com o maiô tecnológico, eu tinha que terminar o aquecimento pelo ou menos duas horas antes de competir. Porque depois, se você colocava o maiô, que demorava quarenta e cinco minutos para vestir, às vezes ele rasgava, e você tinha que começar tudo de novo.



Figura 64: Fabíola Molina nadando com um maiô da Arena no mundial de Roma em 2009. Fonte: Vídeo disponível no YouTube.¹⁰³

Nesse mundial de Roma, houve uma avalanche de recordes, o que levou a Federação Internacional de Natação (FINA) a banir os maiôs tecnológicos, a partir de janeiro de 2010. Posteriormente, foi proibido o uso do poliuretano para a fabricação dos maiôs, sendo permitidos somente materiais têxteis. Além disso, foi alterada a cobertura corporal: para as mulheres, o comprimento máximo é até o joelho e sem mangas; e para os homens, do umbigo ao joelho, semelhante aos modelos de 2000 (FOSTER et al., 2012). Para Fabíola Molina, “foi uma questão comercial, a Speedo foi a empresa que lançou o *aquablade* e a pele de tubarão. Essas outras marcaram, ameaçaram o mercado antes exclusivo da Speedo.”

No que tange à interferência dos maiôs tecnológicos em sua performance, Fabíola Molina relata que, para ela, melhorou somente meio segundo, já que tinha uma boa flutuação, e um dos efeitos desses maiôs era justamente auxiliar o nadador, em especial no final da prova, a não perder posição de nado e não afundar. Para ela, o fato do maiô ter compressão a ajudou nos deslizes e assim a água passar com maior facilidade sobre seu corpo. Por outro lado, ela cita a nadadora brasileira Carolina Mussi, “que fazia 2m39s nos 200m peito; era um tempo bom na época, mas quando colocou o maiô ela baixou para 2m29s. Era uma coisa surreal. Então depende do atleta e do estilo.”

¹⁰³ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Vn_E6ZVp5Q8. Acesso em: novembro de 2018.

Quanto à sua relação com o corpo, Fabíola Molina relata : “nunca fui muito ligada à parte estética; para mim, o importante era nadar rápido”. Ela conta que, quando criança, as alemãs e as chinesas tinham um corpo muito forte e, por isso, muitos falavam que a natação deixava o corpo grande. “Ah, você é a nadadora, que ombros largos! Para mim, era um elogio, não uma coisa ruim. Ter ombros largos era uma coisa normal. Meus pais eram atletas e não colocaram esse estigma na minha cabeça”, afirma a nadadora. Além de uma família que não percebia o corpo tonificado como impedimento à prática da natação, o contexto cultural da época pode ter influenciado Fabíola Molina a aceitar melhor seu corpo.

Conforme Sant’Anna (2014), os anos 2000 valorizaram os corpos com músculos evidentes. Rogar (2009), nessa perspectiva, exemplifica essa transformação dos padrões corporais, observando os corpos das rainhas de bateria das escolas de samba, que, a partir dos anos 2000, passaram a ser mais musculosos, diferentes dos corpos magros da década de 1990. Para Schneiders (2009), esse novo padrão corporal foi destaque no carnaval e na mídia e, conseqüentemente, definiu novos padrões de beleza. O surgimento de novos padrões corporais sociais, a partir dos quais foi redefinida a representação simbólica do corpo feminino musculoso, pode ter influenciado no sentido de uma maior aceitação do corpo da nadadora.

Bordo (1997, p. 220), em “Reading the slender body”, nos apresenta os diferentes significados culturais da musculatura, que há até pouco tempo era restrita aos homens e simbolizava o poder masculino. O corpo musculoso era um marcador social de classe e raça, na medida em que estava vinculado ao trabalho manual e, conseqüentemente, associado às classes menos favorecidas, além de estar “impregnado de significado racial”, como o corpo representado em filmes que mostram o corpo negro escravo e, também, em filmes que mostram o corpo negro que luta. Ademais, ele era associado a “*status* de criminoso” (BORDO, 1997, p. 220) Hoje, no entanto, o corpo feminino musculoso tornou-se “ícone cultural [...] e é glamourizado” (BORDO, 1997, p. 220), desde que não seja em excesso. Assim, está associado também ao sucesso, ao trabalho físico árduo e disciplinado.

Outra nadadora que se destacou na *era tecnológica* foi a brasileira Rebeca Gusmão. Ela participou dos Jogos Pan-Americanos de 2003; das Olimpíadas de Atenas 2004, uma Olimpíada histórica para a natação feminina, pois o Brasil participou de três finais- dos 400m medley, 4x 200m livre e 50m livre, um feito nunca realizado em edições anteriores; Pan- Americanos de 2007, nesse último ela foi consagrada campeã nos 50m livre, mas perdeu o título e foi banida da natação após ser flagrada no teste de doping. Rebeca além de se destacar pelas conquistas atléticas, chamou a atenção de todos, em função das transformações ocorridas em seu corpo decorrentes do uso de doping,. Na Figura 65, podemos visualizar diferenças corporais entre 2001 e 2007, como o aumento expressivo da massa muscular (BUMBEERS, 2015).



Figura 65:Rebeca Gusmão: antes e depois do uso de anabolizantes. Fonte: Globo Esporte.

Devemos ressaltar que essa imagem é uma fotomontagem, uma forma de expressão visual na qual se podem utilizar estratégias criativas associadas a elementos da pintura, fotografia, cinema e produção digital e pós-digital. Nessa fotomontagem da nadadora Rebeca Gusmão, todos os elementos foram organizados de modo a ressaltar as diferenças corporais de Gusmão, entre 2001 e 2007. Nota-se o mesmo fundo, posição corporal similar e maiôs com formatos e cores aproximadas, para dar a ideia ambígua de continuidade e transformação, e observa-se a ênfase no aumento da massa muscular, um sinal revelador do uso de anabolizante.

Além disso, ela foi a única nadadora brasileira que posou nua e fez ensaios sensuais. No ensaio que fez para a Revista *Paparazzo* em 2014 (Figura 66), usando

lingeries ela afirmou que: “Me sinto bem para posar nua”. (FOLHA DE SÃO PAULO ON-LINE, 2014).



Figura 66:Nadadora Rebeca Gusmão: Ensaio para a revista Papparazzo.
Fonte: Ego Globo.¹⁰⁴

Note que a atleta está em uma pose sem relação alguma com a natação, além de ser uma pose passiva, o que corrobora a análise de Kane et al. (2013). Para esses autores, as atletas quando aparecem em poses sensuais são sempre apresentadas em posições passivas que não destacam seus músculos, e a grande maioria posa em revistas para o público essencialmente masculino. Liang (2011, n.p.) afirma que a atleta, ao posar nua ou com roupas sensuais, se apresenta primeiramente como mulher, sendo que a atleta fica em segundo plano, e isso “desafia as conquistas e a autoestima dos atletas”.

Quanto ao maiô, Rebeca Gusmão usou um modelo da Speedo nos Jogos Pan- Americanos realizados no Rio de Janeiro em 2007. O maiô era na cor preta, deixava os ombros expostos e estendia até os tornozelos. Nas costas o modelo era racerback (Figura 67 e 68)

¹⁰⁴ Disponível em: <http://ego.globo.com/paparazzo/index.html>. Acesso em: 18 de nov.2017.

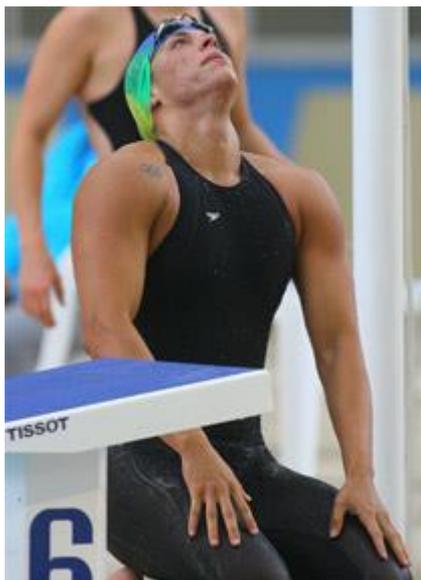


Figura 67: Rebeca Gusmão Pan-Americano de 2007¹⁰⁵



Figura 68: Rebeca Gusmão Pan-Americano de 2007, detalhe das costas do maiô.¹⁰⁶

Na Era Tecnológica, os avanços científicos permitiram o surgimento de novos tecidos e modelos, assim como uma outra percepção do corpo ideal na natação, pois, ao invés de expor o corpo, como nas eras anteriores, os maiôs tecnológicos cobriam o atleta do pescoço ao tornozelo, o que tornou normativo o corpo coberto.

3.5 Era Pós – Tecnológica

A partir da proibição do uso dos “supermaiôs” em 2010, a natação brasileira inseriu-se na *era pós-tecnológica* (2010 até os dias atuais). Nesse período, há uso de tecnologia, entretanto limitado, de modo a não interferir na performance como faziam os “supermaiôs”. Nas Olimpíadas de Londres, em 2012, última de Fabíola Molina, portanto, já não eram permitidos os maiôs tecnológicos. Nesta Olimpíada ela

¹⁰⁵ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/natacao/ultimas/2008/09/05/ult77u2081.jhtm>

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxPUqqwgZlI>

representou o Brasil juntamente com as nadadoras Graciele Hermann, Daynara de Paula, Joana Maranhão e Poliana Okimoto.

Nos Jogos de Londres 2012 ela usou um maiô da marca Arena, na cor preta. Segundo a atleta, “para os americanos, faziam com estrelinhas, mas, para nós, seres humanos comuns, era só preto”. O maiô tem um modelo *fyback* nas costas, deixa os ombros expostos e se estende até os joelhos (Figura 69 e 70). A nadadora afirma que comprou “quatro maiôs, porque, às vezes, um fura, um rasga... Paguei do meu bolso para competir nas Olimpíadas de Londres”.



Figura 69: Fabíola Molina nadando com um maiô da Arena, nos Jogos de 2012. Fonte: Vídeo disponível no YouTube.¹⁰⁷



Figura 70: Fabíola Molina nadando com um maiô da Arena, nos Jogos de 2012 (detalhe das costas-modelo *fyback*). Fonte: vídeo disponível no YouTube

Nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, Fabíola Molina já havia deixado as piscinas, mas o Brasil chegou nestas Olimpíadas com um número recorde de nadadoras, foram onze no total: Etiene Medeiros, Graciele Herrmann, Larissa Oliveira, Jessica Bruin, Gabrielle Roncatto, Manuella Lyrio, Daiene Dias, Daynara de Paula, Joana Maranhão, Jhennifer Conceição, Natalia de Luccas.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://tv.r7.com/recorde-play/londres-2012/videos/fabiola-molina-e-eliminada-da-disputa-dos-100-m-costas-feminino-19102015>. Acesso em: setembro de 2018.

Vamos nos ater a Etiene Medeiros, primeira brasileira a subir em um pódio (ganhou ouro) em um mundial de piscina curta em Doha, no Catar, fato que se repetiu em 2016, em Windsor no Canadá. Em 2015, ela foi a primeira nadadora brasileira a ganhar ouro nos Jogos Pan-Americanos, em Toronto, no Canadá. No mesmo ano, tornou-se também a primeira medalhista brasileira em mundiais de piscina longa, Kazan, na Rússia. (SANTANA, 2017).

Ressalta-se que Etiene Medeiros, maior nadadora brasileira de todos os tempos, é negra, e os seus desempenhos é uma forma de desafiar os estereótipos raciais presentes também na natação brasileira, de que negro não nada. A nadadora pondera sobre essas questões e afirma que:

É claro que está relacionado com o acesso ao esporte, muito mais do que qualquer outra coisa. Muita gente diz que isso [racismo] não existe, mas é claro que pesa. Natação é um esporte caro e, para praticar, é preciso ter acesso a lugares aos quais a população negra tem dificuldade de chegar (CRUZ, 2015, n.p.).

Com relação à questão racial, “é preciso reconhecer que um mergulho na história social do Brasil mostra que durante a escravidão formou-se uma poderosa cultura racista” (IANNI, 2004, p.11). Conforme Alencar (1970 apud Viana, 1996), no início do século passado, o Regatas de Botafogo era um exemplo de clube no qual havia práticas racistas: “de tanto requinte era o local e tão apurada a assistência, que negros e mulatos não teriam condições nem coragem para frequentá-lo. A seleção racial ali se fazia automaticamente. Gente de pele tostada não praticava esporte.” (ALENCAR, 1970 apud Viana, 1996, p.17). As consequências da segregação racial persistem até hoje e estão na cor das nadadoras que representaram o Brasil em eventos esportivos internacionais¹⁰⁸.

No que tange aos maiôs da *era pós-tecnológica*, Etiene Medeiros usou um maiô da Speedo, o *Fastskin LZR Racer X* (Figura 71 e 72) nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

¹⁰⁸ A primeira nadadora negra brasileira a participar de um evento internacional foi Eliane Pereira, que conforme Faria (2011) integrou a seleção brasileira em 1967, quando conquistou o 4º lugar nos 100 metros nado peito, com apenas 14 anos. Em 1971, repetiu a mesma colocação nos Jogos Pan-Americanos de Cali (Colômbia). Pereira era filha de um motorista, teve uma infância pobre no subúrbio do Rio de Janeiro e deu suas primeiras braçadas na piscina da escola pública Edmundo Bitencourt. Deve-se ressaltar que Eliane Pereira é uma exceção. A natação, segundo Pussieldi (2014, n.p.), “requer uma participação econômica que restringe não só pretos, mas brancos ou qualquer outra raça sem poder aquisitivo”.



Figura 71: Etienne Medeiros, Olimpíadas de 2016. Detalhe das costas do maiô. Fonte: Satiro Sodré/SSPress.¹⁰⁹



Figura 72: Etienne Medeiros, Olimpíadas de 2016. Detalhe da parte da frente e comprimento. Fonte: Satiro Sodré/SSPress

O *Fastskin LZR Racer X* foi desenvolvido a partir dos dados de 1.200 nadadores, coletados por meio do escaneamento dos corpos dos atletas, que identificou os pontos adequados de compressão. Esse maiô usa dois tipos de tecido: o *LZR Racer CompreX* e *LZR Racer PulseLite*. O primeiro é o tecido com maior compressão da Speedo e é colocado em regiões com grandes grupos musculares. O segundo, mais flexível, oferece um maior grau de liberdade de movimento. “Esta construção única de tecido duplo significa que o *Fastskin LZR Racer X* oferece compressão nas áreas onde é necessário e alcance máximo de movimento em todo o resto do traje”. Ao longo do maiô, podemos observar costuras em X, motivo pelo qual o maiô se chama *Fastskin LZR Racer X* (SPEEDO, 2015, n.p). As costuras são soldadas por ultrassons e visam a diminuir o atrito com a água. O maior problema dessas costuras é que elas tendem a abrir mediante o contato diário com o cloro (PROSWIMWER, 2017).

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.cbda.org.br/media/galeria/605/natacao-rio-2016-ndash-07-08-2016>
Acesso em: 8 de fev. 2019.

Quanto às concepções do corpo feminino na *era pós-tecnológica*, essas visões se assemelham às da era anterior, ou seja, o corpo feminino tonificado é incentivado pela sociedade, o que pode ter interferido para uma melhor aceitação do corpo das atletas.

A análise do corpo e dos maiôs da nadadora olímpica brasileira da *era do glamour à era pós-tecnológica* foi importante para compreendermos os aspectos históricos e sociais que influenciaram na construção das imagens sociais e visuais. O corpo na natação feminina, inicialmente, se aproximava do ideal de corpo na sociedade, dotado de cintura fina e cheio de curvas. Já os maiôs eram confeccionados atendendo a dois aspectos: o estético, o qual propiciava glamour e elegância à peça, e os valores morais, que controlavam a cobertura corporal.

A partir da *era do cientificismo* surge em cena o corpo mais tonificado, que entra em conflito com o corpo na sociedade. As atletas, no início da carreira, usavam os maiôs de helanca e depois os maiôs da Speedo (nylon e *lycra*) ou da Arena (*skinfast*). Logo no início da *era do cientificismo*, os maiôs perdem a saia da modéstia e ficam mais finos, leves e aderentes ao corpo. Na era seguinte, destaca-se o mesmo padrão de corpo da era anterior; e quanto aos maiôs, sobressaem os da Speedo e da Ranc, uma marca carioca. Na *era tecnológica*, o corpo mais tonificado é também padrão na sociedade e, por isso, o corpo da nadadora torna-se mais aceitável. Essa era é marcada pela polêmica quanto ao excesso do uso da tecnologia na fabricação dos maiôs, empregada para melhorar a performance do atleta. O maiô passa a cobrir o corpo inteiro da atleta e é fabricado de poliuretano. Após os maiôs tecnológicos serem banidos, a natação brasileira insere-se na era pós-tecnológica, em que só é permitido o uso de materiais

CAPÍTULO IV. A NATAÇÃO OLÍMPICA FEMININA NA REVISTA VEJA: DO CENÁRIO INTERNACIONAL AO NACIONAL

4.1 Cenário internacional

Neste capítulo analisaremos as imagens do corpo da nadadora olímpica a partir do estudo dos discursos textuais e visuais presentes na *Revista Veja* entre setembro de 1968 e fevereiro de 2016. No primeiro momento, iremos analisar as imagens do corpo da nadadora olímpica no cenário internacional e, em seguida, no cenário nacional, para observarmos diferenças e semelhanças que a mídia atribui a esses cenários.

Os conteúdos mais recorrentes no cenário internacional foram: performance (16), doping (14), ser mulher (14) e outros¹¹⁰ (7), totalizando cinquenta e uma referências. Ressalta-se que tais conteúdos, em muitas matérias, se cruzam. Por exemplo, há aquelas que mencionaram ao mesmo tempo performance e os casos de doping. Nessa situação, a matéria foi classificada considerando o conteúdo de maior destaque. Entretanto, no caso específico do conteúdo “ser mulher”, foram consideradas todas as matérias que continham descritores que destacavam o corpo da nadadora como menos musculoso e feminino, ou que denotaram alguma prática de sexismo, ou ainda matérias que utilizaram algum adjetivo para qualificar o corpo das nadadoras.

A análise das fotografias foi realizada a partir das categorias de análise de Goffman (1979) e de Pruitt (2013). Goffman (1979) sugere seis categorias de análise: a) hierarquia de função; b) família; c) tamanho relativo; d) toque feminino; e) ritualização da subordinação; e mulher ausente (categorias essas detalhadas na Introdução).

Em *Gender advertisements*, Goffman (1979) afirma que os códigos visuais são versões reduzidas de rituais comportamentais que orientam as condutas interpessoais. Ele fez um estudo dos códigos visuais presentes nas imagens publicitárias de homens e mulheres, para, com isso, compreender os significados do

¹¹⁰ Por exemplo, a matéria publicada na edição 2.490, p. 88-89, relatou como a natação salvou a vida da nadadora Ysra Mardini, que faz parte da equipe de refugiados das Olimpíadas do Rio em 2016.

corpo feminino em imagens midiáticas. Goffman (1979) identificou que a mulher é, geralmente, retratada como passiva, infantil e retraída, quando comparada aos homens. Por outro lado, o homem é representado como ativo, dominante, forte e engajado.

Pruitt (2013), além de utilizar as categorias de Goffman (1979) em sua pesquisa, as ampliou, considerando o ambiente esportivo. Pruitt (2013) propôs duas novas categorias: a) *foco atlético*, ser fotografada em ação, no local onde seu esporte é praticado ou com adereços que são relevantes para a performance; e b) *foco na aparência*, o qual destaca os atributos físicos, como maquiagem e o penteado.

Dezesseis matérias foram consideradas como tendo o conteúdo performance, e todas estavam inseridas em seções específicas relacionadas ao esporte, como: “Seção Jogos Olímpicos”, “Natação” e “Esporte”. Em três edições, não havia fotografia de nadadoras, somente de nadadores (edições 566, 607 e 621). Nestas matérias, o corpo é apresentado como um objeto a ser cada vez mais controlado, transformado, aperfeiçoado e quantificado, para que haja superação de seus limites. As técnicas de nado são analisadas, assim como são apresentadas as novidades na organização do treinamento e no uso de novas tecnologias. O corpo é considerado uma máquina e se transforma em ciborgue. Na matéria “Sereia de fôlego eterno” (edição 2.489, de 3/8/2016, p. 86), o corpo de Ledecky é sistematicamente analisado para se compreender o porquê de sua performance extraordinária. Primeiramente, seu corpo é medido (ela tem 1.80m de altura) e comparado ao do nadador Michael Phelps, para demonstrar que ela não tem um físico fora do comum como o nadador. Depois sua técnica é milimetricamente analisada e, em seguida, são apresentadas as características que a fazem uma nadadora “imbatível”, como a sincronia exata da pernada, braçada e respiração, o que a permite ter uma técnica exemplar. Além disso, é destacada a rotina árdua de treinos, que começa às cinco horas da manhã e se estende por quatro horas, por seis dias na semana (excluindo o treinamento na academia).

A legenda reforça a construção de uma campeã em função de sua genética e trabalho duro: “a sereia Katie: a nadadora sem corpo de campeã entrou no panteão olímpico à base de muitas e muitas horas de piscina”. O elevado nível de

desempenho da nadadora é explicado somente pelos seus esforços pessoais, sem explicitar o uso de recursos tecnológicos para o aperfeiçoamento da técnica. O fato é que a natação de alto nível está repleta de tecnologias, que vão desde à arquitetura das piscinas ao sistema digital de contagem de voltas. A matéria (“Sereia de fôlego eterno”), no entanto, neutraliza e naturaliza a tecnologia e a dilui no corpo, por isso a técnica perfeita de Ledesky é justificada apenas como decorrente da sua dedicação à natação.

Para Butryn (2003), a performance de um atleta não é pura e está de alguma maneira ligada à tecnologia. Ele identificou cinco tipos de tecnologias esportivas: autotecnologias, tecnologias de paisagem, tecnologias de implementação, tecnologias de reabilitação e tecnologias de movimento ou avaliação, que alteram a configuração física ou psicológica dos atletas.

As tecnologias de paisagem consistem em modificar o ambiente esportivo no qual os atletas competem. As tecnologias de implementos, como o uso de materiais, permitem uma resistência e, conseqüentemente, o aumento da força. As tecnologias de reabilitação são usadas para minimizar ou reverter os desgastes decorrentes do intenso nível de treinamento. As tecnologias de movimento, por sua vez, auxiliam a conceituar e a avaliar a mecânica da ação esportiva. No Centro Olímpico de Treinamento, no Colorado, por exemplo, há um tanque no qual os atletas nadam a fim de identificar os pontos de arrasto durante o movimento. E as autotecnologias, que implicam o uso de substâncias, podem alterar processos internos que ampliam a qualidade da performance do atleta (BUTRYN, 2003).

Fouché (2012) mostra que há uma contradição no esporte de alto nível, no qual se exige uma elevada performance, mas, ao mesmo tempo, nega que é necessário o aprimoramento ciborgue para que tais performances sejam atingidas. Exige-se, portanto, um corpo máquina, mas que mantenha atributos humanos. Para Magdalinski (2009), esse é o grande desafio do esporte moderno: o equilíbrio entre a maximização da performance e um corpo natural.

No movimento olímpico, por exemplo, o lema é ser “mais rápido, mais alto e mais forte” (*citius, altius, fortius*), sob uma normativa naturalista. O problema é que, ao justificar a performance dos atletas em nome do espírito olímpico, ocorre o processo de invisibilidade da tecnologia. E afirmar que os resultados são apenas

decorrentes da dedicação, excluindo a tecnologia, implica reconhecer que qualquer um, desde que se dedique, pode ser uma Katie Ledecky. Além disso, o uso de tecnologia é um aspecto desigual na formação e treino dos atletas: nem todos têm acesso às tecnologias de ponta, em especial devido ao alto custo. De acordo com McLeod (2011), quando o maiô tecnológico LZR *Racer* surgiu, ele foi criticado, pois, privilegiava os atletas que tinham mais condições econômicas, já que o mesmo custava aproximadamente 600 dólares.

Dessa maneira, a imagem do corpo do atleta naturalizado precisa ser repensada. Fouché (2012) afirma que é necessário abandonar a construção ilusória de um corpo atlético natural, mas pondera que esse é um processo complexo que afetaria os ideais olímpicos, na medida em que reconhecer o corpo do atleta como um ciborgue destrói a ideia tradicional de que a performance do atleta é decorrente essencialmente de uma genética favorável e do trabalho duro.

Quanto as categorias de análise da fotografia propostas por Goffman (1979), não se aplicam as três seguintes - toque feminino, ritualização da subordinação e mulher ausente –, por ser tratar de uma fotografia com movimentos específicos da natação (Figura 73). Já quanto ao foco, a fotografia privilegia o foco atlético.

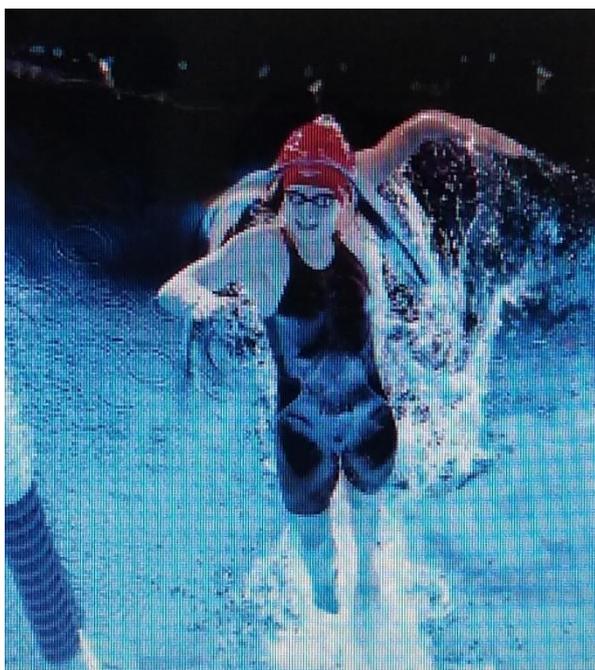


Figura 73:Katie Ledecky. Fonte: Revista Veja (edição 2.489, 3/8/2016, p. 86).

Destaca-se que todas as matérias relacionadas à performance se referiam a atletas brancas. O fato da nadadora jamaicana Alia Atkinson ter sido a primeira negra campeã mundial na natação em 2015 não foi notícia. Assim como não foi noticiada a primeira medalha de ouro de uma nadadora negra, Simone Manuel, nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016. Isso evidencia que a natação feminina só é notícia se for a respeito do corpo branco: o corpo negro de uma nadadora é invisível para a revista.

Outro aspecto a destacar quanto à performance é a comparação das atletas a animais. A nadadora húngara Krisztina Egerszegi é comparada a um rato, por ser ágil e veloz. “Rápida como um camundongo” era o subtítulo da matéria (edição 1.244 A, 22/7/1992, p.19). Já a matéria sobre a desconfiança do uso de doping pela nadadora Shiwen Ye a compara a um tigre asiático (edição 2.281, 8/8/2012, p.136-137).

Com relação ao conteúdo doping, foram encontradas 14 matérias, e em sua maioria encontram-se nas seções “esporte”, “natação” ou “Olimpíadas”; apenas duas estão na seção “entrevista”. Oito matérias foram acompanhadas de fotografia, sendo que todas tinham foco atlético e eram espontâneas. Em todas as fotografias, os ombros e braços das nadadoras foram destacados, e em duas matérias esses foram alvos de comentários.

“Uma troncuda, ruiva de sardas”. Referência à nadadora Michele Smith (edição 1.455 de 31/7/1996, p. 94).

“Com ombros e braços de um estivador, foi pega no doping”. Referência à nadadora Michele Smith (edição 1.585, 17/2/1999, p. 64).

Uma das primeiras matérias sobre doping intitula-se “Superbraçadas” (Revista *Veja*, edição 313, 4/9/1974, p. 82) e abordou a suspeita do uso de doping por parte das nadadoras da República Democrática Alemã e sua consequente masculinização. A revista se referiu às nadadoras de forma irônica, como “louras, valquírias aquáticas” que, além de terem uma constituição robusta, não costumam depilar pernas e axilas, “ao contrário do másculo Mark Spitz, que se raspava inteiro para diminuir o atrito do corpo com água”. Para reforçar esta ideia de masculinização das alemãs, a revista apresenta o comentário do treinador australiano, Forbes

Carlyle. Para ele, “elas parecem tanques. Não tem nenhuma gordura no corpo, só músculo”. (REVISTA VEJA, edição 313, p. 82).



Figura 74:Nadadora Ulrike Tauber, em Viena. Fonte: Revista Veja (edição 313, 4/9/1974, p. 82).

A matéria “Superbraçada” veio acompanhada da fotografia (Figura 74) da nadadora alemã Ulrike Tauber. Nessa imagem, o foco *a priori* é atlético, pois a nadadora está de maiô dentro da piscina, a pose sugere ação (ela está comemorando) e a legenda destaca o desempenho: “Ulrike Tauber em Viena: 15 km por dia”. Entretanto, esse foco é deixado em segundo plano, na medida em que são destacadas as axilas não depiladas da nadadora, para explicitar a suposta masculinização das nadadoras alemãs abordada pela matéria. Portanto, o foco passa a ser aparência. Isso significa que a linguagem escrita foi essencial para dar sentido à fotografia, o que evidencia que os critérios sugeridos por Pruitt (2013) para classificar o foco da fotografia não devem ser considerados isoladamente, eles devem ser analisados em relação ao contexto da matéria, o que inclui o texto e a legenda.

As categorias *mulher ausente* e *ritualização da subordinação* foram observadas, se considerarmos que houve a intenção de fotografar a nadadora distante de sua realidade, pois ela está de olhos fechados, assim como está de cabeça baixa.

Além dessa edição foram publicadas várias outras a respeito do uso de substâncias ilícitas pelas nadadoras alemãs (edições 263, 583, 1.159, 1.191, 1.448, 1.530, 1.869), chinesas (edições 1.448, 1.530 e 2.281) e de outras nacionalidades (edições 1.455, 1.448, 1.585, 1.653 – respectivamente, irlandesa, australiana, irlandesa e holandesa). De fato, houve casos comprovados de doping por alemãs e chinesas. Entretanto, não foi o caso da nadadora chinesa Shiwen Ye, campeã olímpica em Londres 2012, que mesmo assim teve sua performance questionada.

A nadadora Shiwen Ye nadou os 50 metros finais dos 400 metros medley melhor que o nadador americano Ryan Lochte, que ficou em primeiro lugar 400 metros medley masculino. Diante disso, a *Revista Veja* (2012, p. 72), colocou em xeque o desempenho da nadadora, ao insinuar que essa teria usado doping. Essa ideia foi ratificada ao destacar outros casos de nadadores chineses que haviam sido flagrados nos exames *antidopings*. Por outro lado, a revista justificou que diferente de Lochte, Shiwen foi perseguida até o final da prova por suas rivais. Já Lochte teria relaxado nos últimos momentos, quando percebeu que o brasileiro Thiago Pereira estava com um corpo de distância.

Na mesma direção da *Revista Veja* (edição 2.281, 8/8/2012, p. 72), John Leonard, diretor executivo da Associação Mundial de Técnicos de Natação, afirmou que “ela [Shiwen] se parece com uma supermulher. Na história do nosso esporte, sempre que alguém se parece com uma supermulher é pega nos exames de doping”. (THE GUARDIAN, 2012, n.p.).

Entretanto, quando a nadadora americana Katie Ledecky ganhou a medalha de ouro nos 200 metros, 400 metros e 800 metros nado livre nas Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, ninguém questionou sua performance, embora tenha nadado também melhor que o Ryan Lochte. A *Veja* (2016) dedicou uma matéria especial à nadadora, apresentando seu histórico, sua rotina de treinos intensa e possíveis aspectos que a transformaram em uma campeã, dentre eles o treino duro.

Essas representações de Shiwen Ye diferentes de Ledecky evidenciam que a nadadora chinesa é estigmatizada por suas diferenças culturais. Ela é enquadrada, a partir de olhares ocidentais, por meio de texto e imagens como o “outro”. Na introdução da obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, Said (1990) reconhece o Oriente como um lugar repleto de imagens do “outro” e, no decorrer do

livro, apresenta como o “outro” foi sendo construído simbolicamente e materialmente. Ele define o orientalismo como “um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma tela aceitável para filtrar o Oriente para a consciência ocidental” (SAID, 1990, p.18). O orientalismo é a forma como o Ocidente representa o Oriente, é um modo de o Ocidente falar do Oriente, com base no que já foi dito. O orientalismo não só cria um conhecimento “verdadeiro” sobre o Oriente, mas também distorce os fatos (SAID, 1990). Por exemplo, todas as referências sobre as nadadoras chinesas na *Revista Veja* são sobre os casos de doping. “As nadadoras da China sucedem da Alemanha Oriental como principais suspeitas de doping”, afirma a revista (edição 1.448, 12/6/1996, p. 94). Há, portanto, o discurso de que a natação chinesa é questionável.

Shiwen Ye representa o “outro”, por isso é apresentada como estranha e incongruente. “Há algo de espantoso e desproporcional na chinesa de 1.7 m de altura e 64 kg, ombros larguíssimos, desengonçada como se o corpo não lhe pertencesse”, afirma a *Revista Veja* (edição 2.281, 8/8/ 2012, p. 72). O discurso do orientalismo, portanto, se infiltra em todas as dimensões culturais, e no esporte não seria diferente.

Ressalta-se que não houve matérias de nadadoras americanas flagradas no doping, como a nadadora americana Jessika Hardy, que, conforme a agência antidoping dos Estados Unidos (U.S. Antidoping Agency – USADA) foi suspensa por um ano da seleção americana, após teste positivo para a substância clenbuterol, um agente anabólico (USADA, 2008).

Já no que se refere ao conteúdo “ser mulher”, ele foi subdividido em três: “feminilidade”, “aparência” e “sexismo”. Duas matérias referiram-se à feminilidade, ou seja, tiveram alguma preocupação em destacar o corpo da nadadora como feminino e/ou sexy. Quatro denotaram alguma prática de sexismo, e oito utilizaram algum adjetivo para qualificar as nadadoras. Tais matérias foram inseridas na *Revista Veja* nas seguintes seções: “Esporte/Olimpíada”, “Gente”, “Vida Moderna” e “Ideias”.

Na edição 190 (26/4/1972, p. 65, seção “Vida Moderna”), a revista publicou uma matéria intitulada “Mulheres, e muito”, em que aborda sobre a feminilidade das atletas e o mito da masculinidade. Nessa matéria, a ex-nadadora Christine Pichard,

que, na ocasião, era psicóloga do Comitê Olímpico Britânico, afirma que é a favor do teste de sexo, pois “não é justo atletas mais homem do que mulheres competirem como mulheres de verdade”. Pichard afirma ainda que “as atletas são geralmente muito mais interessadas em sexo e receptivas amorosamente que as mulheres não esportistas” e que os homens precisam parar de barrar as atletas devido à sua musculatura. Já a nadadora Debbie Ball comenta: “se somos ou não mais sensuais que as outras mulheres, somente os homens poderão responder”. (VEJA, edição 190, p. 65).

A matéria em nenhum momento ressalta a performance da nadadora, mas apresenta exemplos para reafirmar que as atletas são sensuais e sugerir que elas podem ter uma performance sexual superior a das demais mulheres não atletas. Para tanto, apresenta a opinião de homens que confirmam o quanto as atletas são sexys. “As atletas são bárbaras! Falo com conhecimento de causa, porque há anos somente namoro atletas. Ainda agora estou de caso com Dorrien Lohson, uma barreirista de 19 anos que é sensacional”, afirmou o velocista Ian Green. Em outro depoimento, o marido da corredora Joan Alison declara: “minha esposa é jovem e bastante sensual” (VEJA, edição 190, p. 65). Portanto, as declarações masculinas são colocadas para atestar que as atletas são sensuais e para desmistificar a atleta “masculina”, ou seja, a opinião masculina é um instrumento legitimador da narrativa da atleta “feminina”. Ressalta-se que essa matéria foi inserida na seção “Vida Moderna”, portanto, essa seção apresenta ideias a respeito do que seria uma mulher moderna, que na matéria em questão está atrelada à imagem da mulher sexy. Na matéria, há três fotografias: da corredora Joan Allison, da pentatleta Judy Vernon e da nadadora Debbie Ball, mas analisaremos somente a da nadadora.



Figura 75: Nadadora Debbie Ball. Fonte: Revista Veja (ed. 190, 26/4/1972, p. 65).

Note que, na fotografia (Figura 75), embora Debbie Ball esteja com maiô de natação, a pose não indica ação. A nadadora está com cabelos soltos e de colar, e a imagem é descontextualizada, ou seja, não se refere ao contexto dessa modalidade, portanto o foco é na aparência. Há a presença do toque feminino, na medida em que a atleta toca uma perna na outra, e da ritualização de subordinação, pois ela está sentada. Goffman (1979) afirma que qualquer posicionamento corporal reduzido é um indicador de submissão ou deferência. Entretanto, o posicionamento do rosto não sugere uma mulher ausente.

Essa imagem da atleta retirada do contexto esportivo e com ênfase em sua feminilidade, ao invés de *sua* performance, reforça os papéis tradicionais de gênero, os quais as mulheres devem seguir (FINK; KENSICKI, 2002). E a legenda com a afirmação da nadadora “os homens é que sabem” afirma o posicionamento submisso da mulher dentro da sociedade, por considerar que os homens é que detêm o conhecimento. Para Duncan (1990, p. 40), “a questão, no fundo, é a do poder. Concentrar-se na feminilidade é uma estratégia política que coloca as mulheres em posição de fraqueza”.

Doze anos mais tarde, a matéria “Frágil Furacão” (edição 1.022, de 6/4/1988, p. 48) destaca a nadadora Janet Evans, que é descrita como uma campeã de técnica e leveza, e, é comparada às nadadoras da Alemanha Oriental. “Ela é o oposto das figuras enormes e musculosas exibidas pelas atletas da Alemanha Oriental, a maior potência da natação feminina mundial”, afirma a Revista *Veja*.

Essa afirmação da revista evidencia que a premissa da fragilidade feminina se materializa nos corpos que idealizamos como femininos e masculinos. A mulher ideal deve ser leve e graciosa, e os homens, fortes. Portanto, a revista parte da noção de que corpos frágeis são femininos, e os fortes são masculinos; com isso, atribui forças e fraquezas conforme o gênero.

Quanto ao sexismo, três matérias mostram alguma forma de discriminação às nadadoras, a exemplo da matéria intitulada “Com o sexo na cabeça” (edição 663, 20/5/1981, p. 70, seção “Ideias”), que ratifica a superioridade masculina no esporte.

A inegável supremacia dos homens no esporte reafirma a cada disputa [...]. Nos jogos Pan-Americanos de Porto Rico, em 1979, para citar um caso, a excelente nadadora Tracy Culkins uma americana de 18 anos e 4 recordes mundiais fez os 200 m medley em 2min16s. Na hora de competir, o americano Jesse Vassalo marcou 2min03s. E é quase sempre assim. (REVISTA VEJA, ed. 663, 20/5/1981, p. 70).

A matéria apresenta as diferenças nas performances em termos absolutos entre nadadores e nadadoras. Entretanto, essas diferenças implicam em distinções no tamanho do físico, e se analisadas de forma relativa¹¹¹, as mulheres saem em vantagem, ou seja, se uma nadadora tivesse o mesmo porte físico de um nadador, ela nadaria mais rápido que ele (BRAKE, 2010).

Kane (1996) argumenta que, no contexto esportivo, há uma obsessão em comparar a performance de homens e mulheres, por meio de distâncias e *scores*. Essas diferenças são usadas para justificar a superioridade masculina que, por sua vez, não se limita à superioridade física, mas se estende à social. Birrell e Theberge (1994) esclarecem que essa inferioridade social das mulheres é uma extensão das diferenças anatômicas entre homens e mulheres e reconhecem que as diferenças físicas e o controle dos corpos das mulheres, através da imposição de padrões ideais de beleza e da heterossexualidade, sustentam relações de gênero díspares.

Dessa maneira, “o esporte reproduz a ideologia da supremacia do sexo masculino porque age como uma lembrança constante e glorificada de que os homens são biologicamente e, portanto, inerentemente superiores às mulheres” (KANE, 1996, p. 96). A questão é que o esporte prioriza características nas quais os

¹¹¹ Brake (2010, p. 6) compara a nadadora com o nadador, entretanto apresenta o exemplo específico do atletismo: “quando a diferença de altura de 7,5 polegadas entre a velocista Florence Griffith Joyner e Carl Lewis é levada em conta, Joyner correu a uma velocidade relativa 0,28 segundos mais rápida que 2,5 cm de altura do que a alcançada por Lewis”.

homens destacam-se, como força e velocidade, e, com isso, evidencia, por meio da aparência e da valorização de determinadas habilidades, a superioridade masculina (BRYSON, 1987).

Em outra matéria da *Veja*, “A vida depois da medalha” (edição 1.668, 27/9/2000, p. 121, seção “Olimpíada”), a revista aborda de forma crítica a diferença de tratamento entre uma nadadora e um nadador quando campeões, destacando as disparidades de *status* e marketing.

A hierarquia não declarada nas Olimpíadas, as provas masculinas de dois esportes mais nobres dos jogos – natação e atletismo – costumam ter peso de marketing de mídia ligeiramente maior. Tanto é assim que as duas medalhas de ouro, além de uma provável terceira, e uma de prata para a nadadora Inge Bruijn, também não tiveram o efeito eletrizante das vitórias de seu compatriota Pieter Van Den.

Embora a revista tenha denunciado essas diferenças entre homens e mulheres na natação, as mulheres ficaram imageticamente invisíveis, na medida em que só é apresentada a fotografia do nadador Pieter Van Den.

Já a matéria “A sereia de fôlego eterno” (edição 2.489, 3/8/2016, p. 86), Katie Ledecky é qualificada como “sereia de fôlego eterno” e de “físico nada excepcional”, se comparado a outras nadadoras. No texto, é abordada a sua dieta nada especial, em seguida comenta-se que ela não tem namorado e, para confirmar o quanto ela é espetacular, traz a seguinte declaração do nadador americano Michael Phelps : “Katie é uma nadadora forte e com metas bem definidas. Nada *quase* como um homem” (p. 87, grifo nosso). Nessa perspectiva, a ideia é que, se nadasse, de fato (e não *quase*), como um homem, Ledecky seria excepcional. Essa matéria também se enquadra no conteúdo performance, na medida em que apresenta resultados de competições.

E por último, a matéria “Redenção de Phelps”, de 2016 (edição 2.491, 17/8/2016, p. 58-64). Ela inicia com uma fotografia do rosto do nadador que ocupa uma página inteira. Entre as páginas 58 e 64 é abordado o fato do nadador ter caído no abismo do álcool após os Jogos de 2012 e ter renascido nos Jogos do Rio, em 2016. E, além disso, é mencionada a trajetória esportiva de Phelps, dois episódios de prisão, assim como é apresentado sua noiva e seu filho (foto da noiva com o bebê).

Em um segundo momento, a matéria aborda com menor entusiasmo a também americana Katie Ledecky. “Ela nadou a melhor prova de 400m livre da história aqui no Rio. Antes dizíamos que essa era a prova do australiano Ian Thorpe, um nadador excepcional. Os 400m agora são da Katie”, afirmou Bowman, treinador de Phelps. A atleta é novamente comparada a um homem, e por isso é espetacular. A matéria destina apenas uma página e meia para a nadadora, com uma fotografia de Katie com Phelps que se sobrepõe a uma segunda da atleta nadando (Figura 76). Considerando apenas a imagem do segundo plano, conclui-se que o foco é atlético, pois a pose é em ação, no contexto da natação, e a nadadora usa um maiô. Já as categorias de Goffman (1979) mulher ausente, toque feminino e ritualização da subordinação não se aplicam por se tratar de um movimento específico da natação. E as categorias hierarquia de funções, família e tamanho relativo estão ausentes.



Figura 76: No primeiro plano, Katie solicitando autógrafo para Phelps. E no segundo, Katie Ledecky nadando. Fonte: Revista Veja (edição 2.491, 17/8/2016, p. 58-64)

E por último foram analisadas as matérias que fazem referência à aparência das atletas, totalizando oito abordagens (8). Nessas, as nadadoras foram qualificadas como gatas, espetaculares, de sorriso encantador, belas e bonitas, fenomenais e graciosas, como podemos observar nos fragmentos a seguir.

É interessante notar que sete dessas matérias, apesar de mencionarem características físicas das nadadoras e se enquadrarem no conteúdo aparência, estão inseridas nas seções referentes às olimpíadas, e todas são acompanhadas de fotografias que destacam o foco atlético – as nadadoras estão dentro da piscina nadando ou acenando para o público.

“As gatas americanas vão ter trabalho para acompanhar a velocidade da nadadora húngara Krisztina Egerszegi”. (Edição 1.244A, p.19).

“Em Atlanta ninguém mais se surpreende com as levas de atletas bonitas, assumidas, algumas vezes ricas. A beldade alemã Franziska Van, nadadora e modelo, já tem 4 medalhas olímpicas na gaveta”. (Edição 1.447, 15/6/1996, p. 46 A, Especial Olimpíadas).

“Inge Bruijn, uma loira espetacular com 1.80 m de altura e 60 kg”. (Edição 1.653A, 14/6/2000, p. 54, Guia Olímpico).

“A genética, é claro, também ajuda. Como se pode perceber por sua pele brilhante e seu sorriso encantador”. Comentário a respeito da nadadora Dara Tores de 41 anos que iria competir em sua quinta Olimpíada. (Edição 2073. 13/08/2008, p.126 Seção Olimpíadas)

“Em Roma, ele (Cielo) só perdeu a popularidade para a bela italiana Federica Pellegrini, que antes de conquistar as medalhas de ouro nos 200 e 400 m posou nua pra uma revista”. (Edição 2.124, 5/8/2009, p. 111, seção “Olimpíadas”).

“Sereia de fôlego eterno”, qualificação atribuída a Katie Ledecky. (Edição 2.489, 3/8/2016, p. 64, seção “Olimpíadas”).

“Fenomenal e graciosas”. Adjetivos atribuídos à nadadora húngara Katinga Hosszú. (Edição 2.491, 17/8/2016, p. 64, seção “Olimpíadas”).

Em algumas matérias, não bastava qualificar as nadadoras, era preciso apresentar uma opinião masculina para tecer considerações a respeito de seus atributos físicos, como a nota da seção “Gente”, intitulada “O cisne virou patinho feio” (edição 1.421, 6/12/1994, p. 109). Essa nota é um exemplo de como a mídia contribui para a marginalização das mulheres por meio do sarcasmo e da banalização da performance das atletas, concentrando em seus atributos físicos. A nadadora alemã Franziska Van (Figura 77) é descrita como dona de “formas esculturais”. Em seguida, aborda o comentário da nadadora sobre uma competição

no Rio de Janeiro, em que estaria no Rio mais para se divertir do que competir, o que se confirmou nas piscinas com resultados pouco expressivos. Isso foi motivo para a revista afirmar que “para tanta pose, a performance da moça foi um papelão”.

Esses comentários sarcásticos também se estenderam ao físico da nadadora: “Os torcedores não puderam conferir suas virtudes olímpicas, terminaram decepcionando-se com as estéticas”. A legenda da fotografia, “Franziska: vexame duplo” sintetiza essa dupla situação. Dessa maneira, a nadadora é diminuída, tanto por seus atributos físicos, quanto por sua performance. Além disso, a revista *Veja* ao trazer o comentário do nadador Fernando Scherer sobre Franziska -“ela nem é tudo isso”- evidencia a objetivação da atleta, na medida em que é reduzida ao próprio corpo e ratifica a afirmação de Tseïlon (1995 apud RIBEIRO, 2005, p. 34), na qual “as mulheres estão sempre em palco, sempre observadas, sempre visíveis”.

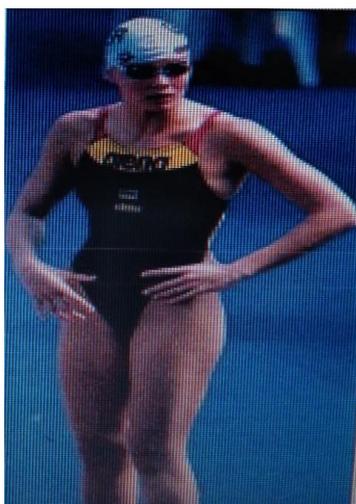


Figura 77: Nadadora Franziska Van. Fonte: Revista *Veja* (edição 141, 6/12/1994, p. 109).

Devemos destacar que se trata de uma matéria inserida na seção “Gente”, uma seção que tradicionalmente relata a vida amorosa e o corpo de celebridades. A fotografia de Franziska Van (Figura 77) tem *a priori* foco atlético, mas, como o texto destacou a aparência, o olhar que direcionamos à fotografia é outro. A fotografia busca destacar as formas do corpo da nadadora, suas pernas, coxas, cintura e braços, para que o leitor possa conferir se ela “nem é tudo isso” ou se é um cisne.

Por isso, a fotografia foca na aparência. Isso significa que o fato de usar touca, óculos e maiôs de natação não define o foco. O título “O cisne virou patinho feio” e frase de Scherer “Ela nem é tudo isso” nos fazem atribuir outro sentido à fotografia, ou seja, nos levam a concentrar em sua aparência.

Quanto à análise da fotografia por meio das categorias de Goffman (1979), foram evidenciadas: a) o toque feminino, por meio das mãos na cintura; b) ritualização da subordinação, pelo fato de haver flexão de braços; e mulher ausente, pois a atleta parece que foi removida da cena; ela não olha para lugar nenhum. Entretanto, o conceito de mulher ausente torna-se limitado na medida em que a atleta se faz presente, pois a fotografia evidencia seu corpo musculoso e forte, símbolo das conquistas femininas na natação.

Outro exemplo de referência às nadadoras, em que destaca a aparência foi a nota na seção “Gente” (edição 1.868, 25/8/2004, p. 88) intitulada “Sem roupas, mas concentradas”. Nessa nota há uma fotografia do ensaio nu da nadadora Petria Thomas, de 29 anos, para a revista *Black + White*. A *Revista Veja* afirma que a nadadora é “magnífica em preto e branco no ensaio fotográfico, já decorou a carinha gorducha (sim ela tem bochechas infladas)”. Já a legenda da fotografia “Petria no pódio: bochechas e medalhas em evidência” mostra uma dualidade, na medida em que exalta a aparência e a habilidade atlética.

Essa fotografia (Figura 78) foi a que mais destacou a aparência de uma nadadora ao expor o corpo nu. O foco na aparência, conforme Nylund (2007), reproduz padrões tradicionais de feminilidade e também acentua a marginalização das mulheres no contexto esportivo. Quanto às categorias de Goffman (1979), estão presentes: “toque feminino”, pois a atleta toca as mãos nos pés; subordinação de função devido à flexão dos joelhos e à inclinação da cabeça; e “mulher ausente”, pois seu rosto está totalmente coberto. Ressalta-se que, sobreposta a essa fotografia, há uma segunda que destaca o foco atlético.



Figura 78:Nadadora Petria Thomas. Fonte: Revista Veja (edição 1.868, 25/8/2004, p. 88).

A análise dos conteúdos mais recorrentes – doping, performance e ser mulher – evidenciou imagens do corpo da nadadora olímpica no contexto internacional em uma dupla oposição, entre ser natural ou ciborgue; e ser feminino ou forte, sendo recorrente a marginalização das performances atléticas em detrimento da beleza física.

Esses achados corroboram com a pesquisa de Fink e Kensicki (2002). Os autores realizaram uma análise dos artigos e das fotografias da *Sports Illustrated* de 1997-1999 e evidenciaram que as atletas foram representadas em “concepções estereotipadas e tradicionais de feminilidade que superam sua capacidade atlética” (2002, p. 317). Isso revela que são vários os significados dados às nadadoras por meio de imagens visuais e dos textos que, retoricamente, criam uma identidade para essas atletas. Por outro lado, são sub-representados outros significados, por exemplo, não há ênfase no poder e na força das atletas.

Observa-se que os resultados encontrados nesta tese não se alinham com os achados por Antúnes (2001), os quais apontam que a mídia tem uma tendência a destacar aspectos da vida pessoal e familiar das atletas, como o fato de serem mãe e esposa, explorando pouco sua trajetória esportiva. Na *Revista Veja* somente uma

matéria mencionou a vida pessoal das atletas, a edição 2.489 (3/08/2016), destacou que Katie Ledecky não tinha namorado.

Da mesma maneira, não houve fotografias das nadadoras com familiares, o que mostra a ausência da categoria “família”, assim como não foi observado a categoria hierarquia de função (fotografias em que os homens são posicionados em primeiro plano ou centralizados com relação as mulheres). A presente pesquisa, portanto, confirmou os achados de Beknap e Leonard (1991), os quais evidenciaram pouca regularidade das categorias “família”, “hierarquia de função” e “tamanho relativo”. Isso significa que houve algumas mudanças nas imagens das mulheres desde 1979, quando Goffman (1979) fez sua pesquisa e propôs as categorias. Entretanto, a presença das demais categorias mostram que as mulheres ainda são retratadas de forma subordinada, por meio do posicionamento das mãos, joelhos e a postura da cabeça - gestos simples, mas que podem nos ajudar a compreender as relações sociais de gênero.

4.2 O cenário nacional

Após analisarmos as imagens das nadadoras no contexto internacional, analisaremos as imagens das nadadoras brasileiras, a fim de evidenciarmos diferenças e semelhanças.

Entre 11/9/1968 e 2/2/2016, foram identificadas apenas trinta e uma (31) referências a nadadoras brasileiras, sendo que, dessas, vinte e duas (22) eram específicas das nadadoras olímpicas. Os conteúdos mais comuns foram performance (7 referências), doping (6), assédio sexual (6) e outros (3)¹¹².

De sete referências relacionadas à performance da nadadora olímpica brasileira, apenas três foram matérias, sendo essas publicadas no século passado; as demais foram notas ou simples frases, publicadas a partir dos anos 2000. As matérias publicadas no século passado são referentes às nadadoras Flávia Nadalutti, Patrícia Amorim e Adriana Salazar, que não ultrapassam uma folha. Isso é

¹¹² Edição 427: sobre os motivos que levaram a nadadora Flávia Nadalutti deixar a natação; Edição 871: Maria Lenk assume posto de Interventora na Confederação Brasileira de Natação; Edição 1.318: Sobre os prodígios da natação; Edição 1944: O medo de Joana Maranhão do fracasso.

diferente, por exemplo, da matéria intitulada “A sereia de fôlego eterno” (edição 2.489, 3/8/2016, p. 84-87) sobre a nadadora americana Katie Ledecky, cuja fotografia cobria uma página inteira; o título cobria outra; e o texto estendia-se por mais duas páginas.

As referências às **performances** das nadadoras brasileiras no século XXI foram apenas quatro. A publicada na seção “Olimpíada” (edição 1.868, 25/8/2004, p. 84) limitou-se a uma declaração a respeito do quinto lugar de Joana Maranhão, nas Olimpíadas de Atenas em 2004: “esta colocação representa uma vitória para a atleta, mas pouco importa para a torcida que só olha para o pódio”. O quinto lugar de Joana Maranhão em uma final era então a melhor colocação de uma nadadora brasileira em Olimpíadas¹¹³, no entanto foi banalizado pela revista. Da mesma maneira, a pesquisa de Knijnik e Souza (2011) em artigos do jornal *Folha de São Paulo* identificou a presença de comentários negativos sobre a performance de atletas brasileiras.

Na seção “Gente”, edição 1.656 (2000), mencionou-se a classificação de Fabíola Molina para as Olimpíadas de Sydney; na edição 2.438 (2015), a medalha de prata de Etiene Medeiros no mundial de natação na Rússia e na seção “Datas” (edição 2.123, 29/7/2009), há uma nota referente à nadadora Poliana Okimoto, primeira nadadora brasileira a ganhar uma medalha no mundial de esportes aquáticos, quebrando o jejum de 15 anos sem o Brasil no pódio.

Nessa nota relativa à medalha de Okimoto, tanto a fotografia (Figura 79), quanto a legenda da mesma evidenciam o foco atlético: “Poliana Okimoto: pódio inédito no mundial de esportes aquáticos”. A única categoria de Goffmam (1979) observada foi “mulher ausente”.

¹¹³ Ressalta-se que Piedade Coutinho também havia conquistado o quinto lugar nas Olimpíadas de Berlim em 1936.



Figura 79:Nadadora Poliana Okimoto. Fonte: Revista Veja (edição 2.492, 24/8/2016)

A última referência relativa à performance foi na edição 2492 (24/8/2016, p. 42) que limita-se a uma declaração de Poliana Okimoto, quando essa subiu no pódio olímpico e faturou a inédita medalha de bronze na maratona aquática. Embora essa medalha seja histórica para a natação feminina, a *Revista Veja*, na seção “Veja Essa” (edição 2.492, 24/8/2016, p. 42) apenas citou uma frase da nadadora: “Mais uma vez me chamaram de velha”. Não houve sequer menção a sua trajetória esportiva, assim como uma fotografia. Diferentemente, quando Gustavo Borges¹¹⁴ ganhou uma medalha de prata nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992, a edição 1.246 (5/8/1992) da *Veja* trouxe a matéria “Braçadas prateadas”. Foram nove páginas relatando sobre o erro no placar eletrônico e os minutos angustiantes até os juízes de prova decidirem que a medalha de prata era de Borges. A matéria ressaltava sua rotina exaustiva em Michigan (EUA), onde ele treinava e a falta de patrocínio para a natação brasileira.

Isso significa que às referências a performance da nadadora olímpica brasileira publicadas no século XXI na revista *Veja*, como um inédito pódio em um mundial de esportes, não foram notáveis a ponto de serem abordadas em matérias, limitando-se a notas e frases, o que evidencia a falta de reconhecimento e visibilidade da natação feminina brasileira. Ressalta-se que não houve nenhuma referência na revista ao ouro de Etiene Medeiros no mundial de piscina longa em

¹¹⁴ Embora não seja o objetivo deste trabalho comparar a cobertura da natação feminina com a masculina, faz-se necessário apresentar alguns exemplos que apontam essa condição, a fim de evidenciar a invisibilidade das mulheres.

Budapeste e os três ouros em piscina curta, dois em Doha em 2014, e um em Windsor, 2016. Nesse sentido, essas imagens ou a falta dessas refletem as diferenças sociais (ROSE, 2007), nomeadamente de gênero, assim como as relações de poder.

Diante disso, apropriamo-nos dos questionamentos de Rogoff (1998, p. 15) para compreender as imagens da nadadora olímpica brasileira: “quem vemos e quem não vemos; quem é privilegiado dentro do regime de espetacularidade”? Segundo Kane (1996), as mulheres não têm poder e são relativamente invisíveis no contexto esportivo e suas realizações são subnoticiadas pela mídia. Além disso, Kane (1996) chama a atenção para a diferença de cobertura daqueles esportes considerados apropriados e os que não são. Para a autora, os esportes considerados apropriados por perpetuar as noções tradicionais de gênero seriam menos ameaçadores e, por isso, teriam uma cobertura maior. Entretanto, no Brasil, mesmo os esportes considerados apropriados para mulheres, como a natação, há uma sub-representação.

As consequências da sub-representação das atletas já tinham sido identificadas em meados da década de 1970, por Felshin (1974), e podem ser observadas na realidade brasileira. São elas: a) a impressão equivocada de que somente algumas mulheres competem; a *Revista Veja* ratifica essa situação ao não destacar a performance das brasileiras. É surpreendente que entre 1968 e 2016 haja apenas sete referências relacionadas à performance; b) a impressão de que a maioria das práticas esportivas das mulheres é trivial. Essa última consequência é evidenciada por mencionar a performance das nadadoras nas seções “Gente”, “Datas” e “Veja Essa”, espaços considerados banais, fato que ocorreu também no cenário internacional.

Quanto ao **doping**, quatro edições (2.034, 2.061, 2.077, 2.085) mencionaram o caso de doping da nadadora Rebeca Gusmão, e as edições 1.866A e 2.483, respectivamente, sobre o doping de Laura Azevedo e Etiene Medeiros. Das seis menções, somente uma foi de fato matéria: as demais foram apenas notas nas seções “Gente”, “Datas” ou apenas uma declaração na seção “Esporte”: a declaração foi da nadadora Laura Azevedo suspensa em 2003 devido à presença de

esteroides em sua urina. A nadadora afirmou, na ocasião: “acho que quem diz que 90% da natação se dopa fala a verdade”.

Vamos analisar especificamente o caso de doping de Rebeca Gusmão por ter sido o mais divulgado na *Revista Veja* e na mídia em geral¹¹⁵. Rebeca Gusmão chamou a atenção da mídia nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, tanto por sua performance que resultou em duas medalhas de ouro inéditas para a natação feminina brasileira, quanto pelo seu corpo notadamente diferente (mais musculoso e pesado) do corpo do ano 2001 (Figura 65. p 168).

Conforme Lock (2003) problema do doping feminino é que esse, para além de uma questão ética, é também uma questão de gênero. A proibição do doping tem como consequência manter a ordem social de gênero, que é heterossexual e eliminar o lesbianismo. Mulheres dopadas perturbam a matriz heterossexual de Butler¹¹⁶. A aversão por mulheres dopadas se assemelha à aversão a mulheres lésbicas, pois essas não se enquadram nos critérios de feminilidade heterossexual. Entretanto, se as mulheres dopadas não apresentam características masculinas, essa aversão é pequena, isso significa que a repulsa não é necessariamente pelo doping em si, mas para as consequências sobre a feminilidade padrão. As pessoas estão revoltadas com a ideia de mulheres dopadas, porque o doping é tipicamente igualado aos efeitos da ‘masculinização’. Outro aspecto é que essa aversão é menor quando se refere aos homens atletas. A mídia, por exemplo, trata os atletas masculinos dopados de forma menos rígida quando comparado aos femininos (LOCK, 2003, p. 398).

Podemos perceber essa relação entre doping e gênero a partir da análise dos artigos da *Revista Veja* sobre o caso de Rebeca Gusmão. Na edição 2.085, por exemplo, sugere-se a masculinização do corpo da atleta em decorrência do doping. São apresentadas medidas corporais da atleta para induzir o leitor a compará-las com medidas corporais masculinas. A revista descreve a atleta da seguinte forma: “O peso da atleta 97 kg, sua altura 1.78 e o número de seu sapato 42”. O que justificaria, por exemplo, dizer o número do sapato de Rebeca Gusmão? Não seria para o leitor supor que seu pé é grande igual ao pé de um homem? Essa avaliação

¹¹⁵ Ressalto que essas reflexões sobre o corpo da nadadora Rebeca Gusmão foram inspiradas nas análises realizadas na tese de Silveira (2013)

¹¹⁶ Coerência e continuidade na relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

do tamanho de certas partes do corpo feminino, como pés e mãos, era comum no século XIX, algo que ainda se perdura na atualidade. Conforme Brumberg (1997), no século XIX, as mulheres eram continuamente examinadas, seus pés, mãos e cinturas deveriam ser pequenos e delicados. Mãos e pés pesados e grandes eram considerados inadequados, e essa discussão em torno de certas partes do corpo permitiu criar determinadas convenções sobre o ideal corporal.

É comum destacar medidas de mulheres que não se enquadram no padrão de feminilidade, mesmo que elas não sejam dopadas, como a jogadora de basquete chinesa Zheng Haixia, de 2.03m de altura. Conforme Burke e Robert (1997), o problema de Zheng Haixia é sua altura, peso e falta de graciosidade, e espera-se que as mulheres sejam menores que os homens, delicadas e corporalmente diferente que esses. Rebeca Gusmão e Zheng Haixia representam um corpo que não se adéqua aos padrões de feminilidade tradicional (heterossexual).

Rebeca Gusmão foi fotografada (Figura 80) usando roupas largas de futebol, um esporte categorizado como masculino, que ela passou a praticar após ser banida da nataçãõ. Esse olhar sobre o corpo da atleta evidencia que os discursos visuais e textuais focam na falta da feminilidade da atleta. Para Lock (2003, p. 399), “a falta de feminilidade é presumida como um significante de lesbianismo [...] e a sexualidade é também interpretada na aparência”. O autor ainda afirma que criticar mulheres consideradas masculinizadas é uma forma de vigiar as que não se enquadram nos padrões heterossexuais, pois se espera que os homens exerçam sua masculinidade, e as mulheres, a feminilidade. Essas questões mostram que o doping feminino deve ser compreendido a partir da sexualidade (LOCK, 2003).



Figura 80:Nadadora Rebeca Gusmão. Fonte: Revista Veja (edição 2.085, p. 86).

Além disso, conforme McCullough (2010, p. 6), a divisão entre corpos limpos e sujos é necessária para a aplicação das tecnologias de naturalização, compreendida como aquelas aplicadas ao corpo, de modo a criar a ilusão de um corpo natural. Ela reflete a partir das ideias de Mary Douglas, que essa divisão entre categorias limpas e sujas está associada à necessidade de controle social para manter a ordem e evitar o perigo. Diante disso, questiona: “que tipo de ordem é organizada e que forma de perigo está sendo contido”? Os corpos sujos no contexto esportivos são os que estão fora do padrão, e na história das Olimpíadas os corpos sujos incluíram “corpos da classe trabalhadora, corpos femininos, órgãos comunistas e órgãos incapacitados”. E em todos esses corpos, a indústria do esporte usou narrativas que os legitimavam como desviantes e não naturais, a exemplo do uso de “drogas de aumento de desempenho, pernas prostéticas ou corpos que avaliam padrões fora do gênero”. (MCCULLOUGH, 2010, p. 6).

Quanto à análise da fotografia (Figura 80), *a priori* tem foco atlético se observada isoladamente, mas o texto e o conhecimento prévio do leitor a respeito do caso direcionam o olhar para a aparência da nadadora. As categorias de Goffman (1979) não se aplicam, pois a fotografia retrata um movimento específico do futebol.

Destaca-se que a forma como a *Revista Veja* apresentou as imagens da nadadora Rebeca Gusmão relacionadas ao doping (edições 2.034, 14/11/2007, p.120 e 2.085, 5/11/2008, p. 86) se aproximaram das imagens das nadadoras da Alemanha Oriental, ou, seja, ressaltando a falta de feminilidade.

Por último, há quatro referências de **assédio sexual**, sendo que todas dizem respeito ao caso de assédio do ex-técnico da nadadora Joana Maranhão quando ela era criança. As referências foram publicadas respectivamente entre 2008 e 2016 e estão publicadas nas seções “Crime”, “Cartas”, “Especial” e “Comportamento”. Não houve nenhum caso de assédio sexual abordado na *Revista Veja*, no cenário internacional.

Outra diferença entre o cenário internacional e nacional foi que neste último não houve adjetivação do corpo das nadadoras, como, por exemplo, ser belo, espetacular, fenomenal e gracioso, como no cenário internacional. Assim como os números revelaram que há uma maior representação das nadadoras internacionais, cinquenta e um (51), em detrimento das nacionais, vinte e dois (22). Quanto à semelhança entre esses cenários, esta se refere à ausência das categorias “família”, “tamanho relativo” e “hierarquia de função”, portanto não há nenhuma fotografia das nadadoras brasileiras e internacionais com familiares, assim como fotografias nas quais há a presença de homens e mulheres juntos, em que os homens estão em uma posição de maior destaque que essas.

Um dado preocupante no contexto nacional, no século XXI, é que o número de imagens relacionadas ao doping (6) e ao assédio sexual (4), totalizando dez (10), superam o número de referências relacionadas a performance, isto é, apenas quatro (4). Isso significa que as imagens das nadadoras brasileiras estão mais relacionadas a aspectos como assédio e doping do que a performance. Essas imagens podem ter implicações na participação das mulheres no contexto esportivo.

Ressalta-se que os resultados encontrados nessa pesquisa realizada na *Revista Veja* não podem ser generalizados para outras mídias. A nadadora Flávia Nadalutti, por exemplo, relatou que seus resultados em campeonatos eram amplamente divulgados pelo *Jornal O Globo* (RJ), na década de 1970. Por isso são necessárias outras pesquisas, em diferentes veículos de comunicação, a fim de compreender melhor a imagem da nadadora na mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças em direção a uma maior participação feminina no esporte em geral estão em confluência com determinados movimentos sociais, como o feminismo, que permitiram ressignificar o corpo atlético feminino e fomentar uma maior aceitação das mulheres no esporte. No contexto internacional, embora ao longo das últimas décadas tenha sido ampliada a participação das mulheres na natação, há evidências de sub-representação e representações objetivadas das nadadoras na mídia.

O grande dilema da atualidade no que se refere ao corpo das mulheres na natação diz respeito ao fato delas precisarem ser femininas e sensuais, atendendo aos padrões normativos de corpo da sociedade e, ao mesmo tempo, serem musculosas. Esse conflito entre o corpo social e esportivo, denominado de dupla identidade por Russell (2004), é normalmente resolvido reafirmando, negando ou transformando a feminilidade tradicional.

Além disso, o corpo da nadadora tem que ser magro e, por isso, é constantemente observado e medido, não só pelo olhar dos outros (técnicos, pais e outros atletas), mas pelo próprio olhar da atleta, a fim de conquistar o corpo ideal, magro. A vigilância externa internaliza-se para que o corpo seja controlado (FOUCAULT, 2014).

A concepção de corpo ideal na natação, além de privilegiar o corpo feminino, sexy e magro, está atrelada a conceitos eurocêtricos. Esse é o corpo padrão na natação. Isso significa que o corpo das nadadoras negras é um espaço de contestação à imagem social de que os negros não sabem nadar. Essa interseção entre gênero e raça se fez necessária porque há diferenças nas imagens visuais e sociais das atletas negras, e isso influencia nas escolhas de quais os esportes são adequados a elas.

Vimos que, por muitos anos, a natação não foi considerada uma modalidade adequada a mulheres negras, uma condição justificada por teorias racistas. Entretanto, mulheres como Alia Atkinson e Simone Manuel mostraram que a necessidade de um corpo branco para nadar é uma invenção social, uma forma de

manifestação de dominação branca. Dessa maneira o corpo negro na natação é um espaço de contestação e resistência aos limites do corpo normativo.

Já no que se refere à natação brasileira, ela foi subdividida em períodos conforme as suas principais características: *era do glamour* (1932-1952); *era do cientificismo* (1972-1976); *primórdios do profissionalismo* (1988-1996); *era tecnológica* (2000-2009); e *era pós-tecnológica* (2010 até os dias atuais). Na *era do glamour*, os maiôs cobriam grande parte do corpo em função da moralidade da época e eram mais estéticos que funcionais. O corpo é belo e feminino e há grande influência dos ideais femininos de Hollywood. Na era seguinte, *do cientificismo*, a natação passou a exigir um corpo mais tonificado, o que ocasionou o conflito entre o corpo exigido pelo esporte e as imposições sociais do corpo. Quanto aos maiôs, estes ficaram menores, mais leves e hidrodinâmicos e com maior exposição corporal. Na era posterior, *do profissionalismo*, o corpo feminino na natação com maior volume muscular é melhor aceito devido à onda fitness, a qual incentiva um modelo de corpo mais tonificado. Os maiôs são ainda menores que os da era anterior e visam cada vez mais interferir na performance da atleta.

O século XXI anunciou novas eras na natação. Na primeira, denominada de *era tecnológica*, os maiôs cobriam o corpo inteiro, com uma tecnologia que permitia um melhor desempenho. A *era tecnológica* com seus maiôs futuristas que cobriam o corpo inteiro da nadadora naturalizou o nadador ciborgue. O corpo forte e definido é também idealizado pela sociedade e, por isso, melhor aceito pelas nadadoras. A competição, antes restrita às piscinas, passou a ser também entre as grandes empresas fabricantes dos maiôs. Diante dos elevados números de recordes com os maiôs tecnológicos, estes foram banidos, e a natação se inseriu em uma nova fase: a *era pós-tecnológica*, em que é permitido somente o uso de tecidos têxteis. Os maiôs, assim, limitam-se até a altura do joelho com exposição dos ombros. Mas manteve-se, da era anterior, a maior aceitabilidade social do corpo feminino enquanto um corpo forte. Podemos observar como as mudanças comportamentais e de valores morais, assim como os interesses econômicos configurados em determinada época, interferiram na idealização do corpo normativo e na produção dos maiôs.

Ainda há um caminho extenso a trilhar para a aceitação dos corpos femininos na natação e para a mudança de percepção desses corpos no sentido de celebrarem suas conquistas, e não a aparência. Ao explorar as imagens do corpo feminino e dos maiôs, esta tese permitiu uma breve compreensão do lugar das mulheres na natação feminina brasileira.

Já o estudo das imagens do corpo da nadadora na *Revista Veja* revelou que, no contexto internacional, o corpo da nadadora é considerado resultado do esforço individual da atleta, naturalizando o envolvimento com práticas tecnológicas. O corpo feminino e belo é destacado, o que minimiza as realizações atléticas e confirma a condição de corpo espetáculo. As fotografias das nadadoras, analisadas a partir da proposta de Goffman (1979) e Pruitt (2013), revelaram pouca regularidade das categorias família, hierarquia de função e tamanho relativo. Entretanto, a presença das demais categorias evidencia que ainda há resquícios de representações hegemônicas das mulheres.

No cenário nacional, há restrições ou ausência de representatividade no que se refere à performance das nadadoras olímpicas brasileiras, ou seja, as conquistas atléticas, em sua maioria, quando são destacadas, ocorrem de forma limitada em notas ou simples frases. Isso pode levar à construção de imagens limitadas das nadadoras brasileiras, já que são poucas as referências que reconhecem suas capacidades atléticas, força e realizações. Por outro lado, é dada maior visibilidade às questões relativas ao doping e ao assédio sexual. Da mesma maneira que no contexto internacional há a ausência da categoria “família”, “tamanho relativo” e “hierarquia de função”, e, o corpo da nadadora brasileira não foi adjetivado como belo, espetacular, fenomenal e gracioso, como no contexto internacional.

Espera-se que esta tese, ao trazer reflexões sobre as imagens na natação olímpica feminina, possa contribuir para enfraquecer os estereótipos atuais, baseados no senso comum e, dessa maneira, ajudar a incluir novos elementos de representação. Além disso, espera-se, com este trabalho, expandir a reflexão sobre como os corpos são incluídos e excluídos na natação e, conseqüentemente, sobre como se tornam visíveis ou invisíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOT, B.; BARBER, B. Differences in functional and aesthetic body image between sedentary girls and girls involved in sports and physical activity: does sport type make a difference? In: **Psychology of sport and exercise**, vol. 12, n. 3, 2011.

ACTIVE, Skills. How developments in swimwear have improved performance. (2013) Disponível em: aquaticregister.wordpress.com/2013/07/19/how-developments-is-swimwear-have-improved-performance. Acesso em : 13 de abr. De 2018.

ALLEN, R.; Nickel, D. The negro and learning to swim: The buoyancy problem related to reported biological differences. In: **Journal of Negro Education**, vol. 38, p. 408-409, 1969.

AMARAL, Muriel; NETO, José Miguel. Gênero e política: representações da mulher no discurso da *Veja*. In: **Extraprensa**, p. 268-283, 2017.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Task Force on the Sexualization of Girls. **Report on the APA Task Force on the Sexualization of Girls**. Washington, D.C.: American Psychological Association, (2007). <http://www.apa.org/pi/women/programs/girls/report.aspx>. Acesso em: 23 de out. 2016.

ANDEASSON, Jesper; JOHANSSON, Thomas. Female Fitness in the Blogosphere: Gender, Health, and the Body. In: **Sage Open**, july-september (2013). Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2158244013497728>. Acesso em: mar. de 2017.

ANTÚNEZ M. Reflections about what the woman represents for the sport and the true meaning of the sport for the woman [in Spanish]. Reflexiones acerca de lo que la mujer representa para el deporte y el verdadero significado del deporte para la mujer. In: **Efdeportes**, vol. 7, n. 42, 2001.

ARENA [empresa]. **1973-1983: first decades, the innovations**. Disponível em: https://www.arenawaterinstinct.com/en_au/history/1973-1983/. Acesso em: 10 de junho de 2016.

ASA. The history of competitive swimwear. [artigo]. Disponível em: <http://www.swimming.org/sport/history-of-com> Acesso em: 3 de abril de 2017.

AUERBACH, Nicole. U.S. women's swim team on body image, eating disorders and supporting each other. [artigo] (2016). Disponível em <https://www.usatoday.com/story/sports/olympics/rio-2016/2016/08/03/us-womens-swim-team-body-image-eating-disorders-and-supporting-each-other/88048534/>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BALE, John. Capturing 'The African' Body? Visual Images and 'Imaginative Sports'. In: **Journal of Sport History**, v. 25, n. 2, 1998.

_____. Partial Knowledge: Photographic Mystifications and Constructions of 'The African Athlete'. In: **Deconstructing Sport History: A Postmodern**. State University of New York Press (SUNY), 2006.

BARSOTTI Tagli. A história dos trajes de natação. In: **ABMN Informativo** Out/nov/dez/2012. Disponível em: <<https://www.abmn.org.br/wp-content/uploads/2016/01/ABMN82.pdf>> Acesso em: 10 de fev de 2019.

BARTKY, Sandra Lee. Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power. In: CONBOY, Katie; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah (eds.). **Writing on the body: Female embodiment and feminist theory**. p.129-154, New York: Columbia University Press, 1997.

BATCHEN, Geoffrey. **Burning with desire: the conception of photography**. MIT Press, Cambridge: Mass, London, 1997.

BBC ON LINE. Paula the Crawler sets record [reportagem] (2001) Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympics2000/swimming/937133.stm>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

BEJAN, A.; JONES, E. ; CHARLES, J. The evolution of speed in athletics: Why the fastest runners are black and swimmers white. In: **International Journal of Design and Nature & Ecodynamics**, vol. 5, p. 199-211, 2010.

BELKNAP, Penny; LEONARD, Wilbert. A conceptual replication and extension of Irving Goffman's study of gender advertisements. *Sex Roles*, v.25 p.103-118, 1991

BENSON, R.; TAUB, D. E. Using the precede model for causal analysis of bulimic tendencies among elite women swimmers. In: **Journal of Health Education**, vol. 24, n. 6, p. 360-368, 1993.

BERGER, J. **Ways of Seeing**. London: British Broadcasting Association and Penguin, Londres, 1972.

BERNSTEIN, Alina. Is It Time for a Victory Lap? Changes in the Media Coverage of Women in Sport. In: **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 37, n. 3/4, p. 415, 2002.

BIRRELL, S.; THEBERGE, N. Ideological control of women in sport. In: COSTA, D. M.; GUTHRIE, S. R. **Women and Sport: Interdisciplinary perspectives**, Champaign, IL: Human Kinetics, p. 341-59, 1994.

BIRRELL, S.; THEBERGE, N. Ideological control of women in sport. In: BIRRELL, S.; COLE, C. L. (eds.). **Women, sport, and culture**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1989.

BODENHAUSEN, G. V., Mussweiler, T., Gabriel, S., & Moreno, K. N. (2001). Affective influences on stereotyping and intergroup relations. In J. P. Forgas, **Handbook of affect and social cognition**. pp. 319-343, 2001

BONAFÉ, Milagros García. El siglo XX. La revolución deportiva de las mujeres. In: **Educación física y deportes**, vol. 64, p. 63-68, 2001.

BOOTH, Douglas. **The field: truth and fiction in sports history**. London: Routledge, 2006.

BORDO, S. (1993). **Unbearable weight: Feminism, western culture, and the body**. Berkeley, CA:University of California Press.

BORDO, S. Reading the slender body. In: WOODWARD, K. (ed.). **Identity and Difference**. London: Sage in association with the Open University, p. 167-181, 1997.

BOYLE, L. Flexing the tensions of female muscularity: How female bodybuilders negotiate normative femininity in competitive bodybuilding. In: **Women's Studies Quarterly**, vol. 33, n. 1/2, p. 134-149, 2005.

BRAKE, DEBORAH L. **Getting in the Game: Title IX and the Women's Sports Revolution**. New York, NY: NYU Press, August, 2010.

_____. Title IX as Pragmatic Feminism. , *Title IX as Pragmatic Feminism*, 55 Clev. St. L. Rev. 513 (2007). Disponível em: <https://engagedscholarship.csuohio.edu/clevstlrev/vol55/iss4/7>. Acesso em 14 de junho de 2018.

BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm> Acesso em: 8 de dez. de 2018.

BROWN, J. A. Gender, sexuality, and toughness: The bad girls of action film and comic books. In: INNESS, S. (ed.). **Action chicks**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

BRUMBERG, Joan Jacobs. **The Body Project: An Intimate History of American Girls**. New York: Random House, 1997.

BRYSON, L. Sport and the maintenance of male hegemony. In: **Women's Studies International Forum**, vol. 10, p. 349-60, 1987.

BUMBEERS, Fernando. Anderson Silva, Lance Armstrong e a química do doping no esporte. [reportagem] (2015). Disponível em:< <http://revistagalileu.globo.com> 2015 > Acesso em: 3 de maio de 2017.

BURKE, Michel, D.; ROBERTS, Terence J. Roberts. Drugs in Sport: An Issue of Morality or Sentimentality?. In: **Journal of the Philosophy of Sport**, vol. 24, n.1, p. 99-113, 1997.

BUTLER, Judith. Athletic Genders: hyperbolic instance and/or the overcoming of sexual binarism. In: **Stanford Humanities Review**, vol. 6, n. 2, 1998.

_____. Endangered/endangering: Schematic racism and white paranoia. In: GOODING-WILLIAMS, R. (ed.). **Reading Rodney King, reading urban uprising**. New York: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

BUTRYN, Ted. Posthuman Podiums: Cyborg Narratives of Elite Track and Field Athletes. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 20, p. 17-39, 2003.

BUYSSE, Jo Ann M.; HERBERT, Melissa Sheridan Embser. Constructions of Gender in Sport: An Analysis of Intercollegiate Media Guide Cover Photographs. In: **Gender & Society**, vol. 18, n. 1, p. 66-81, 2004.

BYRNE, S.; MCLEAN, N. Elite athletes: effects of the pressure to be thin. In: **Journal of science and medicine in sport**, vol. 5, n. 2, p. 80-94, 2002.

CAHN, S. K.. Coming on strong: Gender and sexuality in twentieth-century women's sports. New York: Free Felshin, Jan. "Social commentary." P. 249-272. In: GERBER, Ellen W. et al. *The American Woman in Sport*. In: **Reading, MA: Addison-Wesley**, 1994.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Language, gender and Sport: Insights from the Cambridge English Corpus**. Cambridge, 2016.

CAMPBELL, Jule. Light, tight and right for racing: A mere ounce or so of miracle fabric makes up the new skinsuit that is sweeping the swimming world. In: **Sport Illustrated**, agosto de 1974.

CAMPOS, Daniela Queiroz. O corpo feminino e as pin-ups: O gênero ilustrativo e sua primeira coluna no Brasil. In: **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 2, p. 155-184, maio/ago. 2017.

CANCLINE, Néstor García. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2012.

CARTY, Vitoria. Textual Portrayals of Female Athletes: Liberation or Nuanced Forms of Patriarchy? In: **Frontiers: A Journal of Women Studies**. University of Nebraska Press, vol. 26, n. 2, p. 132-155, 2005.

CASSAB, Latif. História Oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social. In: **Serviço Social em Revista**, v. 5, n. 2, Londrina, jan/jun, 2003. Disponível em: < www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm>. Acesso em: 12 de dez. de 2016.

CASSIDY, Sarah. Olympic swimming training 'too hard on young athletes'. [artigo] (2008) Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/sport/olympics/olympic->

swimming-training-too-hard-on-young-athletes-918054.html> Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

CASTELNUOVO, S.; GUTHRIE, S. *Feminism and the female body: Liberating the Amazon within*. Boulder: Lynne Rienner, 1998.

CATALOGS ADIDAS/2017. Adidas-Swim-Spring-Summer (2017). Disponível em: <<http://www.hardersports.com/pdfs/catalogs/2017/Adidas-Swim-Spring-Summer-2017.pdf>>. Acesso em: setembro de 2018.

CHALABAEV, Aïna; SARRAZIN, Philippe; FONTAYNE, Paul; BOICHÉ, Julie; GUILLOTIN, Corentin Clément. The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: review and future directions. In: **Psychology of Sport and Exercise**, vol. 14, p. 136-144, 2013.

CHAUDHARY, Vivek. Rich and poor on Olympics' not so level playing field. [reportagem publicada em 2000]. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2000/sep/14/sydney.sport>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

COHEN, Greta L. **Women in sport: issues and controversies**. Newbury Park, 1993.

COLLEY, A.; NASH, J.; O'DONNELL, J.; RESTORICK, L. Attitudes to the female sex role and sex-typing of physical activities. In: **International Journal of Sport Psychology**, vol. 18, p. 19-29, 1987.

CONNELL. The big picture: Masculinities in recent world history. In: **Theory and Society**, vol. 22, n. 5, Special Issue: Masculinities, p. 597-623, Oct., 1993.

CONNELL, R. W. **Gender and Power**. Stanford: Stanford University Press, 1987

CONNOR, Steve. Harkskin swimsuits lead hi-tech bid for Olympic gold. (2000). Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/science/sharkskin-swimsuits-lead-hi-tech-bid-for-olympic-gold-5371995.html>> Acesso em: 5 de jan. de 2018.

CORBETT, D.; JOHNSON, W. The African American female in collegiate sport: Sexism and racism. In: BROOKS, D.; ALTHOUSE, R. (ed.). **Racism in college athletics: The African American athlete's experience**. 2nd ed., p. 199-225, 2000.

COWAN, G. Black and white (and blue): Ethnicity and phonography. In: LANDRINE, H. (ed.). **Bringing cultural diversity to feminist psychology: Theory, research, practice**, p. 397-411. Washington, DC: American Psychological Association, 1995.

CRAIK, Jennifer: 'The Fastskin Revolution: From Human Fish to Swimming Androids'. In: **Culture Unbound**, vol. 3, p. 71-82, 2011.

CREEDON, P. J. From the feminine mystique to the female physique: Uncovering the archetype of Artemis in sport. In: CREEDON, P. (ed.). **Women, media and sport: Challenging gender values**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

CREWS, Logan. Swimming in sexism. [artigo] [2016] Disponível em <https://www.thekirkwoodcall.com/opinion/2016/10/14/swimming-in-sexism/> Acesso em: 20 de novembro de 2018.

CRISSEY, Sarah; HONEA, Joy Crissey. The relationship between athletic participation and perceptions of body size and weight control in adolescent girls: the role of sport type. **Sociology of Sport Journal**, p. 248-272, 2006

CROUSE, Karen. A veteran of the swimsuit wars of 1974 on the Swimsuit Wars of 2008. [artigo publicado no New York Times, em 18 de maio de 2008]. Disponível em: <https://beijing2008.blogs.nytimes.com/2008/05/18/a-veteran-of-the-swimsuit-wars-of-1974-on-the-swimsuit-wars-of-2008/>. Acesso em: abr. de 2017.

CRUZ, Andrea da Silva. **Desenvolvimento de fatos de banho para competição em natação pura**. [Dissertação]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de belas artes, 2012.

CRUZ Eliana Alves Santos . (2015)A cor da água: racismo e oportunidade para negros nas piscinas <https://www.geledes.org.br/a-cor-da-agua-racismo-e-oportunidade-para-negros-nas-piscinas>. Acesso em 12 de julho de 2018

CUNHA, Luciana Bicalho. Entre cortes e costuras: investigações acerca da produção e comercialização da roupa esportiva em Belo Horizonte (1930-1950). In: **Congresso argentino y latinoamericano de educación física y ciencias**, n. 3, 2011, La Plata. Disponível em: <http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/9o-ca-y-4o-la-efyc/publicacionesactas/Bicalho%20da%20Cunha.-M17.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

DADDARIO, Gina. Chilly scenes of the 1992 Winter Games: the mass media and the marginalization of female athletes. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 11, p. 275-288, 1994.

DAGA, Bianca; RESENDE, Igor. Dama de Ferro quer mudar calendário, nada por dinheiro e foi a 1ª milionária da natação [artigo] 2016. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/621685_dama-de-ferro-quer-mudar-calendario-nada-por-dinheiro-e-foi-a-1-milionaria-da-natacao.> Acesso em: 10 de maio de 2018.

DANIELS, Elizabeth A. Wartena Heidi. Athlete or Sex Symbol: What Boys Think of Media Representations of Female Athletes. In: *Sex Roles*, vol.65, p.7-8, 566-579, 2011.

DELANO, Davis; LAUREL, R.; POLLOCK, April; VOSE, Jennifer Ellsworth. Apologetic Behavior Among Female Athletes. In: **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 44, n. 2, p. 131-150, 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**, vol. 6, p. 9-25, 2003.

DOUGLAS, Delia. Venus, Serena, and the Women's Tennis Association: When and Where "Race" Enters. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 22, p. 255-281, 2005.

DUARTE, Fernando. Nadadora americana que "destrói" colegas masculinos nos treinos é promessa da Rio 2016. [reportagem].[2016] Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-36937845>>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Trad. de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

DUCAN, Margaret Carlisle. Sports Photographs and Sexual Difference: Images of Women and Men in the 1984 and 1988 Olympic Games. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 7, p. 22-43, 1990.

DUNCAN, M. C.; Messner, M.; Williams, L. **Gender stereotyping in televised sports**. Los Angeles, CA: Amateur Athletic Foundation of Los Angeles, 1990.

DWORKIN, S. L. "Holding back": Negotiating a glass ceiling on women's muscular strength. In: **Sociological Perspectives**, vol. 44, n. 3, p. 333-350, 2001.

EASTMAN, S. T.; BILLINGS, A. C. Sportscasting and sports reporting: The Power of gender bias. In: **Journal of Sport and Social Issues**, vol. 24, n. 2, p. 192-214, 2000.

ECHEVERRIA, MARCELO. O fim dos trajes tecnológicos! Ataque de Tubarão! (2010) [artigo]. Disponível em: <<http://mundodanatacao.blogspot.com>> Acesso em: 21 de março de 2018.

ECO, UMBERTO. **O hábito fala pelo monge**, in *Psicologia do Vestir*. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

EKERN, Jacquelyn. Getting back in the game of life. 2011. Disponível em <www.eatingdisorderhope.com/>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

ELKINS, Hollis. Time for a Change: Women's Athletics and the Women's Movement. *A Journal of Women Studies*, Vol. 3, No. 1, pp. 22-25, 1978.

EPICHURUS [site]. No dia dos professores, um abraço aos treinadores. (2012) Disponível em: <<https://epichurus.com/2012/10/16/no-dia-dos-professores-um-abraco-aos-treinadores>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

ENTWHISTLE, J. *Fashioning the Body*. Oxford: Polity Press, 2000.

ESPORTE ESSENCIAL [site]. A participação das atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos. [artigo de 2017]. Disponível em: <<http://www.esporteessencial.com.br/memoria-olimpica/jogos-olimpicos-de-verao>>. Acesso em: 5 de julho de 2017.

EUREKALERT. Adidas presents new bodysuit: the JETCONCEPT (2003). Disponível em: <https://www.eurekalert.org/pub_releases/2003-07/aa-apn071803.php> Acesso em: 5 de fevereiro de 2018.

FALLON, Melissa A.; JOME, LaRae M. An Exploration of Gender-Role Expectations and Conflict Among Women Rugby Players. In: **Psychology of Women Quarterly**, vol. 31, n. 1, p. 311-321, 2007.

FELITTI, Guilherme. Qual o segredo do maiô de César Cielo? [Artigo publicado na *Revista Época Negócios*, set, 2009]. Disponível em: <<http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2009/07/31/qual-o-segredo-do-maio-arena-x-glide/>> Acesso em: 12 de setembro de 2012.

FELSHIN, Jan. Social commentary. In: GERBER, Ellen W. et al. **The American Woman in Sport**. Reading, Massachusetts — Melon Park, California, London, Don Mills, Ontario, 1974.

FEREZ, Sylvain. From Women's Exclusion to Gender Institution: A Brief History of the Sexual Categorisation Process within Sport. In: **The International Journal of the History**, 2012.

FIDALGO, A. **Semiótica Geral**. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 setembro 2017.

FIGUEIREDO, Diana. Pesquisa revela machismo em reportagens e comentários sobre a Olimpíada. [reportagem, 2016] Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/pesquisa-revela-machismo-em-reportagens-comentarios-sobre-olimpiada-19899399.htm>> Acesso em: setembro de 2018.

FILHO, José Getúlio da Fonseca. Troféu Brasil não é o mesmo. **Revista Aqua**. Ano 1, v. 1, abr/maio de 1987.

FIN, Jonathan. A modern 3: Sport and visual culture. [artigo, 2014]. Disponível em: < <http://amodern.net/issues/amodern-3-sport-visual-culture/> >. Acesso em: novembro de 2018.

FINE, Juliet. **Framing the Athletic Woman's Identity: the Photographic Representation of the Athletic Woman at the 1912 Stockholm Olympic Games**. [dissertação de mestrado em História e Prática da Fotografia]. Montfort University, 2011.

FINK, Janet S.; KENSICKI, Linda Jean. An imperceptible difference: visual and textual constructions of femininity. In **Sports Illustrated and Sports Illustrated for Women. Mass Communication & Society**, vol. 5, n. 3, p. 317-339, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO ON-LINE. [Reportagem sobre Rebeca Gusmão, 2014]. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2014/10/1536884-me-sinto-bem-para-posar-nua-diz-ex-nadadora-rebeca-gusmao.shtml>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Maiô rasga, expõe atleta e dilema nas piscinas. [reportagem publicada em 2009]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte>>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

FOSTER, Leon; JAMES, David; HAAKE, Steve. Influence of full body swimsuits on competitive performan. In: **Procedia Engineering**, vol. 34, p. 712-717, 2012.

FOSTER, Peter. Olympian from the Equator wins at a crawl. [reportagem publicada no *Telegraph*, em 2000]. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/equatorialguinea/1356144/Olympian-from-the-Equator-wins-at-a-crawl.html>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977**. Colin Gordon (ed.). Brighton: Harvester: 1980.

_____. Technologies of the self. In: **Technologies of self: A Seminar with Michel Foucault**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.

_____. **Vigiar e punir**. 35^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014 .

FOUCHÉ, Rayvon. **Game changer: The techno-scientific revolution in sports**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

_____. Aren't Athletes Cyborgs?: Technology, Bodies, and Sporting Competitions. **Women's Studies Quarterly**, Vol. 40, No. 1/2, pp. 281- 293, 2012

FRANCE PRESSE. O sistema de divisão de recursos do movimento olímpico. [reportagem publicada em julho de 2008]. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticias/economia_negocios>. Acesso em 5 de maio de 2017.

FREDRICKSON, Barbara L.; ROBERTS, Tomi-Ann. Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. In: *Psychology of Women Quarterly*, 21, p. 173-206, 1997.

FREDRICKSON, Barbara L; ROBERTS, Tomi-Ann; NOLL, Stephanie M; QUINN, Diane M.; TWENGE, Jean. That Swimsuit Becomes you: Sex Differences in Self-Objectification, Restrained Eating, and Math Performance. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 75, No. 1, 269-284, 1998.

FRISÉN, A.; HOLMQVIST, K. What characterizes early adolescents with a positive body image? A qualitative investigation of Swedish girls and boys. In: **Body image**, vol. 7, n. 3, p. 205-212, 2010.

FRYAR, Christienna. It's time to address the persistent stereotype that 'Black people can't swim'. [Artigo de 17 de Agosto de 2016]. Disponível em: <<https://mediadiversified.org/2016/08/17/its-time-to-address-the-persistent-stereotype-that-black-people-cant-swim/>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

FYFE, G.; LAW, J. Introduction: On the invisibility of the visible. In: FYFE, G; LAW, J. (editores). **Picturing Power: Visual Description and Social Relations**. London: Routledge, 1987, p. 1-14.

GAJEK, E. M. More than Munich 1972: Media, Emotions, and the Body in TV Broadcast of the 20th SummerOlympics. In: **Historical Social Research**, vol. 43, n. 2, p. 181-202, 2018.

GERBER, E. W.; FELSHIN, J.; BERLIN, P.; WYRICK, W. The american woman in sport. In: **Reading**. MA: Addison Wesley, 1974.

GERSTNER, Joanne C. Calls for respect after criticism of swimmer's weight. [reportagem] (2012) New York Times online. Disponível em: </london2012.blogs.nytimes.com/2012/07/26/calls-for-respect-after-swimmers-weight-is-questioned/>. Acesso em: 4 de agosto de 2018.

GITTINGS, P. Black swimmer makes history at world championships. [CNN website, dez. 2014]. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/12/07/sport/swimming-atkinson-world-first/index.html> Acesso em: 8 de agosto de 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Campinas (Unicamp), São Paulo, 1999.180 f.

_____. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. **Revista Labrys: Estudos Feministas**, Brasília, DF, n. 4, p. 243-245 ago.-dez., 2003.

GOFFMAN, Erving. **Gender advertisements**. Nova Iorque: Harper and Row, 1979.

GOLLAYAN, Christian. The stereotype that minorities can't swim has dangerous consequences. [artigo de 2016]. Disponível em: <https://nypost.com/2016/08/08/the-stereotype-that-minorities-cant-swim-has-dangerous-consequences/ 2016.> Acesso em: nov. de 2017.

GOODGAME, Clayton. High-Tech Swimsuits: Winning Medals Too. [artigo] 2008. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1832434,00.html.> Acesso em: 8 de fev. de 2018.

GROUNSELL, LAUREN. From swim skirts to racerbacks and those full-body suits: On the final day of swimming in Rio, Femail reveals how competitive swimwear has changed in the past century. [Reportagem] (2016). Disponível em: < http://www.dailymail.co.uk/femail/article-3739437/How-competitive-swimwear-changed-past-century.html.> Acesso em: 2 de mai. de 2017.

GUARAGNA, Frederico Mandelli. Olimpíadas: patrocínio no alto do pódio.(2012) Disponível em: <<http://www.businessreviewbrasil.com.br/marketing/1125/Olimpiacutedas:-patrociacutenio-no-alto-do-poacutedio> 2012>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

GUNDLE, Stephen. 1999. Mapping the Origins of Glamour: Giovanni Boldini, Paris and the Belle Époque. **Journal of European Studies** 29 (3):269

HALBERT, Christy; LATIMER, Melissa. Battling gendered language: an analysis of the language used by sports commentators in a televised coed tennis competition. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 11, p. 298-308, 1994.

HANA, Jay. Queen of the design pool. (2007). Disponível em : <http://www.perthnow.com.au/lifestyle/queen-of-the-design-pool/news-story> 2007. Acesso em 3 de abr. de 2017.

HARAWAY, Dona. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Trad. de Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARAZIM, Dorrit. Nos Jogos de Los Angeles - 1984, domínio americano e paixão olímpica. [reportagem, 2016] Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/esportes/nos-jogos-de-los-angeles-1984-dominio-americano-paixao-olimpica> 2016>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

HARDIN, Marie; DODD, Julie; CHANCE, Jean; WALSDORF, Kristie. Sporting Images in Black and White: Race in Newspaper Coverage of the 2000 Olympic Games, **Howard Journal of Communications**, 15:4, 211-227, 2004.

HARGREAVES, J. **Heroines of sport: The politics of difference and identity**. New York: Routledge, 2000.

_____. **Sporting females: critical issues in the history and sociology of women's sports**. London: Routledge, 1994.

_____. Where's the virtue? Where's the grace? A discussion of the social production of gender relations in and through sport. In: **Theory, Culture and Society**, vol. 3, p. 109-119, 1986.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. In: **Confins**, n. 5, 2009.

HARRIS, John; CLAYTON, Ben. Femininity, masculinity, physicality and the english tabloid press The Case of Anna Kournikova. **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 37, n. 3-4, p. 397-413, 2002.

HARTMANN, Douglas. **Race, culture, and the revolt of the black athlete**. The University of Chicago Press, Chicago, 2003.

HARTNOLL, P. P. **The theater: a concise history**. London: Thames & Hudson, 1998.

HASTINGS, D. W.; Zahran, S.; Cable, S. Drowning in inequalities: Swimming and social justice. In: **Journal of Black Studies**, vol. 36, n. 6, p. 894-917, Jul., 2006.

HASTY, Toby. Natalie Coughlin: Hottest Photos Of The U.S. Olympic Swimmer. [reportagem] (2016). Disponível em: <<https://coed.com/2016/06/29/natalie-coughlin-photos-hot-pictures-best-sexy-instagram-us-olympic-swimmer/>> Acesso em 18 de abril de 2018.

HEGGIE, Vanessa. Testing sex and gender in sports; reinventing, reimagining and reconstructing histories. In: **Endeavour**, vol. 34, n. 4, 2010.

HEYWOOD, Leslie; DWORKIN Shari I. Built to Win: The Female Athlete as Cultural Icon. Sport and Culture Series. **Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003**

HUGGINS, M. The sporting gaze: towards a visual turn in sports history – documenting art and sport. In: **Journal of Sport History**, vol. 35, n. 2, p. 311-329, 2008.

_____. The visual in sport history: approaches, methodologies and sources. In: **International Journal of the History of Sport**, vol. 32, n. 15, p. 1813-1830, 2015.

HODLER, Matthew Ross. **The greatest Olympian of all-time? The ideological implications of celebrating Michael Phelps**. [tese], Programa de Filosofia, University of Iowa, 2016.

HOLLAND, A.; ANDRE, T. Athletic participation and the social status of adolescent males and females. In: **Youth & Society**, vol. 25, n. 3, p. 388-401, 1994.

HOUZER, S. Black women in athletics. In: **Phys Educ.**, vol. 31, n. 4, p. 208- 209, 1974.

HOWELLS, Karen; GROGAN, Sarah. Body image and the female swimmer: muscularity but in moderation. In: **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, vol. 4, n. 1, p. 98-116, 2012.

HUGHSON, John. The cultural legacy of Olympic posters. In: **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, vol. 13, n. 5, p. 749-759, 2010.

IANNI, Octavio. O preconceito racial no Brasil. In: **Estud. Av.**, vol. 18, n. 50, São Paulo, jan./apr., 2004.

IRWIN, R., Drayer, J., Irwin, C., Ryan, T., & Southall, R. (2008). *Constraints impacting minority swimming participation* (presented to USA Swimming). Disponível em: <<http://www.usaswimming.org>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

IRWIN, C., PHARR, J., LAYNE, T., AND IRWIN, R. Factors Impacting Swimming Participation and Competence Quantitative Report. /University of Memphis, May 31, 2017.

JAY, M. That visual turn. In: **Journal of Visual Culture**, vol. 1, n. 1, p. 87-92, 2002.

JEANSONNE, John. U.S. Olympic swimming trial/Unfriendly competition rivalry heats up, sends Thompson into overdrive. [reportagem, 2000]. Disponível em: <https://www.newsday.com/sports/u-s-olympic-swimming-trials-unfriendly-competition-rivalry-heats-up-sends-thompson-into-overdrive-1.451315>. Acesso em 01 de agosto de 2018.

JONES, Ray; MURRELL, Audrey; JACKSON, Jennifer. Pretty versus powerful in the sports pages: Print media coverage of U.S. Women's Olympic Gold Medal Winning Teams. In: **Journal of Sport and Social Issues**, vol. 23, n. 2, p. 183-192, 1999.

KANE, M. J. The female athlete role as a status determinant within the social systems of high school adolescents. In: **Adolescence**, vol. 23, p. 253-264, 1988.

_____. Media coverage of the post title IX female athlete: a feminist analysis of Sport, gender, and Power. In: **Duke journal of Gender Law & Policy**, vol. 3, n. 95, 1996.

KANE, M. J.; SNYDER, E. E.. Sport typing: The social "containment" of women in sport. In: **Arena Review**, vol. 13, n. 2, p. 77-96, 1989.

KANE, Mary Jo; LAVOI, Nicole M.; FINK, Janet. Exploring elite female athletes' interpretations of sport media images: a window into the construction of social identity and "selling sex" in women's sports. In: **Communication & Sport**, vol. 1, p. 1-31, 2013.

KANE, Mary Jo; MAXWELL, Heather D. Expanding the boundaries of sport media research: Using critical theory to explore consumer responses to representations of women's sports. In: **Journal of Sport Management**, vol. 25, p. 202-216, 2011.

KANE, Susan; GREENDORFER, L. The Media's Role in Accommodating and Resisting Stereotyped Images of Women in Sport. In: CREEDON, Pamela J. (ed.). **Women, media and sport: challenging gender values**, 1994.

KANG, M. E. The portrayal of women's images in magazine advertisements: Goffman's gender analysis revisited. In: **Sex Roles**, vol. 37, p. 979-996, 1997.

KHOSLA, Prama; PIERSON, Elizabet. Sexism, Silk, and Shark Skin: Witness the Evolution of Olympic Swimwear. [artigo, 2016]. Disponível em: <https://www.glamour.com/story/the-evolution-of-olympic-swimwear>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

KIAN, Edward M.; VINCENT, John; Mondello Michael. Masculine Hegemonic. In: **Sociology of Sport Journal**, vol. 25, n. 2, 2008.

KIM, Kayoung; SAGAS, Michael. Athletic or Sexy? A Comparison of Female Athletes and Fashion Models in *Sports Illustrated* Swimsuit Issues. In: **Gender Issues**, vol. 31, n. 2, p. 123-141, 2014.

KJENDLIE, Ludvik; STALLMAN, Robert Keig. Morphology and swimming performance. In: **World Book of Swimming: From Science to Performance**. SEIFERT, L.; CHOLLET, D.; MUJIKKA, I. (org.). Nova Science Publishers, Hauppauge, New York, 2011.

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.151-168, dezembro, 2008.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun., 2006.

KNIGHT, Jennifer L.; GIULIANO, Traci A. He's a Laker; She's a "Looker": The Consequences of Gender-Stereotypical Portrayals of Male and Female Athletes by the Print Media. In: **Sex Roles**, vol. 45, n. 3/4, p. 217-229, 2001.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Julina Sturmer Soares. Brazilian women in the sports press: a case study. In: **Journal of human sport & exercise**, vol. 6, Austrália, 2011.

KODATO, Sergio; DE PAULA, Alexandre da Silva. Psicologia social e representação social: uma aproximação histórica. **Revista de Psicologia da IMED**, vol. 8, n. 2, p. 200-207, 2016.

KOIVULA, N. Ratings of gender appropriateness of sports participation: Effects of gender-based schematic processing. In: **Sex Roles**, vol. 33, p. 543-557, 1995.

KRANE, Vikki. Whe can be athletic and feminine, but do we want to Challenging hegemonic femininity in women's Sport. In: **Quest**, vol. 53, p. 115-133, 2001.

KRANE, Vikki; CHOI, Pricilla Y. L.; BAIRD, Shannon M.; AIMAR, Christine M.; KAUER, Kerrie J. Kauer. Living the Paradox: Female Athletes Negotiate Femininity and Muscularity. In: **Sex Roles**, vol. 50, n. 5/6, p. 315-329, 2004.

KRANE, Vikki; ROSS, Sally R.; MILLER, Montana; ROWSE, Julie L.; GANOE, Kristy; ANDRZEJCZYK, Jaclyn A.; LUCAS, Cathryn B. Power and focus: self-representation of female college athletes. In: **Qualitative Research in Sport and Exercise**, vol. 2, n. 2, p. 175-195, 2010.

KUNZRU, Hari. Você é um ciborgue: um encontro com Donna Haraway. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LAJOLO, MARIANA; CONDE PAULO ROBERTO. Com 19 anos, americana Katie Ledecky supera feitos de Phelps nesta idade. [2016] Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1801932-com-19-anos-ledecky-supera-feitos-de-phelps-nesta-idade.shtml>. Acesso em 13 de ag. de 2018.

LAJOLO, Mariana. Decisão faz natação recuar dez anos. [reportagem *Folha de São Paulo*] (2009). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2507200928.htm>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

LANCE. Em Atlanta, a Olimpíada comemorou o centenário da disputa, em 1996. 2016. [reportagem]. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/rio2016/atlanta-olimpiada-comemorou-centenario-disputa-1996.html>>. Acesso em: 3 de jun. de 2017.

LANG, Melaine. Surveillance and conformity in competitive youth swimming. In: **British Educational Research Association Annual Conference**, Heriot-Watt University, Edinburgh, 3-6 September, 2008.

LAPCHICK, Richard. Tough swim through stereotypes for African-Americans. [reportagem de 2008]. Disponível em: http://www.espn.com/espn/columns/story?columnist=lapchick_richard&id=3417453. Acesso em: setembro de 2018.

LEATH, Virginia M.; LUMPKIN, Angela. Analysis of Sportswomen on the Covers and in the Feature Articles of Women's Sports and Fitness Magazine, 1975-1989. In: **Sport & Soc. Issues**, p. 121- 126, 1992.

LENK, Maria. **Braçadas e abraços**. Rio de Janeiro: Bradesco, 1986.

LESTER, N. A. Nappy edges and goldy locks: African-American daughters and the politics of hair. In: **The Lion and the Unicorn**, vol. 24, n. 2, p. 201-224, 2000.

LIANG, Emily. The Media's Sexualization of Female Athletes: a bad call for the modern game. [artigo].(2011) Disponível em: <<http://www.inquiriesjournal.com/articles/587/themedias-sexualization-of-female-athletes-a-bad-call-for-the-modern-game>>. In: *Inquiries Journal*, vol. 3 p. 1-2, 2011.

LIEN, SIGRID. The Aesthetics of Sports Photography. In: **Nordicom Review**, setembro, vol. 23, 2002.

LIMA, Natasha Correa Lima. Os 11 atletas de Israel mortos nos Jogos de Munique e homenageados na Rio [reportagem de 2016]. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/os-11-atletas-de-israel-mortos-nos-jogos-de-munique-homenageados-na-rio-2016-19814756#ixzz5b6e1mDT0>>. Acesso em: 10 de out. de 2018.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. Coleção Clássicos da Comunicação Social.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LLOYD, Sarah. Learning to Love the Body Swimming Gave Me. [artigo publicado em janeiro de 2016]. Disponível: <<https://www.swimmingworldmagazine.com/news/learning-to-love-the-body-swimming-gave-me/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

LOCK, R. A. The doping ban: compulsory heterosexuality and lesbophobia. In: **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 38, n. 4, p. 397-411, 2003.

LOWENSTEYN, I.; SIGNORILE, J.F.; GILTZ, K. The effect of varying body composition on swimming performance. In: **J Strength Cond Res.**, vol. 8, n. 3, p. 149-154, 1994.

LUMPKIN, Angela. Female Representation in Feature Articles Published by Sports. In: **Women in Sport and Physical Activity Journal**, vol. 18, 2009.

MAAS. Museum of Applied Arts and Sciences. Collection. Disponível em <<https://maas.museum/>>. Acesso em: 18 de abril de 2017.

MACK, David. People Are Mad At This Newspaper Headline About Katie Ledecky. [reportagem]. [2016]. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/davidmack/rio-ledecky-phelps-headline?utm_term=.xbR332l8bp#.hyOjjXNgMD>. Acesso em: ago de 2018.

McARDLE, William D.; KATCH, Frank I., KATCH, Victor L. **Sports and exercise nutrition**. Maryland : Lippincott Williams & Wilkins, 1999.

MACNEILL, Margaret. Estudos de mídia do esporte e a (re)produção de identidades. In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set. 2006.

MAGDALINSKI, Tara T. **Sport, technology and the body: the nature of performance**. Abingdon, Oxon & New York, Routledge, 2009.

MAKING NO WAVES. In: **The Economist**, vol. 387/8.584, 14 de junho 2008.

MALLEA, John R. The Victorian Sporting legacy. In: **McGill Journal of Education/ Revue des sciences de l'éducation de McGill**. Vol. 10, n. 2, 1975.

MANSOLDO, A. 2014 Fatores hidrodinâmicos de interferência no rendimento da natação. **Revista digital**. Buenos Aires. Ano 19 nº 194. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd194/interferencia-no-rendimento-da-natacao.htm>. Acesso em 18 de março 2019.

MANUEL, SIMONE. Simone Manuel: We Need To Get Rid Of The Racial Stereotypes That Surround Swimming. (2017). Disponível em: <https://www.essence.com/culture/simone-manuel-swimming-stereotypes-free-low-cost-lessons>. Acesso em 18 de março 2019.

MARTIN, D. E.; GYNN, W. H. **The Olympic marathon: the history and drama of sport's most challenging event**. Champagn, IL, Human Kinetics, 2000.

MATELSKI, Elizabeth. **The color(s) of perfection: the feminine body, beauty ideals, and identity in postwar America, 1945-1970.** [tese]. History Chicago, Illinois, 2011.

MATTA, Marcelo de Oliveira. Análise quantitativa do isolamento térmico e dos efeitos fisiológicos causados por diferentes vestimentas em homens durante exercício submáximo realizado em ambiente frio. [Dissertação]. Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

MATTEL. (2000) [Texto sobre a Barbie]. Disponível em: <http://files.shareholder.com/downloads/MAT/0x0x224899/8fafafd8-3895-4ae5-8550-bd011612a4eb/MAT_News_2000_4_18_Barbie_News.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

MATTEO, Sherri. The Effect of Sex and Gender-Schematic Processing on Sport Participation. In: **Sex Roles**, vol. 15, n. 7/8, p. 417-432, 1986.

MAZZA J. C.; ACKLAND T. R.; BACH T. M. Absolute body size. In: CARTER, JEL; ACKLAND, T. R. (ed.). **Kinanthropometry in aquatic sports: a study of world-class athletes**, HK Sport Science Monograph Series 5. Human Kinetics, Champaign IL, p. 15-54, 1994.

MCCULLOUGH, Sara Reboloso. Body like a rocket: performing technologies of naturalization. In: **Journal of feminist theory & culture: Gender, sport and the Olympics**, v. 9, n. 2, 2010.

MCLEOD, Ken. **We Are the Champions: The Politics of Sports and Popular Music.** Ashgate Popular and Folk Music Series. Burlington, VT: Ashgate, 2011.

MCMAHON, Jenny; RUCHTI, Natalie Barker. The media's role in transmitting a cultural ideology and the effect on the general public. In: **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, vol. 8, n. 2, p. 131-146, 2016.

MCMAHON, Jenny; THOMPSON, Maree Dinan. Body work-regulation of a swimmer body: an autoethnography from an Australian elite swimmer. In: **Sport, Education and Society**, vol. 16, n. 1, p. 35-50, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos: entrevista [concedida a Marta G. O. Rovai e Eduardo M. A. Maranhão Filho]. In: **História Agora: Revista de História do Tempo Presente**, n. 9, agosto de 2010.

MELIN, Roger. Instrumentalization of the Body in Sport. [artigo]. Disponível em: <<http://idrottsforum.org/melin131118/2013>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: **O ofício do historiador, Revista Brasileira de História**, vol. 23, n.º 45, jul. 2003, p. 11-36.

_____. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: EDUSC, p. 33-56, 2005.

MESSNER, M. The Life of a Man's Seasons: Male Identity in the Life-Course of the Jock'. In: KIMMEL, M.S. (ed.) **Changing men**, London: Sage, 1987.

_____. Sports and Male Domination: The Female Athlete as Contested Ideological Terrain. **Sociology of Sport Journal**, 1988, 5, 197-211.

MESSNER, Michael A.; DUNCAN, Margaret Carlisle; SOURCE, Kerry Jensen. Separating the men from the girls: the gendered language of televised gender and society. In: **Sage Open**, vol. 7, n. 1, p. 121-137, mar., 1993.

MESSNER, Michael, A.; COOKY, Cheryl. Gender in televised sports news and highlights shows, 1989-2009. [artigo]. In: **Center for Feminist Research**, University of Southern California. June, 2010.

MEYER, David. The need for Speed: How high-technology swimsuits changed the sport of swimming.(2013) Disponível em: < <https://swimswam.com/wp-content/uploads/2013/06/The-Need-for-Speed-How-High-Technology-Swimsuits-Changed-the-Sport-of-Swimming.pdf>> Acesso em: 23 de out. de 2017.

MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Blackwell, 1987.

MIRAGAYA, Ana. M. S. Mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: **Estudos Olímpicos**, 2002.

MISHKIND, M. E.; RODIN, J.; SILBERSTEIN, L.R.; STRIEGEL-MOORE, R. H..The embodiment of masculinity: Cultural, psychological, and behavioral dimensions. In: **American Behavioral Scientist**, vol. 29, n. 5, p. 531-540, 1986.

MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura Visual: definições, escopo, debates. In: **Domínios da imagem**. Londrina, I, n. 2, p. 129-134, maio de 2008.

MOORE, C. J. US Olympic Swimming: Meet the Women's Team. In: **Bleacher Report**. [2016] Disponível em: <<http://bleacherreport.com/articles/2649896-2016-us-olympic-swimming-meet-the-womens-team>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2017.

MORADI, Bonnie; HUANG, YU-Ping. Objectification theory and psychology of women: a decade of advances and future directions. In: **Psychology of Women Quarterly**, vol. 32, p. 377-398, 2008.

MORGAN, Marilyn. Aesthetics or athletics? Objectifying olympic swimmers. [artigo] (2012) Disponível em: <<http://www.consumingcultures.net/2012/07/28/in-brief-bikinis-boldness-and-body-image-of-olympic-athletes/>>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

MORRIS, Bonnie. Women's sports history. [artigo] (2016). Disponível em: <<https://www.nwhm.org/articles/womens-sports-history>> Acesso em: 22 de maio de 2018.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. MOSCOVICI (ed.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 29-109.

MUNDO DAS MARCAS, 2014. [Artigo sobre a Speedo].(2015) Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/05/speedo-vida-aquatica.html>> Acesso em: 4 de maio de 2017.

NACIF, Maria Cristina Volpi. Formas vestimentares nas sociedades ocidentais modernas. In: **Estudos em Design**. Rio de Janeiro, vol. 9, n. ½, janeiro de 2001.

NASA. A Speedo-NASA partnership after the 2004 Olympics resulted in a swimsuit worthy of world records. [artigo].(2012) Disponível em: <www.nasa.gov/offices/oct/home/tech_record_breaking.html/ 2012> Acesso em: 8 de janeiro de 2016.

NELSON, Mariah Burton. I won, I'm sorry. In: **Self Magazine**, p. 145-147, March, 1998.

_____. **The stronger women get, the more men love football: sexism and the culture of sport**. London: the Women's Press, 1996.

NICOLINI, Henrique. Jogos olímpicos de Seul – 1988. [artigo da *Gazeta esportiva*, 2015]. Disponível em: <<https://blogs.gazetaesportiva.com/henriquenicolini/2015/10/01/jogos-olimpicos-de-seul-1988/>>. Acesso em: 5 de abr. de 2017.

NOLASCO, Verônica Perissé; PAVEL, Roberto Carvalho; MOURA, Ricardo. Natação. In: COSTA, L. **Atlas do Esporte**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

OLIVEIRA, Andressa Vilha; PIMENTEL, Giuliano Gomes Assis; MUHLEN, Johanna Coelho Von. O corpo olímpico no cubo d'água. In: **Revista Motrivivência**. Ano: XXIV, n. 38, p. 174-186, junho de 2012.

O'Keefe, M. Sexploitation or Pride? Female Olympians' Revealing Poses Stir Debate. Newhouse News Service. (2000) Disponível em: <http://www.newhouse.com/archive/story1a091500.html>. Acesso em: 12 de fev., 2015.

OSMOND, Gary. Photographs, Materiality and Sport History: Peter Norman and the 1968 Mexico City Black Power Salute. In: **Journal of Sport History**, 2010.

OTTAWAY, Amanda. (2016) Why Don't People Watch Women's Sports? [artigo]. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/why-dont-people-watch-womens-sports/>> Acesso em 5 de junho de 2018.

ÖZLÜ, Pınar Göklüberk. Zeitgeist in swimsuits. In: **International Journal of Science Culture and Sport**, June, 2014, vol. 2, n. 2.

PARK, Roberta J. Sport, gender and society in atransatlantic Victorian perspective. In: **The international journal of the history of sport**, vol. 2, n. 1, 5-28, 2007.

PARNELL, Sean. Slippery Business. In: **The Australian**, Maio, 2008.

PARRATT, Cartriona. M. Athletic "Womanhood": Exploring Sources for Female Sport in Victorian and Edwardian England. In: **Journal of Sport History**, v. 16, n. 2, 1989.

PATTEE, Julie Anne. **A Ceiling of Blue: Swimming Pools, Movie Stars and Manifest Destiny**. [Tese] McGill University, 2010.

PEOPLE. Five World Records in Five Days: That's the Edge Kornelia Ender Will Take into the Olympic Pool. [reportagem de 28 de junho de 1976]. Disponível em: <<http://people.com/archive/five-world-records-in-five-days-thats-the-edge-kornelia-ender-will-take-into-the-olympic-pool-vol-5-no-25/>>. Acesso em: maio de 2017.

PEREIRA, Mariana Silos Moraes. A importância das fibras inteligentes na natação the importance of high-tech in swimming. 9.º Colóquio da Moda. (2008).Disponível em: <www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20.../42158.pdf>. Novo Hamburgo, RS. Acesso em: 6 de junho de 2018.

PHAM, Thailan. Get Swimmer Natalie Coughlin's Sexy-Strong Shoulders. [reportagem] (2013). Disponível em: <<https://www.self.com/story/ommc-swimmer-natalie-coughlin-sexy-strong-shoulders>>. Acesso em: novembro de 2017.

PICONE, Kiri. Appreciate your bikini: a brief history of women's swimwear (2015). Disponível em: <<http://all-that-is-interesting.com/history-of-womens-swimwear/2015>>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

PIEPER, Lindsay Parks. Sex Testing and the Maintenance of Western Femininity. In: **International Sport The International Journal of the History of Sport**, vol. 31, n. 13, p. 1557-1576, 2014.

POLI, D. D. **Beachwear and Bathing- costume**. Modena: Zanfi, 1995.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj História**. São Paulo (14) fev, 1997.

PROSWIMWEAR. Introducing the new Speedo LZR Racer X Junior. [artigo publicado em 2017]. Disponível em: <<https://www.proswimwear.co.uk/blog/introducing-the-new-speedo-lzr-racer-x/>>. Acesso em: 18 de nov. de 2018.

PRUITT, Laken. "She's just a normal girl": *ESPN the magazine's* body issue and the framing of women athletes. [dissertação] Oklahoma State University, 2013.

PUSSELLDI, A. O negro e a natação. Agosto de 2004. In: **Bestswim**, ago., 2004. Disponível em: <<http://www.bestswim.com.br/2004/08/02/o-negro-e-a-natao-100/>>. Acesso em: 16 de junho 2018.

RAMOS, Meandro. Um breve ensaio sobre a fotografia e a leitura crítica do discurso fotográfico. [artigo]. (2017) Disponível em: <www.studium.iar.unicamp.br/23/menandro/index.html>. Acesso em: 3 jan. de 2017.

REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 8/9. p. 281-291, 2003.

REEL, J.J.; GILL, D.L. Slim enough to swim? Weight pressures for competitive swimmers and coaching implications. In: **The Sport Journal**, vol. 4, n. 2, Spring 2001.

REVISTA ESPN. Even scoliosis couldn't stop Olympic medalist Natalie Coughlin. [reportagem] (2015). Disponível em: <http://www.espn.com/olympics/story/_/page/bodynataliecoughlin/olympic-swimmer-natalie-coughlin-shares-secrets-12-medals-espn-magazine-body-issue>. Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

RIBEIRO, Maria Carolina Beltran; MARCICANO, João Paulo, VICENTINI Claudia Regina Garcia; Sanches, Regina Aparecida. Maiôs de performance: matérias-primas e tecnologias. In: **Anais do 6º. Colóquio da moda**, São Paulo, p.1-5, 2010.

RIBEIRO, Silvana Mota. Das imagens visuais e sociais do feminino. In: **Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico**. Volume III, 2011.

_____. **Retratos de mulher: Construções Sociais e representações visuais do feminino**. Campo das Letras, Porto, 2005.

RICHARDS, R, J. **Physical growth and maturational characteristics of adolescent female competitive swimmers**. [Dissertation]. Indiana University, 1983.

RIGGS, K. E.; EASTMAN, S. T.; GOLOBIC, T. S. Manufactured Conflict in the 1992 Olympics: The Discourse of Television and Politics. In: **Critical Studies in Media Communication**, vol. 10, n. 3, p. 253-272, 1993.

RIORDAN, J; CANTELON, H. The Soviet Union and Eastern Europe .In : RIORDAN, J.; KRGER, A. **European Cultures in Sport : Examining the Nations and Regions**. 89-102. Great Britain : Intellect Books, 2003.

ROENIGK, Alyssia. **Body Issue**. [artigo].(2009) Disponível em: <<http://www.espn.com/espn/news/story?id=4540728>>. Acesso em: 18 de novembro de 2018.

ROGAR, Silvia. Querida, expandi as rainhas. [Artigo]. In: **Revista Veja**, 4 fev., 2009.

ROGOFF, Irit. Studying Visual Culture. In: MIRZOEFF, Nicolas (org.). **The Visual Culture Reader**. Nova York. Routledge , p.14-26, 1998..

ROMÃ, Lucília M. S.; SILVA, Jonathan R. B. Fotografias e legendas do jornal *Brasil de fato*: discurso e ideologia. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 35, abril de 2008.

ROOT, Maria P. P.. The psychology of Asian American women. In: LANDRINE, H. (ed.). **Bringing cultural diversity to feminist psychology: Theory, research, and practice**. (p. 265-301). Washington, DC, US: American Psychological Association, 1995.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**. Londres: Sage, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995, p. 271-308.

ROSENBERG, Meisha. Making waves the slow crawl toward making swimming more inclusive. [artigo](2018) Disponível em: <<https://www.bitchmedia.org/article/making-swimming-more-inclusive>>. Acesso em: 7 de julho de 2018.

ROSS, Sally R; SHINEW, Kimberly J. Perspectives of women college athletes on sport and gender. In: **Sex Roles**, vol. 58, p. 40–57, 2008.

ROUBEN, David. Katie Ledecky breaks her own world record at Rio 2016: Twitter reacts. [reportagem] (2016) Disponível em: <<https://fansided.com/2016/08/07/katie-ledecky-breaks-world-record-rio-2016-twitter-reacts/>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antonio Carlos. De espectadores a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, 1999.

RUSHELL, Brent. A Serious Threat to the Very Nature of Competitive Swimming or Not?. In: **ASCA Online**, 19 de dezembro de 1999. Disponível em: <<https://swimmingcoach.org/a-serious-threat-to-the-very-nature-of-competitive-swimming-or-not/>> Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

RUSSELL, K. M. On versus off the pitch: the transiency of body satisfaction among female rugby players, cricketers, and netballers. In: **Sex roles**, vol. 51, n. 9/10, p. 561-574, 2004.

SAID. Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Karine Borges; BENTO, Paulo Cesas Barauce; RODACKI, André Luiz Feliz. Efeito do uso do traje de neoprene sobre variáveis técnicas, fisiológicas e perceptivas de nadadores. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 189-95, abr./jun. 2011.

SANTOS, T. C. B. Representações sociais acerca do feminino e do masculino: uma proposta para a co-educação. In: **Seminário Nacional Educação, Inclusão e Diversidade**. Taquara: FACCAT, 2009.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 12, n. 2, maio-agosto/2004.

SCHEUFELE, D. A. Framing as theory of media effects. In: **Journal of Communications**, vol. 49, n. 1, p. 103-107, 1999.

SCHLECK, Dave. Skintight technology: Suit helps athletes swim like sharks. [reportagem publicada em 2004]. Disponível em: <https://www.dailypress.com/news/dp-xpm-20040818-2004-08-18-0408180040-story.html>. Acesso em: 5 de janeiro de 2018.

SCHNEIDERS, Sonia. Rainhas de Bateria: representações do corpo feminino na cidade do Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. In: INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

SCHMIDT, Christine M. **Second Skin: Annette Kellerman, the modern swimsuit, and an Australian contribution to global fashion**. [Tese] Industries Faculty Queensland University of Technology, 2008.

SCHOSSLER, Joana C.; CORREA, S. Representações do feminino na Revista do Globo nas décadas de 1930 e 1940. In: **Revista de História Comparada (UFRJ)**, v. 6, p. 7-184, 2009.

SCHPUN, Monica Raissa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHWEINBENZ, Amanda Nicole; CRONK, Alexandria. Femininity Control at the Olympic Games. In: **Journal of feminist theory & culture**, vol. 9, issue 2, 2010.

SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne. **Gender, Feminist Theory, and Sport**. Companion to Sport, 2013.

SEATON, Katie. The power of the pre-race polish. [artigo] (2015) Disponível em: <<http://www.swimmingworldmagazine.com/news/power-pre-race-polish/>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2018.

SEITER, Ellen. Stereotypes and the media: a re-evaluation. In: **Journal of Communication**, Spring, p. 14 a 26, 1986.

SEYSSEL, Ricardo. **Um estudo histórico perceptual: a bandeira brasileira sem Brasil**. [Dissertação]. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Mestrado em Artes, 2006.

SHEWCHUK, Taylor. Women's Inclusion in the Olympic Games: Impact and influence. [Artigo] (2015). Disponível em: <<https://history.libraries.wsu.edu/fall2015/2015/08/29/womens-inclusion-in-sports-impact-and-influence/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

SHISHOO, Roshan. **Textiles in Sport**. Woodhead Publishing, 2005.

SIQUEIRA, Mayara. O marketing no maiô que nadava sozinho. [reportagem, 2015]. Disponível em: <<http://swimchannel.blogosfera.uol.com.br/2015/06/17/4126/?cmpid=copiaecola/2015>> Acesso em: 14 de março de 2017.

SILVEIRA, Viviane T. **Tecnologias e a mulher atleta: Novas possibilidades de corpos e sexualidades no esporte contemporâneo**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, p.173)

SMITH, Graham. Backlash after Australian newspaper describes Olympic triple-gold medallist as fat and questions her fitness. [artigo] (2012). Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2179394/Backlash-Australian-newspaper-describes-Olympic-triple-gold-medallist-fat-questions-fitness.html#ixzz5BaEtYIGf>>. Acesso em 12 de junho de 2018.

SOARES, Carmem Lucia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a Educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOBREIRO, Pedro. Qual a revista de maior circulação no Brasil? E no mundo? (2018) Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-revista-de-maior-circulacao-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso 2 de out. de 2018

SOKOLOWSKI, Susan. A visual history of women's Olympic uniforms (1900–2016).

[Artigo]. (2016) Disponível em: <<https://youforher.aleteia.org/articles/different-uniforms-of-womens-olympic-over-the-ages/2016>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

SOUBIALE, Nadège; ROUSSIAU, Nicolas. Social representation of Islam and changes in the stereotype of Muslims. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 14, n. 3, p. 191-202, 1998.

SPEEDO. Speedo fastskin LZR racer x press release final. (2015) Disponível em: <file:///C:/Users/Romanatto/Downloads/speedo%20fastskin%20lZR%20racer%20x%20press%20release%20final%20(1).pdf.> Acesso em: 5 de novembro de 2019.

STACK, Kyle. U.S. swim team gets high-tech swimwear. [reportagem] (2011). Disponível em: <https://www.wired.com/2011/12/speedo-fastskin3>. Acesso em: 23 de maio de 2017

STAGER, J. M.; BECKER, T. J.; CORDAIN, L. Relationship of body composition to swimming performance in female swimmers. In: **J Swim Res.**, vol. 1, n. 1, p. 21-26, 1984.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STAUFF, Markus. The accountability of performance in media sports – Slow-Motion Replay, the “Phantom Punch,” and the Mediated Body. In: **Body Politics**, vol. 2, p. 101-123, 2014.

STERN, Marc. The fitness movement and the fitness center industry, 1960-2000. In: **Business History Conference**, 2008. Disponível em: <https://www.thebhc.org/sites/default/files/stern_0.pdf.> Acesso em: 13 de janeiro de 2019.

SWIM SHOP. Speedo History. [artigo] (2017). Disponível em: <http://www.swim---shop.com/swimming/speedo---history.php>. Acesso em: 6 de maio de 2017.

SWIMBETTER. The female body image & swimming. [artigo] (2017) Disponível em: <http://www.swimbetterhq.com/2017/01/21/the-female-body-image-swimming/> Acesso em: 8 de fevereiro de 2018.

SWIMCHANNEL. Natação e Olimpíadas: uma longa história.. [artigo] (2016). Disponível em: <https://swimchannel.blogosfera.uol.com.br/2016/01/06/natacao-e-olimpiadas-uma-longa-historia/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Trad. de Tomaz Tadeu, 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TAGG, John. **The burden of representation: essays on photographs and histories**. London: Macmillan, 1988.

TIE-DYE. Fashion, Costume, and Culture: Clothing, Headwear, Body Decorations, and Footwear through the Ages. Disponível em: Encyclopedia.com: https://www.encyclopedia.com/fashion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/tie-dye. Acesso em 25 de junho de 2018

THE GUARDIAN. Ye Shiwen's world record Olympic swim 'disturbing', says top US coach. [reportagem].(2012) Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/sport/2012/jul/30/ye-shiwen-world-record-olympics-2012>>. Acesso em: 23 de out. 2018.

THOMAS, Pauline Weston. **Women's Swimwear Swimsuit Fashion History 1920 – 2000.** (2015) Disponível em:<https://www.fashion-era.com/swimwear.htm>, 2015. Acesso em 25 de out. de 2018.

THOMPSON, R.A.; SHERMAN, R.T. **Helping athletes with eating disorders.** Champaign, IL: Human Kinetics, 1993.

TRAN, Cindy. It was one of the hardest things I've ever had to deal with': Former Olympic gold medallist Leisel Jones, 32, recalls the moment she was fat-shamed on the front page of a newspaper. [reportagem de janeiro de 2018 do *Daily Mail Australia*]. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-5300943/Olympian-Leisel-Jones-fat-shamed-page-newspaper.html>> Acesso em: 4 de agosto de 2018.

TROLAN, Eoin J. The impact of the media on gender inequality within Sport. In: **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, vol. 91, p. 215-227, 2013.

TZANOUDAKI, S. The Olympic City as a constructed 'visual identity' represented as a positive 'heterotopian' visual experience. In: **Staps**, vol. 105, n. 3, p. 51-63, 2014.

UNGER, R.; CRAWFORD, M. **Women and gender: A feminist psychology.** 2nd Edition. New York: McGraw-Hill, 1996.

UOL Esporte. (Samaranch deixa legado de profissionalismo e polêmicas para o esporte. (2010). Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2010/04/21/samaranch-deixa-legado-de-profissionalismo-e-polemicas-para-o-esporte.jhtm/?cmpid=copiaecola>. Acesso 6 de mar. de 2018.

USADA. U.S. Swimmer, hardy, withdraws from olympic team.(2008) Disponível em: https://web.archive.org/web/20110726001936/http://www.usantidoping.org/files/active/resources/press_releases/Press%20Release%20%20Hardy%20%20August%202008.pdf.. Acesso em: 5 de fev. de 2019.

VAZ, Alexandre Fernandes. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: **Cadernos Cedex**, ano XIX, n. 48, agosto, 1999.

VIANA, A. M. A. **Natação um desporto burguês?** [Dissertação] Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desporto, 1996.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen.** Barcelona: Paidós, 1983

VILLALOBOS, Álvaro; LOZANO, Rían. Estudos sobre cultura visual, estratégias antimerkantistas. In: **Performatus**, ano 2, n. 12, out., 2014. Disponível em: <<https://performatus.net/traducoes/estudos-cv-ea>>. Acesso em: 17 de junho de 2017.

VIZARD, Frank. The Olympian's New Clothes: High tech apparel may determine who takes home the gold. [reportagem publicada em 2004]. <https://www.scientificamerican.com/article/the-olympians-new-clothes/> Acesso em: setembro de 2017.

WADE, Amanda N. A content analysis of black female athletes and white female athletes in sports magazines. [tese]. Rochester Institute of Technology. Department of Communication College of Liberal Arts, 2008.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C., **Estudos interdisciplinares de representação social**, p. 3-25, 1998.

WALLER, Steven N.; NORWOOD, Dawn M. The Complexities of De-Constructing the Constraints to African American Female Participation in Swimming: A Rejoinder to Irwin et al. In: **International Journal of Aquatic Research and Education**, vol. 3, n. 4, 2009.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5ª ed. São Paulo: Cortez 2016.

WEINER, Jay. Olympian swimsuits, threads of history .The full-body LZR Racer is seen as a breakthrough in reducing drag. Suits have changed dramatically in recent decades. [artigo] (2008) Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/Technology/Tech-Culture/2008/0702/in-olympian-swimsuits-threads-of-history> >. Acesso em: 29 de nov. 2016.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visões de mundo. In: **Sociologias**, vol. 13, n. 28, Porto Alegre, 2011.

WENNER, Lawrence A.; GANTZ, Walter. Watching Sports on Television: Audience Experience, Gender, Fanship, and Marriage. In: WENNER, Lawrence A. (ed.). **MediaSport**. London and New York: Routledge, 1998.

WHITSON, D. The embodiment of gender: Discipline, domination and empowerment. In: Birrell, S.; Cole, C. (eds.). **Women, sport and culture**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

WILDE, Kristin. Women in Sport: Gender Stereotypes in the Past and Present. [artigo publicado em 2007]. Disponível em: <www.semanticscholar.org>. Acesso em: abril de 2018.

WILTSE, Jeff. **Contested waters: a social history of swimming pools in America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

_____.The Black-White Swimming Disparity in America: A Deadly Legacy of Swimming Pool Discrimination. **Journal of Sport and Social Issues** 20 14, Vol. 38(4) 366-389, 2014

WINKLER, Patrick; BARSOTTI, Tagli. A história dos trajes de natação parte 2. In: **ABMN Informativo** Jan./fev./mar./2013. Disponível em:

<<https://www.abmn.org.br/wp-content/uploads/2016/01/ABMN82.pdf> >. Acesso em: 10 de fev. de 2019.

WOODWARD, Kath. **Sex power and the games**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

YARNAL, C. M., HUTCHISON, S.; CHOW, H. W. -. I could probably run a marathon right now: Embodiment, space, and young women's leisure experience. *Leisure Sciences*, 28(2), 133–161, 2006.

ZANCHETTA, J.R. **Imprensa escrita e telejornal**. São Paulo: Unesp, 2004

REVISTA VEJA – CENÁRIO NACIONAL

Revista Veja. Ed. 427, 10/11/1976, p. 117.

_____. Ed. 651, 25/2/1981, p. 61.

_____. Ed. 833, 22/8/1984, p. 46.

_____. Ed. 871, 15/5/1985, p. 62.

_____. Ed. 961, 4/2/1987, p. 70.

_____. Ed. 1.318, 15/12/1993, p. 111.

_____. Ed. 1.656, 5/7/2000, p. 111.

_____. Ed. 1.866 B, 11/08/2004, p. 94.

_____. Ed. 1.868, 25/8/2004, p. 85.

_____. Ed. 1.944, 22/2/2006, p. 34.

_____. Ed. 2.034, 14/11/2007, p. 120.

_____. Ed. 2.048, 20/2/2008, p. 110/111

_____. Ed. 2.049, 27/2/2008, p. 40.

_____. Ed. 2.061, 21/5/2008, p. 90.

_____. Ed. 2.077, 10/9/2008, p. 46.

_____. Ed. 2.085, 5/11/2008, p. 86.

_____. Ed. 2.105, 25/3/2009, p. 84.

_____. Ed. 2.123, 29/7/2009, p. 51.

_____. Ed. 2.173, 14/7/2010, p. 56.

- _____. Ed. 2.271, 30/5/2012, p. 00.
- _____. Ed. 2.489B, 12/8/2015, p. 103.
- _____. Ed. 2.492, 24/8/2016, p. 42.

REVISTA VEJA – CENÁRIO INTERNACIONAL

- Revista Veja*. Ed. 2489, 3/8/2016, p. 86.
- _____. Ed. 1.244 A, 22/7/1992, p. 19.
- _____. Ed. 2.281, 8/8/2012, p. 136 -137.
- _____. Ed. 1.455, 31/7/1996, p. 94.
- _____. Ed. 1.585, 17/2/1999, p. 64.
- _____. Ed. 313, 4/9/1974, p. 82.
- _____. Ed. 263, 19/9/1973, p. 90.
- _____. Ed. 583, 7/11/1979, p. 45.
- _____. Ed. 1.159, 5/12/1990, p. 52.
- _____. Ed. 1.191, 17/7/1991, p. 9.
- _____. Ed.1.448, 12/6/1996, p. 94.
- _____. Ed.1.530, 21/1/1998, p. 50.
- _____. Ed. 1.869, 2004, p. 96.
- _____. Ed. 566, Ed. 11/7/1979, p. 78-79.
- _____. Ed. 607, 23/4/1980, p. 83
- _____. Ed. 621, 28/5/1980, p. 53.
- _____. Ed. 1.455, 31/7/1996, p. 94.
- _____. Ed. 1.448,12/6/1996, p. 94.
- _____. Ed. 1.585, 17/2/1999, p. 64.
- _____. Ed. 1.653, 14/06/2000, p. 54-56.
- _____. Ed. 2.281, 8/08/ 2012, p. 72.

- _____. Ed. 2.489, 3/08/ 2016, p. 86-87.
- _____. Ed. 1.448, 12/6/1996, p. 94.
- _____. Ed. 2.281, 8/8/2012, p. 72.
- _____. Ed. 190, 26 /4/1972, p. 65.
- _____. Ed. 1.022, 6/4/1988, p. 487.
- _____. Ed. 663, 20/5/1981, p. 70.
- _____. Ed. 1.668, 27/9/2000, p. 121.
- _____. Ed. 2.489, 3/8/2016, p. 86.
- _____. Ed. 2.491, 17/8/2016, p. 58-64.
- _____. Ed. 1.244A, 22/7/1992, p. 19.
- _____. Ed. 1.447, 15/6/1996, p. 46.
- _____. Ed. 2.073, 13/8/2008, p. 126.
- _____. Ed. 2.124, 5/8/2009, p. 111.
- _____. Ed. 2.489, 3/8/2016, p. 64.
- _____. Ed. 2.491, 17/8/2016, p. 64.
- _____. Ed. 1.421, 6/12/1994, p. 109.
- _____. Ed. 1.868, 25/8/2004, p. 88.
- _____. Ed. 2.489, 3/8/2016, p. 141.

REVISTA SPORT ILLUSTRADO

Revista Sport Illustrado. Ano: 1941, Ed. 145, p. 6.

- _____. Ano: 1945, Ed. 370, p. 17-18.
- _____. Ano: 1938, Ed. 19, p. 19.
- _____. Ano: 1943, Ed. 254, p. 13.

JORNAL A NOITE

JORNAL A NOITE. O Brasil e as Olympíadas: Maria Lenk, a grande nadadora paulista, precisa ir a Los Angeles- o que contou a A Noite a valorosa Campeã de S. Paulo. 20 de maio de 1932. Ed. 07357, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&PagFis=8464&Pesq=maria%20lenk>. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

ANEXO I :ROTEIRO DE ENTREVISTA

Do Corpo

1. Quando você começou a nadar e quais as motivações?
2. Como você lidava com o estereótipo do corpo da nadadora (ombros largos, e, braços fortes e musculosos). Você se enquadrava neste estereótipo?
3. Se sim, era algo que te incomodava? Pensou em deixar a natação devido as mudanças corporais que a natação levava?
4. Seus pais cogitaram a hipótese de lhe retirar da natação devido a este estereótipo do corpo da nadadora?

Dos maiôs

1. Comente as principais competições em que participou e os maiôs usados nessas (considerar aspectos como marca, cor, modelo, tecido, alças largas ou finas, cava funda ou alta na perna, existência de pinças; era confortável ou não; era um maiô usado como uniforme do clube e da seleção; como o adquiriu)
2. Qual a contribuição da CBDA na aquisição dos maiôs?